

107

Indian Institute, Oxford.

THE MALAN LIBRARY

PRESENTED

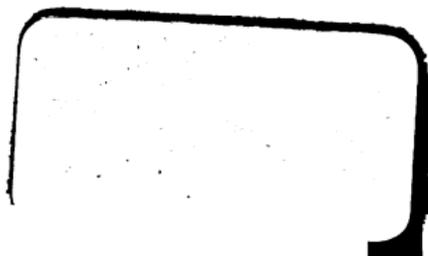
BY THE REV. S. C. MALAN, D.D.,

VICAR OF BROADWINDSOR,

January, 1885.

2777

f-1



O SECRETARIO PORTUGUEZ

COMPENDIOSAMENTE INSTRUIDO NO MODO DE ESCREVER
CARTAS

Por meio de huma Instrucção Preliminar, Regras de Secretaria, Formulario de Tratamentos, e hum grande numero de Cartas, em todas as especies, que tem mais uso, com varias Cartas Discursivas sobre as obrigações, virtudes, e vicios do novo Secretario.

AUTHOR

FRANCISCO JOSE' FREIRE

Ulyssiponense.



L I S B O A : 1823.

NA IMPRESSÃO DE JOÃO NUNES ESTEVES.

*Vende-se na Loja de João Nunes Esteves,
Rua do Ouro N.º 234.*



INDICE.

P A R T E I.

<i>Cartas de pezames</i>	1
<i>Cartas de Recommenção</i>	16
<i>Respostas a estas Cartas de Recommenção</i>	27
<i>Cartas de parabens</i>	32
<i>Respostas a estas Cartas</i>	47
<i>Cartas de Boas festas</i>	72
<i>Respostas a estas Cartas</i>	85
<i>Cartas de Offerecimento</i>	92

P A R T E II.

<i>Cartas de agradecimentos</i>	115
<i>Cartas de desculpa, e justificação</i>	146
<i>Cartas de queixas</i>	165
<i>Respostas a estas Cartas de queixas</i>	180
<i>Cartas de Consolação</i>	184
<i>Cartas de aviso</i>	197
<i>Respostas a estas Cartas de aviso</i>	217
<i>Cartas de louvor</i>	224
<i>Cartas de exhortação, e conselho</i>	244
<i>Cartas do Genero Mixto</i>	258
<i>Cartas discursivas</i>	279
<i>Sobre as Cartas satyricas, e desprezo</i>	317

INDICE DOS GENEROS,
Que pertencem as Cartas, que se seguem.

CARTAS DO GENERO

DEMONSTRATIVO.

De Parabens.
De Offerecimento.
De Agradecimento.
De Aviso.
Discursivas.
De Louvor.

J U D I C I A L.

De Desculpa, e de Justificação.
De Queixa.

DELIBERATIVO.

De Pesames.
De Recommendação.
De Boas festas.
De Consolação.
De Extorção, e Conselho.

O SECRETARIO PORTUGUEZ.

INSTRUÇÃO PRELIMINAR.

Não ha cousa mais commum que o escrever Cartas, e com tudo, não he cousa commum o sabellas compôr. A necessidade da vida faz com que cada hum entre a fazellas ; porque tanto aos ignorantes , como aos sabios frequentemente he preciso o communicarem-se por meio de Cartas com os ausentes: porém pelo ordinario só he proprio de pessoas intelligentes o compôllas com methodo, e boa fórma. Para isto valem-se de preceitos, e de exemplos, os quaes , por serem muitos (pois são muitas as diversidades de Cartas) mais servem a alguns para lhes confundir, que para lhes illustrar o entendimento. Eu alguns dou pelo decurso desta Obra em advertencias, que faço no principio de qualquer especie de Cartas, procurando facilitar o caminho aos que se applicarem a tão nobre, como preciso emprego. Porém mui pouco confio nas minhas instrucções, se o novo Secretario não for dotado de hum vivo engenho, e não tiver hum inteiro conhecimento das linguas Latina, e Materna, e huma larga lição dos melhores Authores, que escreverão Cartas, e tratarão do modo como se devem formar. São tantos os que ha nas Nações estranhas, como entre nós são rarissimos os que escreverão Cartas, e nenhum

A

os que expuzerão o methodo , e regras , com que estas se havião compôr. Hum dos melhores Authores , e dos mais modernos , he o Academico Arcade Isidoro Nardi , a quem sigo nesta Instrucção Preliminar. Toda ella se encaminha a instruir o Secretario principiante nas regras , que ha de observar , para com respeito , e louvor sustentar o character da sua nobre occupação , igualmente o da pessoa a quem servir. Porém novo assumpto me chama , primeiro do que este , que já hia principiando.

Como sei que huma das maiores difficuldades , que encontra hum novo Secretario , he o poder descobrir' Introducção , ou Exordio para as Cartas , darei hum breve , e facilissimo methodo para o poder achar , e do mesmo tempo , para organizar com perfeição , não só a cabeça , mas o corpo de qualquer Carta.

Todas as Cartas (reservando as de narração , e descripção) se dividem em quatro periodos. No primeiro se narra o factó : no segundo se roga a que se agradeça , ou respectivamente se dão os agradecimentos : no terceiro se offerece o prestimo , e no quarto se desejão felicidades.

Para haver abundancia de termos , e proposições , quando se quizer principiar huma Carta bastará que os principiantes observem attentamente quatro cousas ; isto he : o principio *à quo* , o termo *ad quem* , a *instrumental* , e a *causal*.

Supponhamos v. g. que temos para fazer huma Carta de Aviso. Examinaremos em tal caso o principio *a quo* , isto he , a qualidade da pessoa , que escreve ; e segundo seu gráo , ou dignidade , deduzire-

todos aquelles termos, que lhe podem ser proprios, e correspondentes; havendo de escrever, como v. g.

O interesse.

O desejo.

A attenção.

A obrigação.

A inclinação.

Os votos.

A propensão.

A veneração.

O respeito.

O affecto.

A estimação.

O obsequio, etc.

Feito isto assim, facilmente poderemos dar principio á Carta, dizendo:

O respeito devido á pessoa de V. Excellencia, etc.

A veneração, que professo aos merecimentos de V. Senhoria, etc.

A obrigação, que por muitos titulos tenho, etc.

O profundo obsequio, que tendo, etc.

Porém se quizermos dar principio com mais elegancia, e ornato rhetorico, diremos:

A humidade do respeito, que professo a V. Excellencia, etc.

O fervor da servidão, que tenho, etc.

A distincção do apreço, que faço, etc.

A força da inclinação, com que, etc.

Poderemos tambem, não sem elegancia, servir-nos sómente dos epithetos, como v. g.

A especial veneração, etc.

A sincera amizade, etc.

A alta estimação, etc.

O summo respeito, etc.

A reverente servidão, etc.

A reverente servidão, que professo á pessoa de

A 2

V. Excellencia, me obriga a dar-lhe a noticia da minha feliz chegada a esta Corte, etc.

O humilde respeito com que devo tratar a pessoa de V. Senhoria, me põem na precisa obrigação de lhe significar a minha chegada á Corte, etc.

As particulares obrigações, que por muitos titulos devo a V. Excellencia, fazem-me lembrar a precisa acção de lhe dar parte da minha chegada a esta Cidade com prospero successo, etc.

A honrosa servidão, com que gostoso vivo Criado de V. Senhoria, me estimula, me guia, me induz, me dá impulso, me abre caminho, me obriga, me conduz a dar a V. Senhoria noticia da minha chegada, etc.

He tão grande, vivo, distincto, assinalado, efficaz, fervoroso, ardente, o desejo, a ambição, a vontade, a ancia, que tenho, sinto, conservo, experimento, no animo, no coração, de me empregar nos estimaveis, honrosos, apparecidos, suspirados, venerados, preceitos, disposições, ordens, determinações de V. Excellencia, que cobto, avalio, número, reputo, por grande honra, forte, distincção, fortuna, a occasião, a opportunidade, de obedecer, de servir, de comprovar, com as obras de V. Excellencia a sinceridade das minhas palavras, etc.

Pelo que respeita ao termo *ad quem*, isto he, á pessoa, a quem se escreve, usaremos de todos aquelles termos, que convém á sua qualidade, como v. g.

A authoridade.

A benignidade.

O merecimento.

A dignidade.

A clemencia.

O character.

A affabilidade.

A bondade.

A fama.

A urbanidade.

As qualidades.

A cortezania, etc.

Podereinos dizer isto com mais enfase, e elegancia, dizendo assim :

A sublimidade do merecimento.

O attractivo da benignidade.

O respeito do caracter.

A grandeza da authoridade.

A elevação da dignidade.

A singularidade da clemencia.

A raridade das qualidades.

A especialidade.

Ou tambem podereinos usar simplesmente dos epithetos, dizendo :

A dispotica authoridade.

O raro merecimento.

A alta dignidade.

O elevado caracter.

A imata benignidade.

A distincta clemencia.

A singular bondade.

As estimaveis qualidades.

Para continuar o periodo, lembrar-nos-hemos de todos aquelles verbos, que adequadamente correspondem ao principio *a quo*, de que agora tratâmos, como v. g.

Distinguir.

Induzir.

Estimular.

Conduzir.

Levar.

Animar.

Obrigar.

Mover.

Guiar.

Porém, para fallarmos máis elegantemente, diremos por exemplo :

Abrir caminho.

Dar occasido.

Mover o animo.

Guiar os passos.

Eis-aqui, que deste modo fazemos com muita facilidade o primeiro periodo. V. g. se quizermos principiar pelo principio *a quo*, diremos v. g. em Cartas de boas festas:

A humildade do meu respeito pede que eu tribute a V. Excellência hum annúncio das maiores felicidades na corrente Festa do santo Natal, etc.

E se quizermos dar principio pelo termo *ad quem*, podemos dizer desta maneira:

A sublimidade do merecimento de V. Senhoria pede que eu lhe deva desejar todas as prosperidades na presente festividade do Nascimento do Senhor, etc.

O que digo das Cartas de boas festas, se deye entender de outras quaesquer, como de parabens, pezames, agradecimentos, recommendação, etc.

A *Instrumental* serve para revestir melhor os sobreditos termos, como v. g.

Com a maior humildade do meu respeito.

Com a maior sinceridade do meu animo.

Com as expressões mais sinceras.

Com o mais reverente testemunho.

Com o obsequio mais respeitoso.

Com a mais obsequiosa demonstração, etc.

Estas fórmulas instrumentaes tanto podem servir para o tempo *ad quem*, como para o principio *a quo*. V. g. para o principio *a quo*,

Com o mais reverente obsequio da minha servidão.

Com o mais forte impulso da minha inclinação.

Com o mais particular conhecimento das minhas obrigações.

Com o desejo mais ardente do meu animo, etc.

E para o termo *ad quem*, diremos desta maneira :

Com as mais reverentes expressões, que são devidas ao merecimento de V. Excellencia, etc.

Com a humildade mais respeitosa, que se deve á pessoa de V. Senhoria, etc.

Com as mais sinceras demonstrações, que pedem as raras virtudes de V. Excellencia, etc.

Com o mais fiel obsequio, que se deve ao alto caracter de V. Excellencia, etc.

Deve-se notar, que logo depois das sobreditas instrumentaes, podemos ajuntar hum dos seguintes verbos :

<i>Vou.</i>	<i>Appareço.</i>	<i>Tributo.</i>
-------------	------------------	-----------------

<i>Apresento-me.</i>	<i>Offereço-me.</i>
----------------------	---------------------

<i>Tenho a honra.</i>	<i>Encontro a fortuna.</i>
-----------------------	----------------------------

<i>Tenho a occasião.</i>	<i>Tomo o atrevimento, etc.</i>
--------------------------	---------------------------------

Se quizermos porém dar principio á Carta pela *Causal*, que he a quarta fórmula para principiar hum Carta, usaremos de todos aquelles verbos, que promiscuamente se podem adaptar ao principio *á quo*, e ao termo *ad quem*, como v. g.

Para satisfazer á obrigação, que tenho, etc.

Para mostrar a fiel servidão, etc.

Para não faltar á estimação, que faço, etc.

Para dar hum sinal da veneração, etc.

Para dar a conhecer a gratidão, etc.

Para fazer justiça ao merecimento, etc.

Para render veneração ás virtudes, etc.

Para applaudir as letras, e valor, etc.

Deve-se notar mais, que podemos com muita

propriedade, e elegancia, observar as circumstancias seguintes: v. g. o tempo, a occasião, a oportunidade, a experiencia, etc. por exemplo:

Para acompanhar o presente applauso, etc.

Para não perder a occasião, que me dá, etc.

Para me valer da oportunidade, que se offerece etc.

Aqui se abre hum largo theatro ao engenho do Secretario principiante, para mostrar as suas idéas; porque depois de estar pratico nos quatro modos sobreditos, poderá desta *Causal* extrahir com facilidade muitos, e novos principios para a sua Carta, formando hum periodo mais unido: v. g. onde dizemos:

Para satisfazer á obrigação.

Poderemos elegantemente dizer assim:

Hé tão grande a obrigação, que professo á innata benignidade de V. Excellencia, etc.

Ou tambem por este modo:

Professo huma obrigação tão grande á rara benignidade de V. Senhoria, etc.

Ou tambem assim:

Sou tão particularmente obrigado á bondade innata de V. Excellencia, etc.

Poderemos mudar o principio, que se extrahê desta mesma *Causal*, nos outros dous modos, isto he, no principio *a quo*, e no termo *ad quem*, Em quanto ao primeiro, estas são as formulas.

Em attenção ás distinctas obrigações, que devo, etc.

Para satisfação do muito, que a minha obrigada servidão, etc.

Para desempenho das infinitas dividas, etc..

Em quanto ao segundo modo, são estas as formulas. v. g.

Para que V. Excellencia conheça o quanto venero os seus singulares merecimentos, etc.

Para que V. Senhoria comprehenda até onde chega o respeito, que lhe professo, etc.

Para que V. Excellencia fique persuadido da alta veneração, que tenho ás suas raras virtudes, etc.

Esta mesma Causal poderá o Secretario variar desta maneira: v. g.

Não para corresponder com hum méro cumprimento, mas para expressar huma pura verdade, etc.

Não para acompanhar o uso commum, mas para testificar a V. Excellencia a minha verdadeira servidão, etc.

Não por motivo da minha conveniencia, mas sim por impulso da minha obrigação, etc.

Não por politico costume, mas por particular obrigação minha, etc.

Tambem se póde mudar isto mesmo por outro modo, não menos usado, e elegante: v. g.

Não he o uso commuu, mas o profundo respeito, que professo a V. Excellencia, quem me conduz, etc.

Não he só a conveniencia, mas a distincta obrigação, aquella, que me estimula, etc.

Não trás a sua origem do costume, mas sim do affecto, o desejo, que tenho de que V. Excellencia, etc.

Não he hum méro cumprimento, mas das minhas dividas infinitas he que se deriva o sincero desejo, que tenho, de que V. Senhoria, etc.

Applicaremos todo o segundo periodo em pe-

dir que se nos agradeça o tal obsequio, e desejo. As frases mais proprias, elegantes, e usadas, são as seguintes:

Receba. *Accite.* *Agradeça.*

Corresponda. *Digne-se.* *Sirva-se.*

Acolha. *Dê lugar.* *Honra.*

Ou tambem de outro modo:

Favoreça-me. *Honre-me.*

Console-me. *Faça-me o favor.*

Continue-me a honra. Conceda-me a graça, etc.

Ou tambem de outra maneira:

Espero. *Confio.* *Persuado-me.*

Creio. *Entendo.* *Capacito-me.*

Estou certo. *Não duvido.* *Não temo. etc.*

Quando porém escrevemos a pessoas de grandes authoridades, e a superiores, regularemos sempre estas formulas de modo, que entrem estes termos:

Supplicas, rogos, desejos, e instancias.

Como v. g.

Supplico humildemente a V. Eminencia que se digne, etc.

Humildemente rogo a V. Excellencia que me honre.

Cousa nenhuma desejo mais, que a benigna acceitação de V. Senhoria.

Não cesso de instar, a V. Excellencia que me faça a grande honra, etc.

Porém, para se fazer mais apto o Secretario para a construcção de huma Carta, dar lhe hei, com huma divisão de periodos, hum novo exemplo. Se o primeiro periodo se deduzir do principia *a quo*, o segundo nascerá do termo *ad quem*: como v. g.

As inexplicaveis obrigações, que o meu animo

agradecido professa a V. Excellencia, me levão precisamente a desejar a V. Excellencia nesta Festa Natálicia o auge das maiores prosperidades. (Eis-aqui o primeiro periodo.) Será effeito da incomparavel benignidade de V. Excellencia ser bem recebido este meu sincero, e devido obsequio : o que vivamente rogo a V. Excellencia, implorando a sua mesma benignidade. (Eis-aqui o segundo periodo.)

Pelo contrario: se o primeiro periodo se deduz do termo *ad quem*, o segundo deduzir-se-ha do principio *a quo*, v. g.

Ao incomparavel merecimento de V. Senhoria são devidas, por todos os titulos, todas aquellas felicidades, que eu lhe desejo nesta Solemnidade do santo Natal. (Eis-aqui o primeiro periodo organizado pelo termo *ad quem*.) Em attenção a este meu obsequio, justamente espero que V. Senhoria premiará a minha fiel servidão com os seus frequentissimos preceitos, os quaes supplico com tanto ardor, como sinceridade. (Eis-aqui o segundo deduzido do principio *a quo*.)

Tambem para com elegancia se tecerem os periodos, se no primeiro estiver a *Instrumental*, no segundo se poderá accrescentar a *Causal*: v. g.

Com hum acto da mais reverente servidão vou desejar a V. Senhoria todas as prosperidades imaginaveis na corrente Festa do santo Natal. (Eis-aqui o primeiro periodo da *Instrumental*.) Rogo por tanto a V. Senhoria que me dê hum novo argumento do seu benigno animo, fazendo-me o especial favor de agradecer a sinceridade, e ardor deste meu desejo. (Eis-aqui o segundo periodo da *Causal*.)

Pelo contrario. Se no primeiro periodo estiver inserta a *Causal*, o segundo se deduzirá da *Instrumental*: v. g.

Para satisfazer ás minhas precisas obrigações, vou nestes santos dias do Natal desejar a V. Senhoria felicidades, e alegres festas. (Eis-aqui o primeiro periodo com a *Causal*.) Digne-se V. Senhoria com a sua costumada benignidade de acceitar, e agradecer a sinceridade deste meu annual tributo. (Eis-aqui o segundo com a *Instrumental*.)

Conheço que huma das maiores difficuldades, que a cada passo encontrão os principiantes, he o unir com propriedade, e graça o segundo periodo com o primeiro; e assim lhe lembro que, para esta união, se podem servir a tempo das particulas seguintes:

Por tanto.

Com tudo.

Por tal razão.

Por tal motivo.

Com tal fundamento.

Por isso.

Porém entremos já no exame do terceiro periodo. Está todo este em exagerar o desejo, que temos de servir, e de que não esteja ocioso a nossa obediencia, e vontade. As frases commum, e proprias são estas:

Conceda-me occasiões.

Abra-me caminho.

Descubra-me modo.

Conceda-me meios.

Ou tambem por, outro modo:

Desejára.

Quisera unicamente.

Não appetço mais.

Não posso desejar mais.

Só me fica o desejo.

Só me resta para desejar, etc.

Ou tambem de outra maneira:

Quiera o Ceo que eu possa, como desejo.

Queira a fortuna que eu me faça habil.

Queira a sorte que eu me habilite, etc.

Deve-se nesta parte observar, que, se no segundo periodo não tivermos usado das formulas de *supplicas*, e *rogos*, poderemos no terceiro usar dellas sem escrupulo: porém se já no tal periodo as tivermos mettido, devemos não usar mais della, excepto se houver huma particular elegancia, que assim o permita.

Só resta dizer alguma cousa sobre o quarto periodo, e he pouco o que se póde dizer. Este (como já dissemos) não attende a outro fim, que a desejar felicidades á pessoa, a quem se escreve, e estas ordinariamente consistem em huma vida dilatada, uso particular das Hespanhas; porque as outras Nações dão por diverso modo fim ás suas Cartas. A Franceza sauda, a Italiana rende humiliações, e deseja geralmente todas as prosperidades, etc.

Se a pessoa, a quem escrevemos, nos for inferior, ou amigo de confiança, daremos fim á Carta, dizendo:

Deos guarde a V. merce por muitos annos.

O Ceo guarde a V. merce pelos annos que deseja.

Escrevendo a estas taes pessoas, poderemos tambem dar fim á Carta, unindo laconicamente com hum relativo este quarto periodo com o terceiro, por exemplo:

Fico para servir a V. merce, a quem Deos guarde.

Offereço todo o meu prestimo a V. merce, a quem Deos guarde muitos annos.

Fica prompta a minha vontade, para se empregar no serviço de V. merce, a quem Deos guarde, etc.

Porém se a pessoa nos for superior, e com ella não tivermos confiança, remataremos a Carta, principiando o quarto periodo desta maneira:

A pessoa de V. merce guarde Deos por felices, e dilatados annos, como todos havemos mister.

A pessoa de V. Excellencia guarde Deos, pelos annos, que todos lhe pedimos.

Deos guarde a V. Senhoria por largos annos, como todos necessito, e pedem, etc.

Este he o methodo mais familiar, e estas as formulas mais commum, para haver de se organizar com perfeição o corpo de huma Carta. Muitas mais regras pudéra dar, se quizera confundir aos principiantes, em lugar de os instruir. Porém para quem principia isto basta; porque para o diante *usus te plura docebit*. Affectei ser breve; porém entendo que não me comprehende aquella sentença:

Dum brevis esse laboro,

Obscurus fio.

Não temos que encommendar a perfeição da orthografia, e pónção; porque não só supponho o Secretario perfeito nesta parte, mas ainda no interior conhecimento da lingua Materna, e Latina, como cousa tão essencial. Se tiver a mesma noticia dos Idiomas mais polidos da Europa, maior lustre dará ao seu nobre emprego.

Acabamos de dar estas breves regras ao Secretario, no que respeita á formal contextura das Cartas: agora he preciso que o instruamos em outras regras geraes, para fazer não só respeitado o seu character, mas igualmente o do Amo, a quem servir.

O Secretorio deve ser hum Jano com duas ca-

ras : com huma deve olhar para seu amo , e com outra para o sujeito, a quem escreve por mandado do mesmo. E por quanto do commercio epistolar são materia os segredos , que nelle se communicão, e encerrão, por isso todas as regras se comprehendem nestes tres pontos :

Ou a respeito do Amo , a quem se serve.

Ou a respeito das pessoas , a quem se escreve.

Ou ácerca das materias , de que se escreve.

Para maior facilidade, e clareza, deduziremos destes tres pontos dez regras, em cujas cinco primeiras mostraremos os predicados, e perfeições, que o Secretario deve ter; e nas outras cinco os vicios, e imperfeições, de que deve fugir. As regras são as seguintes :

Segredo.

Erudição.

Generalidade.

Reflexão.

Eloquencia.

Demora.

Prolixidade.

Aspereza.

Ignorancia.

Escuridade.

DAS PERFEIÇÕES DO SECRETARIO.

CAPITULO I.

§. I.

SEGREDO.

PO'de-se dizer a hum Secretario que a observancia do segredo he o maior elogio, com que póde deixar recommendada a sua memoria. Recebe os segredos da boca de seu Amo, para os communicar, e não para os divulgar. São á maneira dos Aquedutos subterraneos, que communicão as agoas para fóra. Em fim, o segredo ha de ser nelle propriamente segredo. Por isso hum discreto Italiano a hum Secrerario, que tinha por Armas hum Lirio, e actualmente servia a hum Grande, deo por empreza outro Lirio, e perto de huma Rosa com estes versos, que em Portuguez dizem :

*Se acaso tu não te abrires,
Eu sempre estarei fechado.*

Isto he, que o Secretario não deve abrir a boca, se o Amo não abre a sua, nem descobrir o seu peito, quando o Amo não patentêa o seu.

§. II.

ERUDIÇÃO.

Houve hum subtil engenho, que disse que a Arte de escrever ensina hum maravilhoso segredo: o qual he, de pintar a palavra, fallar aos olhos, e dar côr, e alma aos pensamentos. Se isto convêm a qualquer escrito, quanto melhor convirá ás Cartas, por meio das quaes se explicão, e manifestão os conceitos aos ausentes! De muita erudição necessita o Secretario, sendo tantos, e tão diversos os pensamentos de seus Amos, principalmente se são pessoas constituidas em algum alto emprego.

Devé-se achar nelle [se for possível] junto todo aquelle erudito thesouro, que se vê em outros dividido: como he historia, principalmente profana, de Rhetorica, Filosofia, Politica, Geographia, conhecimento das linguas, e de outras mais sciencias com que os homens deixão igualmente distinctos, e immortaes seus nomes.

§. III. •

GENERALIDADE.

O Secretario deve em muitas cousas ser geral: principalmente na invenção, a qual com elegante descobrimento de figuras veste os conceitos despídos de todo o adorno rhetorico. Por exemplo: Eu vos amo. A invenção faz-se por tres modos: ou he facil, ou profunda, ou ornada. O primeiro modo

deriva-se dos lugares, que se chamão proximos, como v. g. no mesmo exemplo, que agora puzemos: = Os vossos predicados me estimulão a amar-vos. O segundo deriva-se das cousas, assim proximas, como remotas: e sempre com magnificencia usa de hum pomposo ornato de palavras graves, como: " Enriquecei-vos o Ceo com tão raros dotes, que movem a todos, para vos amar, e mui particularmente a mim, que, tendo mais distincto conhecimento delles, lhe faria huma notavel injuria, se com a grandeza delles não igualasse a do meu affecto." Deste modo se ajuntão às cousas, que gerão o amor.

A invenção ornada toda consta nos elegantes ornatos, que a vestem: v. g. " Como os vossos olhos vencem em luz as Estrellas, assim tambem são hum vivo argumento da vossa formosura, e do meu amor. "

Em segundo lugar: deve o Secretario ser geral nos estylos, porque são muitos, e diversos, segundo as diversidades de Cartas. Podem-se estes reduzir a dous, que são os mais usados. O primeiró consiste em hum fallar eloquente, porém pouco liberal de conceitos, e palavras. Usou-o Cicero, chama-se estylo temperado. O segundo consiste em dizer concisamente, e tem o nome da Laconico, usado igualmente do mesmo Tullio nas suas Atticas.

Incluem em si estes estylos o estylo grave, simples, conceituoso, jucoso, faceto, picante, cifrado, e misto.

O estylo grave, e simples he commum a todos: e he aquelle mesmo, que observa Seneca, fallando a Lucilio do estylo Familiar: = Qualis meus sermo esset,

si una sederemus, aut ambularemus, illaboratus, etc. facilis, tales volo essa Epistolas meas.

O conceituoso pede engenhoso: o faceto quer naturalidade de ditos graciosos: o picante pede tambem muita naturalidade, mas com artificio de engenho; o cifrado quer simbolos, ou numeros arithmeticos, que pareça que não concordão, e que forão feitos sem consideração; porém hão de concluir em si segredo, que tanto ha de saber quem manda, como quem recebe a Carta: o mixto deve participar de tudo.

Em terceiro lugar deve o Secretario ter hum geral conhecimento das frases, que são mais proprias do estylo, de que usa, e da materia, de que trata. O fallar natural louva-se, e agrada: o que he occultamente artificiozo não se vitupera: o affectado enfastia, e o breve estima-se, se o negocio o pede, e se não degenera em escuridade.

Em quarto lugar: deve geralmente saber as noticias mais importantes, para as applicar ás diversidades das materias, de que escreve.

Em quinto lugar: he-lhes precisa huma grande sinceridade, desengano, e desembaraço com as pessoas, com quem trata: e em ultimo lugar, deve saber todos os negocios, e interesses de seu Amo.

§. IV.

REFLEXÃO.

HUm dos principaes predicados, que deve ter hum bom Secretario, he a reflexão: porque deve muito reflectir sobre as materias, e sujeitos com

quem trata; e tambem sobre a qualidade da pessoa, a quem serve.

Com os sujeitos de inferior condição, ou de pouca capacidade, deve usar dos termos mais naturaes, para que o contheúdo se lhe faça preceptivel. Com os amigos [se não houver outro motivo] deve ser liberal de palavras, de discurso, e de expressões affectuosas. A's pessoas illustres, e de grande predicamento pelos seus empregos, deve escrever succintamente, e com estylo respeitoso: como v. g. o de Plinio para Trajano. Se as pessoas forem sabias, usará de erudição, e de hum estylo escrupulosamente castigado.

Quando houver de dar noticias de cousas presentes, será de modo, que a narração as adorne, mas sem a mininia affectação; porque esta, como sabem os doutos, he o maior vicio do escritor.

Deve tambem reflectir muito nos estylos, nos tratamentos, nos termos, e nas oonsequencias, que podem ter as Cartas, para que não vão a offender, nem dellas nascão algumas differenças.

Deve ultimamente fazer reflexão no genio, e no estado, e na qualidade de seu Amo assim para não o embarçar em alguma cousa sem fundamento, como para tambem della o não fazer ceder, tendo razão. Lembre-se do dito daquellesabio: = Contentiosa, aut curiosa scriptio factionum saepe causa, etc. fomentum est.

§. V.

E LOQUENCIA.

HUma simples erudição he cousa rustica, e huma Carta com pensamentos nús he cousa insipida; he preciso adornar huma, e outra com as flores da eloquencia. Para se usar dos preceitos della he necessaria a discreta reflexão, que agora encommendamos.

Deve o Secretario lembrar-se que a eloquencia das Cartas não he a mesma, de que usão os Oradores, e Academicos nos seus discursos: por quanto, seja qualquer a pessoa, ou materia, de que se escreve, sempre a Carta deve ter hum não sei que de familiar, e particular.

Por isso use o Secretario de poucos exordios, e estes cláros, e com huma visivel connexão com o corpo da Carta: sejam affectuosas [porque o affecto concilia benevolencia] e sejam igualmente mui breves, para que a Carta não entre logo a causar tedio. O estylo deve ser mais laconico, que asiatico: porém sobre tudo deve ser tal, qual he a materia, de que se trata, e que as pessoas, que epistolarmente se communicão, Não despreze os Tropos, e Translações rhetoricos, com tanto, que o uso seja moderado, e discreto. Póde usar de sentenças, de similhanças, e formulas, de periodos, e de outras eloquentes figuras da Rhetorica, não passando esta permissão a liberdade poetica.

DAS IMPERFEIÇÕES DO SECRETARIO.

CAPITULO II.

§. I.

DEMORA.

Este defeito pôde achar-se, ou no Secretario, ou na Carta. No Secretario he huma grande imperfeição, porque pela diligencia se adiante o serviço de seu Amo, e pela negligencia, ou demora, totalmente se perde.

Ha outra especie de demora, que procede de engenho obtuoso, o qual faz difficil a prompta composição de huma Carta, e lhe impede o ser perfeita, despedindo-a daquella graça, que naturalmente lhe convêm. Este defeito nasce comnosco, e com difficuldade se cura; por isto Gaudeant benè nati: com tudo, pôde-se remediar, ou ao menos diminuir, não menos com estudo, que com a practica.

§. II.

PROLIXIDADE.

Chamo prolixidade a huma certa vastidão, e grandeza de Cartas, que, dizendo pouco em muitas palavras, causa fastio a quem lê. Livre-se por tanto

o Secretario de amplificações, digressões, e de outras semelhantes, e fastidiosas locuções. Fuja de multiplicidade de texto, e authoridade, e busque sempre o ser breve, com tanto que não tire a energia ao conceito, de que usa na sua Carta.

Nas Cartas de cumprimento a pessoas grandes, as palavras devem ser poucas, e o estylo respeitoso, e concinzo: nas de narração, tantas, quantas bastem para se descrever alguma cousa adornada de algumas figuras. Nas de pezames fuja muito mais da extensão, para não augmentar com repetições o sentimento, nem avivar huma dôr, que talvez já não he penetrante.

§. III.

ASPEREZA.

Esta pôde estar, ou no conceito, ou nas palavras: e tanto deve o Secretario fugir de ser áspero, e duro em huma, como em outra causa. O conceito ha de ser delicado, as expressões suaveis. Ainda quando reprehende a hum inferior, ha de usar de pouca austeridade, e rigor; porque deve attender muito a que se conserve o respeito, e character de seu Amo. O juizo prudencial está em temperar o doce com o amargoso, á-maneira da Abelha, que com o seu ferrão tanto fere, como suavisa, lançando a doçura do seu mel; e não como os Medicos, que, para curarem a doença, extrahem o sangue por meio de molestas sangrias, e com elle muitas vezes a vida.

§. IV.

IGNORANCIA.

JA' acima dissemos, no §. em que tratamos da Erudição, que grande defeito seja em hum Secretario a ignorancia. Neste só brevemente dijremos que ha duas diversidades de ignorancia: huma privativa, e a outra positiva; e tanto huma como outra, se curão, e remedeão com a erudição.

Aprivativa he aquella, que se conhece em huma Carta, quando está despida de todo aquelle erudito composto, que devia ter. A positiva, [da qual unicamente fallamos neste lugar] he a que se acha em huma Carta, quando nella se encontrão erros. Estes podem ser de muitos modos.

Primeiramente a respeito das pessoas, a quem se escreve privando-as com offensa da sua authoridade, dos titulos, e termos, que lhes são devidos, por ignorar a formalidade dos tratamentos.

Em segundo lugar, póde dar-se tambem erro nas materias, tratando-as de hum modo, e estylo superior, ou inferior ao merecimento dos sujeitos, aos quaes escreve.

Em ultimo lugar, póde igualmente dar-se nas historias, que relatar, nas authoridades, que allegar, na Chronologia, Geografia, etc. Por isso para o Secretario fugir destes erros he preciso huma larga lição, e com ella huma grande cautéla.

§. V.

ESCURIDADE.

SÃo as vozes sinaes dos pensamentos, e substituindo as Cartas o lugar delles, evidentemente se vê que a escuridade no dizer he hum notavel defeito, e huma consideravel imperfeição. Affectar estes vícios. sendo cousa a todos commum, he mui particularmente commum nos Secretarios.

Podem-se desculpar os primeiros Mestres das Sciencias de as haverem tratado com escuridade, porque com a clareza dos termos não as quizerão fazer vulgares ao povo, porém nenhuma desculpa podem ter os Secretarios, pois as Cartas, como expressões de hum coração a outro, nunca se podem saciar de clareza.

E por quanto o que para hum idiota he escuro, para hum douto he claro, torno outra vez a recomendar ao Secretario a reflexão, e a propriedade no estylo, etc. sic de caeteris. He preciso usar dos temperos segundo os manjares, e estes á proporção dos estomagos.

R E G R A S,

QUE O SECRETARIO DEVE PRATICAR NAS CARTAS DE
NEGÓCIOS.

C A P I T U L O III.

Sendo os negócios o assumpto mais importante das Cartas, não basta dar ao Secretario regras geraes, e communs a todas as Cartas, he preciso dar-lhe algumas particulares, para tão consideravel materia. Por quanto, se nas Cartas de cumprimento parece que brinca o engenho, naquellas, em que se tratão negocios, falla-se com seriedade, porque se trata de interesses, em que pôde perigar o bem commum, ou ao menos particular.

Nas outras materias hum erro da penna costuma causar grande consequencia, e o mais, que pôde fazer, he que o Secretario em lugar de adquerir nome de discreto, perca, com vergonha do seu character.

He preciso primeiramente no Secretario hum singular, e inviolavel segredo dos negocios, e muito mais se estes respeitão ao público. Ao depois he necessario que a sua Carta seja de tal modo ordenada, que por ella [podendo ser] se consiga logo o fim desejado do negocio; á maneira do fogo, que pegado ao morrão improvisamente accende a polvora da mina, primeiro que se veja o fumo, e se sinta o cheiro.

Para bem se tratarem os negocios, requiere-se huma sólida erudição, fundada na perfeita intelli-

gencia das Historias, e das negociações politicas, que outros fizerão, ou para não cahir no mesmo precipicio, ou para buscar o mesmo caminho.

He preciso entender qué materia se trata: se pública, ou se particular, para saber as consequências; e por isso se requer tambem que á erudição acompanhe a reflexão, e a generalidade, das quaes já fizemos menção nas regras precedentes.

He igualmente muito necessaria a intelligencia dos termos proprios á qualidade do negocio, de que se escreve: como v. g. se se tratasse de vendas ou de outros contratos. Attenda tambem muito em escrever com desembaraço, sem rebuço, dissimulação, ou engano, para não embarçar de algum modo a seu Amo, principalmente se os negocios respeitão ao publico: porque muitas vezes pela imprudencia de huma Carta perde a fortuna quem negocea, ou para o Principe, ou para ou commum.

A eloquencia em semelhantes Cartas não ha de ser como nas de parabens, cumprimentos, boas festas, e outras, que contém elegantes, e differentes narrações. He inutil o uso das figuras, e flores Rhetoricas; porque o estylo deve ser natural, claro, e sem mistura de cousas estranhas: mais deve propender para humilde, que para o sublime: porém bastará que se encoste ao medio. A demora, que em outras Cartas he toleravel, nestas he mui notavelmente prejudicial.

Se nas outras Cartas se deve com brevidade quasi affectada fugir da prolixidade, nestas ainda que se deve evitar o excesso, sempre he bom que não se cuide em ser muito breve. He preciso dizer tanto,

quanto pede a materia. Muitas vezes succede em huma só Carta tratar de muitos negocios; e quando estes se derem, he necessario distinguillos em §§. para não confundir hum com outro, porém sempre o primeiro será o mais importante, ou mais extenso.

A ignorancia positiva, da qual nas regras geraes já se fallou, seria a ultima ruina do negocio, e a maior vergonha do Secretario.

Finalmente a escuridade, a qual em outras Cartas poderia servir de exercicio a agudos engenhos, nestas seria a demora, que deteria a não das negociações, ou ao menos a causa de se multiplicarem as Cartas, devendo huma ser interprete da outra; e assim perder-se-hia o negocio, e a occasião: e quando não se faça impossivel, se fará muito difficiloso.

Para tornarmos outra vez a dizer em poucas palavras o como se deve haver o Secretario em semelhantes Cartas, bastará que saibá, que com seu Amo ha de ser zeloso, como o correspondente sincero, e consigo calado. Se a pessoa, a quem escreve, he grande, e o negocio he de outrem, será bom que principie a Carta por algum suave, e engenoso exordio: = *Ad captandum ejus benevolentiam*. Se o negocio for da pessoa, a quem se escreve, será mui proprio o lembrar-lhe = *á principio* = a servidão de seu Amo, porque prompto para se empregar nas suas ordens. Se o negocio está bem assombrado, e encaminhado, dará d'elle boas esperanças, confiando muito, porém nunca assegurando. Se se trata com pessoa, que aliás está pouca disposta para o fazer,

usará de hum tal artificio de palavras, que a venha a dispôr. Ultimamente, se o Secretario conhecer que o sujeito, a quem escreve, tem com o seu Amo huma sincêra, e interior amizade, descubra-se na Carta com elle, e não lhe occulte do negociô cousa alguma.

No que respeita á Carta em Materia de tratados, que pertencem ao publico, não tendo que dizer ao Secretario, senão que lêa attentamente outras Cartas, escritas em similhantes casos, das quaes ha livros em diversas linguas da Europa; porque assim, sobre saber os successos dos tempos passados, e genios, e costumes de diversas nações, e aprenderá o verdadeiro estylo, e modo de formar com perfeição similhantes Cartas.

Em quanto a negocios particulares, he preciso que attenda, e faça reflexão se a pessoa, a quem escreve he maior, igual, ou inferior, se o negocio he de graça, ou de justiça; se de favor, ou de obrigação; e-se de contrato gratuito, ou oneroso. Usar sempre de rogos com os maiores, se delles depende o negocio; e com todos os termos cortezes, e affaveis. Ser claro, desembaraçado, prompto, e observar segredo, e cautela.

Finalmente, estas regras, sendo muitas, ainda não bastão para conseguir que hum Secretario seja perfeito no seu nobre emprego; porém suppra o seu natural engenho, e bom gosto; que se o não tiver, mui poucos progressos lhe asseguro. O methodo, com que se fórma cada especie de Cartas, ponho principio de cada huma com clareza (ao que me parece] com outras tantas advertencias, nas quaes

certamente sigo os melhores Authores, que deste assumpto escreverão.

Se eu, ou nas regras, que dou, ou nas Cartas, que escrevo, não desempenho [como creio] a grande difficuldade da empreza, com tudo sempre hei de merecer algum louvor no prudente juizo daquelles, que sabem que

IN MAGNIS VOLUISSE SAT EST.

O SECRETARIO PORTUGUEZ.

P A R T E I.

CARTAS DE PEZAMES.

A D V E R T E N C I A .

Não ha cousa talvez mais propria do homem que o compadecer-se do seu amigo nos successos contrarios a que a nossa vida está mui sujeita: pelo que disse Seneca: Iniquum est collapsis manum non porrigere. Por isso he acção, e cerimonia muito necessaria compadecer-se da afflicção alhêa causada pela morte de algum seu parente; o que se faz do modo seguinte: Primeiramente engrandeceremos, quanto pudermos, a pena que temos pela morte: em segundo lugar poremos as razões, por que a sentimos, e far-se-ha como breve commemoração das virtudes da pessoa defunta: em terceiro se porá alguma razão, que tenha força para consolar: porque muitas vezes aos pezames ajuntarão grandes Authores a confortação, e finalmente cuidaremos muito em ser breves, por-lhe não augmentarmos, ou avivarmos o sentimento, se está já diminuido. Similhantes Cartas pertencem ao genero Deliberativo. Estes são os preccitos, em que muitas vezes o engenho, e eloquencia do Secretario poderá

dispensar, para fazer mais expressiva, e vehemente a sua Carta.

CARTAS DE PEZAMES POR MORTE De Cardeaes, e Bispos.

C A R T A I.

O Dia mais infausto para este Reino, e para a Casa de V. Excellencia, foi certamente o em que falleceo o Eminentissimo Senhor Cardeal N....; porque nelle faltou á Patria hum principe da primeira authoridade, não menos pelo Character, que pelas Virtudes; e a V. Excellencia hum Tio, que tão distinctamente o amava, tanto pelas razões da natureza como pelas da similhaça. Estas fortissimas razões me levão a dizer a V. Excellencia, que fico inconsolavel por tão triste acontecimento; e rogo a Deos nosso Senhor me communique tanto a mim, como a V. Excellencia o meio para nos conformarmos com a sua alta disposição. A pessoa de V. Excellencia guarde o mesmo Senhor por dilatados annos.

C A R T A II.

Não ha occasião mais justa para o maior sentimento, que a apresente, em que passou desta vida o Eminentissimo Senhor Cardeal N....; porque nesta faltou á sua Igreja, á Patria, e ás virtudes huma forte Columna, que as sustentava. Eu sinto esta grande fatalidade como posso, e não como devo; porque o meu entendimento certamente não he ca-

paz de comprehender a grandeza desta perda, o mesmo succederá a todos; porque esta he huma das consequencias, que trazem comigo semelhantes fatalidades. Deos console a V. Excellencia, e guarde por muitos annos.

C A R T A III.

Huma das grandes desgraças, que nos traz a presente da morte do Eminentissimo Senhor Cardeal N...., he não poder ser dignamente chorada pela sua extraordinaria grandeza. Eu sou o primeiro, que experimento este defeito; mas, do modo que me he possivel, vou-me deitar aos pés de V. Excellencia, para o acompanhar na sua justissima mágoa, e alternar as rogativas a Deos, para que tenha a sua alma no eterno descanso. O mesmo Senhor guarde a V. Excellencia muitos annos.

C A R T A IV.

Seria inconsolavel o meu sentimento pela morte do Excellentissimo Senhor Bispo N...., se a piedade Christã me não exhortasse a enxugar as lagrimas, dizendo-me, que Sua Excellencia está na Patria do descanso, gozando o eterno premio das exemplares virtudes, com que apascentava o rebanho do Senhor. Dê V. Senhoria lugar a esta preciosa consideração, porque quero augmentar o meu allivio, alliviando igualmente a V. Senhoria, a quem Deos guarde muitos annos.

C A R T A V.

Em tão grande, e lastimosa perda, como he a da vida do Excellentissimo Senhor Bispo N , não póde haver consolação, porque a todos comprehende; sentindo huns a falta de hum Varão do maior Conselho, outros a perda de hum Pastor da mais exemplar caridade, e a todos a morte de hum dos filhos mais benemeritos da Igreja. Eu com estes motivos, e como o mais obrigado a Sua Excellencia, sou quem tem maior parte no sentimento desta fatalidade, o qual represento a V. Senhoria com o sinal da minha eterna gratidão áquellas veneraveis cinzas. Deos guarde a V. Senhoria muitos annos.

C A R T A VI.

A consideração da rara vigilancia, com que o Excellentissimo Senhor Bispo N governou tão santamente as suas ovelhas, faz com que eu admitta consolação pela sua morte; porque piamente estou persuadido que o Senhor, que lhe entregára o governo, lhe tem já premiado as muitas virtudes, que nelle com tanto exemplo praticára. He necessario que V. Senhoria admitta igualmente esta importante consolação, não menos para mitigar a sua pena como Catholico, que para dobrar o meu allivio como amigo. Deos guarde a V. Senhoria muitos annos.

POR MORTE DE CAVALHEIROS
Benemeritos nas Armas, e mais virtudes.

C A R T A VII.

No infaustissimo successo da morte do Excellen-
tissimo Senhor Marquez N. . . . se reveste a Pa-
tria de profundo sentimento; porque quando as cau-
sas são grandes, he forçoso que o sejam os seus effei-
tos, proporcionando-se com elles. Na pessoa de Sua
Excellencia nos falta o maior Soldado, e Conselheiro,
que a Patria venerava: assim o dispôz Deos; mas
console-se V. Excellencia, como todos fazemos, con-
siderando que, se as virtudes politicas o hão de fazer
sempre no mundo lembrado, as Christans, como pia-
mente crêmos, já o tem glorioso na Patria verda-
deira. A pessoa de V. Excellencia guarde Deos por
muitos, e felices annos como lhe desejo.

C A R T A VIII.

Mudamente fallão na presente occasião todas as
ocasiões de dôr, que podem mover para sentir tão
grande perda, como he a da morte do Illustrissimo
e Excellentissimo Senhor Conde N. . . . Nelle perde-
mos todôs hum Varão, de que os Seculos passados
sempre forão avarentos, ou se attenda ás valorosas
virtudes da guerra, ou ás prudentes do gabinete.
Deos Senhor nosso, que sobre este Reino descarregou
tão pezado golpe, nos dá o remedio, com que
o curemos, que he a conformidade com as suas
inscrutaveis disposições. Esta lembrança da Patria se-

ja igualmente a de V. Excellencia, a quem Deos guarde muitos annos.

C A R T A IX.

Faltão-me as palavras, e sobraão-me as razões, e o sentimento para chorar a perda do Senhor Dom N.... sempre sensivel, e muito mais no tempo, em que as suas grandes virtudes o fazião tão necessario a este Reino, ao qual Deos nosso Senhor attende-rá, como a V. Senhoria, inspirando-lhe todas aquellas razões, que dicta nestes casos a piedade Christã. O mesmo Senhor guarde a V. Senhoria por muitos annos.

NA MORTE DE SENHORAS ILLUSTRES.

C A R T A X.

Tenho tão presente a dôr, e o sentimento, que me causou a morte da Illustrissima e Excellen-tissima Senhora Marqueza N...., que me tira toda a liberdade para me poder explicar. Tão grande he o meu pezar! E qual será o de V. Excellencia, perdendo huma mãe, que era o crédito das mesmas virtudes! Não posso descobrir para mim, e menos para V. Excellencia, consolação alguma em semelhante perda: e se alguma ha, he só a pia confiança de que a Bondade Divina terá coroado na Bemaventurança os virtuosos merecimentos desta Senhora. O mesmo Senhor nos conserve os de V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XI.

Como criado muito antigo, e favorecido da Casa de V. Excellencia, dou a V. Excellencia os peza-
mes, e como Catholico os parabens pela morte da
Illustrissima e Excellentissima Senhora Condessa N...:
e desta novidade se não escandelize V. Excellencia;
porque a Senhora Condessa está no Reino de toda a
alegria, gozando eternamente os fructos daquellas
virtudes, com que nesta vida se fazia veneravel. As-
sim mo dicta a piedade, e assim o persuado a V.
Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XII.

Enxugue V. Senhoria as suas lagrimas, enxu-
gue, porque a morte da Senhora D. N.... não foi
morte, foi triunfo, em que se coroarão as suas exem-
plares virtudes. Assim mo persuade a sua vida, na
qual forão tantos os dias, como os merecimentos,
os quaes ninguem conhece melhor que V. Senhoria,
porque os herdou; e esta he tambem huma das fortes
consolações, que tenho para alliviar a minha inex-
plicavel pena. Deos guarde a V. Senhoria por mui-
tos annos.

C A R T A XIII.

O profundo sentimento, que me assiste pela
morte da Illustrissima e Excellentissima Senhora Mar-
queza N...., passaria a hum nunca visto excesso
de pezar, se a Providencia do Ceo me não preparara
ha muito tempo o remedio para golpe tão penetran-

te; que he a consideração, de que se faltou Sua Excellencia, que era o deposito de todas as virtudes, deixou a V. Senhoria unico herdeiro deste rarissimo thesouro. A modestia de V. Senhoria não pôde admittir esta minha consolação, e só lhe cabe a de conformar-se com as determinações de Deos, que guarde a V. Senhoria por muitos annos.

NA MORTE DE OUTRAS PESSOAS.

C A R T A XIV.

Meu amigo. Agora, que recebo a tristissima noticia do fallecimento do senhor seu pai, confesso que não fico em mim, e passo a estar com v. m. acompanhando-o no seu justificado sentimento. Deos Senhor nosso, de cuja poderosa mão nos vem estes penetrantes golpes, he que nos ha de consolar, dando-nos constancia para os soffrer, por serem disposições da sua alta Providencia. O mesmo Senhor guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XV.

Bem presentes são a v. m., e publicas a todos as muitas razões, que tenho, para vivamente sentir a morte do Senhor N....: faltou hum pai; eu perdi hum verdadeiro amigo; e certamente não val menos esta perda. Eu consolo-me fixando no Ceo os olhos da alma; e esta mesma consolação desajarra eu tambem para v. m., para sermos semelhantes no alivio, assim como o somos na perda. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A X V I .

Meu amigo. Eu não pertendo impedir as primeiras lagrimas, que v. m. derrama pela sensivel morte do Senhor seu pai; porque não pertendo fazer huma injúria á natureza: mas só quizera que v. m., depois de chorar como filho amante, se consolasse como filho Christão, considerando piamente que as virtudes, com que o Senhor N.... tanto se distinguia nesta vida, o elevarão deste desterro á Patria verdadeira. Só esta consolação he o poderoso balsemo, com que se curão similhantes feridas. Deos guarde á v. m. por muitos annos.

C A R T A X V I I .

Se eu não offendêra de algum modo a fiel amizade, que a v. m. professo, deixando de sentir interiormente a morte do Senhor seu pai, mais me havia alegrar, que entristecer com v. m. por este accidente; pois por meio d'elle, [assim piamente o creio] livre dos trabalhos deste mundo, está no Reino do descanso, gozando dos fructos dos seus virtuosos merecimentos, dos quaes deixou em v. m. hum fiel retrato, que me serve tambem de instrumento, senão de alegria, ao menos de consolação. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A X V I I I .

Tão vivamente me tem penetrado a tristissima noticia da morte do Senhor seu pai, que para mos-

trar a v. m. o quanto o meu coração o acompanha em tão notavel perda, certamente me faltarião expressões, se muitas vezes as lagrimas não valessem por palavras: e fallarião estas sem descanço, se a conformidade Christã me não fizesse lembrar das inscrustaveis disposições de Deos. Desejara muito que a sua justificada pena dêsse lugar a fazer esta tão importante consideração, para v. m. igualmente me servir de companhia. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XIX.

Perdeo v. m. a melhor parte de si, na perda da Senhora sua mãe, cujo tristissimo caso sinto eu mui vivamente, não menos pela forte dôr, com que v. m. tanto se afflige, que pela muita falta, que eu hei de experimentar, como criado tão antigo da Casa de v. m., que com a sua experimentada prudencia, e conformidade Catholica saberá dar allivio ás paixões do amor, e da natureza. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XX.

Meu amigo. A perda do Senhor seu pai he para todos mui sensível; porque faltou á Patria, quando esperavamos lograr acertadas operações de hum Varão sabio, prudente, e virtuoso; porém considerando que Deos Senhor nosso quiz premiar os seus merecimentos, levando-o para si; v. m. e todos nos devemos consolar, e agradecer ao Ceo tão alto bene-

ficio. Deos guarde a v. m. por muitos annos, e o faça tambem merecedor de tão alta felicidade.

C A R T A XXI.

Não vou com esta fiel testemunha do meu grande sentimento aggravar a profunda ferida, que no coração de v. m. fez a morte do Senhor seu pai; mas sim a despertar a sua conhecida prudencia, para que considere que, se morreo, foi cheio de annos, e de merecimentos, que lhe assegurão neste desterro huma fama sempre viva, e na Patria huma eternidade sempre gloriosa. A consideração destas duas felicidades he poderoso remedio para v. m. curar tão sensivel golpe. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXII.

Meu amigo. Li a sua carta com os mesmos olhos com que v. m. a escreveo; porque me penetrou tão vivamente a triste noticia da morte do Senhor seu pai, como pedião as muitas razões de obrigado, que nunca eu saberei cabalmente explicar, nem ainda conhecer. Estas, que eu em vida quasi desempenhava com publicas confissões, pagarei agora com ardentés rogativas a Deos, pedindo lhe tenha a sua alma no eterno descanso. O mesmo Senhor guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXIII.

Agora recebo a triste noticia da intempestiva

morte do Senhor seu filho, e confesso a v. m. que fiquei penetrado de hum particular sentimento: e sempre como amigo me acompanharia este pezar, se como Christão não considerára no distincto beneficio, que Deos lhe fez, levando-lho para si; pois hum mundo de costumes tão corruptos não era digno de ser a quem era, se nos annos mancebo, nas virtudes varão. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXIV.

Considero a v. m. sem consolação alguma pela morte do Senhor seu filho, succedida na primeira flor dos seus annos, e das suas esperanças. São justissimas, e necessarias as lagrimas, se attendermos aos fortes vinculos da natureza; mas he offensa á conformidade Catholica não as enxugar: porque deve v. m. entrar na consideração de que do Ceo lhe vem estas aflicções para provar a sua constancia. Nestes dous actos tão diversos sempre acompanho a v. m., óu seja como amigo, ou como Christão. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXV.

Dê v. m. muitas graças ao Senhor pelo inestimavel beneficio, que lhe fez em lhe levar para si ao Senhor seu filho; porque foi mercê muito especial. querer Deos antecipar o premio ás adultas virtudes, com que elle adornava a sua florente idade; pois não podia deixar de as ter quem era filho de

hum pai de tantos merecimentos. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXVI.

Só a grande prudencia, e a conformidade Christã [virtudes, que tão distinctamente se conhecem na pessoa de v. m.] he que podem curar a penetrante ferida, que no seu coração fez a morte, arrebatando deste mundo a vida da Senhora sua mãe, a qual, como era exemplar, abre caminho para v. m. exercitar estas duas grandes virtudes, em obsequio do seu allivio, e da alma da mesma Senhora, que está no Ceo. Não posso dizer mais a v. m. a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXVII.

Meu amigo. He esta vida hum tenebroso dia de inverno, em que muitos acabão na manhã, alguns ao meio dia, e poucos na tarde. Nelle acabou a sua carreira a Senhora sua mãe: foi grande dita; acabou-a cheia de merecimentos, e foi rara felicidade. Se estas circumstancias bastarão para a Senhora D. N.... viver, e morrer contentente, muito mais devem bastar para v. m. viver consolado. Deos Senhor nosso, como Deos de toda a consolação, inspire no afflicto animo de v. m. estas duas fortes considerações para seu, e meu allivio. O mesmo Senhor guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXVIII.

Já nas lagrimas, que v. m. tem derramado pela intempestiva morte do Senhor seu filho, pagon como pai á natureza o tributo devido: agora he preciso que como Catholico dê lugar á consideração, de que Deos, que Iho deo, foi o mesmo, que Iho levou: e se foi antecipadamente, maior mercê deve ao mesmo Senhor; pois quiz premiar depressa os bons costumes, com que elle nesta vida se fazia querido de v. m., e venerado de todos. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A , XXIX. |

A minha leal amizade vai aos pés de v. m. certificar-lhe o excessivo sentimento, com que me deixa a morte do Senhor N....; assim porque considero a grande afflicção, em que v. m. estará, como porque esperava vêr no Senhor seu filho em beneficio publico hum herdeiro das muitas virtudes, e merecimentos, que todos reconhecem em v. m. Porém, Senhor, se as razões de amigo me abrigão a este acto, as de Catholico me incitão a lembrar a v. m. que Deos assim o dispòz, e que devemos Christãmente conforma-nos com as suas altas disposições. O mesmo Senhor guarde a v. m. por muttos annos,

C A R T A XXX.

Se a justissima pena a que a v. m. se entrega pela morte do Senhor seu filho lhe dêsse lugar para

considerar nas raras virtudes, de que elle era ornado, não sem admiração dos seus poucos annos, não havia v. m. certamente sentir tão amargamente a sua morte; porque, além de se conformar com as altas disposições do Ceo, havia consolar-se, considerando igualmente que fôra para a Patria das suas mesmas virtudes. Esta consolação, que eu admitto, inspire Deos Senhor nosso no magoado coração de v. m., a quem o mesmo Senhor guarde por muitos annos.

C A R T A XXXI.

Se eu não encontrára a prática, estylo do mundo, havia nesta occasião dar a v. m. mais parabens, do que pezames; porque a morte da Senhora sua mãe he mais objecto de alegria, que de sentimento. Praticou nesta vida tão altamente todas as virtudes Christans, que era o espelho, em que todos se compunhão; e deste modo, eu tenho por certo [pelo que me dicta a piedade] que esta Senhora está no Ceo coroadada com os seus grandes merecimentos. Se a pena de v. m. der lugar esta importante consideração, estou certo que ha de enxugar o seu pranto. Assim queira Deos, que guarde a v. m. por muitos annos.

CARTAS DE RECOMMENDAÇÃO.

ADVERTENCIA.

São mui frequentes na prática as Cartas de Recommendação, e humas pertencem ao genero demonstrativo, e outras ao Deliberativo: porque nellas igualmente se usa do louvor, e da persuasão, cujos dous termos hum cahe sobre o Demonstrativo, outro sobre o deliberativo. Porém como o louvar em similhante occasião tem igualmente por fim o persuadir, devem-se absolutamente comprehender as Cartas de Recommendação no genero Deliberativo, no qual, mais que nos outros generos, se deve guardar decóro, attendendo-se muito á pessoa, que recommenda; á recommendada; áquella, a quem se recommenda, e á cousa que se deseja. No principio da Carta mostraremos as razões, que temos para recommendar a tal pessoa, ou pela antiga amizade, ou pela muita obrigação, ou por piedade das suas afflicções, etc. Louvaremos a pessoa, a quem pedimos, mostrando-lhe o poder da sua authoridade, a sua benignidade, e trazendo á memoria, ou o desejo, que tem de favorecer todas as pessoas necessitadas, e benemeritas, ou o antigo favor, com que nos trata. Louvaremos a pessoa recommendada, mostrando a sua bondade, as letras, a sua necessidade, o seu merito, e o seu agradecimento, etc. Fecharemos a Carta com offerecimentos, e rendimentos politicos. Marco Tulio, como observa Paulo Manucio, usava destes quatro pontos: » Que o recommendado seja nosso amigo, ou de alguma pessoa, a quem deve-

mos obrigações; que se faça merecedor da recommendação; que a cousa, que se pede, seja justa, e louvavel; e que da nossa parte, e da d'elle se prometta gratidão. » A respeito das respostas ás Cartas de recommendação, observar-se-hão estes preceitos. Logo que recebermos algumas destas Cartas, devemos responder a ella, e muito mais se for superior a possoa, que de nós se vale: diremos que, sem interpôr demora, executaremos o que se nos manda, ou que não póde ser; e para isto daremos razões, que cheguem a satisfazer. He mui vario o artificio, com que se podem formar estas Cartas; humas vezes, dizendo que os merecimentos do recommendado erão empenho bastantè para nossa protecção; outsas a honra, que nos fazem em se valerem do nosso patrocínio, e outras, finalmente dizendo que a tal recommendação he hum effeito de benignidade, e instrumento para nos desempenhar das muitas obrigações, que devemos á pessoa que recommenda, etc. Outros muitos artificios, póde descobrir o engenho do Secretario, ao qual nos remettemos.

CARTAS DE RECOMMENDAÇÃO.

C A R T A I.

Como não ha pessoa, que ignore a grande mercê, que V. Excellencia me faz, vem-se valer de mim o Portador desta N , para que V. Excellencia o admitta ao seu serviço no foro de seu pagem. Conheço muito bem esta pessoa, e posso certificar a V. Excellencia que tem todos os predicados neccs-

sários para servir a V. Excellencia: porque he de nascimento honrado, e de louvaveis costumes; acompanhados de hum genio docil, e de bons estudos; requisitos a que V. Excellencia costuma muito attender: pelo que fico na esperança de lhe não ser inutil o meu valimento para com V. Excellencia, a quem agradecerêi esta mercê, confessando-me seu grande devedor. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A II.

Como eu não posso, nem devo recusar a honra, com que V. Excellencia me trata, vou patrocinar com V. Excellencia o Memorial incluso, que he de pessoa, a quem desejo muito valer; porque a sua pobreza, e muitos dotes pessoaes o fazem digno de todo o patrocínio. Tudo o que nelle relata he verdade: mas não diz tudo o que he verdade, porque eu sei que ainda he maior a sua necessidade, e o seu merecimento. Como tem estas circumstancias, nem elles, nem eu duvidamos do patrocínio de V. Excellencia, a quem peço continuadas occasiões, em que possa mostrar o quanto lhe sou obrigado. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A III.

Vou a apresentar, e não a patrocinar com v. m. o Memorial incluso; porque seria offender a sua conhecida rectidão, proteger com v. m. a clara justiça de N. . . . , a quem muitos, e importantes letigios

demorão nesta Corte, com grande incómodo seu, e despendio das suas rendas. V. m. me ordene occasiões, em que eu possa desempenhar-me de grande obrigação, em que espero ficar ao seu favor. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A IV.

Vale-se da minha protecção N. . . . para que eu peça a v. m. com toda a efficacia queira concorrer com o seu voto, a fim de conseguir o que no Memorial incluso relata. Eu não poderei receber de v. m. maior favor, se tomar na sua lembrança ao sobredito sujeito para o favorecer no que pertende; porque tem merecimentos para muito mais: os quaes eu mui distinctamente estimo. Fico para dar gosto a v. m. a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A V.

N. . . . , portador desta, deseja muito que V. Senhoria o favoreça com o seu poderoso patrocínio em hum negocio, que elle exporá a V. Senhoria. Peço a V. Senhoria com o maior empenho o queira ouvir, e patrocinar; no que fará huma obra de piedade, e de justiça: de piedade, porque tem o sujeito muita pobreza; e de justiça, porque tem muita razão. V. Senhoria me continue a honra dos seus estimaveis preceitos; para o que Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

D

C A R T A VI.

Vai a essa terra N.... pessoa, a quem eu devo mui particulares obrigações, e estimo com a maior distincção pelos seus raros merecimentos. Desejára com a maior efficacia que elle descansasse á sombra da protecção de V. Excellencia: no que estou certo: assim pela grandeza da pessoa de V. Excellencia, e muito favor, que me faz; como pelos estimaveis merecimentos do sujeito, que não o saberá desmerecer a V. Excellencia: porque, entre as muitas virtudes, que tem, não lhe falta a da gratidão. Fico para obedecer ás ordens de V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A VII.

A V. Excellencia, que jámais deixa sem premio aos benemeritos, busco para que exercite esta sua rarissima virtude com N.... portador desta, patrocinando-o com os Ministros N. N.... a fim de que seja perterido no emprego, que pertende no Memorial incluso; para o qual certamente lhe sobra talento, e estudo. A innata benignidade de V. Excellencia para me honrar, e a natural propenção para favorecer aos estudiosos, me asseguraão o desejado effeito da minha efficaz recommendação, de que beijarei as mãos a V. Excellencia, a quem desejo servir. Deos guarde á V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A VIII.

N...., que entregará esta a V. Senhoria, he

peessoa-, a quem devo mui distinctas obrigações: estas me movem a valer-me do antigo favor, com que V. Senhoria me trata, pedindo-lhe que o receba benignamente, e favoreça na pertença, que elle exporá a V. Senhoria; a qual, como he justa, faz-se digna da protecção de V. Senhoria, a quem eu, e elle nos confessaremos eternos obrigados. Deos guarde a V. S. por muitos annos.

C A R T A IX.

Certifico a V. Excellencia que não posso livrar-me de lhe dar o incómodo de lhe pedir com todas as forças do maior empenho queira desempenhar-me das muitas attensões, que devo a hum amigo, patrocinando-me ao Portador desta, que elle me recommenda para com V. Excellencia com a maior instancia. O seu negocio, ao que parece, he de justiça: elle o exporá a V. Excellencia com todas as circumstancias, e desejará que o alcançasse pelo patrocinio de V. Excellencia, não só para remir a sua grande pobreza, como para que saiba o amigo, que me empenha, quanto o desejo servir, e quanto eu valho com V. Excellencia, a quem offereço a minha vontade para tudo o que me mandar. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A X.

Nem V. Senhoria sabe negar o seu favor, nem eu posso deixar de o buscar: pelo que vou importunar a V. Senhoria, pedindo-lhe, por conta das

D 2

muitas obrigações, que lhe devo, se sirva de favorecer ao Portador desta no que expõem o seu Memorial incluso; porque lhe desejo todo o bom successo pelas particulares attentões, que lhe devo. A antiga experiencia, que tenho do muito, que V. Senhoria me deseja fazer mercê, me persuade do desejado effeito deste negocio. Offereço a V. Senhoria a minha vontade para lhe dar gosto em tudo o que me mandar. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XI.

Tenho a confiança de rogar a V. Excellencia seja servido interpôr toda a sua authoridade com os Desembargadores N. N. . . . , para que fação justiça ao sujeito do Memorial incluso em huma causa, que lhe hão de sentenciar. Se eu não soubera a muita razão, que assiste a este sujeito, não me atrevêra a valer-me de V. Excellencia; porque não lhe havia fazer huma grave offensa, indo-lhe pedir hum favor. Este, que de V. Excellencia espero, fiado na muita mercê que me faz, contarei entre os muitos, de que lhe sou devedor. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XII.

No portador desta concorrem todos os requisitos, e sobraõ os merecimentos, para conseguir o que pertende no Memorial incluso. Rogo a V. Senhoria, com o maior empenho, e instancia, o queira favorecer com aquella mesma efficacia, que tem

experimentado em V. Senhoria outros meus affilhados de que ambos nos confessaremos a V. Senhoria perpétuos devedores. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XIII.

A benignidade, com que V. Senhoria não cessa de me fazer mercê, hê a causa de que muitas vezes o importune, como agora faço, mandando-lhe á sua presença N...., para que o ampare no negocio, que elle exporá a V. Senhoria. Posso testificar que he muito pobre, muito honrado, e muito erudito; e como sabe que V. Senhoria he igualmente muito favorecedor de quem tem estas circumstancias, vai na certeza de conseguir o que justamente pertende, mais fiado na recommendação dos seus merecimentos, que na da minha Carta. V. Senhoria se sirva de me dar occasiões, em que me desempenhe dos muitos favores, que lhe devo. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XIV.

A merecida opinião, que ha nesta Corte do muito, que V. Excellencia deseja premiar sujeitos de merecimentos, abre caminho a N.... para que vá a V. Excellencia apresentar os seus; e como eu delles sou hum grande venerador, quero que vá acompanhado desta minha recommendação, na qual peço a V. Excellencia que o attenda com algum emprego, em que possa viver segundo a qualidade do

seu nobre nascimento: e muito feliz seria elle, se o patrocínio de V. Excellencia fosse igual aos grandes merecimentos que tem, de que não duvido, dando-se occasião; porque até nesta virtude he Vossa Excellencia singular. Offereço a V. Excellencia toda a inutilidade do meu prestimo, se for servido mandar-me. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XV.

He tão distincta a capacidade de N...., portador desta, para qualquer emprego, que já pudéra ter muitos de consideração, se se tivesse dado a conhecer. Eu que dos seus merecimentos sou o maior venerador, sentindo esta sua irresolução, o mando á presença de V. Excellencia, pedindo-lhe efficaçmente que o queira empregar na sua Secretaria; e estou certo que V. Excellencia, depois de experimentar a qualidade do seu talento, se ha de dar por mui pago do zelo, com que desejo que V. Excellencia seja bem servido. A pessoa de V. Excellencia guarde Deos por muitos annos,

C A R T A XVI.

Dou a V. Senhoria occasião de exercitar comigo a sua incomparavel benignidade, pedindo-lhe com a maior instancia queira favorecer ao portador desta, mandando em seu nome esses Memoriaes aos Desembargadores N. N...., a fim de sentencearem com brevidade huma causa deste sujeito. A sua pobreza, e justiça fazem-se muito dignas da recom-

mendação mais viva de V. Senhoria, de cujo favor fico certo, regulando-me pelos passados. Desponha V. Senhoria da minha vontade em tudo o que for servido. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XVII.

A grandeza da Casa de V. Excellencia foi sempre a de favorecer desamparados: ninguem o he mais que o portador desta; porque, sendo estranho, e adornado de muitos, e excellentes riquisitos, se acha sem amparo algum nesta Corte. Pertende entrar no serviço de V. Excellencia, e como nas suas virtudes tem o melhor Memorial, bastará ir á presença de V. Excellencia, sem o apadrinhar a minha recommendação, a qual com tudo sei que V. Excellencia não ha desprezar, pela muita honra, com que sempre me trata. Esta me faz confessar que sou de V. Excellencia hum perpétuo devedor. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XVIII.

Não ha quem exceda a V. Senhoria na rara virtude de valer a todos: e eu que conheço este desejo de V. Senhoria, quero dar-lhe occasião para o poder exercitar, rogando-lhe se sirva de ter na sua lembrança a N. . . . para o favorecer, nomeando-o em algum dos officios da Casa de V. Senhoria; porque certamente o seu procedimento, habilitade, e verdade o fazem digno do patrocínio, e serviço de V. Senhoria, a quem por este favor me confessarei

sempre muito obrigado. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XIX.

Penetrou-me de tanta compaixão a grande pobreza, em que se acha o portador desta, procedida dos muitos letigios, que traz nesta Corte, que me movem a patrocinallo com V. Senhoria, a quem rogo com o mais particular empenho, o queira ouvir, e vêr chorar tão justamente pelos seus trabalhos; porque estou certo que com a narração delles se moverá tanto V. Senhoria á compaixão, que se ha de declarar por seu público Protector em beneficio das suas causas. Deos guarde a V. Senhoria muitos annos para me fazer favor, etc.

C A R T A XX.

Conheço muito bem que V. Excellencia não necessita no seu serviço de mais Criados benemeritos; porque nisto se distingue muito a Casa de V. Excellencia: porém são tão avantajados os merecimentos de N. . . . , portador desta, que desejára muito que V. Excellencia o mandasse escrever no numero dos seus Criados graves. Experimente V. Excellencia primeiro o seu talento, que estou certo que (deixe-me V. Excellencia explicar assim) ha de passar para V. Excellencia a obrigação, conhecendo a qualidade do sujeito, por quem me empenho, V. Excellencia me mande como seu Criado. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XXI.

Assegura-me N.º... , portador desta , que a breve , e favoravel expedição de huma sua causa está nas mãos de v. m. e quer que eu o acompanhe com huma minha recommendação para seu melhor despacho. Supplico a v. m.) para o que empenho toda a nossa amizade) que lhe faça todo o favor , que permittir huma justiça , que não attende ao summum jus , compadecida da fragilidade da nossa natureza. Estou certo da propensão , com que v. m. ha de ficar para me fazer esta graça , a qual me deixará tão obrigado , como agradecido. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

RESPOSTA A'S CARTAS.

De Recommendação.

C A R T A I.

Recebo com mui particular estimação o preceito de V. Senhoria , em que me manda que favoreça a N.... no que puder. Esteja V. Senhoria na certeza de que está muito na minha lembrança , e que não perderei instante em cuidar nos seus augmentos , para poder dar a V. Senhoria hum signal da minha gratidão , pelo muito que lhe devo. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A II.

Tomo mui gostoso o empenho de patrocinar ao

afilhado de V. Senhoria no importante negocio, de que trata, assim por ser justo, como porque he V. Senhoria quem o recommenda. Espero que o conseguirá como deseja, porque eu não me hei de poupar á diligencia para lho conseguir; pois muito mais me dicta a minha obrigação que obre em obsequio de V. Senhoria, a quem tanto devo. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A III.

As recommendações de V. Excellencia são para mim gostosos preceitos, que hei de observar exactamente como seu tão favorecido Criado: pelo que póde estar na certeza o seu afilhado que hei de tomar como minhas as suas dependencias; que não podem deixar de ser minhas aquellas, em que V. Excellencia me continúa a honra que me faz em me mandar. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A IV.

A maior prova, que eu tenho dos merecimentos do seu afilhado N...., he ser recommendado por V. Senhoria, que tão altamente os sabe conhecer, e avaliar. Já o acceitei no meu serviço, e nelle será de mim estimado, como merecem as circumstancias de hum sujeito, a quem V. Senhoria tanto engrandece. Fico esperando mais occasiões, em que possa dar gosto a V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A V .

Bem pudéra o affilhado de V. Senhoria não buscar outro premio aos seus merecimentos, mais que os distinctos louvores, com que V. Senhoria tanto o honra na sua recommendação; mas já que elle, para eu ficar bem servido, não conheço a grandeza do elogio, promptamente o acceitei no emprego de meu Secretario, orde a distincção, que farei delle, he que dará a conhecer a V. Senhoria o grande apreço, que faço das suas recommendações. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A VI.

Recebo com hum particular apreço a recommendação de v. m. a favor dos merecimentos, e despacho de N. . . . , aos quaes attenderei com todo o cuidado, e vontade no que a justiça permittir, tendo sempre na lembrança que he v. m. quem me manda, e quem o favorece. V. m. disponha da minha vontade tudo o que fôr servido, porque sempre está promptissima. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A VII.

Sem pôr demora no que v. m. me ordena na sua Carta a favor de N. . . . , fui logo fallar com o Desembargador N. . . . , o qual deo taes razões, para não me poder por ora servir, que de nenhum modo lhas pude contradizer, antes com ellas condescendi: e assim he forçoso que o seu affilhado soffra

por poucos mezes o que padece ha tantos annos. V. m. fique persuadido da minha diligencia, e do meu empenho, que eu fico esperando outros, em que cumpra o que devo. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A VIII.

Frustrárão-se, meu amigo, todas as minhas diligencias; porque de nenhum modo me foi possivel conseguir o negocio, que v. m. tanto desejava para o seu affilhado, e que pelos seus muitos merecimentos tanto merecia. Quer Deos Senhor noosso provar a sua constancia, encontrando-lhe os seus intentos. Como v. m. sabe muito bem o quanto lhe desejo obedecer, he desnecessario dizer-lhe o sentimento, que me fica do fim contrario deste meu empenho. Não me negue v. m. occasiões de o servir, nas quaes desejára ser mais affortunado. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A IX.

Asseguro a V. Senhoria que a causa do seu affilhado ha de ser vista com a maior attenção, e estudo: porque hei de pôr todas as forças em ponderar as razões, que lhe assistem, para lhe fazer justiça; no que mais cumpro com a minha obrigação, que com as ordens de V. Senhoria, de quem desejo outras, em que possa livremente sacrificar a minha vontade. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A X.

Muito tempo ha que desejo persuadir a V. Excellencia que he Senhor da minha vontade, e que appetço sempre occasiões de o poder mostrar. Nesta, que agora me offerce a benignidade de V. Excellencia, executarei o que tanto desejo, obraudo de modo, a respeito do seu affilhado: que acreditem as obras a verdade destas minhas palavras. Assim o asseguro a V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A .XI.

Recebo por mui especial favor a lembrança, que v. m. tem de me mandar, e em cousa, que v. m. tanto deseja, como he o bom successo no negocio de seu affilhado, no qual porei todas as minhas forças para o conseguir; assim para mostrar a v. m. a minha boa vontade, como porque o perendente tanto o merece pelos estimaveis predicados, que v. m. com elogios tão distinctamente affiança. Não me poupe v. m. outras occasiões, em que me continue a mesma honra, porque não havesá mudança na minha vontade. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XII.

V. Excellencia póde ficar na certeza de que em beneficio da pessoa, e negocios de seu affilhado, hei de observar justiça, a qual, ao que entendo, lhe

não falta; e seria elle mui feliz, se ella fosse igual ao desejo, que tenho de servir a V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XIII.

Depois que recebi a carta de V. Senhoria, patrocinando-me o bom successo do negocio do seu affilhado N . . . , confesso-lhe que não tive descaño, em quanto não fiz a diligencia, na qual achei alguns embaraços; mas procurando desfazellos, alcancei o que todos tanto desejamos. Não posso explicar a V. Senhoria o gosto, que me fica de conseguir esta pertença, igualmente por cumprir com as ordens de V. Senhoria, que por favorecer a pobreza do seu affilhado. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XIV.

Eu, meu amigo, não necessito de Cartas, para haver de patrocinar as recommendações de v. m.; basta-me unicamente hum recado seu, ou virem-me fallar em nome de v. m., para eu attender com promptidão a quem vier recommendado por pessoa, que eu tanto venero. Assim o dei a entender ao seu affilhado, o qual já vai despachado: e desejára eu muito que v. m. todos os dias me tratasse com esta distincção. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A X V .

Todas as vezes, que v. m. se serve de ensinar-me alguma cousa do seu serviço, perde a minha vontade a acção de obrar livremente: porque os muitos beneficios de que a v. m. sou devedor, me obrigão a obedecer. Esteja v. m. na certeza, de que no letigio de N...., que v. m. me recommenda, não será necessaria outra recommendação, nem lembrança. Se algum merecimento nisto tenho, quero que v. m. mo agradeço mandando-me outras occasiões, em que possa obrar o mesmo. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

CARTAS DE PARABENS.

A D V E R T E N C I A .

Assim como quando sentimos a desgraça de algum nosso amigo, lhe diminuimos a pena; assim tambem quando nos alegramos por alguma sua fortuna, lhe augmentamos o gosto. Os preceitos para se formarem semelhantes Cartas são estes: Engrandeceremos com palavras expressivas a nossa alegria, mas hão de ser escritas com tal cuidado, que não pareçam filhas da lisonja, mas sim de huma fiel amizade, de amor grande, ou de hum sincero obsequio. E porque os parabens sempre vem acompanhados de louvor, engrandeceremos elegantemente a causa alcançada, como Dignidade, Posto, etc.; accrescentando porém, que ainda não he premio devido aos seus merecimentos. Aqui se poderão igual-

mente louvar as virtudes do premiado, dizendo tão grande Dignidade, ou Posto, em ninguem podia estar mais proprio, que na sua pessoa, porque em ninguem se acharião tão raros merecimentos; mas isto dito de modo (torno-o outra vez a encommendar) que não pareça clara lisonja. Ultimamente lhe desejaremos perpétua conservação da cousa alcançada, se ella o consentir, e os augmentos das maiores felicidades: e se os parabens, que dermos, forem de lugar em algum dos Tribunaes, suavemente exhortaremos a pessoa despachada, para que obre da maneira, que mereça fama de inteiro, e prudente Ministro. Algumas vezes se começará indirectamente pelo lugar, como dizem os Rhetoricos, fingindo que não nos alegramos com o seu emprego, v. g. porque este não lhe dá honra, antes pelas suas virtudes a recebe; mas que com tudo nos enchamos de prazer, porque nelle pôde dar exercicio ás suas mesmas virtudes. Observo que Cicero, nas suas Cartas de parabens por empregos, usa destes tres termos. Primeiramente alegra-se porque ao amigo se desse tal Dignidade, ou Officio; ao depois lhe deseja que felizmente o goze; e no fim o exhorta a que exercite o tal emprego com reputação. Se os parabens forem de casamentos, ou nascimentos de filhos, mostraremos a nossa alegria por estas felicidades, e vaticinaremos grandes fortunas. O engenho do Secretario disporá estas cousas com juizo, e madureza, considerando a qualidade das pessoas, a quem escreve, e este será o seu maior cuidado. Similhantes Cartas pertencem ao genero Demonstrativo.

CARTAS DE PARABENS
Pela promoção de Cardeaes, e Bispos.

C A R T A I.

Muito tempo ha que os raros merecimentos de V. Eminencia devião ser premiados com a Sagrada Purpura Romana: chegou a desejada occasião, com extraordinario contentamento de todos, e mui particularmente meu; pelo que dou a V. Eminencia os parabens com aquellas sinceras, e humildes expressões, que me soube inspirar a razão dè subdito tão favorecido de V. Eminencia, a quem supplico se digne de receber este meu devido obsequio com a sua natural benignidade. A pessoa de V. Eminencia guarde Deos por dilatados annos, como havemos mister, etc.

C A R T A II.

A promoção de V. Eminencia á altissima dignidade de Principe da Santa Igreja tem occupado o coração de todos de huma verdadeira, e extraordinaria alegria, na qual eu não tenho o segundo lugar, considerando não menos as glorias da Patria, que as da Illnstrissima Casa de V. Eminencia, da qual eu, para minha grande honra, sou antigo Criado. Deos Senhor nosso, que assim quiz premiar as exemplares virtúdes de V. Eminencia, lhe conceda dilatados annos de vida, para V. Eminencia as poder mais exercitar em beneficio de todos aquelles, que tiverão a ventura de viver debaixo do suave jugo de tão bom pastor, etc.

E

C A R T A III.

A elevação de V. Eminencia á sublime dignidade de Cardeal da Santa Igreja não foi premio, foi restituição, que se fez aos rarissimos merecimentos de V. Eminencia; e nesta certeza dou a V. Eminencia os parabens com as mais sinceras expressões de contentamento; e rogo ardentemente ao Senhor dilate a V. Eminencia a vida, para fazer grandes serviços á sua Igreja, e para que em V. Eminencia tenhamos todos hum Pastor, que nos ama como pai. Deos guarde a V. Eminencia por muitos annos.

C A R T A IV.

Na dignissima promoção de V. Eminencia á Sagrada Purpura promovo igualmente eu o meu obsequio á estimavel honra de poder ir com esta beijar a mão a V. Eminencia com aquelle contentamento, que merece tão consideravel noticia, e com aquella humiliação, que se deve a tão alta Dignidade, que Deos Senhor nosso faça lograr a V. Eminencia por tantos annos, quantos são os ardentés votos de tantos súbditos, etc.

C A R T A V.

Logo que se divulgou nesta terra a consideravel noticia da exaltação de V. Eminencia á Segrada Purpura, logo corri com o coração a render graças ao Senhor, e com a mão a dar por esta os parabens a V. Eminencia, os quaes V. Eminencia accete como

nascidos da gratidão de hum Criado, que he creatura de V. Eminencia, cuja importante vida prospere o Ceo por felices, e largos annos, para crédito da Patria, e das virtudes, etc.

C A R T A VI.

Com extraordinario contentamento recebem todos a faustissima noticia da elevação de V. Eminencia á Sagrada Purpura; porque a todos he presente o mui distincto merecimento de V. Eminencia para tão alta Dignidade. Eu tenho a gloria, e o desvanecimento de ser singular entre todos na grandeza do prazer; assim desejaría que V. Eminencia o entendêria, para credito da minha servidão. A exemplar vida de Vossa Eminencia guarde Deos por muitos annos, como todos pedimos, e havemos mister, etc.

C A R T A VII.

Não podia Sua Santidade, ao que me parece, fazer acção, que fosse mais gloriosa para o seu Pontificado, do que aquella, em que creou a V. Eminencia Cardeal da Santa Igreja; e certamente me não engana o conceito; porque com a promoção de V. Eminencia deo o Santissimo Padre á Jerarchia Ecclesiastica hum Principe das mais consummadas letras, e á Igreja hum Columna das mais relevantes virtudes. Desta exaltação, de que á Patria resulta hum raro gloria, dou a V. Eminencia os parabens, beijando a Sagrada Purpura não menos em sinal do meu singular contentamento, que da minha devida humilhação. A pes-

E 2

soa de V. Eminencia guarde Deos por largos annos, como havemos mister, etc.

C. A R T A VIII.

Por todos os motivos era devida a V. Eminencia a Sagrada Purpera, que com universal applauso recebe V. Eminencia de Sua Santidade na promoção passada: pelo que, sendo incomparavel o merecimento de V. Eminencia, não ha quem com esta noticia não sinta em si huma extraordinaria alegria. Eu nella tenho a honra de ser singular; porque igualmente tenho a honra de ser singularmente favorecido de V. Eminencia, a quem Deos Senhor nosso conceda larga duração, como a sua Igreja, e todos necessitão, etc.

C A R T A IX.

Agora poderá V. Eminencia cabalmente conhecer a distincta grandeza de seus merecimentos, vendo que Sua Santidade, ou movido do particular amor, que a elles tem, ou da distincção com que os venéra, elevou a V. Eminencia á sublimidade da Purpera Romana. Esta consideração, que as virtudes de V. Eminencia lhe não permitem fazer, faz todo este Reino, applaudindo excessivamente tão alegre noticia, na qual não mereço eu o segundo lugar, por ser creatura de V. Eminencia, a quem beijo a Sagrada Purpera, e desejo huma dilatada vida, assim para a lograr, como para a enobrecer, etc.

C A R T A X.

Vou tarde a dar a V. Eminencia os parabens pela sua dignissima promoção ao Cardinalado, não porque fosse tarde em alegrar-me com tão consideravel noticia; mas como a minha alegria he de pessoa particular, pareceo-me justo que, para ser conhecida, fosse depois do applauso universal; sendo que o meu, pela sua extraordinaria grandeza, me faz crer que sempre havia de ser entre todos conhecido. V. Eminencia desculpe a demora, e accete o rendimento, e sinceridade deste meu obsequio, como de quem, mais que todos, applaude a elevação de V. Eminencia, e conserva ainda maior applauso, para quando vir a V. Eminencia enthronizado [como espero] na Suprema Dignidade da Igreja; para a qual já vão fazendo escada aos seus altissimos merecimentos. A pessoa de V. Eminencia guarde Deos por felices annos.

C A R T A XI.

He superior a todas as expressões o contentamento, que me resulta da justiça, com que Sua Santidade, e ElRei nosso Senhor quizerão premiar os sublimes merecimentos de V. Eminencia, elevando-o á veneravel Dignidade da Purpura Romana. Em attenção a este meu excessivo prazer não devo pedir mais a V. Eminencia, senão que me reconheça por hum dos seus mais humildes, e fiéis Criados, que será para mim a mais estimavel honra. Deos Senhor nosso guarde a dignissima pessoa de V. Eminencia

por tantos, e felices annos, quantos são os meus ardentes rogos, etc.

C A R T A XII.

A eleição que Sua Magestade faz de V. Excellencia para Prelado da Santa Igreja de . . . causou-me aquella grande alegria, que costume receber, quando vejo as Dignidades bem empregadas: motivo, por que me alegro com V. Excellencia, como quem, antes que conseguisse esta Mitra com o effeito, a havia já merecido com as virtudes. Para gloria dellas, e amparo dos seus subditos, Deos Senhor nosso, que a fez merecer a V. Excellencia, lha faça gozar por dilatados annos, etc.

C A R T A XIII.

Grande sentimento tinha eu de ver ociosos os grandes merecimentos de V. Excellencia: agora interiormente me alegro de os ver já empregados na Dignidade de Bispo de . . ., pela qual se abre a V. Excellencia hum largo thesouro, para os poder augmentar nos muitos serviços, que ha de fazer na cultura espirital da Vinha do Senhor. Elle ouça as minhas ardentes súplicas, para dar a V. Excellencia muitos annos de vida, a fim de que exercite as suas grandes virtudes, para exemplo nosso, e utilidade dos seus subditos. Deos guarde a V. Excellencia, etc.

C A R T A XIV.

Esta Dignidade de Arcebispo de , que agora com publico contentamento de todos nasce para V. Excellencia, era já ha muitos annos adulta, assim na singularidade do merecimento, e sangue de V. Excellencia, como na opinião do mundo: pelo que me parece que V. Excellencia não consegue neste caso mais que huma particular occasião de accrescentar as glorias da sua santa Igreja, não menos pelos merecimentos passados, que pelos futuros. Disto he que dou a V. Excellencia os parabens, e delles passo já aos rogos, pedindo ao Senhor que seja Vossa Excellencia tão perduravel na vida, como o ha de ser na fama das suas virtudes, etc.

C A R T A XV.

Entre os communs applausos, que V. Excellencia receberá pela sua dignissima elevação á Mitra de , accite a benignidade de V. Excellencia os meus, como nascidos da minha obrigação, e de quem mais profundamente vénera as exemplares virtudes de V. Excellencia, que sem duvida serão de tanta utilidade aos seus subditos, como forão a toda esta Corte, aonde dellas ouvio V. Excellencia tantos applausos, sem perder o merecimento. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XVI.

Não havia eu dar a V. Excellencia os parabens,

mas sim á sua Santa Igreja, porque ella he quem recebe toda a gloria, pela eleição, que de V. Excellencia fez a rectissima providencia de Sua Magestade; mas dou a V. Excellencia os parabens, porque com esta sua nomeação se abre caminho a V. Excellencia para exercitar mais largamente as suas tão conhecidas virtudes em utilidade dos seus subditos, aos quaes invejo a ventura, assim como desejo as ordens de V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

PARA FIDALGOS.

C A R T A XVII.

A dignissima eleição, que de V. Excellencia fez Sua Magestade para Governador das Armas da Provincia de, he igualmente hum proporcionado reconhecimento dos grandes meritos de V. Excellencia, e hum justo motivo para a alegria de todos, que estimarem os augmentos da Patria. Sirva-se V. Excellencia de me fazer a honra de crer que eu neste parabem sigo o natural impulso, que me dão as razões de Criado tão favorecido da Casa de V. Excellencia, a quem o Ceo prospere por muitos annos, como este Reino ha de mister.

C A R T A XVIII.

A veneração, que eu professo ao merecimento incomparavel de V. Excellencia; as obrigações, que por tantos titulos lhe devo, e o desejo, que tenho

das suas maiores prosperidades, são os fundamentos, com que me distingo entre todos os Criados de Vossa Excellencia; e por isso entre os communs parabens, que V. Excellencia terá recebide pela sua dignissima Presidencia, desejo que acceito os meus, como nascidos das mesmas especificas razões, que igualmente me movem a solicitar a hora dos seus estimadissimos preceitos. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XIX.

A eleição, que de V. Excellencia fez Sua Magestade para o Tribunal da , he certamente applaudida de todos; porque, como não ha quem não conheça o incomparavel merecimento de V. Excellencia, todos se alegrão por tão justa nomeação. Do meu excessivo contentamento não póde V. Excellencia deixar de estar persuadido, não menos pelas razões do sangue, que pelas da obrigação, as quaes desejão a V. Excellencia aquelles premios, de que os seus distinctos merecimentos se fazem tão acredores. Deos Senhor nosso dilate a V. Excellencia a vida para resuscitar na justiça huma virtude quasi desconhecida, etc.

C A R T A XX.

Para V. Excellencia conseguir as maiores honras deste Reino, largo caminho lhe fazem os seus proprios merecimentos. Em attenção a elles nomeou Sua Magestade a V. Excellencia Embaixador á Corte de , de que dou a V. Excellencia os parabens,

e já também á Patria ; porque no seu Ministerio obrará V. Excellencia taes acções , que deixará esquecidas as de seus antecessores , e mais lembradas as de seus illustres Maiores. Assim promettem as raras virtudes de V. Excellencia , a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXI.

Bem pudéra eu não dar a V. Excellencia os parabens pelo authorizado Posto de General, de que fez mercê a V. Excellencia a rectissima providencia de Sua Magestade ; porque V. Excellencia ha muitos annos que na opinião do mundo o lograva , senão na pessoa , certamente nos merecimentos ; porém como se offerece a V. Excellencia a occasião de poder illustrar neste Posto as heroicas virtudes de seus illustres Progenitores, dou a V. Excellencia os parabens com todos os sinaes de verdadeiro contentamento. V. Excellencia se não esqueça de me mandar, porque sempre a minha vontade está prompta. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XXII.

A acertada eleição de V. Excellencia para o Governo daz Armas da Provincia de , foi de todos estimada com tanto applauso , que geralmente devemos dar a Sua Magestade os parabens pela sua incomparavel nomeação ; pois nella proporcionou a grandeza , e authoridade deste Posto com os merecimentos de V. Excellencia , do qual esperamos todos

o vir o que de outros, que já V. Excellencia occupou, espalhava a fama deste Reino. Fico para obdecer a V. Excellencia com aquella vontade, que pedem as innumeraveis obrigações, com que a sua benignidade tem confusa a minha gratidão. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

PARA PESSOAS PARTICULARES.

C A R T A XXIII.

MEu amigo. V. m. com os seus novos merecimentos vai sempre fazendo caminho para novos empregos, e novas honras, como presentemente succede com o novo officio de , depois de tantos tão louvavelmente occupados, que honrou v. m. a mesma honra. Deste espero eu que saia v. m. com a mesma gloria, e lhe dou delle os parabens, como seu fiel amigo, e obrigado. Exercite v. m. na minha obediencia toda a authoridade, que tem para a mandar. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXIV.

Meu amigo. Ainda neste Convento não houve Capitulo, do qual resultasse mais gloria aos Religiosos, e a mim maior contentamento, como no presente, em que V. P. R. foi eleito Provincial: pelo que dou os parabens á Religião, e a V. P. R., e a mim mesmo, e com maior especialidade ao nosso amigo Fr. N. , o qual teve a maior parte nesta eleição, que alcançou, porque a favorecia com jus-

tiça. Deos Senhor nosso dirija a V. P. R. de maneira, que depois da eleição, se siga a acclamação de todos: assim o espero, e desejo, como amigo tão fiel, e obrigado de V. P. R. a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXV.

Dou a V. P. os parabens do seu novo cargo, que he mais conhecimento, que reconhecimento das suas grandes virtudes, e dos seus grandes serviços, os quaes, para serem dignamente premiados, não esperão mais que a occasião; porque sempre a justiça foi o principal Prelado da Religião de V. P., a quem Deos Senhor nosso conserve a vida, para em todos os lugares, que o esperão, lhe fazer muitos serviços, etc.

C A R T A XXVI.

Era justissimo que V. P. R., depois de haver sido valoroso braço do Corpo Monastico da sua Veneravel Religião, fosse delle em fim Cabeça, como succedeo agora, com tanta uniformidade dos Eleitores, como merecimento do Eleito. Dou a V. P. R. os parabens, como de cousas; que eu tanto desejava, assim pela minha amizade, como pelas minhas obrigações; e rogo incessantemente ao Senhor que dê vida a V. P. R. para que o seu governo sirva de exemplar para a posteridade, etc.

RESPOSTAS A ESTAS CARTAS.

C A R T A I.

REconheço a V. Excellencia por hum dos mais interessados nos applausos da minha promoção ao Cordinalado; e para eu o crer, he desnecessario que V. Excellencia mo testifique; mas já que V. Excellencia me quiz dar este grande gosto, agradeço mui particularmente a attenção de V. Excellencia, a quem desejo com toda a vontade dar gosto. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A II.

Agradeço a V. Excellencia mui distinctamente o gosto, com que applaude a minha promoção, a qual eu sempre mereci a V. Excellencia, pelo muito que venero os seus grandes merecimentos, que todos são mui proprios da Casa de V. Excellencia, a quem offereço toda a minha vontade. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A III.

Forão-me mui particularmente acceitas as expressões, com que v. m. na sua Carta me participou o seu sentimento pela minha promoção; de cuja lembrança eu em nenhum tempo me hei de esquecer para dar gosto a v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

O SECRETARIO
DE BISPOS.
CARTA IV.

EXercita V. Excellencia comigo, além dos effeitos da grandeza da sua pessoa, todos os da sua benignidade, enchendo-me de favores em todas as occasiões, e mui particularmente nesta indigna eleição, que de mim fez Sua Magestade para o Bispado de Eu não posso corresponder a V. Excellencia, mais que com hum verdadeiro agradecimento; e se V. Excellencia quizer favorecer-me com os seus estimaveis preceitos, poderei desempenhar mais as minhas obrigações. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

CARTA V.

Os estimaveis parabens, que V. Senhoria foi servido dar-me pela desmerecida eleição, que Sua Magestade fez de mim para o Bispado de, são outros tantos testemunhos da benignidade do animo de V. Senhoria, a quem dou os devidos agradecimentos, unindo a elles hum sincero desejo de servir a V. Senhoria em tudo o que me ordenar. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

CARTA VI.

Em nenhum tempo se esqueceo V. Excellencia de me fazer favor, do qual recebo hum novo testemunho, agora que recebo huma Carta de V. Excellencia, em que me dá os parabens da eleição, que

de mim fez Sua Magestade para o Bispado de N , indigna certamente, se se attender á qualidade de meus meritos. Dou a V. Excellencia os agadecimentos pelos continuados favores, com que me trata, e offereço-lhe a minha inutilidade, que he todo o meu prestimo, para sempre dar gosto a V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

D E F I D A L G O S .

C A R T A VII.

B Em certo estava eu de que V. Excellencia havia ser quem primeiro me fizesse a honra de estimar a mercê, com que a Real benevolencia de Sua Magestade me distinguio; porque muito tempo ha que estou persuadido que V. Excellencia estima como seus os meus augmentos, não menos pelas razõs do sangue, que pelas da amizade, das qde eu faço huma particular estimação. Desponha V. Excellencia da minha vontade, para de algum modo me poder mostrar agradecido a tanto favor. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A VIII.

Em todas as occasiões, em que V. Senhoria me faz favor, me continua a mesma honra, com que sempre me tratou a Casa de V. Senhoria: o que Vossa Senhoria me dá mais a conhecer, agora que me dá os parabens da mercê, com que Sua Magestade me despachou. Estas antigas, e novas obrigações estão

tanto na minha lembrança, como sempre estiverão na de meus avós, assim para o reconhecimento, como para o desempenho. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A IX.

Agradeço, como não sei explicar, o contentamento, que a v. m. causou o meu despacho, segundo me dá a ler na sua attenciosa Carta, a qual assim como a recebo por huma das mais sincéras, que nesta occasião se me tem escrito, assim a conservarei para despertadora do meu agradecimento; pois desejarei sempre ter occasiões de dar gosto a v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

DE PESSOAS PARTICULARES

Para outras, e para Cavalheiros.

C A R T A X.

MEu amigo. Estou mui persuadido do contentamento, que a v. m. havia causar a fortuna do meu despacho; porque em todas as occasiões sempre conheci em v. m. hum particular affecto para comigo: e assim como eu agradeço a v. m. com a maior distincção este favor, póde estar na certeza, de que nunca o perderei da memoria, para servir a v. m. nas occasiões, em que for servido mandar-me. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XI.

Meu amigo: O parabem, que v. m. me dá pela honra, que Sua Magestade foi servido fazer-me, não he em v. m. acto de benignidade; mas sim de justiça, devida á minha fiel amizade; porque os augmentos da Casa de v. m. sempre os desejei futuros, e estimei presentes. Escusado era lembrar eu isto a v. m. que tanto o conhece; mas he o unico modo, que descubro para agradecer a sua grande attenção, depois de render toda a minha vontade aos preceitos de v. m. a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XII.

Meu amigo. A alegria, com que v. m. applaudé os meus augmentos, he hum sincero testemunho da sua fiel amizade, ao qual corropondo, agradecendo a v. m. o seu estimavel favor, que farei com que não seja singular, pondo o maior cuidado em dar gosto a v. m., para o que espero as suas ordens. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XIII.

Acho-me perplexo em descobrir expressões, com que possa dignamente agradecer a V. Senhoria a honra, com que me trata, dignando-se de me dar os parabens pela minha nova Prelazia, os quaes humas vezes me deixão desvanecido, outras envergonhado. O unico meio, que a minha confusão póde descobrir, he de offerecer-me todo ao serviço de V. Se-

F

nhoria, e encommendallo incessantemente a Deos em todos os meus sacrificios. Do desempenho deste meu agradecimento póde ficar mui certo V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XIV.

Não cabe nas minhas palavras, e menos no meu agradecimento, render dignamente as graças a V. Senhoria pela sua bonradissima Carta, em que V. Senhoria me dá os parabens da eleição, que de mim fizeram, para Geral desta Congregação; e assim rogo humildemente a V. Senhoria queira dispôr de mim, e de toda a minha Ordem, tudo o que fôr de seu serviço; porque me persuado que só por este meio poderei de algum modo agradecer tão distincta honra a V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XV.

Meu amigo. Com esta Carta, que de v. m. recebo, dando-me os parabens da minha nova Prelazia, augmento o numero das muitas obrigações, que em todo o tempo devi a v. m.; e esteja v. m. na certeza, que todas, e mui especialmente esta, estão tanto na minha lembrança, como está na de v. m. o cuidado de sempre as augmentar. Se v. m. se persuade que em mim haja algum prestimo, desvaneca-me com os seus preceitos, que a minha vontade está sempre prompta. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

OUTRAS CARTAS DE PARABENS
Por occasião de algum Matrimonio de Fidalgos.

C A R T A I.

DEsejava que V. Excellencia me fizesse a honra de persuadir-se de que eu, como hum dos seus mais favorecidos Criados, tenho a maior parte no contentamento do Matrimonio de V. Excellencia, de que dou a V. Excellencia os parabens, que cedo espero tornar a dar-lhe pela feliz successão de hum filho; o que todos os Criados da Casa de V. Excellencia pedimos incessantemente a Deos. O mesmo Senhor guarde a pessoa de V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A II.

Por occasião do Matrimonio de V. Excellencia, dou a V. Excellencia os parabens por dous grandes acertos, que nelle considero: o primeiro he a união pela Illustrissima similhaça do sangue, o segundo pelas das virtudes; e certamente não he no mundo cousa mui commum dar-se hum, e outro vinculo no sagrado do Matrimonio. Esta felicidade, com que eu tanto me alegro, applaudirei muito mais, quando a vir reproduzida em hum suspirado filho, que Deos Senhor nosso dê a V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A III.

Davo dar a V. Excellencia os parabens pela acer-

F 2

tada eleição, que fez da Excellentissima Senhora D. N.... para sua Esposa: porque nesta Senhora contendem os dotes mais raros com o sangue mais esclarecido, e só entre si se unem, para cederem ás virtudes. V. Excellencia logre por felicissimos, e dilatados annos esta não vulgar felicidade, e veja della o desejado fructo em hum filho, que seja tão herdeiro da Casa, como das virtudes de tão grandes pais. Dê V. Excellencia exercicio á minha vontade com os seus estimaveis preceitos, porque tanto suspiro. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A IV.

A geral approvação, e contentamento pelo acertado Casamento de V. Excellencia com a Excellentissima Senhora D. N...., justamente me levão a dar os parabens a V. Excellencia, e prognosticar-lhe huma felicissima, e successiva prosteridade para a sua tão veneravel Casa, que Deos conserve por dilatados annos, como todos desejamos, e havemos mister. Receba V. Excellencia benignamente este meu obsequio, e desejo, e seja o sinal o honrar-me com os seus estimaveis preceitos. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A V.

A grandeza da Casa de V. Senioria não podia escolher Esposa mais digna, que a Excellentissima Senhora D. N....; porque nesta Senhora se acha hum sangue igualmente illustrissimo, e huns costumes

igualmente virtuosos. Eu, e todos os que temos noticia da qualidade desta escolha, damos a V. Senhoria os parabens, os quaes esperamos brevemente repetir pelo nascimento de hum filho, que seja tanto fructo deste Sagrado vinculo, como do das virtudes de tão illustres pais. Sirva-se V. Senhoria de dar exercicio á minha vontade com os seus continuados preceitos. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A VI.

Para conservação da grandeza da Casa de V. Excellencia casou V. Excellencia seu filho primogenito com a Excellentissima Senhora D. N.... Bem parece de V. Excellencia esta acertada eleição; porque nestas duas Casas são especificadas, e iguaes as virtudes, e a nobreza, sem que em alguma dellas se possa descobrir excesso. Em todos os Matrimonios da Casa de V. Excellencia sempre eu vi, e muitas vezes li, que houvera estes acertos, dispostos certamente pela Providencia de Deos; que assim quer premiar a heroica effusão de sangue, que por elle derramarão os generosos Ascendentes de V. Excellencia. O mesmo Senhor, que á Casa de V. Excellencia continúa estes beneficios, não lhe ha de faltar com os de delitada, e firme successão, a qual eu espero que brevemente principie, para dar a V. Excellencia multiplicados parabens. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A VII.

Estimo, e alegro-me com a maior distincção pe-

la noticia, que tenho do casamento do filho primogenito de V. Senhoria com a Senhora D. N. . . . ; porque com elle se continuará na Casa de V. Senhoria a successão daquelles Varões, que tanto tem ennobrecido a Patria com os seus illustres feitos, dos quaes he V. Senhoria glorioso herdeiro. Deos Senhor nosso conserve a vida a V. Senhoria portantos annos, que veja homens a seus nectos: assim o peço ardentemente ao Senhor, como quem se interessa tanto na duração da Casa de V. Senhoria, etc.

C A R T A VIII.

O casamento de V. Senhoria he agora de todos tão applaudido, como antes havia sido desejado: e não errára, se dissera que o applauso ainda he maior, do que fôra o desejo, pela eleição, que V. Senhoria fez de Esposa, a qual nem podia ser mais bem empregada, nem V. Senhoria a podia escolher melhor: motivo, por que me persuado que as virtudes de ambos forão as que atarão este sagrado laço, do qual será certo o fructo: e queira o Senhor que seja com aquella brevidade, que eu desejo, e rogo. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A IX.

Seja por muitos annos, e todos felicissimos, e acertado Casamento, que V. Senhoria faz de sua filha a Senhora D. N. . . . com o Senhor D. N. . . . , ao qual he que devera dar os parabens; porque nesta Senhora, sobre hum sangue illustrissimo, levou

hum inestimavel thesouro de virtudes, o qual no mundo he tão raro, como na Casa de V. Senhoria inexaurivel. Este principal dote nos promete a todos huma grande alegria pelo nascimento de hum filho: o que rogo a Deos seja com brevidade, e que guarde a V. Senhoria por muitos annos.

PARA PESSOAS PARTICULARES.

C A R T A X.

A igualdade he huma das primeiras circumstancias, que deve haver para o Matrimonio ser feliz: esta não falta no de v. m., porque a noiva he de sangue tão honrado, e de virtudes tão louvaveis como v. m.: pelo que haverá nas vontades de ambos huma duplicada, e perpétua união: do que dou a v. m. muitos parabens, que espero repetir com a brevidade possivel, premiando o Ceo este estimavel vinculo com o desejado fructo de hum filho, que será em tudo semelhante a seus pais. Fico ás ordens de v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XI.

Em todas as felicidades da Casa de v. m. temos todos os seus amigos a alegria, que pedem as nossas obrigações. A minha he especial pelo casamento de v. m. com a Senhora D. N. . . ., assim porque o pede o meu agradecimento, como porque as virtudes de ambos assim o merecem. V. m. veja completo o seu desejo com o nascimento de hum filho, que

não tardará, se Deos ouvir os meus rogos. O mesmo Senhor guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XII.

Meu amigo. Recebo a noticia, que v. m. me dá do seu Matrimonio, e recebo-a mais como obrigação, do que favor, que v. m. me faz; porque era devida a hum amigo tão interiormente seu, como eu sou, esta tão alegre noticia. Conheço muito bem a Familia da Noiva, honrada toda por nascimento, e muito mais por costumes; e este conhecimento me faz alegrar mais, vendo tão bem empregados os de v. m., a quem Deos dilate por muitos annos a vida, assim para lograr os fructos desejados de tão estimavel Consorte, como para me dar muitas occasiões de poder servir a v. m. como devo, etc.

C A R T A XIII.

Meu amigo. Logo que soube que v. m. déra estado a seu filho, fiz hum particular conceito da nobreza do nascimento, e das virtudes dessa Senhora: porque as eleições de v. m. são tão acertadas, como nascidas da sua grandé prudência, e juizo. Dou a v. m. mil vezes os parabens, e rogo ao Senhor que, já que deo a v. m. hum filho, e huma Nora de tão estimaveis dotes, o faça com a possivel brevidade digno de hum neto de grandes merecimentos: assim o queira o mesmo Senhor, que guarde a v. m. por muitos annos para lograr esta ventura, etc.

PARABENS POR NASCIMENTO
De Filhos para Fidalgos.

C A R T A XIV.

Não posso explicar a V. Excellencia o interior contentamento, que me causou a noticia de ter dado a Excellentissima Senhora Marqueza á luz hum filho, que eu muito desejava, como criado tão favorecido da Casa de V. Excellencia: pelo que dou a V. Excellencia os parabens, e rendo a Deos as graças: á V. Excellencia, por me dar mais hum Anno; e a Deos, por ter ouvido os meus rogos. Queira o mesmo Senhor que este fructo se faça maduro, e que pelas suas virtudes humas vezes faça lembrar, outras esquecer a memoria dos nossos Heróes. V. Excellencia aceite estes meus desejos, como effeitos sinceros da grande obrigação, que devo a V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XV.

Como são tão distinctas as virtudes da Casa de V. Excellencia, por isso Deos se lembra tanto della, enriquecendo-a continuamente com os seus beneficios. He mui particular este do fellecissimo parto da Excellentissima Senhora Marqueza; porque por elle tem V. Excellencia hum successor para a sua grande Casa; e como he dado por Deos, igualmente o ha de ser dos muitos merecimentos de V. Excellencia. O mesmo Senhor lhe conserve a vida, para se fazer

digno de tão preciosas heranças, e a V. Excellencia guarde por muitos annos.

C A R T A XVI.

O parabem, que eu podéra receber por muitas razões, dou a V. Excellencia com muita alegria, pelo feliz parto da Excellentissima Senhora Condessa, em que nos deo á luz hum menino, a quem Deos Senhor nosso conserve a vida para continuar a successão, e a gloria da Casa de V. Excellencia. Queira o mesmo Senhor dar-nos muitas vezes este grande contentamento, porque de arvore tão especiosa devem ser infinitos os fructos. Eu firmemente espero este beneficio, pondo a consideração nos muitos serviços, que faz o mesmo Senhor á Casa de V. Excellencia, a quem offereço toda a minha vontade, para tudo o que fôr seu gosto. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XVII.

Sempre entendi que as exemplares virtudes da Excellentissima Senhora Condessa havião merecer a Deos muitos successos felices para a Casa de V. Excellencia, e agora fico persuadido que o seu felecissimo parto he effeito das suas mesmas virtudes. A ellas dou os parabens pela grande alegria, que quizerão dar a todos, e especialmente a mim, que, depois de V. Excellencia, sou dellas o maior venerador. V. Excellencia me mande como a seu mais agradecido servo, para não estar ociosa a minha prompta

obediencia. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XVIII.

Sejão dados a V. Senhoria mil parabens pelo bem succedido parto da Senhora D. N. . . . , de que eu concebo huma extraordinaria alegria, e igualmente huma esperança certa de que esta nova planta ha de florescer, para coroar com os seus merecimentos a illustre memoria de seus avós. Assim disponha Deos para elle ser duas vezes filho de V. Senhoria a quem o mesmo Senbõr guarde por muitos annos.

C A R T A XIX.

Em tão desejada occasião como he a do felicissimo parto da Excellentissima Senhora D. N. . . . , não posso deixar de manifestar a V. Senhoria o excessivo contentamento, com que fico, e maior, que terei, de que o menino conte idade adulta, para ver assegurada a successão da Casa de V. Senhoria, que tanto desejo, como huma das mais benemeritas deste Reino. Assim o faça Deos, como pôde, e guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XX.

Por muitos titulos, que V. Senhoria não ignora, lhe dou os parabens por dar a sua esclarecida Casa huma successão tão ditosa, como desejada dos que se prézão de Criados de V. Senhoria. Goze V. Senhoria esta felicidade por muitos annos, e deixe-nos

igualmente lograr outras semelhantes, para termos a gloria de vêr reproduzidas as virtudes de V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXI.

Assim como não ha quem me iguale em desejar continuas prosperidades á pessoa, e Casa de V. Senhoria, assim he maior, que todas as expressões, o contentamento, que recebo pela noticia do feliz parto da Senhora D. N...., em que deo á luz hum menino, a quem desejo vida, e que cresça mais nas virtudes, que na idade. Bem pudera V. Senhoria dobrar-me esta alegria, se assim como me deo esta noticia, me impuzesse ao mesmo tempo algum preceito, com que dêsse exercicio á promptidão da minha vontade: mas consolo-me, que, se V. Senhoria impede este sacrificio á minha obrigação, faz com que receba outro a minha paciencia, Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

PARA PESSOAS PÁRTICULARES.

C A R T A XXII.

DA noticia, que v. m. me dá do bem succedido parto da Senhora D. N...., resulta ao meu coração huma particular alegria, pelos desejos, que sempre tive de vêr estabelecida a Casa de v. m., de quem sou antigo criado. Deos Senhor nosso, assim como lhe fez o beneficio de dar-lhe tão suspirado filho, lhe continúe, fazendo com que chegue a idade, em

que pelos seus merecimentos possa servir de gloria a v. m., a quem tenho por grande honra servir como devo. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXIII.

Meu amigo. Em muita obrigação me deixa v. m. participando-me a nova do feliz parto da Senhora N. . . . , que eu estimo de hum modo, que a v. m. não sei explicar; assim porque Deos ouviu as suas incessantes súplicas, dando-lhe em hum menino a successão, de que tanto necessita, como porque espero que este recém-nascido, seguindo as mesmas pizadas de v. m., represente em beneficio publico os honrados merecimentos de seus avôs. Assim o disponha o Ceo, que guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXIV.

Meu amigo. Não posso descobrir o fundamento, por que v. m. não me havia participat a alegre noticia do feliz parto da Senhora N. . . . , quando certamente a minha fiel amizade, que tanto sabe applaudir os seus gostos, lhe não merecia este descuido; mas como para mim pézão mais as razões de amigo, que de politico, dou a v. m. muitas vezes os parabens com toda a sinceridade; e rogo a Deos que a menina recém-nascida chegue a idade, em que nas perfeições do corpo, e nas da alma se pareça com sua mãe. V. m. me trate com mais amor, e com mais imperio; porque me prézo de obedecer a v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXV.

Meu amigo. Cumpro Deos os meus desejos, porque deo á luz a Senhora D. N. . . . hum menino : nova que eu tanto apetecia ; e assim vou receber de v. m. parabens na occasião , em que lhos vou dar ; porque he de ambos a alegria , e o interesse : de v. m. , porque vê continuada a successão da sua Casa ; e de mim , porque espero ver neste menino continuada igualmente a successão dos meus protectores. V. m. me não exima dos seus estimaveis precitos , que ambiciosamente desejo. Deos guarde a v. m por muitos annos.

PARABENS A CAVALHEIROS

Por vinda de Embaixadas, e Governos.

C A R T A XXVI.

Muito tempo ha que o profundissimo talento, e as singulares virtudes, com que V. Excellencia representou tão dignamente na Corte de o Character de Embaixador de Sua Magestade, merecião na Patria ouvir da boca de todos as acclamações de vivas. V. Excellencia as ouça, e as logre, com o tributo, que offerecem a verdade, e a justiça aos merecimentos de V. Excellencia, e não a lisonja, ou a politica á grandeza da sua pessoa ; e entre tantos applausos digno-se V. Excellencia de aceitar estes meus parabens, tributo igualmente preciso, e sincero da minha gratidão tão devedora a V. Excellencia,

a quem ambiciosamente desejo servir. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XXVII.

Mais sei experimentar , que dizer a V. Excellencia o grande contentamento que tenho, de que, acabada a sua gloriosa Embaixada , se restituisse á nossa Corte ; porque as minhas obrigações por huma parte , e o meu affecto por outra cooperão para a minha alegria. As súplicas , que eu até aqui fazia incessantemente a Deos pela vinda de V. Excellencia , continuerei agora , para que dilate felizmente a vida de V. Excellencia , como a Patria em todos os seus successores ha de mister. Assim o queira o mesino Senhor , que tanto favorece a este Reino. V Excellencia me continue aquelle antigo uso de honrar com os seus preceitos a minha servidão. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XXVIII.

Com muitos beneficios favorece Deos Senhor nosso a este Reino ; porém o maior , segundo entendendo , foi dispôr que V. Excellencia , depois de tão prolixa , e perigosa viagem desde o Oriente , se restituisse á Patria , acabando feliz , e gloriosamente o seu Governo. Sim , senhor , este he o maior beneficio , porque mui particularmente necessitamos do valor , prudencia , e profundissimo talento de V. Excellencia , a quem Deos quiz fazer singular não menos para nossa utilidade , que desvanecimento. En-

tre tanta felicidade não resta mais que logar ardentemente ao mesmo Senhor que os annos de duração da vida de V. Excellencia sejam iguaes aos da fama súpplica, de que eu me não posso esquecer, ou attenda ao zelo de natural, ou ás obrigações de Criado mui favorecidó de V. Excellencia, a quem Deos guarde muitos annos.

C A R T A XXIX.

Tão enriquecido daquelles Thesouros, que dão as acções illustres, como pobre dos que produz o Oriente, acabou V. Excellencia o seu Vice Reinado da India, e chegou a esta Corte, aonde certamente havia ser recebido com sinceras, e devidas acclamações de todos, entre os quaes não tenho eu o segundo lugar; porque dou a V. Excellencia os parabens da boa vinda com as maiores expressões de contentamento; e para mostrar a V. Excellencia a grandeza d'elle, desejava escrever aquellas, que eu por defeito da minha capacidade não sei dizer. Vossa Excellencia se digne de honrar-me com seus frequentos preccitos, os quaes anciosamente fico esperando. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XXX.

A minha excessiva alegria pela chegada de Vossa Senhoria a este Reino não soffreo demora em dar a V. Senhoria os parabens, levado não menos da minha fiel amizade, que das particulares obrigações, com que V. Senhoria me tem feito seu perpétuo de-

vedor. Descance V. Senhoria do grave pezo dos cuidados, em que o tinha tão importante Governo, e ouça os applausos, e louvores de todos, ou como unico, e mais digno premio aos seus grandes serviços, ou como principio glorioso da sua immortal memoria. Entretanto não se esqueça V. Senhoria igualmente dos meus applausos, e dos seus preceitos, para não ter occiosa a minha vontade. Deos guarde a Vossa Senhoria por muitos annos.

C A R T A XXXI.

Seja V. Excellencia tão bem vindo do seu Governo, como sempre nesta Corte foi de todos desejado; e isto he o que mais posso desejar a V. Excellencia pela sua chegada a este Reino, o qual certamente se reveste de hum novo prazer, vendo que outra vez recebe na pessoa de V. Excellencia a sua gloria, e o seu augmento. Eu; como hum dos mais obrigados a V. Excellencia, me interesso igualmente muito na sua vinda; porque me continuará V. Excellencia a mercê dos seus preceitos, e da sua protecção. Para todos estes fins, Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XXXII.

Dou mais parabens á minha ventura, que a V. Senhoria, pela sua chegada a esta Corte; porque já tenho de mais perto a V. Senhoria, para poder mais diligentemente buscar as suas ordens, e desempenhar (se he possivel) as minhas obrigações. Deos

G

Senhor nosso me dê a consolação de dilatar a vida , e continuar a saude de V. Senhoria por tantos annos, quantos eu com sinceridade lhe desejo , etc.

C A R T A XXXIII.

Dou a V. Excellencia mil parabens por se ver restituído á Patria , e não roubado a ella ; porque a vinda de V. Excellencia he propriamente restituição, pois he roubo , que se faz á Patria , quando se lhe tira hum Cavalheiro como V. Excellencia , de que ella tanto necessitava para a sua gloria , e conservação politica. Está-se-me representando a alegria de todo este Reino ; e como eu pelo zelo de nacional devo ser interessado nos séus augmentos , acompanho este geral contentamento , de que torno a dar parte a V. Excellencia , para que se persuada não só do meu affecto , mas igualmente da minha gratidão os muitos beneficios , que tenho recebido da grandeza de V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXXIV.

Logo que tive a alegre noticia da chegada de V. Excellencia á Patria , confesso com toda a sinceridade que me enchi de hum contentamento igual ao pezar , com que fiquei pela sua partida. Dou a Vossa Excellencia mil parabens, e a toda a sua grande Casa ; e rogo a V. Excellencia me queira agradecer este excessivo prazer , mandando-me frequentes occasiões , em que possa sacrificar a minha vontade á de V. Excellencia , a quem Deos guarde muitos annos.

C A R T A XXXV.

Todos darão a V. Excellencia os parabens pela sua restituição a este Reino; porém ninguem os dará a V. Excellencia com mais sincero contentamento do que eu; porque, sobre as fortes razões do sangue, tenho as fortissimas de huma antiga, e sempre fiel amizade, acompanhadas de não vulgares obrigações, que são indeleveis na minha memoria. Espero brevemente repetir mais parabens, pelos despachos, com que Sua Magestade premiará os avantajados serviços, que V. Excellencia lhe fez no seu Governo com tanta utilidade da Coroa, como crédito do seu nome. Fico igualmente esperando as ordens de Vossa Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXXVI.

Sendo tão excessivo o meu contentamento pela chegada de V. Senhoria a esta Corte, quanto maior seria, se eu pessoalmente pudesse dar os parabens a V. Senhoria! Mas como a penosa distancia o embaraça, fará a penna officio da lingua, e terá o coração o exercicio dos olhos, dando, como he possível, as boas vindas a V. Senhoria, que estimarei chegasse com felicissima saude, e viagem, para se augmentar muito mais o meu contentamento. Desperte V. Senhoria a minha servidão há tanto tempo privada dos seus preceitos, que ambiciosamente fico esperando. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

PARA PESSOAS PARTICULARES.

C A R T A XXXVII.

MEu amigo. Não quero principiar por queixas, que tão justamente podia formar pela falta da correspondencia, que v. m. comigo teve em todo o tempo do seu Ministerio fóra deste Reino; porque quero dar lugar a todo o contentamento pela feliz chegada de v. m.: della lhe dou mui sinceros parabens, e a toda a sua Casa, que tanto suspirava por esta vinda; e passará a excessiva a minha 'alegria, se v. m. vier com robusta saude, a qual lhe desejo por muitos annos, como seu antigo, bem que pouco lembrado, servidor. Continue-me v. m. a honra da sua correspondencia, e dos seus preceitos; porque lhe não merece menos a minha fiel amizade, e servição. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXXVIII.

Meu amigo. Foi força de venturosa estrella chegar v. m. á sua Patria depois de tão rigorosos trabalhos padecidos, não menos na terra, que na prolixa viagem do mar de tão grande beneficio eu sou hum dos que rendo graças ao Senhor, e dou parabens a v. m. com todas as expressões, que póde dictar huma verdadeira, e antiga amizade, que nem a distancia, nem o tempo souberão esquecer, e menos diminuir. Esta mesma constancia experimentará v. m. sempre em mim, e muito mais se me der frequentes occa-

siões de me empregar no seu serviço, como devo. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXXIX.

Meu amigo. Se esta minha Carta pudesse voar tanto, como v. m. o meu ardentissimo desejo, conheceria v. m. com evidencia não só a singularidade da minha amizade, mas igualmente o excessivo do meu contentamento pela sua boa chegada a esta Corte; mas como intento hum impossivel, sirva-se v. m. de acceitar estes meus parabens, do modo que posso, e não menos o desejo, que tenho do seu brevissimo Despacho, do qual me persuadem os conhecidos, mas não vulgares, serviços de v. m. feitos nos Postos, que tem occupado com tanta satisfação da justiça: assim desta o espero, e de v. m. continuadas occasiões de lhe poder dar gosto, como devo. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

N. B. As Respostas a estas Cartas de Parabens facilmente se podem formar, com mui pouca alteração, das Respostas, que vão ás Cartas de Parabens para Cardeaes, Bispos, Cavalheiros, etc. no que não encontrará dúvida a habilidade do Secretario.

CARTAS DE BOAS FESTAS.

ADVERTENCIA.

HE mui louvavel, e antigo o uso das Cartas de Boas Festas, que se dão pelo Nascimento, e Resurreição de Christo; porque por estes Mysterios vierão ao mundo as maiores felicidades. O modo de as ordenar he o seguinte: Annunciaremos prosperidades á pessoa, a quem escrevemos, não só temporaes, mas tambem daquellas, que nos concedem os altos Mysterios do Nascimento, e Resurreição do Senhor. Se a pessoa, para quem he a Carta, nos for superior, faremos o mesmo, que em qualquer Carta, que he explicar o nosso conceito com expressões reverentes: dizendo v. g. que nasce das nossas obrigações, ou do nosso agradecimento, ou do nosso vivo affecto . e desejo, com que lhe annunciamos festas felices. No fim da Carta com todo o respeito nos offereceremos ás suas ordens, as quaes muito desejaremos. Se a pessoa nos for igual, e amiga, usaremos de expressões nascidas de amizade, dizendo v. g. que esta se não podia esquecer em lhe desejar festas alegres, etc. Nas respostas agradeceremos a attenção á pessoa, que nos escreve, e lhe desejaremos o mesmo, que nos annuncia, tom termos dignos da qualidade da sua pessoa. Ao Secretario, como pessoa, que deve ser instruida na Arte Rhetorica, não lhe faltarão modos, por onde principie, e discorra nestas Cartas, que pertencem humas vezes ao genero Demonstrativo, e outras ao Delibera-

tivo; porém mais communmente a este, porque mais se dirigem a persuadir, que a louvar.

CARTAS DE BOAS FESTAS.

Para Bipsos, e Cardeaes.

C A R T A I.

TRibuta obsequios aos merecimentos de V. Eminencia, quem deseja para V. Eminencia com particulares votos as maiores prosperidades; e sendo eu quem com mais profunda humiliação venéra as altas virtudes de V. Eminencia, não pôsso em tempo tão proprio, como o do santo Natal, deixar de annunciar a V. Eminencia festas felicissimas, chéas daquellas prosperidades, que vem ao mundo com a santissima vinda do Menino Deos. O mesmo Senhor o disponha assim, como lhe peço, e guarde a Vossa Eminencia por muitos annos, como necessito, etc.

C A R T A II.

Estou mui firmemente persuadido da sincera estimação, que V. Eminencia faz dos meus obsequios; e assim vou augmentar o meu crédito, desejando a V. Eminencia festas prosperissimas neste santissimo tempo de Natal. Supplicó a V. Eminencia, que, depois de receber este meu annual tributo com a sua costumada benignidade, satisfaça a ambição que tenho, de me desvanecer com as ordens de V. Eminencia, para as quaes a minha vontade perdeo hz muito tempo o privilegio de livre. Deos nosso Se-

nhor guarde a importante vida de V. Eminencia por muitos annos, como a sua Igreja ha de mister, etc..

C A R T A III.

Vou dar a V. Eminencia hum novo testemunho do humilde, e sincero obsequio, que rendo á alta Dignidade, e mais altos merecimentos de V. Eminencia, annunciando-lhe todas as felicidades nestas festas Natalicias: com o que não pertendo satisfazer ás innumeraveis obrigações, que devo a V. Eminencia, mas sim rogar á sua natural benignidade, que me dê occasiões, para de algum modo as poder diminuir, empregando-me continuamente no exercicio das suas estimaveis ordens. A pessoa de V. Eminencia guarde Deos por dilatados annos, como todos lhe rogamos, etc.

C A R T A IV.

Ao singular merecimento de V. Eminencia são devidas todas aquellas felicidades, que nem dá o mundo, nem a fortuna domina. Eu as desejo para V. Eminencia com a mais ardente vontade neste santissimo tempo do Nascimento do Senhor; e espero da gratificação de V. Eminencia, que se digne de me honrar com os seus estimadissimos preceitos, para eu ter o desvanecimento de não ser Criado ocioso de V. Eminencia, a quem Deos Senhor nosso dilate a vida pelos muitos annos, que todos havemos mister, etc.

C A R T A V .

Em toda a occasião devo manifestar a V. Eminencia o meu profundissimo obsequio, obrigado dos particulares beneficios de que a V. Eminencia sou eterno devedor; porem na presente Festa do Nascimento do Senhor tenho a particular honra de V. Eminencia me conhecer por hum Criado o mais interessado nas suas felicidades, as quaes rogo ao Ceo que sejam iguaes aos singulares merecimentos de V. Eminencia, a quem peço me queira honrar com as suas ordens, para eu testificar com as obras a verdade do que escrevo. A Dignissima Pessoa de V. Eminencia guarde Deos por largos annos, como todos necessitamos, etc.

C A R T A VI.

Em toda a occasião, que considero nos incomparaveis merecimentos de V. Eminencia, se me accende o desejo de ver a V. Eminencia prosperado com as felicidades, que vem do Ceo. Todas ardentemente peço para V. Eminencia na presente festa do santo Natal; para que V. Eminencia conheça o profundissimo respeito, com que venero as suas altas virtudes: em attenção ao qual, fico na firme esperança de que V. Eminencia me ha de fazer a honra de me desvanecer com os seus estimaveis preceitos, que promptamente hei de cumprir. A pessoa de V. Eminencia guarde Deos por felices, e dilatados annos, como havemos mister, etc.

C A R T A VII.

Reputo perdido aquelle tempo, em que não tenho a fortuna de tributar a V. Excellencia o meu profundo obsequio. Com mui particular contentamento me valho da presente occasião da Festa do santissimo Natal, para orrender a V. Excellencia, com lhe desejar alegres festas, acompanhadas das maiores felicidades, com que Deos nascido favorece hoje os homens. V. Excellencia se digre não só de receber este meu ardente desejo, como derivado dos antigos favores, com que V. Excellencia me tem honrado; mas igualmente de o premiar com as suas ordens, como ao mais fervoroso, e sincero de todos os que V. Excellencia por esta occasião recebe. Deos Senhor nosso guarde a pessoa de V. Excellencia por largos annos como a sua santa Igreja necessita, etc.

C A R T A VIII.

Não vou desejar, vou receber de V. Excellencia as felicidades, que nascem hoje no mundo com o Nascimento do Senhor; porque destas, como particulares da dádiva do Ceo, não ha quem tenha maior thesouro que V. Excellencia; porque dellas se faz mais digno pelas exemplares virtudes, com que apascenta o rebanho do mesmo Senhor. V. Excellencia se digre de me participar esta felicidade por meio das suas poderosas orações, para eu ter alegres festas, e igualmente me faça a honra de me dar no seu serviço occasiões, com que me possa gloriar de ser hum Criado mui favorecido de V. Excellencia,

a quem Deos guarde por tantos annos, quantos são os votos dos seus subditos, etc.

C A R T A IX.

Assim como não ha quem se não edifique com as exemplares virtudes de V. Excellencia, empregadas todas em beneficio da sua Santa Igreja, assim igualmente não ha quem não deseje para V. Excellencia continuas felicidades, não menos para ver premiados os merecimentos de V. Excellencia, que mais avantajadas as utilidades des seus subditos. Eu, que no affecto, e na obrigação sou o maior de V. Excellencia, não me contento só com desejar a V. Excellencia as felicidades do mundo, desejo-lhe tambem as do Ceo, que nos annuncia a presente solemnidade do santissimo Natal. V. Excellencia as logre com huma vida tão dilatada, como necessitão os interesses da Igreja, etc.

C A R T A X.

Com o mais sincero, e ardente desejo rogo a Deos, na presente occasião do seu santissimo Nascimento, que participe a V. Excellencia as maiores felicidades; porém são de tão pouca força as minhas súplicas, que receio muito não consigão o que tão anciosamente pertendem; e só confio nas mui distinctas virtudes, com que V. Excellencia rege a sua Santa Igreja, que lhe hão de alcançar do Senhor estas prosperidades; as quaes certamente hão de ser copiosas, porque os merecimentos de V. Excellencia

são muitos. Offereço toda a inutilidade do meu prestimo ás disposições de V. Excellencia, a quem Deos guarde pelos annos, que todos desejão; etc.

C A R T A XI.

He inexplicavel o desejo, que tenho, de que V. Excellencia pelas felicidades conte os annos da sua vida; porém nenhuma desejo para V. Excellencia com mais ardentes votos, que as presentes, que nos dá a santissima Festividade da Resurreição do Senhor; que estas, como vindas do Ceo, he que são mais proprias de V. Excellencia, que com tanta vigilancia cultiva a vinha Evangelica da sua santa Igreja, e colhe della tão copiosos, e sazoados fructos. que não conhecem as virtudes Pastor mais rico. Para tão importantes serviços guarde Deos a pessoa de V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XII.

Desejar para V. Excellencia as mais altas felicidades não he obsequio, he obrigação, que de justiça se deve ás raras virtudes de V. Excellencia, exercitadas com tanta edificação de todos no seu Pastoral Officio. Como tal as annuncio a V. Excellencia nesta santissima Solemnidade da Resurreição do Senhor, a quem com ardentes votos supplico as communique copiosamente a V. Excellencia, e que guarde por seculos a sua tão importante vida, como necessitamos, etc.

C A R T A XIII.

He meu particular interesse desejar a V. Excellencia, e á sua Excellentissima Casa dilatadas prosperidades; porque se V. Excellencia as gozar proporcionadas ao seu grande merecimento, posso eu igualmente por hum tempo viver á poderosa sombra do patrocínio de V. Excellencia, e ter dellas huma grande parte: motivo, porque lhe desejo felicissimas as festas do santo Natal, e que venhão acompanhadas daquellas felicidades, com que Deos pelo seu Nascimento enriquece o mundo. V. Excellencia se sirva de me distinguir entre os seus Criados com a honra dos seus continuos preceitos, os quaes não desmerece a minha veneração, e vontade. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XIV.

Do particular desejo, que tenho, de que Vossa Excellencia logre as maiores felicidades, nasce o desejar para V. Excellencia, todas as que dá a presente solemnidade da Resurreição do Senhor, a quem rogo que, attendendo á sinceridade dos meus votos, as conceda a V. Excellencia, como premio devido aos seus virtuosos merecimentos. Estou na firme esperança de que V. Excellencia se não ha de esquecer de premiar este meu preciso obsequio, dando com seus frequentes preceitos exercicio á minha ambiciosa obediencia. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A X V.

Em desejar a V. Excellencia festas felicissimas, na presente occasião do santo Natal, dou maç exercicio á minha precisa obrigação, que ao meu voluntario obsequio; porque está V. Excellencia particularmente empenhado em sempre me fazer favor. Rogo a V. Excellencia que benignamente accete este sincero effeito da minha gratidão, e que com os seus estimadissimos preceitos satisfaça ao unico desejo, com que vivo de servir a V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A X V I.

Desejando eu sempre para V. Excellencia continuas prosperidades, certamente perderia huma grande occasião, se deixasse de as annunciar a V. Excellencia nesta santissima Festividade da Resurreição do Senhor: pelo que as vou desejar a V. Excellencia com as mais sinceras expressões, as quaes desejava ver agradecidas por V. Excellencia, honrando a minha obediencia em todo o tempo com as suas ordens, de que fico muito certo; porque V. Excellencia sabe buscar todos os modos para me fazer favor. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A X V I I.

Desejar a V. Excellencia felicidades quem a Vossa Excellencia vive obrigado, mais obra como agradecido, que obsequioso. Eu, que devó a V. Excellen-

cia tantos benefícios , quantos em nenhum tempo poderei expressar , levado da obrigação , em que elles me constituem , vou aos pés de V. Excellencia desejar-lhe todas aquellas prosperidades , que nascem no mundo com o Nascimento do Menino Deos , a quem rogo conceda a V. Excellencia não só estas , mas dilatados annos de vida como eu muito necessito , etc.

C A R T A XVIII.

A solemnidade santissima da Resurreição do Senhor he destinada para tributos , e para igualmente se impetrar do Ceo as maiores prosperidades. Eu os rendo de sincero obsequio a V. Excellencia , e lhe desejo todas as felicidades de que se fazem dignas as suas conhecidas virtudes ; assim por ver estas premiadas , como diminuidas aquellas obrigações , com que a innata benignidade de V. Excellencia continuamente me está ligando , as quaes , sendo grandes , poderão ser maiores , se V. Excellencia quizer dispôr da minha vontade tudo o que for servido. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XIX.

O maior testemunho , que posso dar a V. Senhoria da minha fiel servidão , he desejar para V. Senhoria continuas , e copiosas felicidades ; e sendo as do santo Natal presente as mais consideraveis , e igualmente as mais dignas das virtudes de V. Senhoria , não posso deixar de lhas desejar ; e por este meio dar exercicio á minha servidão , já que V. Senhoria

a tem ociosa com a falta dos seus preceitos. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XX.

Não ha quem seja mais interessado do que eu , nas prosperidades de V. Senhoria ; porque reputo todas por minhas : pelo que neste presente tempo do Nascimento do Senhor annuncio a V. Senhoria com excessivo desejo todãs aquellas felicidades , que eu appetecêra para mim mesmo , e mais ainda ; porque não tenho os merecimentos , que todos venerão na pessoa de V. Senhoria. Se V. Senhoria quizer experimentar a minha agradecida servidão , não perca tempo em me impôr o suave pezo dos seus preceitos ; porque a minha vontade está sacrificada á de V. Senhoria , a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXI.

Os virtuosos merecimentos de V. Senhoria são capazes por si mesmos de conseguir as maiores prosperidades ; motivo , por que não as vou annunciar a V. Senhoria na presente festa Natalicia , mas sim a lembrar-lhe a minha grande , e singular obrigação , a qual me individa de maneira , que em nenhum tempo me poderei desempenhar : o que eu muito estimo ; porque della me resulta a gloria , e a utilidade de ser Criado mui favorecido de V. Senhoria , a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXII.

O desejo, que continuamente tenho, de que Deos Senhor nosso prospere a V. Senhoria com as verdadeiras felicidades, me obriga a rogar incessantemente ao mesmo Senhor que communique a V. Senhoria todas aquellas, com que por meio do seu Nascimento favorece o miseravel estado da nossa natureza. Se V. Senhoria admittir benignamente a sinceridade destes meus votos, estou certo que em recompensa me hade mandar occasiões, em que possa servir, como devo, a V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXIII.

Em toda a occasião he grande o desejo, que tenho de ver prosperado a V. Senhoria: porém nesta da santissima Pascoa he extraordinario; porque são incomparaveis as felicidades, que nos vem por tão mysteriosos dias. Os meus ardentes rogos firmemente esperão que o Senhor resuscitado visite a V. Senhoria com estas verdadeiras prosperidades; e a minha servidão está igualmente na certeza de que V. Senhoria senão ha de esquecer de a honrar com os seus preceitos. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XXIV.

Desejar a V. Senhoria as muitas altas felicidades he meu mui particular interesse; porque de qualquer prosperidades de V. Senhoria resulta no meu ani-

H

mo huma interior consolação : motivo , por que neste alegrissimo tempo da Pascoa do Senhor vou de sejar a V. Senhoria enchentes de felicidades com o desejo mais ardente , que póde caber nos limites de huma amizade verdadeira. Fico esperando as ordens de V. Senhoria , a quem Deos guarde por muitos annos.

PARA PESSOAS PARTICULARES.

C A R T A XXV.

MEu amigo. Todo o meu desejo está emponha-
do no gosto, de que v. m. tenha festas tão prosperas, que nem eu, nem v. m. tenhamos mais que desejar. V. m. receba este meu sincero obsequio como memorial, em que exponho o affecto da minha fiel amizade, e em que rogo a v. m. que exercite por meio dos seus honrosos preceitos o poder, que tem sobre a minha vontade. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXVI.

As continuas, e não vulgares attensões, com que v. m. está sempre obrigando a esta sua Casa, fizerão com que todos della, não menos para seu desempenho, que para sua honra, se declarassem verdadeiros Criados de v. m.; e como taes vão, do modo que lhes he possivel, buscar os pés de v. m., e desejar-lhe festas felicissimas, acompanhadas de huma saude tão perfeita, que satisfaça aos nossos de-

sejos. Será superfluo offererê a v. m. o nosso pres-
tito, porque bem sabe o quanto está sempre prom-
pta a nossa vontade. Deos guarde a v. m. por mui-
tos annos.

C A R T A XXVII.

Meu amigo. Vou com o mais ardente desejo
annunciar a v. m. aquellas enchentes de prosperida-
des, com que se enriquece o mundo no presente tem-
po do santo Natal, as quaes as minhas obrigações lhe
devem desejar, e os merecimentos de v. m. sabem
merecer. Aceite v. m. com sincera benignidade es-
te meu annual tributo, como offerecido mais pelo
agradecimento, que pela politica; e manda-me con-
tinuados empregos no seu serviço, para eu ter a
honra de me ver particularizado entre os seus Cria-
dos. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

RESPOSTAS A CARTAS DE BOAS
Festas de Cardeaes.

C A R T A I.

A S felices festas, que V. Excellencia me annun-
cia na presente solemnidade do santo Natal,
bem evidentemente manifestão o distincto affecto,
com que V. Excellencia me trata; e assim como me
obrigão a hum proporcionado agradecimento, assim
me movem a pedir a V. Excellencia que me conceda
muitas occasiões, em que lhe possa dar gosto. Deos
guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A II.

Da natural benignidade de V. Excellencia he que nasce o ardente affecto, com que me deseja alegres festas, e continuas prosperidades: obsequio que eu mui particularmente estimo, e para minha perpétua lembrança o proponho no numero das outras muitas attentões, com que V. Excellencia me trata. Como V. Excellencia sabe o sincero desejo, que tenho em lhe dar gosto, he desnecessario offerecer a V. Excellencia a minha vontade. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A III.

Unicamente o impulso da innata benignidade de V. Senhoria he quem moveo a V. Senhoria a annunciar-me prosperidades na presente festa da Pascoa do Senhor; as quaes elle, que com a sua gloriosa Resurreição santifica estes dias, reparta mui copiosamente com a V. Senhoria, a quem affereço a minha vontade, como seu grande obrigado, e antigo venerador. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A IV.

Se eu não estivera ha muito tempo persuadido do grande affecto, e attentão, com que V. Senhoria me trata, tinha agora a maior prova na attentiosissima Carta de V. Senhoria, na qual me annuncia todas aquellas fellicidades, que vem ao mundo com o glorioso Nascimanto do Senhor. Com estas, e si-

milhantes attentões está V. Senhoria sempre gravando a minha obrigação, e augmentando-me o desejo de dar gosto a V. Senhoria em tudo o que for servido, do que a minha vontade está tão prompta, como desejosa. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

D E B I S P O S .

C A R T A V .

Acceite V. Excellencia como sinceras, e como devidas, estas expressões, com que do modo que posso, agradeço a V. Excellencia o cuidado, com que deseja festas mui felices neste santo tempo de Natal. Deos Senhor nosso, que com o seu Nascimento traz tantas felicidades ao mundo, que dellas se faz tão pouco merecedor, as communique a V. Excellencia, que tanto as merece: súpplia, de que eu me não posso esquecer, como tão obrigado a V. Excellencia, a quem offereço toda a minha vontade para tudo o que me ordenar. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A VI .

De huma grande consolação me servio a Carta de V. Excellencia, em que me annunciava todas aquellas prosperidades espirituaes, que nos dá a gloriosa Resurreição do Senhor; porque as conhecidas virtudes de V. Excellencia são mui poderoras intercessoras para me conseguir do Ceo estes bens, de que

tanto necessito para a cultura da vinha, que me está encarregada. Se V. Excellencia se persuadir que em mim ha algum prestimo para o seu serviço, pôde dispôr da minha vontade, como sua. Deos guarda a V. Excellencia por muitos, e felices annos em seu santo serviço.

C A R T A VII.

Não perde V. Senhoria occasião em me obrigar; e nesta do santo Natal, em que me annuncia alegres festas, sóbe a maior auge a minha obrigação; porque me deseja aquellas felicidades, que não tem a sua origem na fortuna, mas sim no santissimo Nascimento do Senhor. Elle as reparta com V. Senhoria, e comigo: com V. Senhoria, porque as merece; comigo, porque dellas necessito, para regular melhor as acções do meu Pastoral Officio, no qual, se eu puder dar gosto a V. Senhoria, poderá V. Senhoria dispôr da minha vontade, como fôr servido. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A VIII.

Recebi, com igual estimação, e contentamento, a attenciosa Carta de V. Senhoria assim por ser de V. Senhoria, como por nella me annunciar nesta santa Pascoa, festas muito alegres, chêas daquellas felicidades, a que todos devemos aspirar. Não posso desempenhar-me com V. Senhoria, que tanto me favorece, senão rogandô ao Senhor que prospere continuamente a pessoa, e Casa de V. Senhoria não só

com semelhantes felicidades, mas com dilatados annos de vida, todos empregados no seu santo serviço, etc.

DE CAVALHEIROS.

CARTA IX.

Não podia a bondade de V. Excellencia, e o particular favor, com que me trata, esquecer-se de annunciar-me festas felices, porque não sabe V. Excellencia perder tempo em me desejar felicidades. Esta obrigação, em que V. Excellencia me põe, sendo grande, ainda eu posso pagar, desejando igualmente a V. Excellencia nestas festas as mesmas prosperidades; e se esta possibilidade se dêsse nas outras obrigações, não me expuzera eu a parecer ingrato; mas satisfazendo a V. Excellencia como posso, obro como devo, que he offerecer-me todo a V. Excellencia, para tudo o que for seu gosto. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

CARTA X.

Dá-me V. Excellencia claramente a conhecer a singular benevolencia, e attenção, que comigo usa, na sinceridade com que me deseja prosperar festas; e reflectindo eu nas precisas obrigações, em que Vossa Excellencia me põe, dou a V. Excellencia os mais vivos agradecimentos, e offereço-lhe com animo igualmente sincero a minha vontade, para della dispôr

o que for do seu maior agrado. Deos guarde a Vossa Excellencia por muitos annos.

C A R T A XI.

Muito pouco mereço a V. Senhoria na sua attenciosa Carta de boas festas; porque servindo-se de me annunciar nella muitas, e continuas felicidades, não me quiz desvanecer com os seus estimaveis preceitos, merecendo-os tanto a minha veneração, e pedindo-os tão justamente o meu agradecimento. Porém confio muito que V. Senhoria daqui em diante não ha de permittir que eu pareça ingrato, tenho em tanta ociosidade a minha obediencia. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XII.

Da grande bondade de V. Senhoria he que nasce o sincero desejo, com que me annuncia festas felicissimas nestes santos dias Natalicios; de que fico tão particularmente obrigado a V. Senhoria, que, sobre lhe desejar com vivo affecto as mesmas prosperidades, sacrifico ás disposições de V. Senhoria toda a minha vontade, se ella puder ter algum prestimo no seu serviço. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

PARA PESSOAS PARTICULARES.

C A R T A XIII.

Meu amigo. Não posso expressar a v. m. a obrigação, em que me poz a sua attenciosissima Carta, em que me annunciava festas mui prosperas; porque certamente não mereço a v. m. tanta attenção; mas esta he a sincera generosidade do seu animo, a qual eu não posso agradecer, senão confessando-me publicamente seu perpétuo devedor, e sacrificando-me todo no seu serviço, se a benignidade de v. m., que tanto se empenha em honrar-me, me quizer tambem conceder esta mercê. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XIV.

Meu amigo. Não me julgo digno de merecer a honra, que v. m. me faz, desejando-me nestas Festas Natalicias tantas prosperidades, se v. m. senão servir, como vivamente lhe supplico, de dar exercicio á minha vontade com frequentes preceitos; porque esta he a honra, que eu mais desejo, e a maior felicidade, a que aspiro, assim para minha gloria, como meu desempenho. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XV.

Meu amigo. Recebo com a maior distincção o primoroso cuidado, com que v. m. neste santo tem-

po da Pascoa me deseja festas alegres, e prosperidades continuas; mas recebo-o com a condição, de que v. m. não ha de perder tempo em me empregar no seu serviço; porque só deste modo poderei lograr as felicidades que me deseja. Assim o espero de v. m., porque assim o merece a minha fiel amizade, e reverente servidão. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XVI.

Meu amigo, Em grande obrigação me constitue o primoroso cuidado, com que v. m. he servido annunciar-me festas felices, prorogando-me o gosto destas com favor das suas letras. Desejára ou vivas expressões, por meio das quaes pudesse agradecer a v. m. tão particular honra; porém ao defeito do meu entendimento supprirá o excesso da minha vontade toda sacrificada ás suas ordens. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

CARTAS DE OFFERECIMENTO.

A D V E R T E N C I A .

HE o offeracer hum effeito proprio do amor; porque nenhuma outra cousa he amar a algum, que buscar para o objecto amado alguma cousa estimavel, como diz Aristoteles no seu livro de Retorica; e as dadivas são sem duvida o sustento, com que se nutre, e conserva o amor, tanto na pessoa que dá, como na que recebe; porém he cousa tanto mais nobre o dar que o receber, quan-

te o operante he mais nobre que a cousa operada. Ainda que não ha cousa, que se venda mais cara que hum presente, com tudo he mui nobre este contrato, no qual os animos mais generosos contratão com grande lucro; porque muitas vezes com hum pequeno donativo ganhão o affecto, e os corações dos homens. São poucos os preceitos, que nesta especie de Cartas se podem dar, e podem-se dividir em tres partes. Na primeira se poderão louvar as virtudes, e merecimentos da pessoa, a quem se presentea, se a occasião, e o estylo o pedir. Na segunda parte se ha de procurar dispôr o animo da pessoa, a quem offereceremos alguma cousa, para que a receba com agrado, mostrando v. g. o affecto, que lhe temos; a servidão, que lhe professamos, e o desejo, com que vivemos; de nos conservar na sua garça, usando sempre daquelles termos, que sejam decentes, tanto á qualidade da pessoa que dá, como da que recebe; e cuidaremos tambem muito na qualidade da amizade que ha. Na terceira parte mostraremos com artificio a tenuidade do presente, dizendo v. g. que he inferior á nossa obrigação, e ao nosso desejo, e lhe rogaremos que benignamente o acceite, como testemunho do nosso amor, e gratidão, se ha amizade; ou que perdoe a confiança, se a amizade não for estreita; e logo daremos fim á Carta, se algum negocio não acompanhar o donativo. Não só se chamão Cartas de offerecimento aquellas, em que algum mandamos alguma cousa, mais igualmente debaixo deste titulo se comprehendem aquellas, que offereceramos a nossa amizade, favor, ou patrocínio, sem que muitas vezes

para tal sejamos rogados; e muito mais se as pessoas forem benemeritas pelas suas letras, e virtudes; ou tambem se forem daquellas, que, necessitando de algum favor, não se querem valer de nós, ou por modestia, ou outros respeitos. Nesta especie de offerecimentos poderemos discorrer desta sorte: depois de propôr a nossa amizade, diremos que estamos promptos para o servir, e lhe dar gosto em tudo o que for de sua utilidade, agrado, e reputação da sua pessoa. Se o amigo estiver em alguma vexação, offereceremos sinceramente o nosso prestimo, para nella lhe valer, e lhe rogaremos que o queira acceitar, porque nisto nos diminuirá apezar, com que estamos pela sua afflicção, etc. Devendo-se estas Cartas organizar com expressões vivas, e sinceras, para que não pareçam nascidas méramente da politica; mas sempre olbaremos muito para o caracter da pessoa que escreve, e daquella o quem escreve: e esta he huma das cousas, a que mais deve attender o Secretario, como huma das maiores difficuldades do seu Officio, como já por vezes havemos recommendado. Pertencem estas Cartas ao genero Demonstrativo, etc.

CARTAS DE OFFECIMENTO.

C A R T A I.

SE eu não fôra Criado, e mui favorecido de Vossa Excellencia, de nenhum modo me attrevera a offerecer a V. Excellencia essa galantaria; porém, confiado nesta poderosa circumstancia, tenho a confian-

ça de a enviar a V. Excellencia, que benignamente a ha de acceitar; porque sabe descobrir todos os modos de honrar aos seus Criados. V. Excellencia me conserve na sua estimavel graça; e para della me dar a maior prova, sirva-se V. Excellencia de me enviar os seus preceitos, que anciosamente fico esperando. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A II.

Como eu não ignoro que os melhores, e mais acceitos obsequios são os mais sinceros, vai o meu affecto offerer a V. Excellencia essa galantaria, que agora me foi mandada. Por esta razão não fico duvidoso do modo, com que V. Excellencia a acceitará; porque estou certo que em recompensa me ha de V. Excellencia presentear igualmente com o inestimavel mimo dos seus preceitos, de que summamente sou ambicioso. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A III.

Como he ardente o desejo, que tenho de responder em alguma parte ás obrigações tão particulares, em que V. Senhoria me tem posto, animo-me a offerer a V. Senhoria a minha Quinta de...., para nella pousar na sua jornada a...., por todo o tempo, que for servido. Se V. Senhoria me não desoulpar esta confiança, offerço-me para todo a castigo; mas se benignamente a acceitar, desejára muito que V. Senhoria me agradecesse, particulari-

zando-me entre os seus Criados com frequentíssimos preceitos ; porque a minha vontade não póde ser mais prompta. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A IV.

He tão particular, e tão publico o favor, com que V. Senhoria me trata, que me abre caminho para me animar a offerecer a V. Senhoria esses : offerecimento pequeno, se attender á grandeza da minha obrigação ; mas próprio, se se considerar a minha tenuissima possibilidade. Como tal o aceite V. Senhoria ; e se V. Senhoria quizer ver maiores effeitos do meu agradecimento, conceda-me a honra dos seus preceitos, que eu saberei executar com tanta promptidão, como vontade. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A V.

A benignidade com que V. Excellencia se tem dignado de estimar a minha reverente servidão, he a que me faz animoso para offerecer a V. Excellencia essas : offerecimento, que seria muito digno de V. Excellencia, se tivesse tanto de grandioso, como tem de sincero. Espero que V. Excellencia pela grandeza do seu animo o há de acceitar com hum tal agrado, que augmente eu numero das minhas obrigações, e não cesse em inquirir occasião de poder servir a V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A VI.

Animo-me a offerer a V. Excellencia essas.... porque V. Excellencia pela sua benignidade permite aos seus amigos o obrarem similhantes acções. Bem desejava eu que fossem muitas no numero, e raras na bondade; porém a Estação o dispoz de outro modo, talvez para que eu mostrasse mais a grandeza do meu affecto, que do meu animo: motivo, por que me animei, como tambem pela consideração de que V. Excellencia, quando se serve de aceitar as minhas galantarias, as recebe como sincero sinal da minha amizade, e servidão, a favor das quaes peço a V. Excellencia as suas ordens. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A VII.

Tenho a noticia de que V. Senhoria ha de fazer jornada....; e como necessariamente ha de passar pela minha Quinta de...., rogo incessante a V. Senhoria se queira servir della por todo o tempo porque lhe parecer; advertindo a V. Senhoria, que se for muito, maior será a minha honra, e o meu gosto. He este tão ardente, que para V. Senhoria mo satisfazer, offereço a V. Senhoria por valia aquella sincera, e prompta vontade, com que sempre desejei servir a V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A VIII.

Quando V. Senhoria favorece esta Quinta com

a sua presença, favoreceo igualmente as fructas della com grandes louvores: por esta causa escolhi algumas, que me parecerão serião de maior agrado de V. Senhoria, e resolvo-me a offereccelas ao gosto, e não á pessoa de V. Senhoria; porque não se estenderia a tanto a minha confiança. Com esta condição estou certo que ha de ser este mimo tão agradável a V. Senhoria, que em recompensa me mandará muitas occasiões, em que para servir a V. Senhoria possa dar exercicio á minha prompta vontade. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A IX.

Empenha-se V. Excellencia tanto em me honrar em todo o tempo com tão distinctas attentões, que me resolveo, mais levado da gratidão, que da confiança, a offerecer a V. Excellencia essa duzia de...: offerecimento, que, para ser de algum modo proporcionado á pessoa de V. Excellencia, vai acompanhado de huma grande sinceridade, e de hum igual interesse; porque espero que V. Excellencia por este meio premiará a minha gratidão com seus frequentissimos preceitos. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A X.

He tão grande a bondade de V. Excellencia para todos, e mui particularmente para mim, que sempre está disfarçando as minhas grossarias. Por es-

ta causa me atrevo a offerecer a V. Excellencia es-
ses . . . : mas se a V. Excellencia parecer este offere-
cimento demaziada liberdade, castigue-me V. Excel-
lencia com o seu desagrado, mas nunca com a pri-
vação de seus preceitos, que esta seria para mim a
pena mais sensivel; mas he muito mal fundada a
minha desconfiança; porque a benignidade de V. Ex-
cellencia he maior que qualquer atrevimento. Deos
guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XI.

Certamente incorreria na feia nota de ingrato aos
particulares beneficios, que devo a V. Excellencia,
se, sabendo que V. Excellencia faz jornada a . . . ,
lhe não offerecesse as casas, que nessa terra tenho,
para nellas assistir por todo o tempo, que for ser-
vido Rogo vivamente a V. Excellencia que me quei-
ra fazer esta honra, para que todos saibão a distin-
ção, com que V. Excellencia me trata, e para eu
igualmente poder dar bum publico, bem que peque-
no, testemunho da minha gratidão. Fico nesta fé,
e na esperanza dos preceitos de V. Excellencia; a
quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XII.

Nunca entendi que houvesse occasião, para eu
poder formar queixas de V. Senhoria; porque parecia
que V. Senhoria estava empenhado em me obser-
vuar com todas as attentões, que á sua innata be-
nignidade podião lembrar; porém experimento agora,
com igual sentimento que queixa, haver-se em V.
Senhoria diminuido este singular favor, com que me
tratava; porque havendo de fazer jornada a . . . , e
devendo precisamente passar pela minha Quinta de . . . ,
ma não manda ter prompta para sua hospedagem.
Este queixoso sentimento me durará em quanto Vossa
Senhoria me não fizer a honra de a aceitar por todo

o tempo, que for servido; mas estou certo que V. Senhoria me ha-de dar este gosto, porque quer ter os seus Criados mui-satisfeitos no seu serviço. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XIII.

Offereço a V. Excellencia, com a veneração de discipulo para seu Mestre, este livro, que e em obsequio da Patria escreveo o meu zelo. Na leitura del-le sirva-se V. Excellencia de passar aquellas horas, em que os negocios publicos o deixão, senão descançar, ao menos alliviar. Nelle não encontrará Vossa Excellencia o estylo, que pede huma historia tão altamente grave como essa; porem achará V. Excellencia nella acções tão heroicamente dignas da immortalidade, que parecerá a V. Excellencia que está lendo a Historia dos seus illustres Progenitores; e esta circumstancia basta para que as minhas vigílias mereção a estimavel approvação de V. Excellencia, que he a maior fama, a que eu posso aspirar, assim como a minha maior fortuna he a de merecer preceitos de V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XIV.

Como eu não posso offerecer senão coisas mui limitadas, e muito mais a V. Excellencia, que igualmente pela qualidadé da pessoa, e dos merecimentos, he tão grande: não estranhe V. Excellencia o offerecer-lhe esta pequena composição, que fiz naquellas horas, em que os meus cuidados fazem trepças comigo. V. Excellencia a lea, e a patrocine, se lhe parecer digna da sua jediçiosa censura, mas se esta a considerar mais como aborto, que parto, farei com que logo em lugar da luz veja o fogo. Esta mercê; e a dos preceitos de V. Excellencia fico anciosamente esperando. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A X V .

Offereço a V. Senhoria nestes Versos humas flores, que agora colhi subindo ao Parnaso: o que raras vezes me succede, porque hum Pygmeo em hum monte ainda dá mais a conhecer a pequenez da sua estatura. Estou certo que V. Senhoria não se ha de acceitar com desagrado, ainda que nellas não ache fragancia e assim porque sabe a rustica producção, que dá o meu campo, como porque tambem não ignora que eu não as offereço mais que para satisfazer ao desejo, que tenho de obsequiar de todos os modos a V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A X V I .

Como eu sei que o maior offerecimento, que a V. Senhoria se pôde fazer, he hum livro, vou offerecer a V. Senhoria esse, que em beneficio da Patria compoz o meu zelo, não o meu engenho. V. Senhoria o favoreça, lendo-o com aquelles olhos com que lê, e não com aquelles com que julga; porque de outro modo pelas letras se contrão as imperfeições, e com esta condição he que me animo offerecê-lo a V. Senhoria, a quem ambiciosamente desejo servir. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A X V I I .

Quiz V. Excellencia honrar a minha pessoa, mandando-me que fizesse alguma composição sobre o assumpto de . . . Remetto a V. Excellencia estes Epigrammas, mais para obedecer ás suas benignas palavras que os podem favorecer, que para satisfazer o seu grande engenho que os pôde castigar. V. Excellencia os receba unicamente como Memorial da minha servidão, sempre ambiciosa das suas ordens; e deste modo evito as censuras, que elles tão justa-

mente merecem. Fico esperando que V. Excellencia me maude outras diversas occasiões, em que melhor possa mostrar a promptidão da minha vontade; porque eu sou mais engenhoso no officio de servir, que no de compôr. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XVIII.

Eu não devo perder occasião alguma, que me abre caminho de me poder mostrar agradecido aos distinctos favores, que devo a V. Senhoria: motivo, por que me animo a offerecer a V. Senhoria estes Paineis, nos quaes desejava que V. Senhoria visse copiado o meu sincero obsequio, e devida gratidão, não menos para fazer mais desculpavel, que grandioso, este offerecimento; porém se V. Senhoria for servido mandar-me, poderei mostrar vivamente estas copias na prompta execução dos seus estimaveis preceitos. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

OFFERECIMENTO DE AMIZADE,
Servidão, e Protecção.

C A R T A XIX.

Vossa Excellencia não pôde viver obrigado a quem com tanta authoridade, e poder domina. He minha particular obrigação servir a V. Excellencia, e he minha grande fortuna achar occasiões de o poder fazer. A minha amizade já não está no berço, cresceo, e fez-se robusta com os raros merecimentos de V. Excellencia: e deste modo, para haver de sustentar-se, he precisa a solidez das obras, e não a tenuidade das palayras, que estas pela sua pouca substancia o vento as leva: e assim não me poupe



V. Excellencia no seu serviço, antes me dê este gosto com tanta frequencia, que se satisfaça a ambição da minha vontade. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XX.

O não se servir V. Senhoria muitas vezes de me fazer digno dos seus preceitos, he quasi hum mandar-me que me cale; porém eu não me quero calar de modo, que deixe de dizer a V. Senhoria que vivo, e vivo seu. Rogo a V. Senhoria que sempre me conheça com hum sinal, que attenda mais á grandeza da sua benignidade, que á baixeza do meu merecimento: e não póde haver maior sinal que a continuação dos seus preceitos, de que a minha vontade he insaciavel. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XXI.

Em eu servir promptamente a V. Senhoria, além de fazer o que devo, mostro que soube aprender de V. Senhoria esta promptidão. Valha-se por tanto Vossa Senhoria do meu prestimo, se o ha, e da minha vontade, em que não ha dúvida, para tudo o que for do seu serviço; que eu não sou daquelles, que, attendendo só ao util, contratão na amizade com usura; e se em mim alguma ha em servir a V. Senhoria, he com o unico interesse de querer estar sempre vivo na sua lembrança para novos preceitos. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XXII.

Vivendo eu tão desvanecido pela sincera amizade, com que V. Excellencia me honra, não deixo em muitas occasiões de estar della queixoso, pelo verdadeiro sentimento, em que me põem a falta dos preceitos de V. Excellencia, que eu de nenhum modo desmereço, por ser hum dos mais seus intimos.

e obrigados amigos. V. Excellencia se digne de me conhecer por tal, e sejam para mim a prova as frequentissimas occasiões de me empregar no exercicio das suas ordens, as quaes ambiciosamente desejo, mais para satisfazer a huma verdadeira obrigação, que a huma cortezã politica. Assim se persuada V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXIII.

Não cabe nas minhas expressões, e só na grandeza do animo de V. Excellencia he que pôde caber, o mui particular beneficio, com que V. Excellencia me quer agora deixar seu perpetuo devedor: Não podia eu merecer tão grande distincção, nem dignamente a poderei agradecer; e se algum agradecimento se pôde dar, he só offercendo a V. Excellencia hum vivo desejo de me occupar no exercicio dos seus preceitos, os quaes peço a V. Excellencia, que não menos para emprego da minha agradecida obediencia, que para premio da confusão, em que me pôz o favor de V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXIV.

O Real serviço de Sua Magestade me manda com brevidade fazer jornada á Provincia do, . . . , na qual a demora ha de ser muita, porque o negocio o pede. Dou disto parte a V. Senhoria, para que, servindo-se de me não faltar com a estimavel honra dos seus preceitos, me não escreva á Corte, mas a , onde espero ser mui particularizado por Vossa Senhoria com estes favores, que são o desvanecimento da minha obediencia. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XXV.

Negocios, que importão muito á utilidade das rendas da minha Casa, me obrigão a passar á Pro-

vincia da . . . ; e assistir todo o Verão, na Cidade As minhas obrigações pedem que desta resolução dê parte a V. Excellencia, que assim como não as ignora, assim também não ha de permittir que esta distancia me interrompa a honra de me empregar no seu serviço. V. Excellencia me mande, como sempre; porque a minha obediencia não se aparta dos pés de V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXVI.

Para diversos interesses da minha Casa devo fazer jornada a Cidade de . . . , e não a devo fazer sem della dar parte a V. Senhoria, não só para me conceder a licença, mas para que saiba em que parte me ha de honrar com os seus estimaveis preceitos, dos quaes não se deseja ver privada a minha vontade. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XXVII.

Bem desejára eu poder explicar a v. m. o vivo sentimento, com que fico pelo seu desgosto; porém muito mais desejára nelle valer a v. m., assim porque o pedem as muitas attensões, que a v. m. devo, como porque a sua evidente innocencia assim o merece. V. m. de nenhum modo me poupe para tudo o que for da sua justificação; porque estou com huma vontade sincera de obrar tudo o que puder, e v. m. me ordenar a este fim. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXVIII.

Visitou Deos Senhor nossò a v. m. com a presente fatalidade, para fazer huma prova da sua constancia; e esta seja a unica consideração, que v. m. deva ter, antes que entre a mostrar a sua innocencia, a qual, como he no mundo accusada, necessita muito de patrocínio. Se em mim se persuadir v. m. que

tem algum, disponha delle como muito lhe parecer; porque a minha vontade está sinceramente prompta para obrar tudo o que servir de credito, e justificação a v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXIX.

He impossivel poder eu deixar de vivamente sentir o desgosto, e afflicção, em que v. m. está; porque a amizade me desperta, e os favores me obrigão: para v. m. conhecer com evidencia esta minha sincera confissão, offereço a v. m. todo o meu prestimo, se for preciso, para dar algum allivio á sua sensivel perda, e justificado sentimento. Não se persuada v. m. que este meu offerecimento nasce das vulgares ceremonias da politica; porque lhe asseguro que hum amigo sincero; e prompto he quem me dicta estas palavras. Deos guarde a v. m. por muitos. annos.

PARA PESSOAS PARTICULARES,
e para Amigos.

C A R T A XXX.

Meu amigo. Se eu não conhecera a sinceridade da v. m. amizade, com que v. m. me trata, de nenhum modo me atreveria a enviar-lhe esse tenue offerecimento; mas considerando nesta forte circumstancia; não só o mando, mas nem ainda peço perdão a v. m., e só lhe rogo que me dê frequentes occasiões de me empregar no suave exercicio das suas ordens; que ansiosamente fico esperando. Deos guarde a v. m. pbr muitos annos.

C A R T A XXXI.

Meu amigo. Com v. m. não perde occasião de me fazer favor, tambem eu não quero perder esta

de lhe mostrar o meu grande affecto , offerecendo-lhe essas , que agora me vierão de presente. O offerecimento fôra mui limitado ; e ainda indigno , se o não enviasse o amor , e amizade mui sincera , que nem repára em ceremonias , nem avulta mais com grandezas. Fico para servir a v. m. , a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXXII.

Meu amigo. Como pela inutilidade do meu prestimo não posso dar no serviço de v. m. hum evidente testemunho da minha gratidão , vou ao menos dá-lo do meu affecto , por meio dessa galantaria , que offereço a v. m. ; da qual lhe peço muitas vezes perdão , que facilmente conseguirei , considerando v. m. que a minha amizade não sabe o que obre para se mostrar agradeida. Esta , como sempre , está promptissima para obedecer ao minimo aceno da vontade de v. m. , a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXXIII.

Meu amigo. Como v. m. ainda de todo não está restituído á sua antiga saude , ainda eu igualmente não estour convallescido ; porque sinto reciprocamente as suas queixas. Difficil será a extinção destas , se v. m. não mudar de ares : estes da minha Quinta são celebrados por saudaveis em toda esta vizinhança ; e assim rogo a v. m. , com a maior sinceridade de animo , que os venha gozar ; porque es deste modo será mais facil a sua restitução. Os meus rogos não são poderosos , tomo por valia os de todos desta Casa , que na multiplicidade me podem vencer. Em quanto não temos este allivio ; continue-nos v. m. o dos seus frequentes preceitos , para honra da nossa obediencia. Deos guarde a v. m. por muitos annos

C A R T A XXXIV.

Agora hum amigo me fez presente desta galantaria, e para eu lhe mostrar a devida estimação, que della fazia, respondi-lhe que logo a havia mandar a v. m., a quem rogo que a accete com aquelle affecto, e sinceridade, com que he offerecida; assim para satisfazer a minha amizade, como, para se desempenhar, se he possível, a minha grande obrigação. V. m. me conserve na sua memoria, como deve; e me continue a honra dos seus preceitos, como póde: para o que Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXXV.

Meu amigo. Esta galantaria vai offerecida não a v. m., mas á sua natural benignidade, que póde disfarçar, e engrandecer qualquer tenue, e indigna demonstração. Deste modo me livro do castigo, que pela confiança merecera, e me farei merecedor da inestimavel recompensa dos seus preceitos, que espero com tanta ambição, como pede a honra, que delles me resulta. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXXVI.

Meu amigo. Offerço a v. m. estes versos, que, sendo muitos, pezo pouco; com tudo serem de pagamento novo a dividas antigas. Creio que exprimem o assumpto; não sei com que engenho, mas sei com que desejo; porém senão servir á Poesia, que he cousa de entendimento, entendo que servi ao amigo, que mos pediu, que he obra de vontade, e de obediencia, que lhe professo por obrigações muy antigas. As que eu devo a v. m. são memoriaes: e como propriamente não as posso pagar, valho-me destas idéas, senão para meu desempenho, ao menos para minha lembrança. V. m. igual-

mente a tenha, mas seja para me mandar com tanta especialidade, como frequencia. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXXVII.

Meu amigo. Se eu não mando a v. m. hum perfeito Epigramma, mando-lhe ao menos huma perfeita obediencia, que perfeitamente obedece, quem logo obedece; e assim, senão passar por bom, passará por prompto, que he uo que cuido muito; porque quem serve hoje, serve com obras; quem servirá á manhã, serve com esperanças; e assim como estas não são do agrado de v. m., assim tambem não servem para mim, que desejo adivinhar os seus gostos, para logo promptamente os satisfazer. Fico ás ordens de v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXXVIII.

Meu amigo. Tanto ferio v. m. o duro pedernal do meu petrificado engenho, que conseguio, não sem milagre, fazer lançar delle algumas faiscas, mais ardentes de affecto, que lusentes de resplendor. Vossa m., que deo a causa, tem obrigação de desculpar o effeito: o que mui sinceramente rogo a v. m. como a mestre, e como amigo. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXXIX.

Meu amigo. Quem faz versos unicamente por servir, só serve, e não poetiza; pelo que mais depressa merece o nome de bom amigo, que o titulo de bom Poeta. Tal me succede agora com os Epigrammas, que remetto a v. m. para satisfazer á instancia, com que mos pede. As Musas, como Senhoras, querem ser livres: não querem cantar fóra de tempo, nem contra o seu genio; e assim o que produzem desta maneira, não ha patto seu; mas

sim, da quem por força as faz parir: Desto modo esta composição he toda de v. m., porque á força me tirou da penna. Por tanto, como sua a offerença v. m., e como minha a desculpe, se quier com tudo, que eu nella tenha alguma parte. Recommen-da-se anciosamente a minha obediencia aos preceitos de v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XL.

He cousa occiosa, e ainda indigna, render louvores aos merecimentos de v. m., quando elles por si se louvãõ com tão gostosas acções: com tudo, atrevo-me a louvar a v. m. nesse Epigramma, e atrevo-me, porque a lingua poetica tão só he propria, mas a mais digna para se celebrarem os Heróes. Eu bem sei que he mui pouco hum Epigramma, quando o sujeito he tão grande; mas também conheço que he muito, quando o Poeta he tão pequeno. Receba-o por tanto v. m. mais como sinal de hum sincero obsequio, e verdadeira veneração, que como retrato dos seus grandes merecimentos. He superfluo offerencer a v. m. a minha cega obediencia; porque já o tempo tem mostrado que o que mais desejo he não estar occioso no serviço. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XLI.

Meu amigo. Mandou-me v. m. que cantasse alguns versos ao casamento de Sua Excellencia. Não pude logo satisfazer aos seus preceitos, porque bem sabe v. m. as occupações, em que então estava. Agora, que dellas me vejo mais livre, subi ao Parnaso, e colhi algumas flores de varias côres, porém de hum mesmo cheiro. V. m. as escolha, e dellas fórme huma Coroa, com que coroe os Excellentissimos Desposados, e a mim me mande por gratificação a estimavel honra dos seus preceitos, que a

minha ambiciosa obediencia não cessa em desejar.
Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XLII.

Se tudo o que nasce entre espinhos fosse rosa, humma rosa mandava eu agora a v. m.; porque entre mil cuidados, que muito me picão, nasceo esse Soneto; porém não he rosa, e he espinho, para não degenerar da sua semente, e para se parecer com o campo, onde nasceo. Com tudo, eu entendendo que não fiz pouco; porque, para dizer a v. m. a verdade; nem eu já sirvo para a Poezia, nem a Poezia já serve para mim. Se o meu pensamento me engana, v. m. me desculpe; e receba este pouco em lugar do muito, que devêra dar, se pudêra, em attenção aos innumeraveis favores, que devo a v. m., a quem Deos guarde muitos annos.

OFFERECIMENTO DE AMIZADE,
e protecção.

C A R T A XLIII.

A Singular benignidade de v. m., que eu antes havia venerado, mais por fama, que por experiencia, não só augmenta novos estímulos ao meu affecto, mas me obriga a procurar ambiciosamente o desempenho, pelo que, por aquelles mesmos meios, que me conduzirão, não ha muito tempo; á buscar a sua amizade, vou recomendar-me a v. m., para que se não esqueça de me dar o gosto dos seus honrosos preceitos, que este he o unico meio para ser indissolúvel o vinculo da nossa amizade. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XLIV.

Meu amigo. V. m. por modestia occupa-me pouco: eu por affecto peço muito, mas pela minha inutilidade de nada sirvo. Com tudo, neste nada

rogo a v. m. que me cónheça todo; porque todo neste nada me offereço a v. m. para tudo o que for de seu serviço. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XLV.

Meu amigo. A minha vontade são os preceitos de v. m.; por tanto, mande-me, se me deseja servir; e recommende-me a toda a sua Casa, se me deseja favorecer: e estas são as duas unicas cousas, que peço a v. m. em gratificação de alguns favores, se os ha, feitos em obsequio do seu grande merecimento. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XLVI.

Que forçosos motivos tinha a minha fiel amizade para se queixar de v. m.; porque devendo a ella tão particulares finezas, lhas não sabe gratificar! Ora, meu amigo, igualmente para credito meu, e de v. m., não se esqueça de agradecer este meu vivo affecto, e como não póde haver gratificação mais digna de mim, nem mais propria de v. m., que a frequencia dos seus honrosos preceitos, v. m. mos participe; porque a minha vontade certamente não póde estar mais prompta para servir a v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XLVII.

Meu amigo. Agora, que me dão a noticia da grave afflicção, em que v. m. se acha, fico penetrado de hum vivo sentimento, de que a v. m. dou parte, para que conheça o quanto a minha amizade he verdadeira. Porém, para que v. m. o possa conhecer com evidencia, sirva-se de me mandar em tudo o que lhe parecer que conduz para allivio da sua afflicção; porque lhe asseguro que o executarei com tanta promptidão, quanta he a sinceridade, com que me offereço. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XLVIII.

Se os amigos se conhecem nas occasiões, não a tem v. m. mais propria para me conhecer, como a presente; em que se vê cercado de tantas adversidades, que ameaçam a ruina á sua Casa. Se v. m., meu amigo, assim como sabe que em mim ha hum verdadeira amizade, entender que igualmente ha algum prestimo para lhe valer nas presentes afflicções, rogo-lhe mui vivamente que me não poupe; porque todo, e por todos os modos me offereço a v. m. para o servir, e alliviar. Entretanto console-se v. m. pondo no Ceo os olhos da consideração: e se acaso os abaixar, seja para advertir que toda a constancia da fortuna está unicamente nas mudanças. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

As cartas, que se seguem na Segunda Parte, podem servir muitas dellas de Respostas a estas de offerecimento, que acabamos de escrever.

P A R T E II.

CARTAS DE AGRADECIMENTO.

Advertencia.

HE mui necessario o acto de agradecer favores; porque o homem, como diz Hesiodo, deve imitar a terra, a qual sempre dá muito mais do que recebe: pelo que não se podendo logo agradecer com o effeito, ha de se agradecer, mostrando a gratidão do animo em confessar a obrigação, e prometter o desempenho, quando se derem as occasiões. Consiste tudo em dois terminos, os quales são Reco-

nhecimento, e Offerecimento. No primeiro se exaggera a grandeza do favor, o qual se pôde amplificar, ou da parte de quem o faz, ou de quem o recebe, ou tambem da cousa recebida. Primeiramente da parte da pessoa, que dá, se houver offerecido alguma cousa espontaneamente com promptidão, sem fim algum de interesse, e sem para tal ser obrigado; e então louvaremos muito a sua grandeza, magnificencia, e benignidade, que conosco usa, presenteando-nos, ou favorecendo-nos com outra qualquer cousa. Mostraremos, que fazemos particular estimação do presente, assim, pela pessoa, que o manda, como pela excellencia delle, a qual havemos exaggerar, ainda que nelle a não haja; mas com termos, que não pareçam claramente dictados pela hisonja. Já se sabe que o agradecimento não só se entende por algum presente, mas tambem por beneficio, que se nos houver feito, ou patrocínio, que houvermos experimentado. Em segundo lugar poderemos amplificar da parte da pessoa que recebe, engrandecendo, se for presente, a grandeza do affecto, com que ficamos; e se for outra alguma mercê, a utilidade, e beneficio, que della nos resulta. Em terceiro lugar poderemos amplificar da parte da mesma cousa recebida, dizendo que não se nos podia fazer mais estimavel favor, nem podia ser maior. Feito isto, offerecemos outro tanto, e mais, com igual sinceridade, e affecto; e se pela grandeza da pessoa, que nos fez o favor, ou pela fraqueza das nossas forças, não pudermos recompensar, prometteremos huma eterna gratidão, dizendo que não cessaremos de publicar o favor em todo o tempo, e lugar, o que muitas vezes se acha nas Cartas Latinas de Paulo Manucio. Poderemos algumas vezes agradecer por modo opposto, do qual usarão os me-

lhores Authores Latinos, v. g. não agradecendo, com dizer que o favor he tão grande, que não descobrimos expressões para dignamente o podermos agradecer, e que não se deve explicar com triviaes conceitos: ou tambem diremos que a nossa estreita amizade não soffre agradecimentos, como cousa superflua entre amigos verdadeiros, e antigos; do que mostro dous exemplos de Bruto a Cicero. O primeiro he: = Jam non ago tibi gratias; cui enim re ix referre possum, huic verbis non potitur res satisfieri. O segundo he: = Noli expectari, dum tibi gratias agam, jam pridem hoc ex nostra necessitudine, quae ad summam benevolentiam prevenit, sublatum esse debes. = Esta especie de Cartas são do genero Demonstrativo.

CARTAS DE AGRADECIMENTOS.

C A R T A I.

TODas as occasiões da generosa benignidade, que V. Excellencia tem sempre comigo usado, occuparão o meu animo de hum vivo reconhecimento, e de mui estreitas obrigações; porém o presente mimmo, que a superabundante grandeza de V. Excellencia me offerece, estreita a esféra do meu animo, e vence a força das maiores expressões, não menos pela preciosidade da materia, que pela especiosidade da fórma: o que tudo recebo com particular pejo meu; porque V. Excellencia por nenhum motivo devia lembrar-se de mim, como indigno para receber tão distincto favor. Delle, como posso, dou a V. Excellencia hum sincero agradecimento; e para prova delle, sirva-se V. Excellencia de me facilitar o caminho de me empregar nos seus honrosos preceitos. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A II.

Com a mais particular distincção recebo o especioso mimo de V. Excellencia, e delle dou a V. Excellencia não vulgar agradecimento; rogando-lhe vivamente que, já que se servio de mo offerecer com benignidade, mo deixe gozar com gosto: e certamente não o póde para mim haver maior, que conceder-me V. Excellencia que eu não esteja ocioso no seu serviço, no qual me desejo tanto empregar como o pedem as minhas multiplicasdas obrigações. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A III.

Não posso descobrir modo, para fazer com que V. Excellencia modere as continuas demonstrações, de que a sua innata benignidade usa para me fazer mimoso, e obrigado. De nada valem as minhas supplicas, de nada as expressões do meu pejo, e de nada o grave pezo das minhas obrigações, que já não tem forças para supportar. De nada vale tudo isto; porque agora me offerece V. Excellencia este mimo, grandioso na quantidade, raro na qualidade, e singular no amor que o acompanha. Se he do agrado de V. Excellencia exercitar comigo estas acções da sua grandiosa generosidade, conceda-me tambem que eu possa em alguma parte corresponder-lhe, empregando-me todo no exercicio dos seus frequentes preceitos, que com grande ancia fico esperando, como mais estimavel presente. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A IV.

Agradeço a V. Excellencia com todos aquellas expressões, que nascem de hum animo tão gravemente obrigado, o excellente animo, que me offerece, o qual, deixando-me em preluxidade, ainda me dá lugar para conhecer que V. Excellencia com

A sua virtude de profusa generosidade he a causa de que a todos pareça que em mim se dá hum vicio, e maior de todos, qual he a ingratição; porque não he possivel que eu possa de algum modo corresponder a tão singulares attenções, pois confessal-as he mui pouco; porém he até onde podem chegar as minhas forças: o que não cessarei de fazer, para não contrahir tão feia nota: Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A V.

O estimavel presente, com que V. Excellencia me honra, sobre me deixar em huma notavel confusão, me obriga a hum correspondente agradecimento, pelo crédito que me resulta da sua generosa benignidade. Se eu puder mostrar algum, he só no serviço de V. Excellencia: para o que rogo ardentemente á sua bondade, que assim como para mim se mostra tão generosa de attenções, o seja igualmente dos seus preceitos; para eu, senão diminuir as minhas obrigações, augmentar ao menos a minha honra. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A VI.

Fazendo eu tão particular, e devida estimação do especioso presente, que V. Excellencia me offerece, por ser cousa sua, ainda subiria a maior gráo a minha estimação, se V. Excellencia igualmente me presentasse com os seus estimadissimos preceitos; porque, além de me resultar delles hum crédito distincto, dava-me V. Excellencia occasião de se fazer patente o meu agradecimento devido a esta, e outras muitas obrigações, com que V. Excellencia continuamente esta gravando a minha gratidão. Estou persuadido que V. Excellencia, que sabe buscar todos os modos para me fazer favor, me ha de

conceder este, que ambiciosamente appetço. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A VII.

Com grande pejo recebo o estimavel presente de V. Excellencia; porque experimento mui frequentemente aos seus favores; e tanto-mais se augmenta este, quanto mais considero na minha incapacidade para me poder mostrar agradecido. Por tanto, supplico a V. Excellencia, ou a querer cessar com estes actos da sua generosidade, ou a me descobrir algum meio, com que os saiba gratificar: e certamente não me póde V. Excellencia dar outro, que me seja mais proprio, do que o perpétuo exercicio de seu humilde Criado. Assim ò espero de V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A VIII.

Recebo o mimo de V. Excellencia, e recebo-o com huma grande estimação, e gosto, assim pela honra, que delle me resulta, como por chegar em occasião mui opportuna. Agradeço-o a V. Excellencia com aquellas expressões, que mais dicta a sinceridade, que a politica: e desejára muito que, assim como V. Excellencia não se esquece de me encher de honras, se lembrára igualmente de me honrar com os seus preceitos, e que o fizera com aquelle dominio, que tem em mim, como seu antigo Criado. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A IX.

Eu não tenho palavras para agradecer dignamente a V. Excellencia o cuidado, com que se lembra das minhas afflicções, e a generosidade, com que se me offerece para nellas me valer; porque tão alto favor pedia proporcionadas expressões; mas esta he a grandeza das virtudes de V. Excellencia,

que, não havendo pessoa, a quem não valhão, não ha termos, que as saibão agradecer: e esta he tambem a fortuna da minha desgraça; porque hum offerecimento tão altamente grande, que não se póde gratificar, necessariamente ha de ser hum seguro meio para me ver restituído ao meu antigo estado: para o que me valerei de V. Excellencia, quando a occasião o pedir. Deos Senhor nosso he quem ha de agradecer a V. Excellencia este favor, fazendo tantos á sua grande Casa, quantos são os meus rogos. O mesmo Senhor guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A X.

Agora que V. Excellencia na sua honrosa Carta sente a minha desgraça, e se me offerece para nella obrar tudo o que conduzir para meu crédito, e allivio, conheço mais claramente a V. Excellencia pelo seu illustre appellido; porque sempre foi o Character dos gloriosos Progenitores de V. Excellencia o procurar valer aos necessitados, e patrocinar aos afflictos. Dou a V. Excellencia os mais rendidos agradecimentos por tal lembrança, e offerecimento, que he no mundo tão raro, como he a minha desgraça, e a minha constancia para a supportar. Até aqui por varios inconvenientes ainda não pude mostrar a minha innocencia; e quando a justiça, ou a maldade de seys emulos me der lugar a esta justificação, necessariamente me hei de valer do poderoso patrocínio de V. Excellencia, para que se persuade o mundo da minha innocencia, vendo que a portege V. Excellencia, a quem para meu amparo guarde Deos por muitos annos.

C A R T A XI.

Recebo o Soneto de V. Excellencia com aquella veneração, que tivera, se o ouvira sahir da cor-

tina de Apollo, Se com este respeito o recebo, com igual agradecimento o agradeço a V. Excellencia, não só por satisfazer á minha vontade, mas por occupar a minha memoria, e illustrar o meu entendimento. Para crédito de todas as letras. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XII.

Recebo o estimavel presente do Livro, e não sei eu se louve mais a attenção, com que V. Excellencia mo manda, se a doutrina, com que o escreveo; mas parece-me V. Excellencia em huma, e outra cousa tão perfeito Filosofo, e completo Cavalleiro, que só com o silencio devo louvar tão raras virtudes, para não as expôr a evidenté perigo. Agradecerei só mui distinctamente a V. Excellencia este precioso presente, e o conceito que de mim fórma, persuadindo-se que sou capaz de me aproveitar de tão util, e nobre lição, o qual farei muito por não desmentir, applicando-me na leitura d'elle de tal modo, que V. Excellencia me venha a estimar como seu especial discipulo. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XIII.

O particular affecto, com que se servio V. Senhoria de me offerecer este excellenté mimo, augmenta em mim novos estimulos de gratidão, e me faz desejar com maior ardor occasiões de a poder mostrar a V. Senhoria no exercicio dos seus preceitos, os quaes o meu affecto, amizade, e veneração sabem com justiça merecer. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XIV.

O Excellentissimo, com que V. Senhoria me presentéa, serve de augmentar mais a minha obrigação, e persuadir-me daquelle vivo affecto, com

que V. Senhoria em toda a occasião me trata. Eu estou na duvida, se hei de agradecer já a V. Senhoria tão distincto favor, ou se talvez ha de esperar o meu agradecimento alguma occasião de poder servir a V. Senhoria: porém considerando que V. Senhoria, sendo para mim em tudo generoso, he só dos seus preceitos avarento, e que assim me não dará facilmente esta occasião, não quero deixar de beijar as mãos a V. Senhoria por tão particular mercê: e quicá que V. Senhoria por este meu rendimento me não haja de fazer a honra de dar gosto á minha vontade tão ambiciosa das suas ordens. Assim o espero de V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A X V .

Parece que está V. Senhoria empenhado em não perder occasião de me fazer favor, de que agora recebo hum novo argumento no grandioso presente, que me offerece. Eu não tenho expressões proporcionadas ao meu desejo, para agradecer a V. Senhoria tão assignalada honra: mas se V. Senhoria se servir de dar com frequencia exercicio á minha servidão, darei algum sinal do meu agradecimento, e farei que V. Senhoria pelas obras conheça a sinceridade do meu animo, no qual tenho esculpida a Imagem da sua innata benignidade. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A X V I .

Qualquer mimo com que V. Senhoria me honra, he para mim mui particularmente estimavel; e poderá este, de que o seu affecto agora me faz presente, merecer muito maior estimacão. por chegar certamente a tempo mui opportuno para hum meu desempenho. Beijo a V. Senhoria mil vezes a mão pelo favor com que quer honrar a este Criado, que

no serviço de V. Senhoria he ocioso, mas não inútil; porque se V. Senhoria for servido mandar-me em alguma cousa, verá com que promptidão, e vontade obedeço aos seus preceitos. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XVII.

Obriga-me V. Senhoria de hum modo, que eu não posso explicar, nem agradecer, com o mimoso presente que me offerece, e só percebo que V. Senhoria nesta demonstração do seu vivo affecto está empenhado em confundir a gratidão deste seu Criado, de que muito me prézo; porque me parece que só deste modo he que poderei agradecer esta grande attenção a V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XVIII.

Quer V. Senhoria obrigar-me não só com honrosas expressões dictadas pela sua benignidade, mas igualmente com este estimavel mimo offerecido pela sua grandeza. Eu, beijando as mãos a V. Senhoria, o recebo como hum especial favor, e o ponho em distincto lugar entre as outras muitas obrigações, com que suavemente está gravada a minha servidão. Se eu alguma cousa mereço á V. Senhoria, rogo-lhe com o animo mais sincero que por meio dos seus frequentes preceitos me descubra caminho, com que dignamente possa agradecer-lhe tão continuas, e particulares attensões. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XIX.

Agradeço a V. Senhoria com as mais decentes expressões o precioso presente do livro que me manda. Logo o conheci por legitimo parto do alto engenho de V. Senhoria, não tanto pela erudição, quanto pela ordem, com que está disposto; por

que de tal modo o organiza, e anima V. Senhoria, que me parece que resuscitará seus sábios Avós, e seja este o mais digno elogio a tão recommendavel obra. Continué V. Senhoria tão alta empreza para bem da Patria, assim porque se utiliza, e desvanecce, como porque para sua gloria terá sempre vivo a V. Senhoria nas sabias producções do seu raro entendimento. V. Senhoria disponha da minha vontade como pôde, e como deve. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XX.

Já que o uso tem feito tão communs os agradecimentos por Carta, desejára que V. Senhoria, por meio dos seus preceitos, quizesse que eu singularmente pudesse agradecer o particular favor, com que me offerece o seu eruditissimo livro, ou o seu verdadeiro retrato; porque nelle vejo copiado a V. Senhoria, que todo he entendimento. Estes são os termos mais breves de que posso usar, para dizer que este livro em tudo se parece com as outras eruditissimas Obras de V. Senhoria, a quem torno a offerecer toda a minha vontade para tudo o que for servido. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XXI.

Muito me agradão os Epigrammas de V. Senhoria, porque são bons; mas não são bons, porque me agradão, como V. Senhoria pertende; porque eu, se algum dia entrei no veneravel templo das Musas, foi só para render adorações, e não tributos ás suas divindades. Quizera a sorte que eu fôra como V. Senhoria; porque seria o filho primogenito de Apollo, e tambem o herdeiro do seu Imperio, se os Deoses fossem mortaes. V. Senhoria continue, para que os Poetas nas suas obras tenham

oraculo, a quem consultem; e não se esqueça tambem de V. Senhoria de attender ao meu agradecimento, continuando-me a honra dos seus preceitos, que he o mais, a que eu posso aspirar. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

O A R T A XXII.

He mui proprio dos sabios desejarem fazer sabios: por isso V. Senhoria me offerece o seu eruditissimo livro; porque me póde fazer tal, se em mim houver tanto talento para o entender, como nelle ha doutrina para ensinar. Certifico a V. Senhoria que elle ha de ser o meu quotidiano estudo, ou o espelho, em que o meu entendimento se ha de compor: motivo, por que delle faço ainda maior estimação, que Alexandre fazia da Illiada de Homero. Por tão grande beneficio beijo a V. Senhoria muitas vezes a mão, e desejára dignamente sabê-lo agradecer, fazendo na lição deste livro taes progressos, que o mundo me conheça por discipulo de V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

O A R T A XXIII.

A protecção, que V. Senhoria me offerece, compadecido das minhas desgraças, não he hum simples acto da sua illustre piedade, he obrigação de quem descende de huns avós taes como os de V. Senhoria, que, seguindo a rarissima maxima de Tito, julgavão por perdido aquelle dia, em que não protegião a alguém. Bem sabe V. Senhoria, que eu não costume perfumar com o incenso da lisonja, e muito mais a V. Senhoria; porque esta noticia vem de meus Maiores em successiva tradição, e eu muitas vezes tenho experimentado em V. Senhoria a verdade della; de que agora me dá a mais evidente prova no seu singular offerecimento, que eu, pela notavel confusão, em que elle me deixa,

não sei dignamente gratificar, e só delle me saberei valer, quando se der opportuna occasião á minha innocencia para se justificar. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XXIV.

Para eu com evidencia conhecer a fidelissima amizade, que V. Senhoria me professa, não erão precisas tantas, e tão repetidas occasiões, quantas V. Senhoria me tem dado: bastava esta, em que me offerece toda a sua protecção, para me valer no infeliz caso, que me succede. De tão raro favor vai a minha em tudo similhante amizade dar os devidos agradecimentos a V. Senhoria, e certificar-lhe não só que o accite com grande consolação, como quem delle unicamente necessita: mas que tambem o recebo com igual pejo, por ver que em mim não ha merecimento para delle me fazer digno, e que he só hum generoso effeito da hereditaria grandeza de V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXV.

Meu amigo. Com que expressões hei de eu agradecer a v. m. o affecto, com que me trata, em tão estimaveis, e continuados presentes? Mas de algum modo poderei; porque se v. m. me confunde com dádivas, eu o confundirei com amor: que com as armas delle estou tão guarnecido, que posso vencer a v. m., mas de tal modo, que nunca o poderei privar da palma da attenção, em que v. m. me excede; e muito mais me excederá; se me empregar nos seus estimaveis preceitos, a que tão anciosamente aspiro. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXVI.

Meu amigo. Não bastava a v. m. fazer-me a honra de me mandar tão mimoso presente, senão tam-

bem acompanhá-lo de expressões tão rendidas, e dispostas por hum tal modo, que me fazem parecer ingrato, sobre me deixarem confuso? Que quer v. m. que eu responda? Chamarei descortez a tanta cortezia, porque me inhabilita ainda para hum agradecimento de palavras; porém muito se confessa agradecido quem obrigado se remette ao silencio, voluntariamente se confessa devedor. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXVII.

Meu amigo. Não me cançarei em dar a v. m. os agradecimentos pelo especioso presente, com que me honra; porque certamente não se póde com palavras pagar semelhante obrigação. Porei todas as minhas forças para a gratificar com obras, empregando-me todo no honroso exercicio dos seus preceitos, dos quaes não se faz desmerecedora a minha fiel amizade, e revente servidão. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXVIII.

Meu amigo. O vivo affecto, com que v. m. me ama, não podia deixar de me particularizar com hum tão estimavel mimo; e a fiel amizade, que v. m. me professa, não podia dictar outra carta, senão esta, que chã de tão finas expressões me escreve. De humma, e outra cousa beijo muitas vezes agradecido as mãos a v. m., a quem certifico que em mim ha hum igual correspondencia, senão nas devidas, certamente na amizade, e affecto, que suspirão pelas occasiões de poder dar gosto a v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXIX.

Meu amigo. He especial o presente, que v. m. me manda, e especial o affecto, com que me manda; mas muito mais especial he o animo com que eu

o agradeço. Muito se empenha v. m. para me obrigar por este modo, que he bem superfluo, quando para tal fim sobrava só a particular benignidade, com que v. m. me trata ou empregar-me no suavissimo exercicio dos seus preceitos, que tanto me difficulta. Este he o mais estimavel mimo, e a mais distincta honra, que me póde fazer v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXX.

Meu amigo. Se palavras pagassem obras, tanta materia daria eu a ler a v. m. quantas são as occasiões, com que a sua benignidade me sabe obrigar. He mui distincta esta, em que v. m. grandiosamente me offerece tão especioso mimo, o qual agradeço como posso, e não como devo; porque sendo v. m. em tudo para mim tão generoso, só he parco em me presentear com os seus estimaveis preceitos. V. m. mos participe, senão me quer ver em tudo individualo. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXXI.

Meu amigo. Assim como a nossa amizade, mais para se amar, que para se conservar, permite estes mimos; assim a mesma, mais para se mostrar familiar, que descortez, permittê não dar delles agradecimento. Deste modo recebo de v. m. o presente de fructa, que he excellente, não só por vir da sua quinta, como da sua mão, o que eu mais estimo; e pois vejo que v. m. senão esquece de mim para me dar, espero o faça assim tambem para me mandar; porque a minha amizade, como he nua, não póde ter os olhos unicamente no interesse; e só no dos preceitos de v. m. cuida tanto a minha vontade, que chega a ser ambiciosa. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXXII.

Meu amigo. Para ser indissolúvel o estreito vínculo da nossa amizade, são bem desnecessarias tão continuadas demonstrações em tão frequentes mimos; porque quanto a mim nestas acções poder-se-ha nella dar a conhecer, mas não se costuma conservar; principalmente quando se acha com raizes tão profundas, como tem nos nossos corações; porém v. m., para em tudo se mostrar comigo excessivo conhecendo esta verdade, não a quer abraçar, porque agora tão mimosamente me presentea. Eu sim déra a v. m. os agradecimentos, se me não confessara seu verdadeiro amigo; porém quero com o meu silencio desaggravar a nossa familiar amizade da injuria, que v. m. lhe fez com a sua grandeza; e muito mais a desplicára, se v. m. me mandasse muitas occasiões, em que o pudesse servir; porque com estes mimos he que ella unicamente se sabe conservar. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXXIII.

Meu amigo. V. m. ainda dá mais do que promette, e eu ainda agradeço mais do que mostro. Com aquella veneração, que he devido tributo á divindade da sua Musa, recebi, e li os Versos de v. m., os quaes são tão singulares, que hei de esforçar a minha memoria, para que perpetuamente os conserve como thesouro, se consideravel pela quantidade, pela qualidade digno daquella estimação, que se dá ás singulares pedras preciosas, que he não se saber dar-lhes estimação. Isto he o menos, que eu, e todos podemos dizer de tão grande Livro. Fico esperando as ordens de v. m: com huma ambição tão grande, como a minha amizade. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXXIV.

Meu amigo. Se v. m. assim como com tão distinctos favores me sabe obrigar, me ensinasse igualmente o modo de os saber agradecer, não me acharia eu agora tão embaraçado em dar a v. m. os agradecimentos, pelo precioso presente, que me faz do seu eruditissimo Livro, que eu estimo como thesouro, e recebó como directorio dos meus estudos, pelo qual espero fazer nelles tão grandes progressos, que chegue a augmentar a illustre fama de v. m. pelo milagre obrado no meu entendimento. V. m. me mande como pôde, que eu obedecerei, como devo, lembrado daquellas obrigações, que não cessão em me confundir. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXXV.

Meu amigo. Para qualquer parte, que eu até agora voltasse os olhos da consideração, me via cercado de infinitos favores, e iguaes dividas, em que o vivo affecto, e fiel amizade de v. m. me tem posto; porém na attenciosissima Carta de v. m., que agora recebo, na qual ás minhas desgraças offerce o seu patrocínio, não me vejo só cercado de beneficios, mas igualmente de confusão; assim porque eu não merecia tanto, como porque também não posso agradecer tanto, ainda que eu não cesse de me occupar no serviço de v. m., cujo favor sempre lhe rogo, senão para meu agradecimento, ao menos para minha honra. Não se me offerce agora occasião de me poder valer do singular favor de v. m., o qual buscarei a seu tempo, como quem delle tanto necessita. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXXVI.

Meu amigo. Logo que v. m. scube do meu infortunado, não pôde soffrer demoras a sua amizade,

sem que me dêsse parte do seu sentimento, e me offerecesse a sua protecção. Quando, e como poderei eu agradecer a v. m. tanta lembrança, e tanto favor? Mas v. m. não espera gratificação de tão pobre devedor: vive só para ajudar, e tem por grande ventura o poder favorecer; e assim julga-se v. m. por bem gratificado, quando se lhe offerecem estas occasiões; e eu me valerei destas, que v. m. agora me dá, quando a injustiça o pedir. O meu prestimo he mui inutil, porque he de pobre; mas se v. m. o quizer fazer apto, enriquecendo-o com seus honrosos preceitos, muito maior será a minha obrigação. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

OUTRAS CARTAS DE DIVERSOS

Agradecimentos.

C A R T A XXXVII.

O Favor, que V. Excellencia foi servido fazer-me, de attender tanto ao requerimento do meu affilhado N., me obriga a beijar a mão a V. Excellencia; rendendo-lhe os mais devidos agradecimentos, e a desejar em todas as occasiões, que V. Excellencia me der de lhe obedecer; mostrar que corropondo com as obras a tão particular beneficio, que eu recebo como proprio; porque do mesmo modo o pedi. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XXXVIII.

Serve-se V. Excellencia de abraçar com tanta benignidade os meus empenhos, que o mesmo he pedir eu a V. Excellencia alguma cousa, que ver logo cumprido o meu desejo. Assim o experimento agora, que V. Excellencia me dá noticia de estar já o meu affilhado servido no negocio que tanto desejava. Agradeço a V. Excellencia tão estimavel

favor, como posso, e não como devêra, empregando-me continuamente na observancia dos seus preceitos; mas esta culpa he de V. Excellencia, que tanto nos difficulta, pedindo-os eu sempre com tanta ancia, como ambição. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XXXIX.

Logo que puz á sombra do patrocínio de V. Senhoria ao meu affilhado N., experimentou hum zeffiro de fortuna, conseguindo com brevidade o negocio, que ha tantos annos pertendia: o que eu estimo muito, porque o provido he pessoa digna do maior louvor pelos seus raros estudos, e mais raros costumes. Por esta estimavel mercê vou render sinceros agradecimentos a V. Senhoria, que tanto estima a minha estreita amizade, e attende á minha inveterada servidão, senão com os seus preceitos, que he o que eu mais estimára, ao menos com favores, que eu tanto agradeço. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XL.

Eu nunca duvidei que V. Senhoria houvesse de pôr todas as forças do seu maior empenho, para que o meu affilhado N. conseguisse o que tão justamente desejava: porque vivo mui persuadido da mercê, e attenção, com que V. Senhoria me trata; e assim não he tambem preciso dar agora os agradecimentos a V. Senhoria; porque V. Senhoria tambem não duvida da grandeza da minha gratidão. Fico esperando as ordens de V. Senhoria, para dignamente poder mostrar-me agradecido. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XLI.

Dou muitas graças ao Ceo por bayer inspirado a V. Excellencia que me consolasse pelo infausto

sucesso de meu . . . : porque de outro modo correrão as lagrimas perpétuamente de meus olhos; e agradeço igualmente a V. Excellencia o extremoso affecto, com que me conforta, e as fortissimas razões, com que me convence; mostrando V. Excellencia nestas o quanto aprenderão na escola das virtudes, e naquelle o quanto resulta da sua estimavel amizade. V. Excellencia me continue, empregando-me nos seus honrosos preceitos, que na minha obediencia nunca encontrarão impedimento. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XLII.

Com tão raro, e efficaz modo me cõtola V. Excellencia pela sentidissima morte de meu . . . , que a medicina não só me he proveitosa, mas tambem agradavel. Tão suavemente usa V. Excellencia da força das suas virtudes, e da sua eloquencia, que véda o sangue, e cura a chaga, sem que fique ainda a cicatriz. Deos Senhor nosso remunerere a V. Excellencia tão grande remedio, pelo qual as paixões da minha alma experimentarão tão notavel allivio, que eu não posso agradecer a V. Excellencia, senão offerecendo para sempre a minha liberdade ás disposições de V. Excellencia, que entendo me não negará essa honra. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XLIII.

Com expressões mais distinctamente rendidas beijo as mãos a V. Senhoria pelos saudaveis argumentos, com que na sua prudentissima Carta me admoesta de algumas cousas. Não he este o primeiro beneficio, com que V. Senhoria me tem obrigado, nem espero que seja o ultimo. Desde a raiz da arvore corre pelo tronco hum succo, que se converte em pomo: da raiz do coração de V. Senhoria vem hu-

mas palavras tão substancias, que logo em mim fazem fructo; porque o mesmo he admoestar-me V. Senhoria, que ver immediatamente a sua exhorção o fim, que pertende. V. Senhoria disponha da minha vontade como deve, e como pôde; porque em mim he a obediencia tanta, como em V. Senhoria dominio. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XLIV.

Mui particularmente agradeço a V. Senhoria a prorogação da licença, que me alcançou; e pela grande difficuldade della he que eu meço o agradecimento a V. Senhoria. Vem por hum' anno, e he o que bastará, porque eu não sei se para elle bastarei; porém, por muito, ou pouco, que eu vivã, sempre no serviço de V. Senhoria desejo empregar a minha vida, como seu reverente, e favorecido Criado. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XLV.

As cortezes attentões, com que V. Excellencia em todo o lugar, e occasião me trata, bem evidentemente me dão a conhecer o vivo affecto, com que V. Excellencia me ama: pelo que não me faz admirado, mas só agradecido, o singular favor com que V. Excellencia patrocinou o meu negocio com os Ministros do Tribunal do, que espero seja unicamente por esse meio bem succedido. Assim o desejo; porém muito mais, e com maior justiça, os preceitos de V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XLVI.

Do fortissimo empenho, com que V. Excellencia quiz que eu fosse provido no emprego que pertendia, argumento a estimação, que V. Excellencia

de mim faz, da qual não he certamente digno o meu humilde merecimento; e por esta razão, resultando-me deste lugar tanto interesse, ainda o meu desvanecimento he maior que a minha utilidade. Beijando as mãos a V. Excellencia, agradeço, como posso, esta acção da sua innata benignidade, e rogo a Deos que dilate a V. Excellencia tanto os annos da sua vida, quantos são os meus ardentes rogos, não menos para meu augmento, que para minha honra, etc.

C A R T A XLVII.

Não he cousa nova encher-me V. Senhoria de favores; he sim nova a bondade, e empenho, com que agora me patrocinou, no negocio a que eu aspirava, e me conseguiu com tanta brevidade, que parece não mediou tempo. Como a grandeza deste beneficio me deixa em humia precisa confusão, forçosamente me impede o poder dar a V. Senhoria os devidos agradecimentos, os quaes só dignamente renderei, procurando neste meu novo lugar fazer tudo o que puder, para fazer parte do que devo a V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XLVIII.

Com todas as expressões mais vivas agradeço a V. Senhoria o parabem, que me dá do novo emprego, conferido mais a minha fortuna, que ao meu merecimento. Sendo para mim grande esta mercê, ainda poderá ser maior, se neste meu novo lugar houver occasião, em que possa servir aos amigos, e mui particularmente a V. Senhoria, que não só he amigo, mas viva lei de singular amizade. Fica a minha ambição esperando as ordens de V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XLIX.

Os dous paineis, que o generoso affecto de Vos-

sa Excellência me offerece, são para mim de mui particular estimação, mais pelo primor de V. Excellencia que os manda, que pelo do Pintor que os figurou. Possoas que desta especie de estudos, e idéas podem fazer juizo, louvão muito o excellente estylo do artifice: eu que para estes juizos não tenho o mais vivo juizo, não faço mais que engrandecer o estylo da generosidade, e affecto de V. Excellencia, que he o de que tenho perfeito conhecimento, pelo vivo retrato, que de huma, e outra cousa está impresso na minha memoria. He superfluo dizer a V. Excellência que a minha vontade está anciosamente prompta para em tudo lhe obedecer. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A L.

Eu, e não V. Excellencia, he que sou o que vivo obrigado, porque V. Excellencia, em me excrever, favorece-me; e eu, em lhe responder, honro-me; exercitando deste modo V. Excellencia a grandeza na sua benignidade, e eu augmentando o crédito á minha servidão; e provado assim com tanta evidencia ser eu que vivo obrigado, parece que V. Excellencia ou se esquece do que he, ou quer que eu me não lembre do que sou. o que será impossivel, porque não cesso em publicar a servidão, que professo a V. Excellencia, procedida de infinitas dividas de mui particulares favores. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A L I.

Ainda que me conviesse agradecer mais a V. Excellencia com hum reverente respeito, e profundo silencio, que com alguma extrinseca demonstração de palavras, as muitas attensões, com que V. Excellencia me trata, com tudo, o presente beneficio, que devo a V. Excellencia, he tão grande, que me

faz tomar a resolução de fallar, considerando que occultando-me a mim mesmo occultava igualmente os sinais do meu animo agradecido. Por tanto, beijo mil vezes a V. Excellencia a mão, agradecendo-lhe tanto favor com hum ardentissimo affecto, com o qual tambem rogo a V. Excellencia que se sirva de me particularizar entre os seus Criados, impondo-mi frequenter preceitos á minha obediencia. Assim o espero de V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A LII.

Com aquellas expressões, que me pôde dictar a grandeza da minha obrigação, agradeço a V. Senhoria o muito, que a meu favor obrou, para eu conseguir o que tanto desejava; e assim como esta obrigação he a primeira, que devo á benignidade de V. Senhoria, assim lhe rogo incessantemente que me dê occasiões, em que eu possa mostrar o antigo desejo, que tenho de servir a V. Senhoria; para o que não desejava que me tardasse este especial favor. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A LIII.

São tantos os louvores, que V. Senhoria dá aos meus Epigrammas, que não somente bastão para eu me persuadir que agradao a V. Senhoria, mas ainda podem fazer com que igualmente me agradem a mim, que não costumo facilmente gostar das minhas cousas. Foi-me preciso usar de huma grande prudencia no acto, em que recebi tão distinctos elogios; porque se empregasse toda a consideração na grandeza delles, e não na humildade do meu merecimento, faria verdadeiro nos meus poucos annos o que a Antiguidade fingio naquelle precipitado mancebo. V. Senhoria me louve menos, e me mande mais; isto que mais necessito, não só para meu justo desvane-

cimento, que para minha devida gratificação. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A LIV.

V. Senhoria com os seus louvores faz com que os meus Epigrammas lógrem aquella perfeição, que o meu talento não lhes póde dar, nem a mesma Arte lhe poderia conseguir. Agradeço a V. Senhoria tão grande approvação, a qual, ainda que nasce do seu affecto, e não do seu juizo, com tudo sempre por sér de V. Senhoria me desvance, e me faz conseguir no publico hum grande applauso. Tão alto conceito fazem todos dos conceitos de V. Senhoria, ainda quando nelles periga evidentemente a verdade! V. Senhoria me continue o favor, não dos seus louvores, ainda que mo honrão, mas dos seus preceitos, porque mais me acreditão. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A LV.

Em huma notavel confusão me deixão os louvores de V. Senhoria; porque (permitta-se-me esta expressão) por capricho do seu amor está V. Senhoria empenhado a fazer grande o que de si he tão pequeno. Ha cousa, que seja tão pouca como o meu talento? que digo pouca! Ha cousa, que seja mais semelhante ao nada, sendo hum confuso cahos, em que nenhuma cousa tem fórma? Mas agora conheço o quanto era preciso que V. Senhoria fizesse parecer grande a pequenez do meu engenho; porque como me quer fazer seu, por meio de huma estreita amizade, era mui necessario que antes me fizesse grande, para me fazer digno de tão estimavel favor. Com esta consideração beijo mil vezes as mãos a V. Senhoria, e com a maior sinceridade de animo lhe sacrifico toda a minha vontade por victima a tão raro favor. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos:

C A R T A LVI.

Li a Carta de V. Excellencia, e ainda agora, que respondo a ella, estou admirado da alta eloquencia, com que louva os meus escritos, e confuso pelo distincto affecto, com que trata a minha humilde servidão. Bem quizera eu agradecer a V. Excellencia tanta honra; porém, sobre a minha confusão, conheço que palavras não podem dignamente fallar das palavras de V. Excellencia, e só pôde supprir este grande defeito hum respeitoso, e profundo silencio, ao qual precisamente me entrego, assim para louvar, como he devido, as eloquencias, as honrosas expressões de V. Excellencia, como para tambem engrandecer a qualidade do meu agradecimento. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A LVII.

He mui pobre o meu engenho, mas V. Excellencia está tão empenhado em o enriquecer, que com a presente Carta que me escreveo, lhe abre huma mina copiosissima de raras conceitos. Com muita ambição acceto estas preciosidades, porque dellas necessito para meu adiantamento; e com igual respeito recebo, e estimo os louvores de V. Excellencia, porque me são precisos para minha advertencia; pois V. Excellencia por este estranho modo me quer ensinar. Parece-me que dignamente sei corresponder a estes favores de V. Excellencia, porque lhe respondo com o affecto mais sincero, do qual tenho hum thesouro, semelhante na raridade ao que V. Excellencia me offerece, e com elle posso fazer a V. Excellencia tão rico na minha memoria, como faz preciosos os meus escritos com a sua penna. V. Excellencia disponha da minha vontade como pôde, e como deve. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

CARTA LVIII.

Como poderei eu agradecer a V. Excellencia o fortissimo empenho, com que entrou a patrocinar-me no meu negocio, e a brevidade com que felizmente o conseguiu? Se eu tivera expressões tão poderosas, como o patrocínio de V. Excellencia, bem pudéra igualmente satisfazer ao meu empenho; mas estas faltão-me, e a todos succede o mesmo, quando são taes os beneficios; porém he tal a benignidade de V. Excellencia, que podendo tomar este meu defeito por argumento da sua grandeza, o considera unicamente como impossivel da minha capacidade. Não tenha V. Excellencia ociosa a minha obediencia, se lhe parecer, que as minhas obras não são como as minhas palavras. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

CARTA LIX.

Com as expressões desta Carta, tão altamente affectuosas como elegantes, me honra V. Senhoria de tal modo, que por ambas as partes me deixa confuso. Como posso, agradeço a V. Senhora esta honra, que me faz, e tambem dissera que agradeço como devo; porque fica impressa na minha memoria, e durará nella, em quanto me durar a vida. Como a benignidade de V. Senhoria he tão grande, como eu agora experimento, rogo-lhe vivamente que, já que com tão honrosas palavras me quiz favorecer, me queira tambem com os seus estimaveis preceitos gloriar; porque das obras, e não das palavras, he que nasce a gloria. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

CARTA LX.

Com tanto ardor me puz a ler o livro de V. Senhoria, e com tanta suspensão continuei, que quasi me hia esquecendo de responder á Carta de V. Senhoria, e de lhe agradecer tão estimavel presente.

Sei que V. Senhoria me ha de perdoar esta negligencia, como nascido de muita diligencia; considerando que o seu Livro, pela alta eloquencia com que esta composto, sem ser virtude occulta, he huma nova Magnete na Historia literaria, e que para claramente se conhecer que he de V. Senhoria, he mui desnecessario que no frontispicio se imprimisse o seu grande nome. Isto he o menos que devo dizer para elogio, assim como para agradecimento o mais que posso, he offerecer-me todo as disposições de V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A LXI.

Attenciosissima he a Carta, que V. Senhoria me escreve, suavissimos os Versos com que me recréa; porém he descortessissima a minha fortuna, por me retardar tanto o gosto destes, e a honra daquella: o que nem merecia o vivo affecto, com que amo a V. Senhoria, nem a profunda veneração, com que estimo as suas Obras. Beijo a mão a V. Senhoria por esta, que he servido enviar-me, a qual não me atrevo a elogiar, e só o poderei fazer, depois que ella me instruir: para o que prometto a V. Senhoria de não perder tempo; porque será tão continuo o estudo, que nella farei, que a hei de imprimir toda na memoria, para não abrir mais algum daquelles Livros, em que estão escritos nos milagres da Poesia. V. Senhoria entretanto não se esqueça do dominio, que tem sobre a minha obediencia, e sejam os preceitos tão frequentes, que tenha eu muito mais que dever a V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A LXII.

Offerece-me V. Excellencia a exacta, e erudita Historia de . . . , que em beneficio da Patria, e das Sciencias escreveo a sua veneravel penna, naquellas horas, em que os negocios politicos o deixão alliviar.

Agradeço a V. Excellência, com a maior distincção que posso, tão precioso presente, que eu recebo como instrução dos meus estudos; porém não posso deixar de dizer a V. Excellência, que eu não merecia tão recommendavel favor; porque sendo este pela sua grandeza tão distincto, pedia huma pessoa, além de sábia, acreditada; e bem conhece V. Excellência que huma, e outra cousa me falta; a sciencia, pela humildade do meu talento; o crédito, porque nunca a benignidade de V. Excellência se servio de me empregar no estimavel exercicio das suas ordens. Espero de V. Excellência que me dê esta honra, não menos para satisfazer ao meu ambicioso desejo, que para emendar em parte o seu tão notavel descuido. Deos guarde a V. Excellência por muitos annos.

C A R T A LXIII.

A benignidade, e o affecto não são as ultimas virtudes, com que V. Excellência, e a sua grande Casa, se ennobrece; por isso estou mui sinceramente persuadido que V. Excellência, e todos os demais Senhores sentirão a minha enfermidade, do mesmo modo que os membros do corpo costumão por commum consenso sentir a indisposição de algum, ainda que seja o mínimo de todos. Bem quizera eu com dilatadas expressões agradecer a V. Excellência tão distincta attenção; porém he este hum pezo, com que não pôde a fraqueza da minha convalescença: quando ella me restituir ao meu antigo estado, porei todas as forças, para me desempenhar com V. Excellência, empregando-me todo no suave exercicio dos seus preceitos. Deos guarde a V. Excellência por muitos annos.

C A R T A LXIV.

Quando saberei eu agradecer devidamente a

V. Excellencia a memoria, que de mim tem, e a vontade, com que tanto se empenhou nos meus interesses? Certamente que se eu seguir a opinião daquelles, que affirmão serem estimaveis os benefícios, em quanto se podem agradecer, devo muito sentir o ser tão particularizado por V. Excellencia; porque nem ainda chego a ter palavras, para dignamente poder mostrar-me agradecido. Com tudo, vivo assimmui contente, porque me desvanço desta minha ignorancia; e do mesmo modo deve viver V. Excellencia; porque tambem se deve gloriar da grandeza inexplicavel da sua protecção. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A LXV.

Rendo a V. Senhoria infinitos agradecimentos por haver reputado os meus Escritos não só dignos de serem lidos, mas inda louvados. Eu não me atreverei a entrar na questão, se as minhas obras são mais engenhosas, que felices, para me não oppôr ao prudentissimo juizo de V. Senhoria, e remetter-me-hei a hum devido silencio, como a melhor patrono da minha causa. Só não o observarei para rogar vivamente a V. Senhoria, que seja para mim tão liberal dos seus preceitos, como o he de elogios; e ainda que a minha servidão não mereça tão distincta mercê, a benignidade de V. Senhoria he tal, que me pôde habilitar para esta grande honra. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A LXVI.

O melhor modo que descubro para agradecer a V. Senhoria os particulares favores, que me faz he dizer que não sou capaz de os agradecer; porque, sobrando-me vontade, me faltão expressões. V. Senhoria receba este meu agradecimento com a sua na-

tural bondade, persuadindo-se que, ainda que seja mui trivial em semelhantes assumptos, he especifico para o meu talento. Esta minha inhabilidade não he só nas palavras, a mesma ha nas obras; porque nem ainda empregando-me no serviço de V. Senhoria poderei desempenhar quanto devo; e só o chegaria a fazer, se V. Senhoria se contentar unicamente com a sincera promptidão da minha rendida vontade. Deus guarde a V. Senhoria por muitos annos.

PARA PESSOAS PARTICULARES.

C A R T A LXVII.

Para eu dar a v. m. hum forte argumento do meu animo agradecido, bem conheço que he cousa mui pouca esta minha Carta, breve de expressões, e ainda de palavras; porém não me desanimo; porque também conheço que v. m., como se paga só da vontade, mais attende ao que dicta o affecto, e a obrigação, do que ao que explicão as palavras, e o engenho. Bastará esta minha confissão não só para me desempenhar, mas também para merecer que v. m. me honre com as suas ordens, a que eu tanto aspiro, não menos por crédito, que por interesse das minhas obrigações. Deus guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A LXVIII.

Sou mui devedor á conhecida benignidade de v. m., porque me fez o beneficio de patrocinar vivamente a dança do meu affilhado, que se via tão perseguido, que era deshumanidade não ter compaixão d'elle. Faço a v. m. esta confissão do meu agradecimento, não para me absolver da divida, porque me he mui estimavel; mas para que me ajude a conservá-la com menos vergonha minha, empregan-

do-me no seu serviço; obmo lhe rogo com toda a sinceridade, e affecto. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A L X I X.

Meu amigo. Com grande estimação recebo a Carta de v. m.; porque nella vejo hum retrato da sua amizade, principalmente quando se mostra sentido dos desgostos, que tão vivamente me cêreão. Não podia eu esperar menos, nem mais de v. m., a quem sempre devi tão particulares favores, que cabem na minha memoria, mas não no meu agradecimento. Eu todos me feço a v. m., porque a minha amizade prez-se de não ceder á sua, senão pelo prestimo, certamente pela fidelidade. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A L X X.

Meu amigo. Assim como o particularissimo favor de v. m. me servio agora de merecimento para alcançar tão honroso emprego; assim me persuado que melhor o exercitarei com honra, e gratidão, se a benignidade de v. m. me fizer merecedor dos seus precitos; de que vive mui certa a ambição da minha vontade. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A L X X I.

Meu amigo. V. m. não sabe perder occasião de me fazer favor; por isso tão inteiramente a sua amizade applaude o meu novo emprego, em que a piedade tirou o voto á justiça. Nello entendo que poderei obrar de maneira, que mereça louvor; mas ha de ser, se v. m. fôr servido dirigi-me com as sues admoestações, e honrando-me com os seus precitos. Assim rogo vivamente a v. m. huma, e outra cousa, não meos para não parecer indigno, que ingrato. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A LXXII.

Meu amigo. Pelo empenho, com que v. m. me favoreceo no justo negocio, que eu pertendia, claramente conheço a grandeza do seu affecto, e da sua amizade. Oh quanto, e de quanto devo eu render agradecimentos a v. m.! Porém guardo-os no meu affectuoso coração; porque me parece que, entregando-os á penha, os desperdiço. Não digo mais, e só rogo á rara bondade de v. m. que sempre me conserve na sua memoria, mais para me favorecer amando-me, que servindo-me. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A LXXIII.

Meu amigo. Já que v. m., unicamente levado do impulso da sua natural benignidade, havia desterminado honrar com louvores a humidade dos merecimentos, foi mui acertado valer-se dos versos; porque só attendendo-se ás qualidades, e fingimentos da Poesia, he que se podião tolerar tão attentiosos excessos, que de outra maneira seriam certamente dignos de humia grave reprehensão. Agradeço a v. m. mui distinctamente a ociosidade do seu engenho, e agradeço-a em Prosa; assim porque que- to parecer verdadeiro, e sincero: como porque raras vezes corri, e nenhuma discorri pelo dilatado campo da Poesia; e nas poucas occasiões, em que corri, foi mais para correr, que para tocar a baliza. Se as forças do meu engenho não enfraquecessem logo nas primeiras carreiras, havia corresponder a v. m. com igual fortaleza; porque como todo o meu empenho nesta Carta he desejar mostrar a v. m. a minha escravidão, só a esta compéti a oração ligada; mas consolo-me, que o que não póde fazer a arte do meu engenho, faz a natureza do meu affecto. V. m. me mande como póde, e eu appeteco. Deos guarde a v. m. por muitos annos,

CARTAS LXXIV.

Meu amigo. A minha amizade, tão affectuosa, como sincera, agradece a v. m. mui vivamente os parabens, que he servido dar-me do meu novo emprego; o qual para mim será muito mais honroso, se v. m. nelle me quizer dar frequentes occasiões, em que eu possa mostrar, na execução dos seus preceitos, que conheço de outro modo a devida, que eu agora só unicamente por este chego a conhecer. Bastão estas poucas palavras para meu agradecimento; porque não quero, mendigando expressões para hum animo agradecido, mostrar que pertendo diminuir os favores de v. m., e as minhas conhecidas obrigações. V. m. mas augmente, empregando-me no suave exercicio das suas ordens, que a minha ambição lhe torna a pedir. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

CARTAS DE DESCULPA, e de justificação.

ADVERTENCIA

Não ha duvida que qualquer homem pode muitas vezes cahir em alguns defeitos, dos quaes ao depois se costuma desculpar; para que, no juizo alheio, ou pareção menores, ou não serem commettidos por malicia da vontade, mas sim por esquecimento, e inadvertencia, ou por ignorancia, e inhabilidade, etc. A luz, que nesta materia podemos com brevidade, dar, he a que se segue. Se for indubitavel o erro e impossivel dar huma desculpa que satisfaça, recorreremos aos rogos pedindo perdão á pessoa offendida, e artificialmente louvaremos a sua bondade, e clemencia, que podem, e sabem perdoar cousas mais graves. Iremos insensivelmente diminuindo a culpa com todo o modo, e artificio possivel,

especialmente pelo commum da fragilidade da natureza humana. Pelo contrario, senão houvermos commettido o que se nos imputa, principiaremos a Carta, admirando-nos que crea de nós tal a pessoa, que nos culpa, sabendo a sincera amizade, e grande obrigação, que lhe professamos, etc. Feito isto, iremos tambem diminuindo o supposto erro pelas partes, a que chamão conjecturaes, mostrando v. g. ser a tal cousa incrível, difficil, ou impossivel: e iremos resolvendo todos os argumentos in contrario. Ultimamente rogaremos á pessoa offendida que tire de si toda a suspeita; que se fie da nossa amizade, e a queira experimentar em muitas occasiões do seu serviço, e este offerecimento se fará com muita humiliação, se a pessoa nos fôr superior. Se a desculpa fôr de não termos, ou poderemos servir em alguma cousa, que se nos pedio, ou tambem de havermos faltado a algum acto politico, daremos as razões, por que não o fizemos, de sorte que a pessoa, que pede, ou se queixa, fique persuadida, e satisfeita. Estas são succintamente as advertencias, que podemos dar sobre similhantes Cartas, as quaes, se se escrevem em estylo declamatorio, pertencem ao genero Judicial; e se de outro modo, ao Deliberativo, etc.

CARTAS DE DESCULPA, E JUSTIFICAÇÃO.

C A R T A I.

Muito admirado fico com a Carta de V. Excellencia, não pelo que nella me escreve, mas por se persuadir que he verdade o que me escreve. Eu he que estou persuadido que V. Excellencia, quando se lembrou de me escrever, se esqueceo logo totalmente de quem era; porque se V. Excellencia deesse na sua consideração lugar á sua conhecida pru-

dencia; e alta capacidade, não era possível que rompesse em tal excesso. Se a V. Excellencia então ce gou a paixão, agora o aclarará a verdade. As obrigações de hum verdadeiro amigo, e de hum brioso Cavalheiro tanto se dão em mim, como em V. Excellencia; e como he possível que V. Excellencia se persuada que eu dissesse o que V. Excellencia teria horror de dizer? Eu sou incapaz de huma tal acção, porque sou incapaz de deixar de ser quem sou; pois sempre cuidei muito em que o illustre accidente, que me deo a fortuna, fosse em mim pelas obras substancia. Não digo mais a V. Excellencia, porque isto basta para o seu juizo, e sobra para a minha verdade: e só rogo a V. Excellencia, que me perdoe alguns arrogantes termos, com que escrevo; porque não pude coater o impeto da pena, que naturalmente corria, e menos o do juizo, que arrebatadamente descorria; pois a paixão, com que li a Carta de V. Excellencia ainda foi maior do que aquella, com que V. Excellencia a escreveo. Póde mais a innocencia, que o brio, e a verdade, que as invetivas, que alguém introduzio a V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A II.

He mui justificada a razão, que V. Excellencia tem para se queixar; mas hão de se dirigir as suas queixas ao meu esquecimento, e não á minha impolitica; porque esta, como mancha maior dos da minha condição, não se dá em mim; nem, como inimiga declarada da gratidão, se podia dar no meu animo agradecido. Ainda que a minha culpa nasceo do esquecimento, confesso que sempre este foi mui notavel, por assentar em mim, e dirigir-se para V. Excellencia: em mim, porque, como tão estreitamente obrigado, o não devia ter; e para V. Ex-

cellencia, porque, como tão raramente benigno, o não podia merecer. Porém esta mesma benignidade de V. Excellencia he que me alenta, e me encaminha a buscar os seus pés; para conseguir o perdão, considerando que a bondade de V. Excellencia he superior á maior offensa: á maneira do Sol, que, esquecido da injuria, com que alguns barbaros o apedrejavam na tarde, lhe espalhava ao outro dia benignamente os seus raios. Assim o espero de V. Excellencia, tornando-me a continuar os favores, e seus preceitos, quando não seja por merecimento meu, ao menos por grandeza da sua pessoa. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A III.

Eu não tenho, nem será facil ter desejo mais ardente, que o de servir a V. Excellencia, para poder ir diminuindo nas occasiões os muitos favores, que á sua bondade professo. Por esta razão não pôde V. Excellencia entrar na menor duvida sobre a qualidade do empenho, que tomei, a fim de conseguir o que V. Excellencia me mandava. Porém como he no Mundo mui inveterada a queixa da surdez, para não ouvir merecimentos, nenhum effeito favoravel se seguiu da minha medicina: o que mui vivamente sinto, por não dar a V. Excellencia hum gosto, e á minha servidão hum novo crédito; porém espero que em outras occasiões poderei conseguir huma, e outra cousa, se a benignidade de V. Excellencia se não esquecer de mim como os seus preceitos. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A IV.

He fatal desgraça que, desejando á minha amizade, e pedindo as minhas obrigações o servir a V. Excellencia, ainda o não pudesse fazer: porque

sempre que V. Excellencia se digna de me mandar em alguma cousa, he em occasiões, em que de nenhum modo me he possivel: o que agora experimento, servindo-se V. Excellencia de me pedir o officio de . . . para seu affilhado N.; porque já o conferi a pessoa, que, para ter os merecimentos do seu affilhado, só lhe faltava a protecção de V. Excellencia. Para eu alliviar o sincero sentimento, com que fico, e para em alguma occasião fazer feliz a minha obediencia. V. Excellencia me empregue mui frequentemente no seu serviço. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A V.

O officio, que V. Excellencia he servido pedir-me para obsequiar a minha servidão, já está provido em pessoa de taes merecimentos, que podia merecer o patrocínio de V. Excellencia, se tivesse a fortuna de o alcançar. Por esta razão não satisfaço aos rogos de V. Excellencia, que para mim são honrosos preceitos, o que vivamente sinto; porém fica tanto na minha memoria o desejo, que V. Excellencia tem de ajudar o seu affilhado, que he impossivel esquecer-me d'elle, quando se der occasião opportuna; porque he impossivel esquecer-me eu das muitas obrigações, que devo a V. Excellencia, a quem sacrifico toda a minha vontade para tudo o que for servido. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A VI.

Já conferi o officio, sobre que V. Excellencia me escreve como amo, e senti mui sinceramente que me chegasse tão tarde a Carta de V. Excellencia, para lho offerecer como Criado; porém pôde estar V. Excellencia, e o seu affilhado na certeza do que, dando-se outra occasião, me não hei de esquecer das obrigações, que devo ao protector, nem dos

merecimentos, que venero no protegido. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A VII.

Se eu não medisse o animo de V. Excellencia pelo meu, entenderia que havia offendido as leis da amizade, e da obrigação, por deixar de responder a algumas Cartas de V. Excellencia: porém como estou persuadido que V. Excellencia conhece o meu antigo, e sincero affecto, (que para se conhecer não necessita destes actos exteriores) não dou lugar a desconfiança alguma, que V. Excellencia pudéra formar, se fôra escrupuloso. Não tenha V. Excellencia ociosa a minha vontade com a falta dos seus preceitos; porque nem V. Excellencia terá desculpa para deixar de mandar-me, nem eu para não lhe obedecer. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A VIII.

Recebi a Carta de V. Excellencia, e com ella hum negocio, que me encarregava, o qual, bem que grave, foi para a minha obediencia suavissimo. Puz logo nelle hum tão grande cuidado, que me fez esquecer de todos os meus; porém forão frustradas as minhas maiores diligencias, porque não pude nelle conseguir cousa, que possá dar gosto ao desejo de V. Excellencia, nem crédito á minha servidão, o que sinto como devo; porque as minhas obrigações assim o pedem. V. Excellencia não cessé de fazer mais provas da minha obediencia, porque poderei em algumas ser affortunado, e V. Excellencia bem servido. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A IX.

He-me preciso nesta occasião valer-me, mais que em qualquer outra, da benignidade de V. Excellencia, para que me desculpe, senão posso cume

pir com o que a sua authoridade me manda. Eu estou mal com o sujeito, para o qual V. Excellencia me busca por valia; e nasceo esta discordia de hums motivos, que chegarião a offender huma condição humilde. Se a minha fôra desta classe, eu narrara a V. Excellencia os fundamentos da discordia; porém não quero entregar ao papel acção, que por indigna nem a memoria se deve entregar. Viva voce informarei a V. Excellencia, que certamente não só me ha de desculpar, mas ainda louvar esta desculpa. Para outro qualquer empenho está a minha vontade tão prompta, como obrigada. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A X.

Vou desculpar-me com V. Excellencia de huma acção, nascida não da impolitica, mas ou das liberdades de huma sincera amizade, ou das obrigações de huma perfeita servidão. He esta não haver offerecido a V. Excellencia a minha Quinta de . . . , sabendo que se havia demorar na tal terra; porém confesso a V. Excellencia que me pareceo superfluo o offerecimento, attendendo não menos á confiança da nossa amizade, que ao dominio, que V. Excellencia tem em tudo o que eu possuo; que se eu previsse que V. Excellencia se havia mostrar mais Cavalheiro, que amigo, eu igualmente mostrar a mais attenção, que familiaridade; e excederia assim em muita parte a V. Excellencia; porque eu fazia o que estava obrigado a obrar, e V. Excellencia obra o que não devia fazer. Fico prompto para todo o castigo, e para obedecer a todos os preceitos de V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XI.

Eu não posso ser com V. Excellencia liberal da

minha Musa, quando ella he para mim tão avarenta dos seus favores e assim desculpe-me V. Excellencia com a sua innata benignidade, se logo lhe não mando os Epigrammas, que com tanto empenho me pede. Não me nego ao trabalho, (se acaso o he servir a V. Excellencia) porém hei de temperar as cordas, quando em mim houver descanço, que he o que querem os Versos, ou quando esta minha (estou para dizer importancia) se puder reduzir a acto. He superfluo offerceer a V. Excellencia a minha vontade para tudo o de mais, que V. Excellencia fôr servido mandar-me. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XII.

Não pôde em V. Excellencia haver importunidade, havendo tanta prudencia: em mim he que não ha forças, havendo tanta vontade: que se em mim se déssem, seria V. Excellencia logo servido com os Versos, que me pede. As Musas, como são divinas, não podem soffrer violencias, nem em todas as occasiões, e tempos podem ser propicias. Poetizar sem poesia não he mais que ordenar huma cadêa de syllabas, com que se atormenta a Arte divina; e he tal este attentado, que no sábio juizo poetico não deixa de parecer sacrilegio. Havendo em mim descanço, será V. Excellencia servido, como eu puder; e queira a sorte que o que eu puder seja o mesmo que eu quizera, para ficarmos ambos satisfeitos. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XIII.

Assim como o não me esquecer eu continuamente de V. Senhoria he sinal do vivo affecto, com que o amo; assim o esquecer-lhe raras vezes he argumento do profundo respeito, com que a V. Se-

nhoria venero. Por esta causa desculpe V. Senhoria a demora, que tire em ir a seus pés, do modo que podem as Cartas, e nunca se persuada V. Senhoria que em mim he esquecimento, mas sim escrupulo de demaziada confiança; a qual certamente pudera tomar, reflectindo na singular benignidade, com que V. Senhoria me trata; porém a minha condição não sabe sahir daquelles limites da modestia, que lhe assignou a fortuna, para observar com tão distinctas pessoas. V. Senhoria me honre com os seus preceitos, porque na execução delles he que eu serei cuidadoso, e prompto, como cousa propria da minha esféra. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XIV.

V. Senhoria promptamente responde ás minhas Cartas, porque he mui benigno; mas eu tarde as recebo, porque sou pouco affortunado. Esta he a unica razão, por que V. Senhoria experimenta demoras nas minhas respostas; e assim V. Senhoria me desculpe, se se persuadir desta verdade, e dê-se por enganado, se acaso formasse diverso conceito; capacitando-se talvez que o esquecimento fora quem tivera toda a parte na detença. Porém he demaziadamente escrupulosa a minha amizade, porque não he possivel que V. Senhoria faça tal juizo, tendo experimentado tanto o meu affecto, e sabendo que he V. Senhoria quem unicamente occupa a minha memoria. Esta, como tambem se não esquece dos grandes favores, que deve a V. Senhoria, deseja para a minha vontade continuados preceitos de V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XV.

Bem conheço que he tarde a minha obediencia em servir a V. Senhoria, que sempre está prompto

para me fazer favor ; porém não he certamente tar-
do o ardente affecto, com que o sirvo. Remetto a
V. Senhoria concluido o negocio, que me encom-
mendou, e estimarei muito que vá de modo, que
seja o agradecimento o agrado de V. Senhoria, a
quem desejo persuadir que a demora, que tive, ain-
da que grande, toda foi precisa para poder comple-
tamente servir a V. Senhoria, como eu queria, e
estava, em razão das minhas obrigações, obrigado
a fazer. Deos guarde a V. Senhoria por muitos an-
nos.

C A R T A XVI.

Quando eu recebi a Carta de V. Senhoria, es-
tava tão gravemente molestado, que, querendo o
espírito responder com o ardor do desejo, o impedio
o corpo com o ardor da febre, de que ainda não
estou livre. Rogo muito a Deos que me restitua a
minha antiga saude, para poder servir a V. Senho-
ria no negocio que me encommendou, no qual me
empenharei do mesmo modo, que V. Senhoria faz
aos meus; porém confio muito pouco do bom suc-
cesso; porque nada fio da pessoa, sobre que V. Se-
nhoria me escreve, para que eu lhe falle, assim
pela qualidade do seu genio pouco inclinado a pers-
tar, como porque eu, depois das razões, que V. Se-
nhoria sabe, principiêi a tratar este sujeito, como
se principiasse a conhecê-lo; porém para servir a
V. Senhoria não só tenho sacrificada a minha vanta-
de, mas ainda o meu brio; e assim, para V. Senho-
ria ficar bem, não duvidarei eu de ficar mal. Deos
guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XVII.

Quem morre fica livre de toda a obrigação, e
absoluto de toda a divida; e se ha quem pertende
alguma cousa, recorre aos herdeiros: por esta razão

estou eu livre da promessa do Epigramma, porque morreo em mim a Poesia; e se V. Senhoria pertende alguma cousa, recorra aos herdeiros, isto he, a essas centurias de Epigrammas, que remetto, os quaes como são feitos a diversos assumptos, poderá V. Senhoria em algum, mudando-o de quadrado para redondo, encontrar o que de mim pertende: V. Senhoria me desculpe para esta resposta, e estylo, que já he de quem não sabe o que escreve, e igualmente me mande em outras cousas, em que eu mostre que sei ser Criado, e não Poeta, que he o que mais desejo de V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XVIII.

Tarde respondo com a penna á attenciosa Carta de V. Senhoria, se bem que cedo com a vontade, e affecto. Quando a recebi, achava-me gravissimamente accommettido de huma ardente febre, a qual me tem posto de modo, que não me conheço: parece que mais sahi de huma sepultura resuscitado, que de huma cama convalescido. Espero no Senhor de me ver brevemente com a antiga saúde, para poder pagar a V. Senhoria tão continuadas attenções, não com respostas, porque o meu talento he moeda de mui baixa preço para pagar dividas, que são quasi infinitas; mas com obras, empregando-me todo no serviço de V. Senhoria; porque só a minha servidão he meio proporcionado para o meu desempenho. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XIX.

Faltei á minha obrigação, quando faltei dessa Corte; porque nem me despedi, nem busquei as ordens de V. Senhoria, como devêra; porém o máo tempo foi o que me fez parecer máo amigo; e sen-

do a culpa deste, he a pena minha. V. Senhoria, á vista de tão forte, e sincera razão, seja servido desculpar-me, e conheça eu que estou perdoado, favorecendo-me V. Senhoria com frequentissimos preceitos, que nunca q, serão tanto, como he o desejo, com que os appetço. Assim o espero de V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XX.

Tarde respondo á pergunta, que V. Senhoria, para honrar os meus estudos, foi servido fazer-me. Desculpe-me a sua bondade; sendo que não nasceo a demora de negligencia, mas do tempo, que era preciso para resolver huma duvida posta por V. Senhoria. Remetto o meu parecer. Entendo que não ha de persuadir, e convencer a V. Senhoria; não pela humildade, ou contumacia, mas sim pela grandeza, e superioridade do seu juizo, e estudos, que, não se contentando com o bom, só buscão o melhor. Estè certamente nunca se dá nas minhas obras, aquelle poucas vezes. Se a V. Senhoria parecer que nessa resposta nem ainda este se dá, torne-me a sua bondade a perdoar, considerando que a culpa he sua; porque pertende que hum campo, que raras vezes deixa de produzir espinhos, que molestão, produza flores, que agradão, ou fructos, que saboreão. V. Senhoria me mande como póde, e deve, mas seja em cousas, com que se augmente, e não diminua o meu crédito. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XXI.

Deixar eu muitas vezes de escrever a V. Senhoria não he incivilidade, he politica; não he esquecimento, he lembrança. Lembro-me das continuas occupações de V. Senhoria em beneficio commum: e como hei de preferir o meu interesse particular ao

de todos? Como hei de consentir que as minhas inúteis, e importunas Cartas vão fazer perder tempo tão util, e necessario? He justo que na lição dos meus escriptos se empreguem olhos, que em todos os instantes são precisos para vigiarem sobre a Republica? Estas razões são mui fortes, tanto para V. Senhoria me desculpar, como para eu deixar de lhe responder; mas se com tudo isto V. Senhoria quizer antepôr á sua commodidade a minha honra, eu importunarei a V. Senhoria de modo, que se ha de arrepender de ser para mim tão benigno. A maior distincção, que V. Senhoria ha de fazer de mim, he não cessar de desvanecer a minha prompta obediencia com os seus honrosos preceitos. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XXII.

Como posso eu dar flores a V. Senhoria, se já passou a minha primavera; e se no meio do Verão tremo do passado, e procuro quanto posso emendar-me para o futuro? Muito floreci no Parnaso na primavera de meus annos, agora he preciso produzir algum fructo, que se vem chegando o Outono; e por esta razão já não semeio flores, antes se acho algumas antigas sementes dellas, as desprezò como degeneradas. A' vista das razões, que allego, V. Senhoria me desculpe, se o não sirvo, e contente-se desta composição do meu animo, em lugar da composição Poetica, que me pede. Se V. Senhoria se servir de mandar-me em outras cousas, que não desacreditem os meus annos, mas que honrem a minha servidão, hei de estimá-las como devô, e executá-las como puder. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XXIII.

He para mim grande fortuna o servir a v. m.,

o he para mim igualmente grande pena não o poder fazer, como ao presente experimento com o negocio, que v. m. tanto me pede. São estreitissimas as ordens, que ha sobre este particular; de sorte que, sem erro notavel no meu officio, me he impossivel dar gosto a v. m. A nossa amizade, ou o benigno animo de v. m., deve desculpar-me pela justificada razão que allego; e deve igualmente aceitar, como serviço, o grande sentimento, que me fica desta forçosa negativa. V. m. busque outras occasiões, se quer mostrar o quanto em mim pôde, e se quer que eu dê a conhecer o quanto a v. m. devo. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXIV.

Mostra v. m. na sua attenciosa Carta, que he servido escrever-me, hum vivo empenho a favor de N...., pessoa; de quem eu igualmente tenho humas informações, que redundão em grande crédito do seu juizo, e dos seus costumes: e estas circumstancias ainda me fazem mais vivamente sentir o não poder dar gosto a v. m.; porque hum Decreto de Sua Magestade expressamente o prohibe com grandes penas. Como he justificada a razão, deve v. m. desculpar-me; e o seu affilhado consolar-se, e buscar outros caminhos para seu adiantamento, nos quaes desejarei mui sinceramente ter alguma parte, se v. m. mo ordenar; assim para attender ás muitas, e consideraveis obrigações, que a v. m. devo, como para valer aos conhecidos merecimentos do seu affilhado, que não necessitão de tão poderoso padrinho. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXV.

Meu amigo. Onde ha huma antiga amizade, não devem entrar aquelles escrupulos da politica; porque estes só se introduzirão no mundo para ti-

rar a liberdade á amizade, e ao amor; que este, por ser menimo, quer ser voluntario, e aquella, por velha, quer ter descanso; Por esta razão não escrevo frequentemente a v. m.: quanto mais que roubo o tempo ás suas, e minhas occupações, principalmente não havendo negocio que communicar. Não se ha de diminuir com tudo o nosso antigo affecto, porque não he como as Náos, que, estando em calma, não navegão: sempre este ha de continuar; porque na nossa memoria está tão vivamente impresso, que nenhuma mudança de tempo, ou de fortuna o poderá nella apagar. Para maior estabelecimento desta perpetuidade, favoreça-me v. m. com os seus preceitos, que prometto na execução delles concorrer com huma promptissima obediencia. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXVI.

Não quer v. m. acabar de persuadir-se que eu só unicamente sei ser amigo, e não Poeta; porque sei estimar o offerecimento dos seus Sonetos, e não sei emendar os defeitos, que v. m. nelles se suppõem. Eu não posso ser Mestre em huma obra, que me póde fazer discipulo, porque a julgo (se acaso posso julgar) muitas vezes digna de se imprimir na memoria da fama. Se eu tive algum conhecimento das Musas, foi nos meus annos pueris; e foi conhecimento, mas não confiança. Ha muitos que quebrei a lyra, porque me pareceo ser escandaloso o ter commercio, bem que innocente, com estas divindades; contando já idade, em que apenas ha calor para viver, quanto mais para poetizar. V. m. accete tão justa desculpa; e com a sua costumada benignidade receba a advertencia de me não mandar mais em cousas, em que me he impossivel servi-lo, por faltar para ellas em minha pratica, e em v. m.

sobrar especulação. Para tudo o mais está a minha obediencia tão prompta como obrigada. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXVII.

Meu amigo. Ao favor que v. m. me pede, respondo, pedindo-lhe outro favor. Permitta-me v. m. que eu lhe diga que de nenhum modo me he possível satisfazer ao seu empenho, porque certamente não sou bom meio para o conseguir. A razão eu a dei = viva voce, = e será logo, porque já estou afflicto, reflectindo no conceito, que v. m. talvez de mim ficara formando. Esteja v. m. na certeza que eu sou o prejudicado; porque nego a mim mesmo o maior crédito, que pedia ter, como era o de servir a v. m. como devo em razão das minhas infinitas obrigações. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXVIII.

Meu amigo. O livro, que v. m. me pede, não está na livraria. Poucos tempos ha, que o emprestei ao nosso amigo N. . . . Dellê o poderá v. m. haver, pedindo-lhe em meu nome: e espero da sua memoria que com brevidade mo mandará, não só por me ser preciso, como para que o largo usufructo não passe a posse. Não repare v. m. neste meu modo de fallar, porque não quero dar tratos ao juizo para dizer cousas com julzo. A nossa amizade tudo consente: quanto mais que emprestimos de livros tudo pedem, e ainda muito mais, não só por serem as alfayas mais ricas, mas tambem as mais necessarias. Bem sabe v. m. que ha muitos, que, fundados não sei em que opinião, pedem emprestados livros, que valem livras, e ao depois os conservão como livres de toda a restituição. Em huma muito grande me está v. m., por não me querer pagar com os seus preceitos o

vivo affecto, com que o amo; porém espero que v. m. se faça melhor pagador, para a minha servidão se enriquecer como deseja. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXIX.

Meu amigo. Perdoe-me v. m. se atégora tenho faltado em cumprir com o que v. m. me ordenou na sua Carta, tão abundante de expressões affectuosas, como eloquentes. Seja voluntario o perdão, porque, conhecendo o meu erro, confesso que totalmente me esqueci; porém asseguro a v. m. que não nasceo este esquecimento de pouco caso, nem de affecto adormecido. As minhas continuas, e graves occupações publicas forão as que me fizerão esquecer de cousas tão domesticas; e cooperou tambem muito para a demora, saber que a brevidade não era precisa. V. m. me mande em cousas mais graves, porque estas farão em mim maior impressão, não só para me lembrar, mas para promptamente obedecer. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXX.

Meu amigo. Fazer versos he cousa para mim difficiltosa; fazê-los para v. m. he difficiltosissima, e fazê-los com brevidade impossivel. As minhas occupações são grandes, e me fazem estar mui distante das Musas: o sujeito he grandissimo, e capaz de as fazer occupar todas com insupportavel trabalho; e assim considere v. m. em que consternação me põem os seus preceitos. Com tudo, dando-se-me tempo, farei o que souber; e senão chegar opportuno a offerecer marmores para o edifisio do Templo; nunca chegarei importuno a reverenciar nelle com o desejo o objecto, que eu já adoro nas virtudes. Em quanto v. m. não recebe a devida respos-

ta, acceite esta, que dicta hum animo, que não póde o que quer, e deseja o infinito numero das suas obrigações. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXXI.

Meu amigo. Manda-me v. m. que eu me empenhe com o Desembargador N...., a fim de conseguir o que tão anciosamente pertende. Não posso explicar a v. m. a afflicção, que me causa este seu preceito; porque, por conta do brio, tinha fixamente assentado no meu animo de não pedir cousa alguma a tal Ministro. Se v. m. me puder dispensar, faz-me hum particulár favor: sendo que as obrigações, que devo a v. m., são tão grandes, que obrigado devo sacrificar todo o meu pondonor ás disposições da sua vontade. Fico esperando a resposta, e desejava que a amizade, não a politica, a desse, porque, se verdadeiramente he preciso o meu empenho, eu já não tenho duvida de não attendet ao meu brio, para que v. m. fique servido. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXXII.

Meu amigo. Eu bem sei que deve ser altamente chorada a perda dos Varões grandes, mas ha de ser de modo, que na prosperidade appareção maiores, ou para premio das virtudes, que praticarão, ou para crédito dos engenhos, que os engrandecerão. Muitos, que tomão estas emprezas, as desempenhão de modo, que muitas vezes chorando dão materia para haver de se rir. Eu não quero ser hum delles, porque não quero fazer ridicula a serria, e luctuosa acção, em que os Poetas mais graves desacordemente acordes fazem as thimas honras á morte do Conde N....; e por isso não os acompanho nos versos, se bem os não deixo no

interior sentimento, como merece a falta de hum Varão tão sabio, prudente, e valoroso, que o animavão os espiritos de Cesar, e Catão, igualmente para gloria da Patria, e das virtudes. Este he o unico elogio, que posso dedicar á sua memoria; e talvez que não se poderá descobrir outro maior: pelo que me entrego a hum profundo silencio, émullo quasi do da sepultura, em que jaz tão saudoso Varão, cujas raras virtudes pedem mais imitadores, que Penegyristas; porque se huma cousa he tão difficullosa, a outra he impossivel. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXXIII.

Meu amigo, Confesso a v. m. que não acho desculpa, que desculpe o meu descuido; e assento, que melhor he confessar o meu erro, para me valer a sua innata benignidade. Eu não quero dizer que as minhas continuas, e graves occupaões darião a causa a este descuido; porque não quero que v. m. justamente me responda que não deve para mim haver occupaão maior, que a de obedecer promptamente ás suas ordens: assim o confesso e por isso torno outra vez a pedir perdão a v. m., e a prometter huma inviolavel emenda. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXXIV.

Os motivos, que me impedirão o servir a v. m. ha mais tempo no negocio que mandou, forão muitos, e mui consideraveis; como as continuas doencas, que em casa experimento ha muitos mezes, e outros trabalhos, que nunca faltão a hum homem pobre. A benignidade de v. m. he tal, que não só ha de acceitar esta desculpa, mas tambem se ha de compadecer della com a sinceridade de verdadeiro amigo. Agora que estes embaraços me deixão ser

Criado, mando a v. m. quanto pede, e creio que sirvo bem, porque me persuado que v. m. não podia ficar mais bem servido; o que estimo como devo, porque as minhas obrigações assim o podem. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXXV.

Meu amigo. Muitas cousas ha, que tem em si mesmas a impossibilidade de se fazerem; de sorte que da parte dellas, e não da vontade, he que está toda a falta. Mui grande emperho tomei eu, para que o negocio, em que v. m. fallou, tivesse hum successo: ajudei-o quanto pude, e encaminhei-o quanto soube; porém nada bastou, porque se me respondeo que a justiça do contrario era evidente, e que tirar-lha seria huma injúria, que escandalizaria a mesma injustiça. Se a bondade de v. m. me quizer favorecer, não lhe faltarão outras occasiões, em que, mandando-me, fique v. m. bem servido, e eu igualmente satisfeito. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

CARTAS DE QUEIXAS.

ADVERTENCIA.

GRande allivio verdadeiramente experimenta hum homem afflicto, quando tem hum bom amigo, a quem communique a sua dôr, e sentimento; não só porque os males communicados se suavizão, mas porque o amigo, compadecendo-se das suas afflicções, o consola por meio de Cartas; e he este hum particular privilegio da verdadeira amizade. Porém não ha Author, que, neste genero de Cartas, assignasse algum preceito; talvez porque a dôr não necessita de arte, o naturalmente se faz expressivo quem está sentido. Nós unicamente daremos huma regra, e he, que em similhantes Cartas poremos primeiramente as razões da nossa queixa; depois mos-

traremos que esperamos ver-nos livres da afflicção, que nasce das queixas; para o que fundar-nos-hemos em alguma cousa. São tambem muito proprias em similhantes Cartas as interrogações, e as exclamações, porque fazem hum bom effeito: primeiramente, porque melhor se move á compaixão a pessoa, a quem escrevemos; e em segundo lugar, porque tambem mostramos mais vivamente a grandeza do nosso desgosto. Isto he o que pudemos observar em Authores Classicos, que escreverão Cartas sobre estes assumptos. Verá o Secretario se com os seus estudos, e experiencia póde descobrir outras regras para estas Cartas, que pertencem ao genero Judicial.

CARTAS DE QUEIXAS.

C A R T A I.

Justamente me queixo de que a morte nos roubasse ao nosso grande amigo D. N. . . .; porém muito mais justamente me queixo de que V. Excellencia se queixe tanto, e que lhe pareça ser ainda tão diminuta a sua dôr, que anda desafiando o sentimento. He este muito justo, não o duvido; porque tambem não he pouco o meu pézar; porém quizera que V. Excellencia se não perdesse a si pela perda dos amigos; mas que se achasse a si mesmo na grandeza do seu animo, e de seu juizo. Goze V. Excellencia no espirito aquella parte do amigo que partio, e nos sentidos, aquella que ficou; isto he, a illustre memoria, e os muitos merccimentos, que deixou como despojo da sua vida. De outro modo he dar V. Excellencia a entender que não se quer aproveitar do que sabe; pois muito bem sabe que quem bem morre; não morre todo. Este pensamento, que principiou Gentilico, he hoje

igualmente Christão. Não devo dizer mais a V. Excellencia, e só devo rogar-lhe que não se esqueça de mim para me mandar como a Criado devedor. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A II.

Entre quantos espinhos de cuidados se colhe a rosa deste mundo! Mas com quanta maior brevidade, e desgosto, depois que se colhe, se vê murchar! Assim claramente o prova a triste noticia da morte do nosso grande amigo o Marquez do . . . , o qual, depois de alcançar o premio devido aos seus distinctos merecimentos com o alto emprego de Vice-Rei do Estado Oriental, e depois de recolher as véllas de tão prolixa navegação, devendo vencer os Barbaros, infames inimigos do Estado, ficou vencido da morte, inimiga mais barbara da sua gloria. Foi este golpe grande para os amigos, porém fatal para a Patria; e eu não sei que remedio possa ter a Medicina Estoica para curar, nem ainda para diminuir a dôr, que delle nasce; e se algum ha, só se póde achar na illustre Casa deste grande Varão, produzindo outro semelhante, que não lhe será difficultoso, como Mãi fecunda de heroicos filhos. Esta consideração he a que unicamente me poderá consolar, e não deixará de fazer em V. Excellencia o mesmo effeito, porque conhece a verdade della, como florecente ramo, que, ainda que transplantado, sempre conservou a mesma virtude do Throno. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A III.

O temor, que em mim havia, de que as minhas Cartas se tivessem descaminhado, passou já a sentimento de ter perdido a graça de V. Excellencia; porque não pude ter resposta da terceira, que escrevi por duas vias, ou para que, faltando hu-

ma, não faltasse outra, ou para por meio de huma e outra saber a causa de tão grande silencio. Já não tenho mais remedio que callar-me com a penna, persuadido que V. Excellencia quer desatar aquelle laço, que fez a amizade, e da minha parte conservava hum vivo affecto. Como em mim não se deo causa, senão vivo contente, vivo consolado. Faça V. Excellencia o que lhe agradar, porque a minha amizade ha de ser tão perduravel, como a minha gratidão aos muitos favores, com que a sua benignidade tanto me honrava em outro tempo. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A I V.

Escrevi a V. Excellencia duas Cartas não ha muito tempo, e fui breve, para dar-lhe pouco que ler, e menos que responder. Agora vejo que nada me responde, não sem grande resentimento da minha amizade, e do meu affecto. Ainda por ora não quero imaginar que esta offensa nasça da vontade; porque não quero arrebatadamente gravar a V. Excellencia de culpa, e a mim de maior sentimento. Do successo desta he que ficarei persuadido, que entendo sera feliz, porque me capacito que o ardor do affecto de V. Excellencia não está amortecido nas cinzas do esquecimento; e se o está, servirá certamente esta para o despertar, a fim de que novamente se atee a nossa antiga amizade. Assim o espero de V. Excellencia, a quem desejo obedecer, porque não estou esquecido das minhas obrigações. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A V.

Eu bem sei que muito responde V. Excellencia ás minhas Cartas, quando se digna de as receber; que muito me favorece, quando toma o trabalho de as ler, e que summamente me honra, quando

se serve de as estimar. Com tudo, queixo-me com V. Excellencia da causa, por que tanto me detém as respostas, a qual eu não posso descobrir; pois, ao que entendo, não obrei cousa, com que as desmerecesse; e em V. Excellencia tambem me parece que não póde ser esquecimento; porque não he possível que se esqueça dellas, lembrando-se tanto de inim para outras cousas. V. Excellencia se sirva de me responder, mais para alliviar a minha fiel amizade de hum grave escrupulo, que para a fazer digna de huma grande honra. Assim o espero de V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A VI.

Como poderei eu deixar de formar queixas de V. Excellencia, se por muitos sinaes vejo que na sua memoria já não ha memoria da fidellissima amizade, que sempre a V. Excellencia professei? Sim Senhor; por muitos sinaes o vejo; porque nem V. Excellencia responde ás minhas Cartas, nem com seus preceitos dá exercicio á minha obediencia. Para V. Excellencia deixar de me responder por meio destes, não ha, nem póde haver desculpa: para não corresponder com as respostas, alguma poderá haver; e descubro que será a importunidade das minhas frequentes Cartas. Se assim he, tem a razão de V. Excellencia mui pouca razão, porque eu não sei outro modo, com que se hajão de amar os ausentes. Qualquer que seja o motivo, fazendo-me queixar, nunca me fará esquecer de V. Excellencia, attendendo agradecido ás minhas obrigações. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A VII.

Não sei como posso crer que não tenho recebido Cartas de V. Excellencia, depois que se ausentou desta Corte, tendo eu escrito tantas, que se todas

forão entregues, mais parecerei importuno, que amigo. Não sei se me queixe de V. Excellencia: era mui preciso, assim para desaggravo da amizade, como para testemunho do meu affecto; porém ainda por ora reprimo a cólera da queixa: porque talvez que esta falta nasça das muitas occupações, e não do esquecimento de V. Excellencia. Se assim he, muito me escreve V. Excellencia, não me escrevendo; porque não quero incomodá-lo a troco de buscar o meu allivio. Só não cessarei de rogar a V. Excellencia que não tenha ociosa a minha obediencia, deixando de a empregar no suave exercicio dos seus preceitos. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A VIII.

Quem vive perseguido, não falla senão em queixas, nem tem maior allivio, que quando desaffoga a sua pena. Não he a menor, que actualmente me atormenta, ver que infieis me desamparão aquelles mesmos, que em outro tempo tanto obsequio me rendião. Saiba V. Excellencia, não sem horror que depois que contra mim se conjurou o implacavel odio da fortuna, não vejo mais que desatensões, nem experimento senão descortezias: de tal modo, que mui feliz seria eu se aquelles, que antes me juravão amizade, me tratassem agora como se principiassem a conhecer-me. Agora, Senhor, he que advirto que a lisonja, que os passaros rendem ás arvores, desfazendo-se em canto, não he em attenção ao tronco, mas sim aos fructos. Tambem agora conheço que, na Filosofia do mundo, quando hum ente he de pouca actividade, passa a ser objecto sensivel. Este sentimento, sendo dos maiores, ainda pudéra ter maior augmento, se V. Excellencia me deixasse, como outros fizerão; porém similhante ac-

ção nunca se poderá dar na qualidade da pessoa de V. Excellencia, e menos na da sua amizade; porque he desta desconhecida virtude huma rara imagem. En a conservo estampada na memoria para minha unica consolação; e se V. Excellencia for servido dar-me della mais copias em outros tantos preceitos seus, passarei de desgraçado a feliz. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A IX.

He tão obstinado o silencio de V. Senhoria, que, quanto a mim, já não me parece silencio, parece-me crueldade: não póde ser fé de viva amizade, he evidente testemunho de morto affecto. As cousas mortas, ainda que muitas vezes sejam chamadas, não respondem; ainda que sejam provocadas, não se resentem. Tal he amizade de V. Senhoria, que nem responde ás minhas frequentes Cartas, nem se resente das minhas repetidas queixas; porém espero que esta agora, como escrita com todo o meu espirito, ou acordará de tão escandaloso lethargo o languido affecto de V. Senhoria, ou resuscitará a sua morta amizade. Tanto assim o espero, que á impaciente me parece que me falta a resposta desta Carta, não me sahindo ainda das mãos. Fico, como sempre, para obedecer a V. Senhoria a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A X.

Sabe V. Senhoria porque não tem mão para me escrever? Porque não tem coração para me amar. Crêa V. Senhoria esta resposta, que he verdadeira. Onde ha affecto sempre ha vontade para escrever. Dirá V. Senhoria que sou importuno, diga-o muito embora, que nunca poderá dizer que o não amo. Virá occasião em que vá á Corte, e então he que espero que se vinguem estas minhas queixas; por-

que se agora (talvez falsamente) me diz que por molestado não tem mão para me escrever; então por comprehendido não terá V. Senhoria verdadeiramente lingua para se desculpar. Eu não posso reprimir a minha, porque não devo deixar de professar a V. Senhoria huma sincera, e affectuosa amizade. Não peço a V. Senhoria que desculpe a cega arrogancia destes termos, senão que me attenda; quando não com as suas Cartas, que tanto me consolão, ao menos com os seus preceitos, que tanto me honrão. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XI.

Está vinda de V. Senhoria á minha Quinta, que tantas vezes me tem promettido, he como a Materia Prima, que sempre está em potencia, nunca se reduz a acto, sempre as suas promessas são promessas, e sempre as minhas esperanças ficão esperanças. Porém o que atéqui não puderão conseguir os meus rogos, conseguirá a delicia da Estação, que convida a V. Senhoria a que se queira alliviar do grave pezo dos negocios que sustenta. Seja esta a minha valia, já que as queixas, e as supplicas da minha amizade, que desejavão honrar-se com tão grande hospede, forão de nenhuma valia. Espero com brevidade este favor; porque não desejava que insensivelmente passasse tão delicioso tempo. Entretanto espero ambicioso as ordens de V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XII.

Já não he conveniente o silencio, he preciso que eu falle, e que tambem me queixe, para que não pareça insensibilidade o que foi prudencia. E havendo eu mostrar as feridas, que os continuos combates da emulação fizerão no meu animo, a

quem melhor as poderei manifestar que a V. Senhoria, que com o poderoso balsamo das suas virtudes, e doutrina as pôde sarar? Saiba V. Senhoria que os meus émulos não perdem tempo, nem occasião em me atravessarem com as agudas setas das suas linguas; e são contra mim tantas as invectivas, quantos são os vícios que nelles ha. A que mais altamente me penetrou foi publicarem que eu dissera mal de N....; aquelle, de quem confesso ser creatura; aquelle, que, para exemplo de todos, he a idéa de todas as virtudes. Considere V. Senhoria se eu havia dizer mal de hum Cavalheiro, de quem todos dizem bem, quando de tal gente digo bem, de quem todos dizem mal. Não darei de satisfação mais huma palavra, e poucas mais escreverei ao tal nosso amigo, para que não mereça desculpa, o que he innocencia. Acabarei rogando a V. Senhoria, não só que me allivie de tão grave pezar com a sua resposta, mas que persuada a N...., a verdade; e estou certo que o ha de fazer V. Senhoria com grande abõno seu, porque sabe melhor que todos quem sou eu, e quem elles são. Fico, como devo, para obedecer a V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XIII.

Estou com tanto cuidado por não ter atégora Cartas de V. Senhoria, quanta consolação, e gosto tivera, se recebesse alguma noticia da sua saude. Mui cuidadoso certamente me tem esta, por ter deixado a V. Senhoria indisposto, quando passei por essa Villa. Se a molestia continuou, assás scandalizado ficarei de V. Senhoria, por della não me dar parte, para o meu affecto, e as minhas obrigações fazerem o que devem. Porém como não supponho que em V. Senhoria haveria tão notavel esquecimento, as-

sim tambem me persuado que foi outra a causa, que me nega as suas noticias, de que estou tão sentido, que altamente me queixára, se o respeito de V. Senhoria mo permittira. Como não posso, só rogo a Deos que dê a V. Senhoria huma saude, que não seja peffeitissima, porque não o quero ver logo enfermo; pois as cousas quando chegão á sua perfeição, he preciso que declinem. O mesmo Senhor guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XIV.

V. Senhoria como bom Poeta não pôde deixar de fingir bem; e eu como muito amigo não posso igualmente deixar de me queixar muito. Pedia a V. Senhoria hum Soneto, e atrevi-me a importuná-lo, porque como o empenho, que tinha, era grande; não podia buscar maior Poeta. Desculpou-se-me V. Senhoria, dizendo-me que já Apollo o não conhecia; como se eu havia crer que hum pai costuma fazer tal a hum seu filho primogenito. Faça V. Senhoria o seu gosto, porque o que eu tinha da sua obra, sendo grande, ainda não he o maior; pois mais gosto que V. Senhoria por minha causa não padeça o menor incommodo. Eu he que por V. Senhoria não duvidarei sacrificar toda a minha vontade; já que não posso por inhabilidade fazer o mesmo ao meu entendimento. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XV.

Hontem teve V. Senhoria a bondade de me buscar, mas eu não tive a honra de me achar em casa para receber tão estimavel favor: o que attribuo não ás disposições do acaso, mas sim ás da minha desgraça, que sempre, para me affligir, me acompanha. Se eu adivinhasse tanta fortuna, certamente não partiria para a Corte, sem que a benignidade de

V. Senhoria restituisse o que só ao meu grande affecto devia. Eu torno outra vez com brevidade para o campo, onde beijarei como agradecido as mãos a V. Senhoria, e lograrei como venturoso aquella occasião, que me negou a fortuna. Entretanto visite-me V. Senhoria com os seus estimaveis preceitos, porque estes dão á minha reverente servidão a mesma honra. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A X V I .

Procura v. m. de mim allivio ás queixas, que fórma da crnelidade da morte? Eu o alliviatei, mas ha de ser igualmente queixando-me; porque eu não posso consolar a v. m. pela morte do senhor seu pai, senão com queixas. São continuas as que fórmo por esta desgraça contra a minha desgraça; porque se v. m. perdeu hum pai, eu perdi hum amigo fiel, e hum grande bemfeitor; e como no mundo he cousa muito rara acharem-se estes, por isso são continuas as minhas queixas. Queixemo-nos, meu amigo, queixemo-nos como orfãos, que podem ser virtudes ás queixas, como tambem fundadas contra a cega barbaridade da morte, que, não attendendo aos estreitos laços da natureza, e da amizade, roubou a v. m. hum pai, que era amigo, e a mim hum amigo, que era pai. A pena está ainda em augmento, não admite consolação: em diminuindo; então o Moral lhe applicará o remedio. Entretanto não se esqueça v. m. de ter occupada a minha promptissima obediencia com as snas estimaveis ordens; Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A X V I I .

Meu amigo. Mui justamente me devo queixar de v. m.; porque, necessitando do meu pouco prestimo, para haver de se valer de mim, se valeo

de outro amigo. Não posso descobrir que razão moveria a v. m. para obrar tão desacertada cousa; porque não me devo capacitar que em v. m. fosse desconfiança de que eu por seu respeito o não serviria. Se eu desse lugar a esta consideração, queixárame com v. m. de tal modo, que evitaria para o futuro outra queixa. Não aperta mais a minha fiel amizade, e só unicamente diz a v. m. que não a injurie com valias; porque tem v. m. a authoridade, que basta, para a mandar, e ella tem as obrigações, que sobraão, para promptamente o servir. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XVIII.

Meu amigo. Estou, sobre queixoso, escandalizado de v. m.; porque á maneira dos Principes. e dos Grandes, que por policia encobrem as suas jornadas, quiz v. m. comigo dissimular a sua. Esta cerimonia não comprehende aos que são particulares, nem se usa tambem com os particulares amigos. Porém diminuo a minha justa queixa, porque presumo que v. m. industriosamente fez esta acção, para experimentar a minha affectuosa amizade. Discorrerá v. m. pelo mundo com os passos, e discorrerá tambem com o entendimento; experimentará diversas nações, diversos genios, - e diversas amizades; mas estou certo que entre tantas não encontrará huma, que possa ser cópia da minha; porque esta he tal, que até em mim he singular, comparando-a com a que professo a outros amigos. Como agradecimento a esta singularidade, rogo a v. m. que não me dê occasião de me queixar da sua correspondencia, assim como me deo para formar queixas da sua patria. Todo o meu préstimo sinceramente offereço a v. m. a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XIX.

Naõ esperava eu de v. m., e menos do seu juizo, que houvesse de violar as estreitissimas leis da palavra, que me deo, publicando o segredo, que lhe communiquei, com a condição de que suppuzesse que o naõ ouvira. Saõ mui outras as obrigações, com que v. m. nasceo, e devia igualmente ser mui outro o modo, com que devia tratar-me. Porém já de huma, e outra cousa me naõ admiro; porque esta palavra fidelidade, he hoje no mundo hum ente nominal, e a de nobreza, quando pelas accões degenera, he hum duplicado accidente. Muito mais pudera dizer a v. m., que a offensa pede tudo; porém naõ sei que cousa me suspende a penna: será prudencia; e assim he justo, para com armas contrarias me despícar briosamente com v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XX.

Meu amigo. Eu rendera muitos agradecimentos á fortuna, se com hum só dos seus revêzes me castigasse; mas saõ tantos os males, com que me persegue, que o corpo das desgraças he a sombra do meu corpo. Perseguiraõ-me atéqui os estranhos; e já, ou cançados, ou satisfeitos, me deixaraõ. Agora os parentes occuparaõ o lugar destes, declarando-se seus inimigos tanto peiores, quanto a corrupção era da melhor parte, que eu tinha. Naõ me cabe nõ tempo, e menos na memoria, o poder contar a v. m. as invectivas, que contra mim tem formado. só poderei dizer que imaginadas causariaõ temor. Como eu sei que enfermidade, que pecca no sangue, naõ se cura, se este naõ se aparta do corpo, apartei-me delles, julgando ser melhor que elles me naõ vejaõ, que ser delles mal visto, e capacitando-me que o Signo de Geminis nunca será para mim

Casa de exaltação. Foi-me preciso fazer a v. m. sabedor disto, antes que elles fação com v. m. que perca aquelle conceito, que de mim faz, o que sentirei, como a maior dos seus infortúnios. Porém confio muito que v. m., por estar tanto informado de mim, como delles, sentenciará pelo conceito, e não pelo sucedido, de que a inveja foi origem, e que o odio fomenta. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXI.

-Meu amigo. Chegou-se a occasião de eu me valer, e não de experimentar a amizade de v. m., porque della ha muito tempo que estou certo, e nunca eu entendi que a occasião fosse tão urgente, e lastimosa. Chegou a minha desgraça a ligar-me a liberdade na horrorosa prisão de hum carcere, que mais parece sepultura, que habitação. Nelle passo as importunas horas do dia, attonito com o espectáculo dos meus infortúnios, que, roubando-me até dos olhos o somno, me negão aquelle descanso, de que a natureza he tão liberal com os mortaes. Todo o requetimento, ou se me nega, ou se me demora nas mãos dos Ministros: saõ como as medicinas mal preparadas, que movem, mas não resolvem os humores. Para remediar esta segunda injustiça me valho do grande patrocínio de v. m., para que queira dar o Memoravel incluso ao Ministro N, que he homem, que quer valias. V. m. para elle a he mui particular; ajnde-me em tudo o que puder, pois de tudo se fazem dignas as minhas queixas, e infelicidades; que eu porei tão distincto beneficio no infinito número das minhas antigas obrigações: Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXII.

Meu amigo. Quanto invejo a v. m. a farsa fe-

licidade, com que vive, vivendo livre de litigios! Pobre, e infeliz de mim, que são tantos os que tenho, que parecem tão innumeraveis, como he o dinheiro, que com elles dispendo. Eu o d'era por mui bem empregado, se me fizessem justiça; porém todos os passos, que dou são como os dos Planetas retrogados, que são inuteis. Breve he o dia para subir, e descer escadas de Ministros, e Escrivães; sendo que em huns não deixa de haver letras, nem em outros presteza; mas as letras de huns, pelo que papão, são só de Papiniano; e a presteza dos outros, pelo que roubão, he como a velocidade de Atalanta com sentido nos fructos de ouro. Disfarce v. m. ou a puerilidade, ou a clareza, com que me explico, e só attenda a compadecer-se dos meus trabalhos, dando-me com o maior empenho esses Memoriaes inclusos, nos quaes mais falla a justiça, que a piedade. Espero de v. m. todo o favor, porque todo lho mereçe a minha servidão. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXIII.

Meu amigo. Atégora não posso ter o gosto de vêr resposta de huma Carta, que a v. m. escrevi, pedindo-lhe o seu patrocínio a favor de N..., pessoa, a quem devo não communs obrigações. Entendo que esta demora, ou nasce do esquecimento, ou talvez da pouca vontade, que v. m. tem de me favorecer. Eu bem sei que em mim não ha merecimentos para alcançar hum tal favor; porém certamente havia-os naquelle miseravel, assim pela justiça, que lhe assiste, e dura prição, que padece, como pela piedade, com que a roga. Eu não pretendia, quando de v. m. me valia, violar a justiça, mas sim mitigar o summum jus. Quantos são indignos da luz, e com tudo tambem nasce para elles

o dia, como para os outros! Não digo mais; porque não quero com tom de orador escandalizar o procedimento do mundo; e só rogo a v. m. que me responda, para eu satisfazer a este meu pobre afilhado, mostrando-lhe que da minha parte puzera todas as forças para o seu bom successo. Isto he agora o mais, que eu peço a v. m., parecendo-me antes o menos. Fico ás ordens de v. m. com melhor vontade, e com maior promptidão. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

RESPOSTAS A ESTAS CARTAS

De Queixas.

C A R T A I.

HOnra-me V. Excellencia na sua Carta de modo, que me confunde, e nella me escreve de maneira, que me ensina. Nella são tantas as elegancias, como os favores; e se estes me deixão obrigado, também aquelles me podem fazer discreto; porém eu quero deixar de o ser, para me applicar todo á parte, que me obriga, e me deve fazer agradecido. Em quanta obrigação me deixe o sentimento, que V. Excellencia teve de não se achar já nesta Villa, quando o busquei? A quantos agradecimentos me obrigão as queixas, que o seu affecto formou por esta mesma causa, as quaes, sendo mal fundadas por dizerem relação a mim, não forão com tudo dictadas pelos communs cumprimentos da politica, por virem de V. Excellencia! Depois de agradecer tanta fineza, rogo muito a V. Excellencia que não se desacominode, vindo outra vez a esta terra por causa minha; porque não quero que V. Excellencia venha fazer a esta Villa, o que eu com brevidade hei de ir fazer a essa Corte. Em quanto não

executo esta resolução, faça-me V. Excellencia muito frequentemente mimoso dos seus preceitos; porque na execução delles serei mais prompto. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A II.

Era preciso que eu me esquecesse de quem V. Senhoria he, para ter por certa a noticia, que na attenciosa Carta me escreve. Quem nasce com as obrigações de V. Senhoria, não podia commetter hum attentado, que chega a escandalizar quando se dá em hum nascimento humilde. Deixe V. Senhoria falar os seus émulos, e continúe os seus passos, fazendo que não ouve, á maneira da Lua com os atrevidos latidos dos cães; e esteja na certeza que nenhuma inimizade poderá desatar o vinculo do nosso affecto, porque he indissolúvel. Agora me dizem que V. Senhoria vem á Corté: eu o estimo infinito, e já offereço a V. Senhoria com toda a sinceridade a minha Casa, para della se servir como sua. Avise-me V. Senhoria se he certa esta noticia, e de como se serve de acceitar este meu devido offercimento. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A III.

Para se amar a hum amigo, he preciso amá-lo com o seu defeito; porque de outro modo não haveria amizades, e querer-se-hia que o mundo não fosse mundo. Muitas vezes tenho promettido a V. Senhoria de o ir visitar á sua Quinta, e outras tantas lhe tenho faltado; mas he necessario que V. Senhoria me disfarce estas incivildades, nascidas certamente de hum innocente esquecimento, que já não quero digger occupaões; porque V. Senhoria não se quer já persuadir destas desculpas, e com razão, pois não as póde haver para deixar de lograr a compa-

nhia tão estimavel de V. Senhoria. Com a brevidade, que me fôr possível; irei receber o castigo de tanto esquecimento, e agradecer vivamente a V. Senhoria o affecto, com que me trata, o qual eu sem duvida lhe mereço. Entretanto mande-me V. Senhoria como póde, para eu cumprir com os seus preceitos como devo. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A IV.

Meu amigo. Na occasião, em que v. m. me dá hum particular gosto, com a sua estimavel Carta, me causa igual sentimento com a sensível narração das suas desgraças. Nenhuma admiração me fizerão; porque com lastima as vejo mui familiares em pessoas dos merecimentos de v. m. Este he o procedimento do mundo, e em todas as idades sempre foi juiz desta inteireza, como nos testificão as fieis testemunhas das Historias. Console-se v. m. com as suas desgraças, console-se; porque he sinal evidente de que he benemerito: quanto mais que não he o primeiro, nem certamente será o ultimo. Se eu puder servir a v. m. de outra consolação, não me poupe, por quem he; porque em mim achará v. m. hum tal affecto, e vontade para lhe valer, que não será facil achar outra tão sincera, e grande; porque não será facil descobrir-se hum amigo como eu. Disfarce v. m. esta jactancia; porque sobre assentar em verdade, redunda em crédito da minha amizade. Fico prompto para tudo, o que v. m. fôr servido mandar-me, e seja com a brevidade, que pedem as minhas obrigações. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A V.

Meu amigo. Eu certamente não tenho expressões, com que possa mostrar a v. m. o interior sentimento, com que fico pela sensível noticia, que

me dá da sua prizão. Se este podesse receber augmento, só o teria por não me participar v. m., o motivo. A afflicção, que humas vezes dá entendimento, outras tira a memoria; porém, fosse qualquer a razão, sempre estou certo que havia ser sem razão; porque dos costumes de v. m. não se podia esperar cousa, em que as leis tivessem parte. Esta consideração me faz socegar, e dizer a v. m. que não se atemorize com a tormenta de hoje, que á manhã apparecerá o Ceo sereno; porque sempre a desnudez sincera da sua innocencia poderá mais, que o rebño atrevido dos seus émulos. Eu estou promptissimo para fazer tudo o que v. m. me ensinúa, e será com tanto empenho, como brevidade; assim porque o pedem as minhas obrigações, como a afflicção de v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A VI.

Meu amigo. Não póde v. m. considerar o grande sentimento, em que me deixou a noticia da sua discordia com seus parentes; porque a estes, e a v. m. estimo muito, pelo particular favor, com que me tratão. Conta este mal a mesma antiguidade, que o mundo; porque o primeiro sacrificio, que nelle se fez, foi a discordia introduzida entre dous irmãos. Isto basta para eu não me admirar, e para perder as esperanças de poder curar enfermidade, que he tão inveterada. Por este motivo não me farei parcial; e só cuidarei em desempenhar o bom conceito, em que v. m. está, de que só eu lhe sou verdadeiro amigo; no que não perderei tempo, nem occasião, assim para satisfazer ás antigas finezas, que a v. m. devo, como para agradecer esta, em que v. m. antepoz o vinculo da amizade ao estreito do parentesco. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

Outras respostas para Cartas de queixas, ou se achado nas que escrevemos de desculpa, ou com facilidade as poderá dellas formar o engenho do Secretario.

CARTAS DE CONSOLAÇÃO.

ADVERTENCIA.

São mui communs as occasiões de consolar, porque são neste mundo mui vulgares as adversidades; e he este exercicio mui proprio de hum animo Christão, porque satisfaz a huma das obras de Misericordia. Estamos obrigados a escrever semelhantes Cartas a pessoas amigas, consolando-as pela perda de alguma cousa estimavel. O seu artificio he o seguinte: Se a pessoa, a quem se ha de consolar, fôr prudente, e douta, claramente lhe mostraremos com argumentos que não deve lastimar-se. Se fôr de animo fraco, e o sentimento fôr de sorte, que não consinta consolação, usaremos de hum tal artificio, que, sem o animo sentir, se introduza o allivio, e a confortação, dizendo v. g. que não escrevemos para o consolar; porque sabemos com quanto valor sabe soffrer as adversidades: ou que estamos tambem nós occupados de hum tal sentimento, que não vamos a consolar, antes necessitamos de quem nos console. Logo insensivelmente iremos usando de todas as razões, que podem mitigar a pena; dizendo, por exemplo, que a perda não he tão grave, como parece, ou que he de pouca duração; e então daremos esperanças de que a fortuna mudará de rosto. Se a perda fôr de pessoa que morreo, consolaremos, louvando-lhe as virtudes, com que no mundo se fez amavel, e com que

nelle soube morrer. Finalmente concluiremos, exhortando a tal pessoa a que socegue, e lhe offereceremos todo-o nosso prestimo, etc. Pertencem estas Cartas ao genero Deliberativo.

CARTAS DE CONSOLAÇÃO.

C A R T A I.

COM, que olhos podia eu ler a Carta de V. Excellencia, senão com aquelles mesmos, com que V. Excellencia a escreveo? Penetrou-me sem duvida tão vivamente a noticia da morte do Senhor Conde de, que as lagrimas humedecêrão o papel; porém não durarão estas tanto, que não dêsem no juizo entrada á razão. Enxugou-as logo a pia conjectura de que está aquella grande alma na Patria dos escolhidos; porque a vida dos homens grandes não he mais que hum continuado commento sobre a morte. Espero que a piedade de V. Excellencia dê entrada a esta consideração, e que, se acaso ainda chora, sejam as lágrimas mais de inveja, que de compaixão, lembrando-se de que este Cavalheiro com o alto debucho das suas virtudes fabricou, em quanto vivo, a escada para subir ao Ceo. Para V. Excellencia haver de se consolar, muito menos bastava, se se attender ao seu prudentissimo juizo; mas muito mais era preciso; se se reflectir á minha fraca capacidade; porém fazendo tudo o que posso, faço quanto devo para alliviar a V. Excellencia de tão grave sentimento. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A II.

Morreo a Senhora Condeça; e que quer dizer morreo? Acabou de ser miseravel, e talvez principia a ser feliz; porque acabou bem, como V. Ex-

cellencia entre lagrimas confessa. Não se entregue V. Excellencia a tanto sentimento; pois andamos neste mundo de tal modo; que mais nos devemos admirar de quem nasce, que de quem morre. Muito pudéra dizer para consolar a V. Excellencia; porém não quero com as minhas exhortações injuriar as suas solidas virtudes. Em si mesmo tem V. Excellencia o poderoso balsamo para tão penetrante golpe. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A III.

O constante animo de V. Excellencia, para ser consolado por tão infausto accidente, não necessita da vulgar medicina, de que para taes golpes usa o affecto dos mais fieis amigos. O espirito de V. Excellencia tem o mesmo remedio, que se admirava na lança de Achilles; he como o Olympo, onde não ha lugar para aquellas luzes, que só convêm á humildade dos outros montes: pelo que, se eu intentára consolar a V. Excellencia, não faria mais, por muito que fizesse, que mostrar huma sombra, que logo dissipada pelos penetrantes raios do juizo de V. Excellencia em nada se resolveria. Unicamente busco a V. Excellencia para me consolar com seus preceitos, dos quaes a minha obediencia se vê ha tanto tempo privada, que a impaciencia vence todas as expressões. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A IV.

He inutil a consolação, onde ha coasancia nas adversidades. Este he o motivo, porque não vou consolar a V. Excellencia pela considerada determinação, que contra a sua pessoa se tomou; que se tal virtude se não déra tão altamente em V. Excellencia, dissera que o animo do homem forte não caher com o primeiro golpe da fortuna: que se está

innocente, não ha maior felicidade; porque com a sua ausencia se ausenta tambem com elle a justiça: e que se talvez está comprehendido em alguma culpa, tambem para satisfazer ao seu brio, não deve em attenção á perda entregar-se ao sentimento; porque assim como não ha qualidade de ar, que seja impenetravel ao vôo da Águia, assim igualmente não há terra, que não seja Patria do homem constante. Como o discórrer mais nesta materia póde ser cousa ociosa, e de consequencias, dou fim á Carta, rogando unicamente a V. Excellencia que não me estejam distantes os seus preceitos, assim como me está a sua pessoa. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A V.

Não saberia eu que cousa era amizade, se dissera que não he justissimo o sentimento, que V. Excellencia altamente padeceo pela perda de seu grande amigo D. N.... He este golpe tão forte, que póde, sem descredito do valor, prostrar o animo mais constante; porque entrar na idéa de não sentir, he desprezar a razão. Sinta pois V. Excellencia, porém do modo como se devem sentir as adversidades do mundo, que he admittindo consolação: e seja a de V. Excellencia o considerar que, se lhe faltou o amigo, nunca V. Excellencia faltou ás santas leis da amizade, que em quanto vivo lhe professou com o affecto, e ainda continúa com os soffragios depois de entrar na Região das almas. Não se esqueça V. Excellencia de honrar a minha obediencia com os seus estimaveis preceitos, de que sempre, como V. Excellencia sabe, fui tão ambicioso. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A VI.

A larga enfermidade de V. Excellencia tem fei-

to em todos huma impressão tão viva de sentimento, como merece a estimavel pessoa de V. Excellencia, e como pedião os muitos beneficios, que a tantos tem feito a sua generosa benignidade. Entre elles não tenho eu o segundo lugar; por isso sou talvez o primeiro a desejar a V. Excellencia a sua antiga saude; e em quanto esta não chega a alliviá-lo do modo possivel, persuadindo-o a que tolere com paciencia o piedoso rigor, com que o Ceo o quer experimentar, desafiando a sua constancia. Lembre-se Vossa Excellencia que quanto mais fraca, e enferma está a carne, tantas menos forças tem para se revellar contra o espirito, e que no crysol he que se purifica o ouro, apartando-o das fezes. Bem superfluas são para as virtudes de V. Excellencia estas admoestações; porém o meu estado as pede, e o meu exercicio as lembra. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A VII.

Se os lucros do Ceo se pudessem chamar perdas da terra, diria eu que grande perda experimenta a Corte pela morte do Senhor D. N...., hum dos seus mais principaes Cavalheiros, ou se attenda ao esplendor do nascimento, ou ao das virtudes. Porém como eu me persuado que nós não perdemos, mas antes lucramos com a sua morte, porque com ella passou a huma vida immortal, assim no mundo pela fama, como no Ceo pelos merecimentos; devo dizer a V. Senhoria com zelo, tanto de Catholico, como de amigo, que indiscretamente se entrega ao sentimento; porque não se contenta de usar d'elle, mas o desperdiça, não sem injúria do seu prudentissimo juizo, nem sem grave offensa as raras virtudes do morto, que está já recebendo o premio dellas na feliz Região dos Escolhidos. Rogo

a Deos que inspire altamente em V. Senhoria estas razões, e que guarde a sua digna pessoa por muitos annos.

C A R T A VIII.

Com razão fia V. Senhoria muito da minha amizade, e affecto, participando-me a tristissima noticia da morte do Senhor D. N. . . . ; porque sabe que eu hei de sentir, como se pelas minhas vêas passasse tão illustre sangue, e que hei de neste sentimento acompanhar a V. Senhoria, como se fossemos duas almas unidas em hum corpo. Assim hei de acompanhar a V. Senhoria, mas ha de ser para o consolar, como eu a mim faço, propondo-lhe a piissima conjectura de que este Cavalheiro por meio das suas conhecidas virtudes caminhou pela Via Lactea para a verdadeira Patria remuneradora. Consolemo-nos, Senhor, consolemo-nos. Passou o dia da morte do nosso amigo; passe tambem a noite do nosso sentimento; e da viva luz daquella alma feliz nasça a serenidade da nossa vida, para que o mundo nos contêça por amigos, e o Ceo por Christãos. Estas razões são as que bastão para a minha amizade, e as que sobrão para o juizõ de V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A IX.

A tanto extremo chega a pena, que me assiste pelo desgosto de V. Senhoria, que certamente me faltão expressões para a encarecer, e ainda para a participar. A fortuna tem hoje muito poder no mundo, porque este está muito vário, e ella só nas variedades tem a sua firmeza. A velocidade da sua roda he incomparavel, e incrivel; e os accidentes, que a cada instante se offerecem, são taes, que não ha outro antidoto, mais que paciencia. Supplico a V. Senhoria que faça consideração, e se persuada

que não he peregrino neste mundo, que dê passo sem ser acommettido das cilladas da fortuna; porque a não ser isto assim, perderia o mundo o seu ser. Isto he o que posso por ora dizer a V. Senhoria, porque não pertendo accrescentar com as minhas palavras as suas afflicções. Só rogo á sua bondade que não me diminua com a falta de seus preceitos a honra, que tenho de ser Criado de V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A X.

Em toda a occasião deve brilhar a constancia de animo na qualidade de pessoas como V. Senhoria; porém em nenhuma melhor que na presente, em que a V. Senhoria succede hum tão grave infortunio, que raras vezes apparece nas pessoas da condição de V. Senhoria, sendo o mundo tão liberal delles. Muito temêra eu de V. Senhoria, senão o vira fortalecido com as virtudes, as quaes lhe fazem considerar que este successo he huma visita, que Deos lhe faz, para experimentar como amigo á sua constancia; he certo que já na Patria dos Fortes está preparada para V. Senhoria huma Coroa immarcescivel. Grande felicidade! Já não consolo a V. Senhoria, dou-lhe os parabens, e parabens de o vêr tão feliz; que incita em mim huma santa inveja. Deos Senhor nosso continue a V. Senhoria tantos bens, porque delles se fazem tão dignos os seus raros merecimentos. O mesmo Senhor guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XI.

Ouço que V. Senhoria está altamente penetrado pela desgraça, com que a fortuna o não quiz izentar da sua fatal jurisdicção. Mui pouco fundamento descubro em V. Senhoria para as queixas, que fórma; porque se persuade que são escuras trévas

humas leves sombras, que mais fazem brilhar, que impedir a luz. As desgraças tem hum nome como o Camaleão, que não se pôde proferir sem estrondo, e sem causar algum terror na fantasia. Os que são de hum espirito affeminado imaginão que he hum monstro maior, que hum Elefante, e mais formidavel que hum Leão; mas se o vissem em hum campo, coberto todo de huma só folha de arvore, zombarião do atrevimento do seu nome, e não duvidarião por desprezo de o pizar com os pés. Considere V. Senhoria profundamente neste exemplo, e applicando-o para a sua desgraça, zombe della, como cousa, que unicamente no vocabulo causa horror a hum animo constante. Vista-se da veneravel vestidura da Filosofia Christã, e applicando-se á Alchimia, que ensinão as virtudes, transforme o ferro das tribulações em ouro de felicidades. Receoso de que a paixão de V. Senhoria não attenderá a estas minhas razões, dou constrangido fim ao meu assumpto, esperando mais opportuna occasião. Desejára achar semelhante, em que V. Senhoria com os seus preceitos deixasse de me ter ocioso no seu serviço. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XII.

Eu não me admiro de vêr sem premio os conhecidos merecimentos de V. Senhoria; admiro-me sim de que a sua prudencia se resolvesse a queixar-se, quasi parecendo-lhe nova a injustiça do mundo. Quando vio V. Senhoria coroadas com o devido premio as virtudes? Quando vio que hum benemerito, sacudindo o honroso pó, contrahido na carreira das acções illustres, descauçasse á sombra do valimento do Principe, tão enriquecido de premios, como elle soubera enriquecer-se de glorias? V. Senhoria não tem reparado que Venus, sendo a imagem das ac-

ções inimigas da heroicidade, tem lugar no Ceo com o titulo de Estrella; e que Pallas, sendo a que inspira sciencia no valor, e valor na sciencia, nem tem lugar no Ceo, nem o esplendor de Estrella, Console-se pois V. Senhoria, já que vê que os Bastões não são, como a Clava de Hercules, argumento de valor, e que só se dão para se arrimarem aquelles, que se vem destituídos de forças, não por causa de idade debilitada, mas em razão do espirito feminal. Muito mais podera dizer a V. Senhoria para sua consolação, que não he esteril a materia; porém isto para V. Senhoria basta, e se dissera mais, seria muito. A quem tentasse o vão, ou surcasse ondas mais fortes, seria mui facil o naufragio. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XIII.

Meu amigo. Muito obstinado tem sido a enfermidade de v. m. porque não cede aos remedios do tempo, e menos aos da Medicina. Eu o sinto mui vivamente, como pede a minha affectuosa amizade, e as minhas não vulgares obrigações. Estas assim como me dispõem para o sentimento, assim igualmente me movem a curar a v. m. com mais certa medicina, senão da doença mais forte, que he a do corpo, ao menos da mais perigosa, que he a do espirito; porque ouço que v. m. dá grande entrada á impaciencia. He preciso, meu amigo, fixar no Ceo os olhos da consideração, e reflectir que as enfermidades são a alma vivificante de hum Catholico; sim enfraquecem o corpo, porém reforção o espirito: são a pedra, onde se toca o ouro das virtudes, para se experimentar a qualidade do seu valor; e sem passar por este exame, ou não se conhece, ou fica duvidosa a sua estimação. Póde igualmente servir a v. m. de hum grave allivio a companhia

dos amigos, que o visitão, os quaes, quando são verdadeiros, são hum thesouro, que não se sabe estimar; porque sabem sentir como proprias as enfermidades dos seus amigos, á maneira dos corpos sublunares, que sentem em si todos os accidentes do corpo da Lua. Aceite v. m. estes poderosos remedios, effeitos sinceros da minha amizade, que deseja fortalecer o seu espirito inquieto, já que não pôde dar vigor ao seu corpo enfermo, o qual, mediante Deos, espero com muita brevidade. O mesmo Senhor guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XIV.

Meu amigo. Póde v. m. estar na certeza de que ainda não tive noticia, que me penetrasse tão vivamente o coração com sentimento, com a presentê, em que v. m. dá parte do seu desterro, e muito mais sendo originado por huma causa, em que v. m. mostrou que sabia cumprir com as obrigações do seu sangue, não sabendo soffrer injúrias. Se esta acção de v. m. não he briosa, eu não sei que cousa possa ser brio: e se não foi necessaria, tambem não sei com que obrigações nasce hum homem de honrado nascimento. Supponho que esta ignorancia he defeito do meu juizo, e quero-me sujeitar a este parecer, por não me sujeitar a padecer culpado o castigo, que v. m. padece innocente. Passo a lembrar a v. m. que não se esqueça da sua constancia; da qual em similhantes successos dera a v. m. muitos exemplos, praticados por Varões grandes, se em outros maiores, como os da sua Familia, não tivera v. m. outros exemplares, que imitar. O principal officio do tempo he gastar as cousas, e do bom Principe, como o que temos, he apagar como pai aquella ira, que accendeo como Rei. V. m. disponha de toda a minha vontade, como se fôra sua,

sem excepção de tempo, e de preceito; porque estas occasiões são pedra em que se conhece quanto toca o ouro da amizade verdadeira. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XV.

Meu amigo. Já o muudo não podia soffrer que estivesse occulta a virtude do animo de v. m., por isso o quer affligir com os presentes trabalhos. Elle segue o seu antiquissimo costume, procedido da pessima educação da sua infancia: sigamos nós o dos homens fortes, soffrendo constantemente os cégos golpes da foice do tempo, e contando com paciência as horas minguadas do seu fatal relogio. Se eu posso consolar a v. m. de outro modo, considere-o a sua afflicção; que se eu o devo fazer, bem o considerão as minhas obrigações. A minha vontade está tão prompta, como quem conta por proprios os seus trabalhos. Toda a demora será mais prejudicial ao meu desejo, que ás necessidades de v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XVI.

Meu amigo. Muito admirado estou da noticia, que v. m. me participa, não pelo que obrão os seus émulos, mas pelo que v. m. obra. Queixa-se v. m. delles? Desta vil plebe da Republica litteraria? Já os Chisnes, esquecidos da suavidade do seu canto, fazem caso da importuna vozeria dos Grous? Já a Lua, suspendendo o seu curso, dá attenção aos temerarios latidos dos cães? Ora meu amigo, tão longe está v. m. de se poder queixar, que antes deve agradecer a estes émulos os defeitos, que põem á sua obra; porque rendem por sacrificio a sua mesma inveja, e dão tudo o que podem, pois dão tudo o que nelles ha. Não os despreze, agradeça-lhes este beneficio, porque as luzes devem todo o seu

resplender ás sombras; e só se dá justamente por queixoso, e por infeliz, quando elles immudecerem: pois então entraria v. m. no desgraçado numero daquelles, que carecem de inimigos. Não digo mais, que para o juizo prudente de v. m. ainda isto sobra: e só rogo á sua bondade que me continue a honra estimavel dos seus preceitos. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XVII.

Meu amigo. Li a Critica; que ao Soneto de v. m. fez hum Anonymo, e como foi com a condição de dar sobre ella o meu parecer; em poucas palavras o expenderei, consolando igualmente a v. m.; pois (segundo se lê na sua Carta) entrou no seu animo a melancolia. O Author, quem quer que he, cousa nenhuma fez na sua Critica com advertencia, senão occultar nella o seu nome; porque asseguro a v. m. que seria entre os intelligentes apontado por hum daquelles, que nunca como nobre Ciano subio ao douto Monte das Musas, nem bebo das suas aguas; mas que sempre como vil rã viveo no lodo dos charcos, que no vale se encontram. As razões, com que impugna, são como os versos do antigo Mevio, que os melhores são os piores; e como os animaes da Numidia, que os mais formosos são os mais enormes. As palavras, com que discorre, são para mim totalmente desconhecidas: entendo que nascêrão do Idioma corrupto, com que falla a ignorante plebe da Republica literaria, e maneira do povo das outras Republicas, que sempre usa de huma linguagem quasi imperceptivel a quem he civilizado, e intelligencia. Huma unica agudeza acho nesta obra, a qual devo dizer, e he a do estylo; pois conserva sempre a força da sua etimologia, pelo que fere, penetra, e traspassa.

Tendo eu mais vagar, direi a v. m. com extensão o meu parecer, e farei no corrupto corpo desta Critica huma rigorosa operação Cirurgica, cortando-lhe quasi todos os seus membros. Entretanto descance, e console-se v. m.: e se acaso houver nova invectiva, soffra-a do mesmo modo, que se soffrem as sayandijas ao Estio. Estou, como devo, sacrificado aos minimos acenos da vontade de v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XVIII.

Meu amigo. Para occasiões de tão grande, e justificado sentimento, eu não posso descobrir outra consolação, que ter fixamente na memoria, o como, ou tarde, ou cedo, he preciso por lei indispensavel pagar á morte o tributo; e que não vão de peor condição os que vão primeiro; porque no mar deste mundo quanto mais se navega, maiores baixos se encontram para o naufragio. Supplico a v. m., em nome da minha fidelissima amizade, que dê lugar a esta consideração; para que a grandeza do allivio seja semelhante á do pezar, e a do meu desejo. Assim o espero de v. m., como quem entre todas as virtudes não tem a prudencia no ultimo lugar, nem o amor no primeiro; porque este deve ceder ás considerações de hum entendimento Catholico, e aquelle deve residir com veneração em hum animo varonil. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XIX.

Meu amigo. Posso certificar a v. m., com huma verdade despida de toda a lisonja, que sinto tanto o infeliz successo, que teve a sua pertença, como se eu fôra o interessado: que tão grande he a amizade, que a v. m. fielmente professo. He tão antiga entre os homens a injustiga, que della, e do mun-

do temos iguaes noticias; e assim use v. m. da sua constancia, e prudencia, que he o unico balsamo, que a Medicina Christã applica para similhantes feridas. Deos Senhor nosso, melhorará os dias, e occasiões; porque ainda espero que v. m. veja premiados os seus conhecidos merecimentos. Os que eu tenho de professar a v. m. huma affectuosa amizade, não podem aspirar a outro premio, mais que aos frequentes preceitos de v. m., que espero mais como effeito de justiça, que de favor. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XX.

Meu amigo. Não quer v. m. acabar de se fazer surdo ás ignorantas criticas dos seus émulos; os quaes, como lhe conhecem o genio, mais querem affligir o seu animo; que vituperar as suas obras. Sceda, meu amigo, e despreze todos os ditos; que mais hão de ser elles a aurora, que o occaso do seu nome. Desta terra he que nasce o ouro, e destes espinhos a rosa. Quantas nuvens no ar representam homens, castellos, animaes, e outras muitas cousas, que ao depois em hum instante desfaço o vento, sem dellas ficar algum vestigio? Assim succederá a este maligno vapor, a quem agita, e eleva a maldade; para que ao depois resplandeça mais vivamente as claras luzes das obras de v. m., a quem, depois de pedir que dê lugar a esta consideração, rogo que não me tenha ocioso no estimavel exercicio das suas ordens, que tanto desejo. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

CARTAS DE AVISO.

ADVERTENCIA.

AS Cartas de aviso forão as primeiras, de que usarão os antigos Escriitores, porque não se in-

ventarão as composições epistolares para outro fim, mais que para evitar os amigos ausentes de cousas, que ou a elles, ou a nós pertencem. Por tanto, devendo ser a Carta 'hum Mensageiro', que exponha a outrem o nosso pensamento, e negocio, devemos logo no principio captar a benevolência do amigo; e só o poderemos evitar em tres occasiões. A primeira, quando ha huma reciproca amizade, que não admite este sacrificio; a segunda, quando sobre o mesmo assumpto tivermos escrito outras vezes; e a terceira, quando para 'havermos de escrever, nos faltar de tal modo o tempo, que apenas nos baste para dar noticia do negocio. Acabado o exordio; iremos á narraçào, a qual deve ter estas seis qualidades: = Brevidade, clareza, probabilidade, elegancia, desembaraço, e propriedade. Observar-se-ha na narraçào o dizer primeiro as cousas mais communs, e primeiro as do amigo, que as nossas. Se avisarmos de alguma fortuna, que tivemos, atenderemos muito á qualidade da pessoa, para assim distinguirmos a Carta, como tantas vezes está insinuado. A esta especie de Cartas pertencem, e servem de assumpto assim as cousas publicas, como as particulares, as quaes se devem tratar como já dissemos na Instrução Preliminar. O genero Demonstrativo attende a este assumpto, etc.

CARTAS DE AVISO POR ALGUMA Mercê feita.

PARA GARDEAES.

C A R T A I.

Dignou-se a Real piedade, e grandeza de sua Magestade de prover em mim o posto vago

de : e como a experiencia me tem mostrado, não sem notavel confusão do meu agradecimento, que a innata benignidade de V. Eminencia estima mui particularmente os meus augmentos, dou a V. Eminencia parte desta mercê; assegurando a V. Eminencia com as mais sinceras expressões, que a honra, e contentamento, que della me resulta, ainda pôde ser maior, se V. Eminencia se servir nesta minha nova occupação de dar frequentemente exercicio á minha ambiciosa vontade com os seus estimadissimos preceitos. A pessoa de V. Eminencia guarde Deos pelos annos que todos lhe pedimos, etc.

C A R T A II.

Tenho a particular honra de ir do modo possível á presença de V. Eminencia a significar que a Real grandeza de ElRei nosso Senhor já foi servido nomear-me na occupação de : e como este emprego foi effeito do alto patrocínio de Vossa Eminencia, que; attendendo ao nada dos meus merecimentos, me quiz fazer sua creatura, devo agradecido beijar a fimbria da sagrada Purpura de V. Eminencia; o que faço com aquella humiliação devida, não menos á grandeza da pessoa de V. Eminencia, que á da minha inexplicavel obrigação. Deos guarde a V. Eminencia por muitos annos, como todos havemos mister, etc.

C A R T A III.

Perderia eu o honroso Character de humilde Criado de V. Eminencia, se deixasse de dar parte a V. Eminencia do meu novo augmento; porque sendo o maior gosto para V. Eminencia o adiantamento dos seus Criados, mostrava que não o sabia ser fiel, deixando de participar a V. Eminencia esta noticia. Foi Sua Magestade servido nomear-me para

o lugar de . . . , cuja mercê certamente eu não esperava; ou porque não a pedi, ou porque não a merecia; circunstância, que me estimularia para hum particular desempenho, se a Capacidade fosse igual ao desejo. Não he menos ardente o que tenho, de que V. Eminencia me não prive do honroso exercicio de seu humilde Criado, porque tambem a grandeza de V. Eminencia me confunde com semelhantes benefícios, tão pouco rogados, como desmerecidos: mas este he o grande poder dos Principes, que, fazendo-os a natureza grandes, se sabem elles fazer maiores. A pessoa de V. Eminencia prospere Deos por tantos annos, quantos são os nossos votos, etc.

PARA CAVALHEIROS.



C A R T A IV.

TOda a demora, que eu tivesse em dar parte a V. Excellencia de hum meu novo emprego, era tão prejudicial á minha affectuosa amizade, como seria estranhada pela de V. Excellencia, que tanto em tantas occasiões tem mostrado que estima, como seus, os meus augmentos. Como eu os não desejo senão para poder melhor, servindo a V. Excellencia, desempenhar as minhas graves obrigações; agora, que recebo a noticia de estar provido no Posto de . . . , participo sem demora a V. Excellencia; para que principie a dispôr as occasiões, que a minha ambiciosa vontade tanto deseja, despida totalmente daquella lisonja, com que a politica, para se fazer cortezã, perde o ser sincera. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A V.

A fiel amizade, com que V. Excellencia tan-

to me trata, como me honra, persuade-me que ha de receber hum sincero, e não politico contentamento pela noticia, que lhe participo da mercê, que Sua Magestade foi servido fazer-me de Presidente da a qual já os meus annos não esperavão, e della quasi desesperarião os merecimentos, se em mim os houvera. Espero do dominio, que V. Excellencia tem sobre a minha vontade, que não a tenha em ocio neste meu novo exercicio, porque não merece tal ingratição o ardor, com que deseja os preceitos de V. Excellencia, nem a promptidão, com que está para os executar. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A VI.

Como V. Senhoria em tantas occasiões se tem mostrado tão particularmente empenhado nos meus adiantamentos, seria notavel descôrtezia, e maior ingratição, deixar de dar parte a V. Senhoria da mercê, que a grandeza de ElRei nosso Senhor se dignou fazer-me, provendo-me na Vara de a qual os meus merecimentos ainda não podião aspirar. Queira a sorte que assim como eu agora cresci em grão, cresça igualmente tanto em merecimentos, que me supponha V. Senhoria digno dos seus honrosos preceitos; para os quaes já a minha vontade não pôde estar mais prompta. Assim o espero de V. Senhoria, que tanto sabe favorecer aos seus Criados; porque eu da minha parte porei todas as forças para merecer esta honra. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A VII.

Não permite a revente servidão, que professo a V. Senhoria, o deixar de lhe participar a noticia, de que com estas novas promoções de Sua Magestade me coube alguma parte na honra, e na

utilidade; porque foi servido unicamente por hum acto da sua Real grandeza nomear-me Julgo acção mui superflua o offerecer-me a V. Senhoria, para que neste meu novo emprego disponha da minha vontade, e do meu prestimo, como, e quando muito lhe parecer; porque bem sabe V. Senhoria a qualidade, que V. Senhoria tem sobre a minha obediencia. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A VIII.

He forçosa consequencia das minhas obrigações, derivadas da rara benignidade, com que V. Senhoria me trata, o participar-lhe a noticia de que a Real piedade de ElRei nosso Senhor foi servido de prover em mim o lugar de: e ainda que eu estou persuadido que V. Senhoria facilmente por outra parte lhe terá já vindo a noticia esta, de que agora a V. Senhoria faço aviso: com tudo, pareceo-me mui preciso que V. Senhoria a soubesse tambem por minha via, para lembrar a V. Senhoria que não me esqueço das minhas grandes obrigações, e que em todo o lugar, e occasião, senão as posso desempenhar, as desejo diminuir, empregando-me todo no suavissimo exercicio dos seus preceitos, os quaes viva, e sinceramente rogo a V. Senhoria como o maior devedor. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A IX.

Parecer-me-hia que com escandalo desprezava a honra da minha fidellissima servidão, se faltasse em dar parte a V. Senhoria da mercê, que Sua Magestade foi servido fazer-me, elegendo-me para o Governo de; a qual, quanto póde ter de indigna, se se attender ao meu pouco merecimento, tanto póde ter de acertada, se se considerar na at-

tíssima comprehensão de quem a fez. Agora, que V. Senhoria tem hum Criado, se não mais condecorado, porque não se pôde subir a maior honra, que á do serviço de V. Senhoria, certamente mais prestativo; porque se abre campo mais dilatado para a minha servidão: tenho que rogar com a maior sinceridade de animo a V. Senhoria que não me participe com parsimonia os seus honrosos preceitos; porque quero, por meio delles, sobre honrar o Character, que tenho de seu Criado, acreditar este meu novo emprego. Assim o rogo vivamente a V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

PARA PESSOAS PARTICULARES.

C A R T A X.

Meu amigo. Faltaria eu certamente á minha Obrigação, se faltasse em dar á v. m. a noticia, de como Sua Magestade, por hum benigno excesso da sua Real grandeza, se dignou nomear-me, no lugar, a que ainda não podião aspirar outros empregos, que exercitei; nem o podião merecer os seus requisitos, como v. m. bem sabe, ainda que o não confessa. Para eu desempenhar tão inesperado despacho, busco já a v. m. rogando á sua affectuosa amizade que frequentemente dê exercicio á minha obrigada servidão com as suas estimaveis obras; que he o mesmo que aconselhar-me, e dirigir-me para a recta administração da justiça, a que unicamente devo aspirar. Assim, o espero da bondade de v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XI.

Meu amigo. Como a experiencia me tem mostrado o quanto a sua fiel amizade se interessa nos

meus adiantamentos, de que são infinitas as provas, he preciso que dê parte a v. m. da honra, que Sua Magestade foi servido fazer-me, despachando os meus serviços com o Posto de , no qual com hum particular contentamento desejarei que v. m. chegue a conhecer a grandeza da minha amizade, e obrigação, empregando-me no honroso exercicio das suas ordens, as quaes rogo a v. m. que sejam tão consideraveis, como frequentes. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XII.

Meu amigo. A parcial amizade, com que v. m. em toda a occasião me trata, deixa-me mui persuadido que ha de mostrar hum sineeto prazer com a noticia, que agora lhe dou, de que com a descida das Consultas subio o meu adiantamento ao lugar de Provedor , para o qual poderia entender que se dêrão em mim merecimentos, porque a recta determinação de Sua Magestade me escolheu entre muitos pertendentes, que, sobre benemeritos, erão patrocinados. Com a brevidade, que me fôr possível, hei de fazer jornada; e fico na firme esperanza de que a distancia não ha de poder fazer com que v. m. se esqueça da fiel amizade, e do grande dominio, que tem sobre a minha obediencia. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

OUTRAS CARTAS DE AVISO

Por occasião de nascimentos, mortes, etc. convidando tambem nellas para alguma cousa.

C A R T A XIII.

PAra desvanecer-se, e honrar-se mais a fiel servidão, que a minha familia professa a V. Excellencia, foi Deos servido que me nascesse hum

filho, ao qual amanhã se ha de ministrar o Sacramento Baptismo. Rogo a V. Excellencia, empenhando para isto a sua natural benignidade, que me queira fazer a particular honra de ter parte neste Sacramento, mandando tocar como Padrinho neste seu novo Criado. Estou muito certo que V. Excellencia não me ha de dificultar esta mercê, porque sabe não perder as occasiões para me honrar. Eu igualmente me procurei para agradecer a V. Excellencia tantos favores, quantos eu não sei expressar; e senão me mostro agradecido, he defeito do meu prestimo, e não da minha vontade. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XIV.

Com o successivo nascimento de varios filhos, assim como se me multiplicão os cuidados, assim tambem se me augmentão as honras, porque sempre os Senhores da Casa de V. Senhoria se dignarão de me fazer o estimavel favor de quererem, como Padrinhos, ter parte no Baptismo dellés. Ha dias que foi Deos servido que me nascesse hum; e como eu não devo privar-me da antiga honra, rogo a V. Senhoria que me continue; do que não posso duvidar, porque V. Senhoria, seguindo o exemplo dos seus grandes pais, tem a bondade de attender aos seus antigos Criados. A pessoa de V. Senhoria guarde Deos por muitos annos.

C A R T A XV.

Meu amigo. Foi Deos Senhor nosso servido de dar successão á minha Casa, dando-me hum filho, que veio ao mundo com huma tal felicidade, que ainda augmenta mais o beneficio. Como eu desejo buscar todos os meios para ser indissolúvel a nossa affectuosa amizade, e só o posso conseguir com hum vinculo espirital, rogo a v. m. com o

maior empenho queira lisonjear o meu gosto, e desvanecer a minha servidão, servindo-se de querer, como Padrinho, ter parte no Sacramento, que Domingo se ha de ministrar em casa; de cujo favor fico tão certo, que já mui rendidamente o agradeço a v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XVI.

Dou parte a V. Excellencia ~~em~~ como foi Deos servido levar para si hum Criado tão antigo, como fiel da Casa de V. Excellencia, que era meu pai; e como em V. Excellencia tanto brilha a benignidade de hum espirito illustre, como a piedade de hum animo Christão, peço a V. Excellencia queira honrar o seu cadaver, assistindo na Parochia de.... ao piedoso acto do seu enterro, que será hoje pelas Ave Marias; de cuja mercê ficarei a V. Excellencia tão obrigado, como pede a honra, que della me resulta. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XVII.

Hoje pelas Ave Marias se ha de dar á sepultura na Igreja do Convento de.... a minha mãe, a quem hontem chamou o Ceo, levando-a desta vida. Rogo a V. Senhoria queira fazer ao meu afflicto espirito hum poderoso suffragio, honrando com a sua assistencia os piedosos actos de enterro, e Officio o qual amanhã se ha de fazer ás horas costumadas. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XVIII.

Meu amigo. Depois de huma tão dilatada, e penosa enfermidade, foi Deos servido levar hontem para si a minha mulher; e como hoje pelas seis horas se lhe ha de dar sepultura na Igreja do Con-

vento de . . . , rogo a v. m. me queira acompanhar o seu cadaver, já que me ha de acompanhar no sentimento. Por este favor me confessarei a v. m. perpetuamente obrigado, e o porei no numero daquelles muitos, que nunca saberei, como he devido agradecer. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

OUTRAS CARTAS DE AVISO

Sobre diversas cousas.

C A R T A XIX.

DOu a V. Excellencia parte em como, depois de huma tão prolixa jornada, cheguei hontem a esta Corte com feliz successo; e por este preciso acto da minha fiel servidão reconhecerá evidentemente V. Excellencia que nem a larga distancia, nem o dilatado curso de muitos annos me poderão fazer esquecer de V. Excellencia; e se em mim se desse tão indigna acção, offenderia gravissimamente as inviolaveis leis da amizade, que V. Excellencia me professa, e tambem as da gratidão, pelos muitos beneficios, que a sua natural benignidade me tem feito. Rogo a V. Excellencia com a maior sinceridade de animo que se sirva de continuar-me aquelle antigo favor, com que por meio dos sens estimaveis preceitos desvanecia a minha obediencia; porque ainda esta o não soube desmerecer, pela mesma promptidão, com que está para servir a V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XX.

A enfermidade do Senhor Marquez de . . . vai-se mui sensivelmente aggravando: motivo, por que nos tem a todos em huma notavel confusão, e em hum evidente temor, o qual augmenta mui-

to a estação, em que estamos, que, sendo em toda a parte nociva, he nesta terra mortal. O corpo está mal condicionado, e na sua grande máquina dá lugar a muitos maos humores. Quanto a mim está quasi morto; porque lhe falta a melhor parte, em que elle vivia, que era na sua rara viveza. Deos Senhor nosso, em cuja poderosa mão está a saude, inspire o especifico remedio a tão forte mal, que servirá igualmente para a enfermidade de animo, que padecem os muitos amigos deste tão bom Cavalheiro. Sobre tudo, faça-se a sua Divina vontade, e o mesmo Senhor guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XXI.

A minha ambiciosa servidão vai participar a V. Excellencia, que tem nesta Corte mais hum Criado, porque hontem cheguei eu a ella, com a conclusão do negocio, que me encarregou o Real Serviço. Se ao de V. Excellencia for precisa a inutilidade de meu prestimo, bem sabe V. Excellencia que me fará huma notavel injúria, se a privar desta honra, á qual aspiro para satisfazer a hum sincero desejo da minha obediencia, e não a hum mero acto de politica lisonja. Muito confio na benignidade de V. Excellencia: pelo que já dou parabens á minha servidão. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XXII.

Foi indisposição do meu corpo, e não da minha vontade, o deixar de responder á attenciosa Carta, com que V. Excellencia, para ostentar a sua benignidade, desvanecio a minha servidão. Pelo decurso de tres mezes estive successivamente morrendo ao impulso de humas dôres tão penetrantes por todo o corpo, que me parece certamente que

nem ainda imaginadas poderão ser maiores. Se na Medicina ha alguma substancia, toda se esgotar em particulares remedios para este mal; porém nenhuns aproveitarão, antes com a multiplicidade delles se multiplicarão em mim as dôres; até que por conselho proprio determinei buscar na natureza, o que não achava na Arte. Fui para huma Quinta, e foi-me tão proveitosa esta determinação, que em breves dias, não sem prodigio, me vi inteiramente restituído. Este foi o unico motivo, como já disse, porque logo não agradeçi a V. Excellencia a honra da sua Carta; o que agora faço, como pôsso, e não como devera; porque a grandeza deste favor, sabendo-a eu conhecer, não a sei expressar. Fico todo com a vontade mais sincera ás disposições de V. Excellencia; a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXIII.

A affectuosa amizade, com que V. Excellencia he servido distinguir-me, me anima a rogar a V. Excellencia queira authorizar com a sua assistencia o acto da entrada de huma minha filha no Côvento das Religiosas de, que amanhã de tarde se ha de fazer. Estou na firme esperanza de que V. Excellencia me não ha de negar esta particular honra, porque a sua natural benignidade não a pôde difficultar, nem a minha fiel servidão a sabe desmerecer. Della disponha V. Excellencia como deve, pois eu como posso a offereço promptissima ás disposições de V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXIV.

Teño contratado a casar meu filho primogenito com a Senhora Dona N filha dos Senhores de; e como sem a approvação de V. Ex-

cellencia não devo dar por ajustado este contrato, rogo a V. Excellencia se sirva de communicar o seu parecer; pelo qual protesto de me dirigir, como o mais acertado. V. Excellencia com os seus frequentissimos preceitos exercite toda a authoridade, que tem sobre a minha prompta obediencia. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A XXV.

Dou a V. Senhoria a tristissima noticia de que hontem, depois de huma breve doenca, passou a melhor vida nosso bom amigo N. . . . Fico por esta perda mui penetrado de sentimento, e vivo de modo, que bem dou a entender que contra vontade vivo. Confuso com esta pena, não sei se me console, considerando o quanto aquella feliz alma me amou; ou se sinta, vendo que tão cedo me desamparou; porém sentirei, que para os afflictos não ha cousa mais agradável que o sentimento, no qual certamente me ha de acompanhar V. Senhoria, porque entre os fieis amigos deste digno Cavalheiro não tinha V. Senhoria o ultimo lugar. Eu me prezo de ter o primeiro entre os Criados de V. Senhoria; motivo, por que lhe peço que entre todos me distinga com os seus honrosos preceitos. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XXVI.

Finalmente depois de huma dilatada enfermidade, menos cheio de annos, que de merecimentos, acabou a vida o Padre N. . . . Incuravel ferida receberam as letras, e fatal perda esta Republica, sendo este sabio Religioso a gloria de ambas. Tal foi este nacional, e tão raro em todo o genero de estudos, que a sua erudição mais a hão de conhecer os homens por lhes faltar, do que antes a conhecião pelo possuir. O profundo juizo de V. Se-

nhoria como quem póde verdadeiramente avaliar a qualidade desta perda, não ha de duvidar deste meu conceito; antes ha de ser, pelo particular conhecimento, que della tem, quem melhor a saberá sentir: em cujo sentimento acompanharão a V. Senhoria os meus anspiros, com o afflicto êcco do seu grande pranto. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XXVII.

Eu não sei que possaõ haver expressões, que dignamente agradeção a V. Senhoria a continuada honra, que me faz com as frequentes Cartas, que he servido escrever-me, cuidadoso do estado da minha saude. Eu, Senhor, graças ao Ceo, vou com melhora muito conhecida; porque o mal, ou como fraco deo costas, ou como compadecido se retirou. Tem-me ordenado os Medicos que daqui em diante gaste nos estudos menos azêite, e menos tinta. Eu não sei como o poderei fazer, estando nos livros, ou a minha vida, ou a consolação della. Nunca me parece que estou mais vivo, do que quando trato com os maiores; principalmente nesta idade, em que o mundo está tão decrepito, que o vejo totalmente arruinado, á força de tantos males, e tantos desconcertos. He o de que por ora posso avisar a V. Senhoria, a quem rogo que me conserve muito na sua graça, e sejaõ della argumento os seus estimaveis preceitos. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XXVIII.

A nobreza do sangue, que neste mundo he commummente huma summa venturá, também he para muitos, pela extrema pobreza, huma summa desgraça. Hum evidente exemplo nos dá nosso bom amigo D. N. . . ., que vive tão falto de bens

para se sustentar, que só possui a paciência, com que soffre a sua miseria. Para haver de a diminuir, vale-se da piedade de hums amigos, e do patrocínio de outros. Hums o ajudam a viver como podem, outros quando podem; porém nunca como pede a qualidade da sua pessoa. Se V. Senhoria, já que as virtudes o puzeraõ em hum lugar, que tanto attende aos pobres, tiver alguma occasião de poder alliviar a extrema necessidade deste amigo com alguma consideravel esmóla, fará V. Senhoria huma acção digna do lugar; que occupa, e tão propria do seu sangue, como das suas virtudes. Ambos vivamente nos recommendamos a V. Senhoria, se hum pela parte da amizade, outro pela da nobreza. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XXIX.

Devo fazer sabedor a V. Senhoria do como teho passado, para me desculpar da falta, em que estou: porque ainda que V. Senhoria admitte as liberdades de huma verdadeira amizade, não soffre desatensões a superior condição da sua pessoa. Quando eu entendia que, por haver vencido a força da minha grande doença, acharia algum allivio na convalescença, recahi novamente; porque se ateou em mim huma febre tão ardente, que se, passados tres dias, não diminuira, certamente não teria V. Senhoria mais Cartas minhas. Estou mui prostrado, sendo tormenta sobre tormenta: porém como agora o mal deo lugar a que pudesse dictar estas poucas regras, não pude soffrer demora em me desculpar com V. Senhoria, o que me parece faço de modo, que ficará sem a menor nota de desobediencia a minha fiel servidaõ. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XXX.

Tenho de dar a V. Senhoria em huma noticia hum grande gosto, porque he V. Senhoria huma viva cópia da verdadeira amizade. Foi hontem Dom N.... despachado por Sua Magestade para o Governo de.... com huma Commenda, que póde animar o seu espirito, e o da sua Casa, quasi moribunda pelas tenues rendas, com que vivia. Foi este despacho geralmente approvedo, e todos dão por elle a este Cavalheiro muitos parabens, prognosticando-lhe ainda maiores augmentos, sem que a inveja appareça em público, salvo se he mascarada. Eu sou dos que com mais fé lhe fazem certa esta esperanza, e lha desejo verificada; porque dos seus grandes merecimentos sou o primeiro venerador, e dos seus favores não sou tambem o segundo enriquecido. Muito me ha de acompanhar V. Senhoria neste gosto, senão pelo segundo, certamente pelo meu primeiro fundamento; e não só por este motivo lhe anticipo esta noticia, mas para que V. Senhoria, e o amigo igualmente conheçam a qualidade da minha amizade. A que eu com animo sincero professo a V. Senhoria, vive com impaciencia, por estar privada dos seus honrosos preceitos; e assim não a queira V. Senhoria ter mortificada, já que tem tanta bondade o seu animo. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XXXI.

Meu amigo. Por causa de v.m. dei em roubar. Roubo esta hora ao somno, para dar a v.m., que he o mesmo, que roubar a mim a vida, para viver com v. m. daquelle melhor modo, que a distancia consente. He já muito antigo terem os amigos o epitheto de ladrões do tempo, e quem diz tempo, diz vida. Isto basta para v. m. ficar inte-

mente persuadido das minhas occupações, e do meu affecto. Eu estou com o beneficio dos banhos tão sensivelmente melhor, que me parece melancolia dizer que não estou bom. O sitio he tão agradável, assim pelo clima, como pela situação, que também tem cooperado muito, não menos para a minha melhora, que para o meu divertimento; porém ainda com tantos bens, saiba v. m. que não estou perfeitamente contente, porque me falta a sua amavel companhia, e instructiva conversação; mas com brevidade, se a melhora me não engana, irei gozar do que tanto desejo. Disponha v. m. entre tanto da minha vontade, como quem no affecto não está ausente. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXXII.

Meu amigo. Post varios casus, post tot discrimina rerum, cheguei a esta Republica. Nella estou com huma particular satisfação minha; porque não me fazem saudades aquellas circumstancias, com que a Patria me attrahia. A urbanidade está aqui tanto no seu auge, que só ella he quem tem sobre todos hum dispotico dominio. Pela multiplicidade de gentes, que a habita, me parece todo o mundo abbreviado, não se parecendo com ella parte alguma do mundo. Aqui florece a nobreza, e não o vulgo das letras; porque sem usar do incenso da lisonja, os Historiadores são Livios, e Salustios; os Oradores Ciceros, e Quintilianos, e os Poetas Virgílios, e Ovidios. Dilatado campo se me abria para discorrer no Elogio desta Corte da politica, lembrando-me também da magnificencia dos seus edificios, da riqueza dos seus subditos, e do valor dos seus filhos; porém não o consente a sua propria grandeza, nem a brevidade, com que escrevo: só

unicamente direi que he, em tudo o que diz singularidade, a émula Carthago de Roma moderna. Entre tanto contentamento não me queira v. m. entristecer com a falta das suas Cartas, em que me dê noticia da saude, e nellas igualmente exercicio á minha fiel servidaõ com os seus honrosos preceitos. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXXIII.

Meu amigo. Que dirá v. m. quando souber que hontem passou desta vida a Senhora Marqueza de....? Dirá certamente: Oh que Sol se poz ao meio dia! Oh que flor se murchou na manhã! Eu, como Criado tão antigo desta Senhora, só digo a v. m. que sinto sem ter alma, que sem coração me vejo penetrado de huma viva dôr; pois só esta singularidade de sentimento mereciaõ os singulares beneficios, que em quanto viva lhe devi. Só me consola a piedosa fé de que este Sol posto ha de resuscitar mais brilhante no Oriente do Ceo, e que esta flor murcha ha de transplantada reverdecer mais bella no Paraiso com immarcescível duração. Assim o espero da infinita bondade do Senhor, que guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXXIV.

Meu amigo. Pranto de herdeiro he riso mascarado. Sempre assim o entendi, e sempre até aqui me mostrou a experiencia que não me enganava; porém, para não ser infallivel o meu conceito, foi necessario que N.... morresse, e que seu sobrinho N.... o herdasse; porque com sinceridade de lagrimas satisfizes ás obrigações do sangue, e com pia magnificencia mostrou que venerava o cadaver, ou como de parente, ou de bemfeitor. Certamente ainda não vi em herdeiro tanta generosidade, nem em annos tão verdes tão maduros acertos, porém que

muito, que dê exemplos singulares quem tem singulares virtudes, como todos sabem; e estimaõ! V. m. logre huma saude, como eu lhe desejo, que certamente não a ha de appetecer maior a sua vontade: recomende-me saudoso a todos os Senhores, e disponha da minha obediencia, como de amigo fiel, e Criado antigo. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXXV.

Meu amigo. Novas de consolação não se devem retardar. Esta tarde fez seu filho de v. m. nesta Universidade todos os seus actos de tal modo, que os louváraõ os Mestres, e os invejáraõ os condiscipulos. Eu o estimei muito, porém não me fez admiração; porque sei qual he o seu engenho, e quaes foraõ os seus estudos. Com muita brevidade lhe espero grandes adiantamentos; porque, sobre a circumstancia da qualidade da sua pessoa, tem certamente a da sciencia, que assim lhos promette, e se isto assim não succeder, servirá de hum total desengano aos que se desejaõ applicar. Se eu nesta Cidade tiver algum prestimo para o serviço de v. m. rogo muito á sua benignidade que não me queira negar, nem retardar esta honra. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXXVI.

Meu amigo. Já são infinitas as admoestações, que tenho feito a seu filho sobre a sua distracção nos estudos, e no procedimento: pelo que entendo que já maiores exhortações o não emendaõ, maior authority sim; porque, quando o reprehendo, envergonha-se mais pelo que lhe digo, do que pelo que faz: e se alguma emenda promette, he exhalacão, que logo desapparece; porque á maneira de hum pão verde acceso, que por huma parte cho-

ra, e por outra arde, continúa nos seus vícios. He o do que posso avisar a v. m. não sem grande pezar; pois desejava que este fructo não degenerasse da arvore, que cresceo com tão sabios, e virtuosos cultores, entre os quaes occupava v. m. o ultimo lugar na ordem do tempo, porém não na dos merecimentos. Deos guarde v. m. por muitos annos.

RESPOSTAS A'S CARTAS DE AVISO.

C A R T A I.

Com o sincero contentamento, que tenho pela noticia, que V. Excellencia me participa, he que dignamente agradeço á benignidade de V. Excellencia a grande honra, que por elle me faz, distinguindo-me tanto entre os seus mais fieis Amigos, e Criados. Tudo eu mereço a V. Excellencia; porque a parcial amizade, que nos tem unido, faz com que eu repute por proprios os augmentos de V. Excellencia. Eu lhe desejo huma mui prospera saude, para no novo emprego poder, em beneficio da Patria, e da sua fama, obrar aquellas acções, a que o estimula a qualidade do seu sangue, e o exemplo de seus Maiores. Em quanto eu assistir nesta Cidade, tem V. Excellencia nella hum Criado, promptissimo ás suas ordens, porque se lembra das suas obrigações. Não se esqueça V. Excellencia do que deve, assim como eu sempre me hei de lembrar do muito, que lhe devo. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A II.

A estimavel noticia, que V. Excellencia foi servido participar-me do seu novo despacho, foi recebida pela minha fidelissima amizade de tal modo, que eu o não sei expressar. Os adiantamentos

de V. Excellencia tem toda a origem no seu conhecido merecimento, o qual considerando a alta comprehensão de Sua Magestade, no neou, como acção necessaria, a V. Excellencia para taõ importante Governo. Nelle espero que V. Excellencia se lembre de mim com frequentissimos preceitos; para poder com a prompta execuçaõ delles testificar a V. Excellencia a devida estimaçaõ, que faço da honra, com que me destingue, e o quanto a sei agradecer, senaõ como devo, ao menos como posso. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos, como a Patria necessita, etc.

C A R T A III.

Por esta estimavel noticia, que V. Excellencia, para desvanecer a minha servidaõ, he servido dar-me do seu novo despacho, me resulta o particular contentamento de ver ja completo o meu desejo, que tanto suspirava que a justiça olhasse para os distinctos merecimentos de V. Excellencia. Por este taõ especial favor rendo a V. Excellencia os devidos agradecimentos, e desejára muito pode-lo dignamente agradecer, disponha V. Excellencia que a minha obediencia naõ viva em penosa ociosidade pela falta dos seus preceitos. Assim o espero de V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A IV.

Naõ posso, como quizera, expressar a V. Excellencia a viva pena, com que fico pela infausta noticia da morte do Senhor Marquez de...., a quem sempre professei huma fidelissima amizade, e devi naõ vulgares obrigações. Muito na sua benignidade perderaõ os amigos, no seu patrocínio os necessitados, nos seus estudos as letras, e na sua prudencia a Republica; porém a consideraçaõ de

que esta perda agradou ao Ceo, onde está, como piamente creio, deve fazer suspender o pranto de todos. Visita-nos Deos Senhor nosso com estas enfermidades do espirito, para provar a nossa constancia, ou para castigar os nossos desconcertos. He taõ precisa esta consideração, que he a unica, que pôde ter hum animo Catholico. O mesmo Senhor guarde a V. Excellencia por muitos annos, como pede a minha affectuosa servidaõ, etc.

C A R T A V.

Para eu conhecer a distincão, que V. Senhoria faz da minha sincera amizade, saõ já tantos os fundamentos, que para este fim era mui desnecessaria a estimavel noticia, que foi servido dar-me da sua chegada á Corte de . . . com huma jornada, bem que dilatada, suave. Porém sempre com as mais devidas expressões agradeço a V. Senhoria esta grande attenção; porque com ella socegou-se o meu animo do preciso cuidado, em que estava, de que o aballo da jornada causasse a V. Senhoria algum damno. Offerecer-me a V. Senhoria, para tudo o que for servido, parece ignorancia da minha obediencia, que ha tanto tempo tenho sacrificado ás disposições de V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A VI.

Em attenção aos distinctos merecimentos de V. Senhoria, se vio a Real inteireza de Sua Magestade obrigada a nomear a V. Senhoria para o Governo de . . . , como na sua attenciosa Carta me dá noticia. Não se podia certamente dar mais recta eleição; porque nomeáraõ as virtudes a outras virtudes: as virtudes da justiça, e grandeza de Sua Magestade ás virtudes do zelo, e valor de V. Senhoria. Eu, como hum dos mais interessados neste des-

pacho, dou a mim mesmo os parabens, e a V. Senhoria os maiores agradecimentos pela bondade, que teve de me participar a noticia delle; attenção, que com a minha sincera amizade tenho merecido, e com a minha immutavel servidaõ saberei dignamente agradecer. Deos guardé a V. Senhora por muitos annos.

C A R T A VII.

Onde se ha de encontrar hum gosto perfeito? Não he possível neste mundo; porque he a tristeza companheira inseparavel da alegria; e sendo os effeitos de ambos entre si taõ contrarios, naturalmente se unem para fazerem mais afflictos os nossos dias. Com hum grande contentamento recebi, e principiei a ler a Carta de V. Senhoria; porém logo se turbou todo o excesso deste gosto com a noticia, que V. Senhoria me dava da repetiçaõ do seu mal, originada (se o conceito me não engana) do excesso da jornada. Ha de querer Deos que esta novidade não dê o minimo cuidado, para todos nos allivirmos, e mui particularmente eu, que padeço na alma a doença, que V. Senhoria sente no corpo. Fico suspirando pela desejada noticia da melhora com huma ancia tal, qua já della tambem adoeço. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A VIII.

Era hum acto muito necessario dar-me V. Senhoria noticia dos seus augmentos; porque sabe que nelles tenho huma grande parte como seu fidelissimo amigo; que como tal desejava ver dignamente empregado o alto talento de V. Senhoria, e remuneradas as suas conhecidas virtudes. Foi esta noticia aqui mui applaudida de todos, de tal sorte, que cada hum queria ser o primeiro em elogiar os

mercimentos de V. Senhoria. Esta he a maior das felicidades, e o premio mais alto, a que póde aspirar hum benemerito, ver canonizadas com applauso geral as suas grandes virtudes. Para gloria dellas, e da Patriá prospere, e dilate Deos a vida de V. Senhoria, a quem por voto do agradecimento sacrificio perpétuamente a minha obediencia, etc.

C A R T A IX.

Meu amigo. Assim como pela estimavel noticia, que v. m. me participa dos seus novos augmentos, se conhece claramente a sua benignidade; assim tambem pelo sincero agradecimento, que lhe dou por aviso de tanto gosto, conhecerá v. m. com evidencia a qualidade da minha affectuosa amizade. Brevemente espero de v. m. outra noticia, e em mim outro novo gosto com a promoçãõ a mais consideravel adiantamento; porque os dotes de v. m. são taes, que com brevidade lhe faraõ subir todos os degrãos: e se assim não succeder, queixe-se v. m. do mundo, queixando-se da emulaçãõ. Rogo a v. m. que entretanto se não esqueça de mim com a honra da sua correspondencia, e dos seus preceitos, que tudo espero com huma vontade taõ prompta, como ambiciosa. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A X.

Meu amigo. Não sabe v. m. perder occasiãõ de inquirir modo para haver de me honrar, como vejo claramente nesta, em que v. m. com a noticia, que me dá do nascimento de hum seu filho, me convida para, como Padrinho, ter parte no Baptismo d'elle. Dou em primeiro lugar a v. m. os parabens por esta felicidade, que Deos foi servido dar á sua Casa; e em segundo beijo a v. m. as mãos, pela honra da escolha, e por ella no

suave exercicio dos seus estimaveis preceitos me reconhecerei sempre mui distinctamente obrigado a v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XI.

Meu amigo. Recebo a Carta de v. m. com hum particular alvoroço, por ter a noticia de que a Senhora D. N.... deo á luz hum menino com grande felicidade; e recebo-a igualmente com muito desvanecimento, por v. m. nella me escolher para Padrinho; eleição a que me não devo negar; porque della tambem resulta hum estreitissimo vinculo á nossa amizade, e huma distincta honra á minha servidao: circumstancia, que só na presença, beijando a v. m. a mão, saberei dignamente agradecer. V. m. me mande como deye, porque a minha vontade certamente não pôde estar mais prompta., Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XII.

Meu amigo. Deixou-me vivamente penetrado de hum grande sentimento a triste noticia, que v. m. me participou, de se ter aggravado o mal ao nosso amigo N...., e com symptomas, que prognosticão inconsolavel pezar. Se faltar, falta a viva imagem da verdadeira amizade, do que todos são testemunhas em nada suspeitosas, ainda que obrigadas. Porém ha de Deos Senhor nosso dispôr que não se sintá tão sensivel golpe, principalmente para mim, que, sobre o estreito laço da mais fiel amizade, vivo ligado com o estreitissimo das mais particulares obrigações. Assim o espero do mesmo Senhor, que guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XIII.

Está v. m. empenhado em me dar sempre occasiões do maior gosto, dos quaes recebo agora

hum novo augmento , recebendo huma Carta de v. m. , em que com attenciosas expressões , dictadas pela sua innata benignidade , me convida para ser Padrinho de hum seu filho recém-nascido. Não me devo negar a estê gosto , pela particular estimação , que fiz sempre da pessoa de v. m. : e desejara eu podê-lo ter maior , valendo-se v. m. de mim em occasiões importantes ; porque certamente me achará com huma promptissima vontade. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XIV.

Ainda não experimentei contentamento igual ao que v. m. me dá na sua attenciosissima Carta ; participando-me a estimavel noticia da sua melhoria. Toda esta sua Casa me acompanha , como deve , neste gosto , e no desejo , com que rogo a Deos que continue taõ grande alegria. Para esta se conseguir , foi mui prudente o conselho dos Medicos , acordando todos em que v. m. se abstinésse dos estudos grandes , a que se applicava ; porque são mui prejudiciaes a quem padece , como v. m. , debilidade no peito. Eu , senão como Medico , certamente como amigo , approvo tambem a v. m. o mesmo remedio ; porque muito me interesso em que a sua vida não falte , para que não falte a imagem da amizade , e das virtudes. Fico como sempre ás ordens de v. m. , a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XV.

Meu amigo. Muito me escandaliza v. m. na occasião , em que com attenciosas expressões me honra na sua Carta ; porque me convida como amigo para assistir á profissão de sua filha , á qual eu devia ir como Criado ; porém já que v. m. se esquece de quem he , eu me lembrarei de quem sou ;

porque com este meu honroso, como antigo foro, assistirei á solemnidade deste acto: e entretanto lembro a v. m. a minha mesma servidaõ, para que a ocupe com frequentissimos preceitos, que ella tanto deseja, como merece. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A X V I.

Meu amigo. Que malignos dias vaõ os desta idade! nos annos mais vigorosos, e quando mais eraõ necessarios, morrem os sabios, os fortes, e o que he mais, os virtuosos; como succedeo á Senhora Marqueza de, raro exemplo da Corte na observancia de todas as virtudes. Esta fatal noticia, que v. m. me participa, muito me tem maguado; naõ só porque esta Senhora falta, mas porque faz falta, naõ menos á sua grande Casa com a falta de direcçaõ, que a toda essa Corte com a falta de exemplo: e a consideraçaõ, de que quando se perde hum tal thesouro, com muita difficuldade se adquire outro, me deixa ainda penetrado de mais vivo sentimento. Porém consolemo-nos, naõ ha outro remedio: lembremo-nos de que nos diz a piedade Christã que está esta Senhora na Patria do descanso, gozando os fructos eternos de seus merecimentos. Deos Senhor nosso nos faça igualmente dignos de taõ alto premio, e guarde a v. m. por muitos annos.

CARTAS DE LOUVOR.

ADVERTENCIA.

AS Cartas Laudatorias saõ mui vulgares: a cada passo as lemos, contendo elogios a engenhosas composições, e algumas particulares virtudes,

ou acções memoraveis, etc. Para a formação destas devem-se observar estes preceitos. Se houvermos de escrever em louvor de algumas pessoas, em que concorraõ respeitosa circumstancias, desculparemos na primeira parte da Carta o nosso atrevimento, dizendo que não merece taõ elevado assumpto a humildade no nosso estylo, e que só delle he digna huma penna igualmente grande; porém que emprendemos este assumpto, mais para nos mostrarmos agradecidos, que discretos; mais para satisfazermos a nossa obrigação, que á propriedade rhetorica. Entretanto logo na segunda parte, principiaremos a louvar alguma virtude mais illustre. Costumaõ-se louvar os homens pela prudencia, pela justiça, pela temperança, pela literatura, pelas acções guerreiras, pela piedade, pela Religiaõ, pela liberalidade, etc. e cada huma destas virtudes elogiaremos de modo, que nunca se perca do sentido a qualidade da pessoa, a quem se escreve. Na terceira parte concluiremos, dizendo que ainda em seu louvor escrevemos pouco; porque muitas virtudes involvemos no silencio para não offender a sua rara modestia, etc. Se o assumpto do louvor fór alguma composição, discorreremos sobre a invenção, mostrando que he natural, bella, e erudita; ou tambem sobre o fim da obra, dizendo que he util, exemplar, e instructivo, etc. Passaremos a louvar como huma das primeiras circumstancias, e pureza da lingua, a elegancia, a clareza, os nobres conceitos, as bellas figuras, e o proprio estylo, etc. O genero Demonstrativo he o norte de semelhantes composições.

CARTAS DE LOUVOR.

C A R T A I.

SEndo as mais das cousas deste mundo falsas, Scaducas, e mudaveis, só a virtude está plantada com profundissimas raizes, as quaes nenhuma força podem extirpar; nem ainda mover do firme lugar, que occupão. Sobre o negocio, que V. Excellencia não ignora, houve quem pertendeo eclipsar as claras luzes da virtude de N. . . ., como quem não conhecia a grandezza, e constancia do seu animo, que apparece brilhante na escuridade, e serena nas tormentas, como com evidencia se vio, quando lhe deraõ a noticia. Não houve pedra, que o seu emulo não movesse; mas elle superior a todas as invectivas, e salúrnias, reputava estas lavaredas como fogos fatuos, que só podem atemorizar a animos feminis. Finalmente, applanando-se, mais como cobarde, que arrependido, o furor do vil contrario, se vê o nosso amigo descansado, e com a rarissima circumstancia de trocar em benignidade toda a grandezza da sua constancia, para eterna confusão do seu inimigo. Como V. Excellencia estava deseioso de saber o fim deste negocio, e he destas virtudes igualmente o maior panegyrista, e imitador, parece-me mui preciso dar a V. Excellencia esta noticia; e se com ella obsequiei ao seu desejo; recompense-me V. Excellencia este gosto com outro; e he certo que para mim não o pôde haver maior, que o de servir continuamente a V. Excellencia, a quem Deus guarde por muitos annos.

C A R T A II.

Bem mostra V. Excellencia com a alta penetra-

ção do seu juizo quanto dista o nosso vêr do seu antever; porque parecia impossivel poder-se perceber huma tal idéa, que nem ainda sonhada poderia vir ao pensamento. Mas estas he que são as occasiões, em que V. Excellencia dá claramente a conhecer a singularidade do seu talento, e faz com que sejam muito inferiores ao seu distincto merito os publicos elogios, que o mundo sábio lhe dedica. A Patria, além destes mesmos louvores, deve dar a V. Excellencia eternos agradecimentos, não menos pela gloria, que tem de hum filho tão benemerito, que pela utilidade, que lhe resulta de hum Ministro tão distincto. Por estas, e outras muitas circumstancias, que a modestia me diz que cale, prospere Deos a pessoa de V. Excellencia por dilatados annos, etc.

C A R T A III.

Com muita razão, e com maior justiça louva V. Excellencia a N...; porque certamente he hum sujeito, que, estando na flor de seus primeiros annos, tem já colhido os fructos dos mais provectos. Quanta prudencia, e urbanidade ha nelle para o trato Civil; quanta fidelidade, e prestimo para a amizade, quanta intelligencia, e talento para o maior negocio, e quanta eloquencia, e erudição para hum discurso! No juizo dos verdadeiros sabios he o milagre, no parecer dos fingidos a inveja da sua idade. Eu, reflectindo muito nestes seus raros dotes, mais propendo para a inveja, que para a admiração, porque se da fonte nasce o rio, e o fructo da arvore, elle nasceo de huns pais, e vem de huns taes ascendentes, que forão a gloria da Patria, e de todas as virtudes. Continue V. Excellencia em o louvar; e igualmente em o proteger; já que elle teve a felicidade de vir ao mundo no

tempo de V. Excellencia, a quem offereço como seu reverente Criado a minha prompta vontade para tudo o que fôr servido. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A IV.

Não duvidava eu que V. Excellencia tivesse prompta a lingua para me defender, tendo taõ prompto o coração para me amar. He V. Excellencia viço retrato da verdadeira amizade, de que são tantas as testemunhas, quantas são as pessoas, que tiverão a honra de tratar a V. Excellencia. Entre estas logrei eu a estimavel fortuna de ter hum distincto lugar; pela qual me resulta tanta honra, como utilidade; do que agora me deo V. Excellencia huma prova, defendendo a minha fama de huma iniquissima calumnia. Beijo a V. Excellencia as mãos pela grande obrigação, com que deixa gravado o meu agradecimento, e faz mais ardente a minha obediencia para tudo o que for do serviço, e agrado de V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A V.

A obra que V. Excellencia he servido mandar-me á minha censura dedicada ás sumptuosas Exequias do Senhor Marquez de. . . ., resplandece mais do que quantas luzes se accenderão em taõ piedosa acção. Sabindo pois essa com tanta Inz, não necessita de exame para sahir á luz. Os partos de V. Excellencia são como o nascimento do Sol, que sempre nasce perfeito, e sempre coroadado de arden-tes resplendores. Não posso, nesta materia dizer menos a V. Excellencia, a quem vivamente rogo que me continue com frequencia o favor de taes mimos, que tanto me acreditaõ, quanto tanto me instruem. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A VI.

Li com rigorosa reflexão o Poema de V. Excellencia, como ordenou á minha obediencia o seu indispensavel preceito. Se acaso, sem o menor atrevimento, me he licito o poder em tal materia fallar, digo que V. Excellencia se mostrou nelle duas vezes pintor: huma, porque na idéa magestosa, episodios naturaes, e agradaveis, e nas mais partes, de que se compõem hum perfeito Poema, retratou fielmente a veneravel figura da Poesia; e outra, porque nos subtis conceitos, pureza de vocabulos; e magestade de expressões se pintou a si mesmo, pintando o seu espirito. Quizera-me dilatar em assumpto tão fecundo; porém julgo indiscreto esse meu desejo, quando a pública voz do mundo sábio tomou á sua conta o elogio devido a esta grande obra. V. Excellencia o ouça, e principie já a gozar da immortalidade, que espera o seu illustre nome; e não se esqueça igualmente de dar exercicio á minha promptissima obediencia com os seus honrosos preceitos. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A VII.

As Poesias de V. Excellencia, que agora sahcm á luz bem mostrão que são partos perfectos do seu grande engenho, porque nellas glóriosamente compete a suavidades com a subtiliza. Eu as li com hum tal gosto, e admiração, que, se me fora possível, ás mandára á memoria, como hum raro milagre de verem em tempo de flores tão sasonados fructes. Não me tenha V. Excellencia por lisonjeiro, se talvez (o que duvido) não ouvir commummente louvados estes Versos: porque já desde agora appello para a posteridade, onde serão tantos os que me seguirão, como os que se appli-

carem a esta Arte Divina; pois já entãõ os annos tem dissipadas aquellas nuvens, com que a invejosa emulaçãõ pertendia offuscar os claros resplandores da verdade. Considere V. Excellencia bem nisto, para não desistir desta sua applicaçãõ; e premêe tambem este meu conselho com a estimavel honra dos seus preceitos. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A VIII.

O elogio que V. Excellencia foi servido mandar-me, he taõ excellente, que não só me parece dignissimo do sujeito, e do author, mas tambem de outro elogio de V. Excellencia; porque só pôde ser dignamente louvado por quem o soube fazer louvavel. Asseguro a V. Excellencia (se nestas materias posso assegurar alguma cousa) que deste genero ainda não li cousa semelhante; ou se attenda á pureza das palavras, e magestade das expressões, ou á subtileza dos pensamentos, e suavidade da narraçãõ. Eu o guardo sinceramente como antes producçãõ do seculo de ferro, no qual as boas artes, segundo a opiniaõ de alguns, estaõ moribundas, e segundo a minha estariaõ mortas, se V. Excellencia não vivesse. Para crédito desta idade prospere Deos a vida a V. Excellencia como desejo, etc.

C A R T A IX.

Faço desde agora huma particularissima estimaçãõ das minhas obras, pela bondade, que nellas ha, a qual, ainda que eu não conheça, firmemente a supponho, por haverem merecido a sincera approvaçãõ de V. Excellencia, e com expressões taõ singulares, que occupa a confusaõ o lugar do agradecimento. Sim, Senhor, a confusaõ; considerando que taõ altamente me louva quem he das sciencia hum thesouro taõ inexhaurivel, que não o pos-

suio igual a Antiguidade; quem he da Encyclopedia hum Templo tão veneravel, que não quer elle em outra parte collocar o seu throno. Não accendo o incenso da lisonja; porque não são minhas estas palavras, mas do mundo sabio, como V. Excellencia não ignora, ainda que a sua rara modestia não se queira lembrar. Senão me reprimisse o justo desvanecimento não sei que virtude, já eu não cedia a minha penna ás maiores da fama, motivo, porque rogo a V. Excellencia que me difficilte similhantes favores, e me conceda unicamente os dos seus preceitos; porque ainda que ambos me acreditem, huns podem prejudicar ao meu entendimanto, outros certamente utilisão a minha vontade. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A X.

Nunca V. Senhoria me honra com as suas attentiosas Cartas, que não fique na d'úvida, qual brilha mais em V. Senhoria, se a eloquencia, com que me louva, ou se a familiaride, com que me escreve. Se olho para o meu merecimento, vence a familiaridade, se attendo para as Cartas, excede a eloquencia; porém entre questaõ tão agradavel, dou a palma á familiaridade, porque me honra, e não á eloquencia, porque me desvanece; esta pôde-me precipitar, aquella faz-me subir; pois por ella me vejo particularizado entre todos os Criados de V. Senhoria, a quem rogo que faça ainda subir mais esta distincão, fazendo com que as obras acompanhem as palavras: isto he, seguindo-se a honra dos preceitos, á honra das cortesissimas, e familiares expressões. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

CARTA XI.

Mais venturosos, que excellentes, se podem chamar os meus escritos, depois que tive a fortuna de conhecer a eloquente urbanidade, e sincero animo de V. Senhoria em argumentos taõ frequentes, quantas são as attenciosas Cartas, com que V. Senhoria me honra. Eu as escrevo como cousa de V. Senhoria; e isto basta para o mais diffuso elogio, que pudéra formar sobre a singularidade dellas. Para instrucção dos meus estudos continue-mas V. Senhoria, e nellas igualmente para exercicio da minha prompta obediencia participe-me, em lugar da honra dos louvores, a dos seus estimaveis preceitos. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

CARTA XII.

Recebi a Carta, em que V. Senhoria, para haver de honrar a memoria dos meus escritos, que confundir, ou ao menos gravemente desvanecer o meu entendimento. Apenas principiei a ler, pareceo-me logo dictada na Escola de Platon, onde o amor he Filosofo, e a Filosofia he amante. Cada palavra sahe da boca do amor, e todos me elevaõ, ainda que me louvem, porque todos os elogios são amor. Bem pudéra com tudo V. Senhoria, attendendo á modestia, evitar estes louvores, pois nellas se louva a si mesmo; porque se o amado he huma grande parte do amante, V. Senhoria querendo elogiar-me, se elogia igualmente a si, sendo eu huma parte taõ grande de V. Senhoria. Para eu com evidencia conhecer a qualidade do seu affecto, são superfluos os louvores: basta que nunca tenha ociosa a minha prompta servidaõ com a falta dos seus preceitos: a fim de que eu possa satisfazer a huma pequena parte do muito, que devo

a V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XIII.

Eu esquecer-me de V. Senhoria? E atreve-se V. Senhoria a considerar, que digo considerar, a escrever tal? V. Senhoria he que se esqueceo de mim, e se esqueceo de si: de mim, suppondo-me capaz de me esquecer: de si, naõ reflectindo que as pessoas como V. Senhoria naõ podem ser esquecidas. Tudo o que he agradavel naõ he hum memorial de V. Senhoria? Tudo o que he bom naõ he hum seu retrato? Tire pois V. Senhoria do mundo tudo o que he agradavel, e desterre delle o que he bom, que só entaõ se desterrará da minha memoria a imagem de V. Senhoria; mas nem ainda assim; porque muito mais facil será que o mundo perca a sua bondade, e agrado, que eu perca o interior affecto, com que amo as raras virtudes de V. Senhoria, a quem rogo considere que, se o amor como menino he mui desconfiado, tambem para escrever deste modo tem como tal muita confiança. V. Senhoria se naõ esqueça de mim com os seus preceitos, que destes favores he que eu sem duvida estou mui privado, e da falta delles mui sentido, como esquecimento, que a minha fidelissima servidaõ naõ sabe merecer. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XIV.

Manda-me V. Senhoria que eu censure os Discursos, que sobre o estudo Moral escreveu a sábia penna de V. Senhoria? Isto, Senhor, he confundir-me, e naõ honrar-me. Mostraria eu naõ só que os naõ lera, mas ainda que em taes assumptos já mais pozera os olhos, se addeitasse o lugar de Cen-

spr, que V. Senhoria me offerece, não podendo em
 ainda ser idoneo Panegyrista. Discorre V. Senhoria,
 sim; mas põem tão fixamente os passos, que nos
 deixa immortaes vestigios da sua sabia carreira. Cor-
 re o caminho de Aristoteles, sim; porém chega V.
 Senhoria com felicidade áquella baliza, que elle,
 se a vio, não se atreveo a tocar. Deste modo, co-
 mo he possivel que haja quem entre no exame de
 huma tal Obra, que, para ser magistral, pôde fa-
 zer com que o Filosofo perdesse o veneravel no-
 me de Mestre. Porém, considerando agora que os
 preceitos de V. Senhoria são inviolaveis, vejo-me
 obrigado a tomar a vara censoria, dizendo que este
 livro, he dignissimo da luz pública; porque dá luz,
 e luz nova, a trévas antigas. Em attenção a este
 meu grande sacrificio, feito á cega obediencia, pre-
 mõe V. Excellencia a minha vontade com frequentis-
 simos preceitos; para que nunca esteja ociosa no
 serviço de V. Senhoria, a quem Deos guarde por
 muitos annos.

C A R T A X V.

As cousas preciosas são raras; por isso he que
 as Cartas de V. Senhoria, não são frequentes: com
 tudo, frequentes são os argumentos da sua urban-
 idade, e grandes as provas do seu affecto. Huma,
 e outra cousa, me dá V. Senhoria a conhecer na
 sua Carta, em que comigo se desculpa do seu di-
 latado silencio; porque he grande urbanidade des-
 culpar-se V. Senhoria, não havendo obrigação al-
 guma para a desculpa; e he vivo affecto conser-
 var-se a memoria do amigo, mediando huma tão
 dilatada falta de correspondencia. Porém, ainda que
 V. Senhoria me houvesse escandalizado com o seu
 silencio, eu perdoára facilmente a offensa, pelo
 grande gosto, que me deo, mandando-me hum no-

vo parto do seu raro engenho. Muitas vezes contemplando o li., e observei as perfeitas partes, que o organizaõ; e como Profeta he synonymo de Poeta, levantando-lhe figura, vaticinei que gozaria huma vida taõ dilatada; que havia ser eterna; e que seria em todas as idéas particular assumpto da maior veneraçã, por singular mestre dos sabios futuros. Para sua maior gloria continue V. Senhoria em dar á luz similhantes partos, e para minha grande honra não cesse igualmente de me impôr os seus estimaveis preceitos. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XVI.

Darei principio a esta resposta á Carta de V. Senhoria por aquella parte, que não me deixa dar fim a admiraçã. Li o elogio de V. Senhoria, dedicado ás saudosas cinzas do grande N...; e taõ altamente me arrebatáraõ os delicadissimos pensamentos, as puras palavras, e as magestosas expressões, que julguei por menos sabia a Antiguidade, quando nos deixou taõ particularmente recommendados, como obra completa, os Elogios de Plinio, Nazario, Pacato, e outros. Nelles certamente não ha subtileza, conceito, ou elegancia, que V. Senhoria no seu não exceda; e até, para sua maior singularidade, tomou V. Senhoria por assumpto não hum Heróe, mas a mesma heroicidade, alma vivificante daquelle saudoso e immortal Varaõ. Eu não sei de que Portugal se deve mais desvanecer: se de produzir hum tal assumpto para hum Panegyrista, ou se hum tal Panegyrista para hum tal assumpto; porém não ha preferencia nestas glorias; porque ambas são igualmente singulares, e de huma, e outra resulta á Patria taõ nova fama, que não se póde desvanecer com ella a antiga Roma. Isto he o menos, que

posso dizer a V. Senhoria, a quem rogo que continue similhantes empresas; pois com ellas não se louvará, mas ha de fazer Heróes; porque muitos, justamente ambiciosos dos Elogios de V. Senhoria, obrarão acções, com que os venhão a merecer. Fico para servir a V. Senhoria em tudo o que fór servido mandar-me, etc.

C A R T A XVII.

Eu não deuo ser avarento de elogios para quem Deos he tão liberal de favores: se V. Senhoria não os quer, não faça cousas, que os mereçam. Mas que digo, Senhor! Aconselhar a V. Senhoria a que deponha a penna! Dizer-lhe que não busque a gloria da patria: a utilidade dos estudiosos, e a fama immortal do seu nome! Não Senhor; retracto-me. Escreva V. Senhoria, escreva, para deixar recommendado á posteridade o feliz século, em que nascio: e apesar da sua rara modestia, ouça os elogios, que lhe tributaõ os sens naturaes, desvanecidos com tão grande ventura. Entre estes não despreze V. Senhoria os meus, que, ainda que indignos, pela humildade do estylo, merecem attençaõ pela sinceridade do affecto, com que são compostos. Todos me veneraõ na elegancia; porém ninguem me vencerá no affecto: e com esta singularidade parece-me que venço a todos. Para honra das letras, e maior escravidão da minha obediencia: Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XVIII.

Nestes montes, em que vivo, fizeraõ eõ os applausos; com que o mundo altamente admirado celebra a extraordinaria magnificencia, com que V. Senhoria representa nessa Corte o Character de Ministro de Sua Magestade. Principiava aqui a propagar-se esta mesma admiração; porém para que

a não houvesse não trabalhei pouco, persuadindo a todos que não se deviaõ admirar de virtude, que em V. Senhoria he tão commum, e na sua grande Casa tão vulgar, que não ha pagina nas nossas Historias, que della nos não dê magnificos exemplos: e que de outro modo, era offender a V. Senhoria; porque se admiravaõ de acções, que só V. Senhoria, deixando de ser quem he, podia deixar de as fazer. Parece-me que neste particular fiz não pequeno serviço a V. Senhoria, o qual espero me premêe, empregando-me sempre no agradável exercicio das suas ordens. Para crédito nõsso, e admiração unica dos Estrangeiros. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XIX.

Manda-me V. Senhoria que lhe diga o meu parecer sobre a Elegia, que a sua elegante penna escreveu ao sagrado assumpto de . . . Devendo eu sempre obedecer a V. Senhoria, não sei agora como o possa fazer; não tendo jámais subido ao Monte das Musas para o cultivar, mas só para me divertir nos seus deliciosos campos. Porém como a afflicção dá entendimento, a que eu tenho de obedecer promptamente a V. Senhoria, me inspira a dizer-lhe que a Elegia não só he excellente, mas admiravel; porque excede certamente ás Ovidianas, não menos na suavidade do metro, que na sublimidade do assumpto. A natureza a fez elegante, a materia piedosa, e a Arte polida. Ultimamente he dignissima de que V. Senhoria nella senão faça Anonymo, como em outras se tem feito; porque, se se consultar ao Parnaso, não haverá nelle Poeta do Estro mais divino, que ambiciosamente não desejasse ser della o author. Isto he o que a minha sinceridade póde dizer a V. Senhoria, a quem

mui, particularmente desejo servir. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XX.

Meu amigo. Pergunta-me v. m., não menos como pai, que virtuoso, quaes são os progressos de seu filho neste Religioso Instituto, que abraçou. Como he fructo de boa planta, todos os Religiosos o gostão. Todos se edificaõ, porque cresce no serviço de Deos firme nas raizes do seu santo proposito. Quem na mocidade bem educada se fez Religioso, depressa se faz homem de vida Religiosa. Quem em annos maiores se faz Religioso, quasi sempre será hum Religioso menino, se voz superior o não tiver chamado. Eu, e todos estamos na firme esperanza de que seu filho será em breve tempo homem para a Religiaõ, e de que lograremos em idade moça huma propecta Religiosidade. Louve v. m. a Deos, acompanhando as nossas graças por tão grande beneficio. Todo o meu prestimo, bem que inutil, offereço com a maior sinceridade de animo a v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXI.

Meu amigo. As saudades, que eu padecia ausente de v. m. agora se mitigaõ com os Versos, de que v. m. me faz presente, os quaes são huma viva imagem sua, porque são huma viva copia do seu espirito, da sua discriçaõ, e do seu engenho. Elles não só me agradáraõ, mas agradáraõ; porém não he esta a boa definiçaõ da bondade delles: entendendo que agradáraõ ás Musas, e persuado-me que entendo bem; porque nelles escrupulosamente se observaõ os preceitos, que nellas prescrevem. Não deixe v. m. seccar a tinta na penna, continue, porque os seus fructos, devendo ser verdes para a idade, são já maduros para a gloria. O engenho

he-maduro, e madura he a Arte. A fama tem todas as cem bocas promptas: he preciso que v. m. com as suas obras lhe continue o assumpto para ellas fallarem. Assim espero do seu raro talento, o qual para honra das boas artes guarde Deos por muitos annos.

C A R T A XXII.

Meu amigo. Eu não sei agradecer a v. m., como devêra, a honra, com que me trata, fazendo-me digno do seu grande livro, e preciosidade, com que me presentêa, offerecendo-me hum thesouro inestimavel de toda a erudição. Sim Senhor, hum thesouro; porque nelle facilmente se encontraõ todas as preciosidades, que a Encyclopædia não repartio atégora com mão liberal pelo mundo dos Sabios. Muitas vezes beijo a v. m. as mãos por querer enriquecer tanto os meus estudos, e desejára humas expressões, que parecessem filhas do seu livro, para dignamente me mostrar agracedido. Muito, como obrigado, dissera do favor, e do merecimento de v. m., se a vontade fosse entendimento: porém como este falta, louvarei só com o excesso daquella, e passarei dos louvores aos rogos, pedindo-lhe que descance agora ao som dos applausos, que a Fama como ennobrecida lhe rende, e todos os estudiosos como obrigados lhe tributaõ. Deponha v. m. a penna, deponha; assim porque a sua vida, como he hum sabio, he tão importante, como porque depois de hum tal obra, já não ha nas Sciencias novidade, que nos communcar. V. m. disponha da minha obediencia, como quem sobre ella tem tão antigo dominio, e seja com frequencia; para eu publicar que he v. m. tão generoso destes mimos com que acreditará a minha servidaõ, como dos outros, com que honra a

minha amizade. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXIII.

Meu amigo. Se as leis do mundo se observassem, muito tempo ha que v. m. gozaria o premio, que pede a justiça para os seus não vulgares merecimentos. Eu me lastimo muitas vezes comigo, e outras com pessoas, que podião ajudar a v. m., da negligencia, com que se deixão perder os engenhos de grande esféra; e sempre remato o discurso com v. m., dizendo o que v. m. não merece; porque merece muito mais: e se o premiar este mais estivera na minha mão, asseguro a v. m. que não havia envergonhar a Patria, nem ver-offendido o seu merecimento; mas este he hoje o proceder do Mundo, que quem pôde não quer, e quem quer não pôde. Disponha v. m. da minha vontade, como sua; para tudo o que eu puder; que he muy pouco; o que sinto muito, pela razão, que acabo de dizer. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXIV.

Meu amigo. Só a rara prudencia, e igual actividade de v. m. fez facil hum negocio tão arduo, que não houve quem se atrevesse a entrar nelle. Para prova do que digo, basta a eleição, que de v. m. fez Sua Magestade, que com a sua altissima comprehensão sabe escolher entre os maiores a quem he grande. Muitos premios esperaõ os assignalados serviços de v. m., o que hei de estimar como devo; porém ainda seado muitos, como da conhecida rectidão do Principé se espera, sempre seraõ poucos para os grandes merecimentos de v. m.; porque o mundo não sabe premiar as virtudes, quando são singulares. Offereço a v. m. com o animo

mais sincero todo o meu prestimo, para tudo que for servido mandar-me. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXV.

Meu amigo. Recebo a Carta de v. m., e com ella douz Sonetos; hum funebre á saudosa morte do Conde de....., outro Encomiastico em applauso do zelo, com que procuro levantar hum Obelisco Poetico á immortal memoria deste sabio Cavalheiro. Ambas as obras parecem logo de v. m.; porém esta ultima louvára eu muito mais do que faço, se v. m. me não louvasse muito mais do que deve; porque supõem que em mim he obsequio de nacional, o que he obrigação de Criado. O segundo Soneto he a melhor obra, que eu tenho em toda a grande Collecção; e sem mendigar mais expressões, esta basta para seu maior elogio. Já o encorporei com outros, e vai no principio para servir de douta cabeça a esse discreto corpo; não porque fosse escrito com este fim, mas porque foi composto com este merecimento. Fico para obedecer a v. m. em tudo o que for servido mandar-me. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXVI.

Meu amigo. O certo he que quem deseja aprender as leis todas da verdadeira amizade, ha de procurar ser amigo de v. m., porque he hum vivo oraculo desta rarissima virtude. Eu o estou experimentando frequentemente, não sem confusão minha; mas quem ha, que o não experimente? Todos publicão esta verdade, mais sinceros, que lisongeiros; mais obrigados, que obsequiosos. A mim parece-me que a todos excedo; porque a benignidade de v. m. para comigo he tão grande, que dissera que me obriga tão gravemente, que me faz

insupportavel, o pezo; se o obrigar me não fora hum fazer-me hum seu por força. Não pôde o meu agradecimento desempenhar-se de outro modo, senão com esta pública confissão; porque o meu prestimo he tal, que nunca se poderá v. m. servir delle: mas se talvez se der alguma occasião; serei venturoso, se v. m. o occupar com toda a authoridade, que he a condição, com que o offereço a v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXVII.

Meu amigo. O Character especifico da Corte, em que v. m. assiste, he a urbanidade, e seu maior timbre he tratar como nacionaes aos Estrangeiros. Assim não he para mim novidade, que v. m. nella fosse tão benignamente recebido; do que me admiro, he que entre tão grandes distincções se não esquecesse v. m. de huma pessoa tão particular, como eu sou. Porém os animos nobres por natureza, não se alterão por accidente; á maneira dos Collossos, que sempre são grandes, ou esrejaõ humilde, ou altamente collocados. Beijo a mão a v. m. por esta lembrança, que de mim teve, na Carta, que foi servido escrever-me, na qual se attentões se contavaõ pelas palavras. Este agradecimento he limitado; porém, para o fazer mais digno, saiba v. m. que se o meu prestimo puder nesta Corte ser em alguma cousa util a v. m. todo o offereço á sua disposição, como quem ha tanto tempo tem sacrificado toda a vontade aos estimaveis preceitos de v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXVIII.

Meu amigo. Por huma carta duas! E taes Cartas! Mas assim succede a quem semeia em campo fecundo. Eu estou confuso com tanta urbanidade.

Cada pälavra he humã expressão, que dicta a cortezia, e o affecto inspira; e cada expressão he hum iman poderosò, que attrahe os corações, não me nos para a correspondencia, que para o agradecimento. Modo mais novo de obrigar eu ainda o não vi, nem facilmente o verei; porque este, sendo especifico de v. m., com difficuldade se achará em outra pessoa. Porém não he ainda esta a minha maior confusão; maior a experimento, considerando o quanto me he impossivel corresponder a tão raras attenções: com tudo consolo-me; porque a mesma impossibilidade, que em mim ha, ha de haver em todos aquelles, a quem v. m. por esse modo obrigar: e basta para a minha possivel gratidão mostrar companheiros no seu impossivel. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXIX.

Meu amigo. Que he isto? O amor de v. m. quer-me mal? Esquecido v. m. da antiga amizade, se faz meu novo inimigo? Em lugar da minha vida, busca a minha morte? Em lugar do descanso, os meus trabalhos? Sim Senhor; tudo isto v. m. me busca, persuadindo-me a que vá para a Corte. Hei de trocar a vida segura pela perigosa; a quieta pela cançada, a bemaventurada pela infeliz? Aqui no campo, e melhor no monte, he que verdadeiramente se vive; porque a saúde desterrada da Corte fez aqui o seu assento; e os vicios, affugentados daqui, para lá foraõ buscar o seu domicillo, e ambiciosos não se contentáraõ de buscar sómente as casas humildes. No campo não cega a injustiça, nem cortaõ as linguas; segaõ as fouces os fructos, e cortaõ os arados a terra. No campo não se pizaõ os benemeritos, para dar o gosto á inveja; pizaõ-se os fructos, para dar delicia ao paladar. Não se le-

vanta cedo o lavrador, para inutilmente se fazer estatua da paciencia na sala de hum Ministro; levanta-se, para se fazer symbolo da vigilancia, continuando com o seu trabalho a utilidade á sua casa, e á Republica. Muitas vezes colhe este no seu campo o que não semeou; e lá não se colhe cousa, sem que primeiro se semeie. Dir-me-ha v. m. que aqui mais se vive para os brutos, que para os homens; e eu lhe responderei que melhor he viver para os brutos, que parecem homens, pelo que ensinão; do que para os homens, que parecem brutos, pelo que obraõ. Muito tivera que dizer a v. m.; porém remetto-me ao silencio, porque já sou mui extenso. V. m. me perdoe, se não duvidei de fazer paralelo do campo com a Corte, e fiz ao depois com que esta com toda a sua urbanidade ficasse vencida da rusticidade daquelle. Não pertenda v. m. yencer-me; porque se isto em mim não he razão, he huma paixão dominante. Com o prestimo do campo não serve para a Corte, não tenho que offerecer a v. m. senão huma sincera vontade, que deseja toda empregar-se no seu serviço. Deus guarde a v. m. por muitos annos.

CARTAS DE EXHORTAÇÃO, e Conselho.

ADVERTENCIA.

A Exhortação, e a persuasão saõ quasi huma mesma cousa; porque quem persuade, igualmente exhorta, principalmente no fim: pelo que disseraõ que a exhortação era parte, ou epilogo da persuasão. Porém a persuasão usa de provas, e a exhortação, para mover os affectos, serve-se de estímu-

los, os quaes se costumão extrahir de dez fontes, que são as seguintes: Do louvor, da esperança, do temor, do odio, do amor, da misericordia, da emulação, da expectação, dos exemplos, e dos rogos. Depois que tivermos captado a benevolencia da pessoa, que quizermos exhortar, trazendo v. gr. á memoria o affecto, que lhe temos, logo lhe proporemos a causa, louvando-a quanto nos parecer necessario. Por meio do louvor se exhorta de dous modos: o primeiro he louvando a mesma causa, dizendo v. gr. que he gloriosa, ardua, pia, nunca comprehendida, etc. o segundo he louvando a pessoa pelas suas açoes passadas, pela nobreza do seu nascimento, pela sua prudencia, experiencia, etc. Advertimos, que assim os muitos, como os poucos annos pagão-se de louvores dilatados; porque facilmente entra o desvanecimento nestas idades: porém não he assim com facilidade em annos perfectos. Por meio da esperança dos premios vivamente se exhorta, discorrendo sobre a immortalidade do nome, sobre as honras, gloria, utilidade, etc. Igualmente se exhorta por meio do temor dos damnos, trazendo v. g. á memoria os trabalhos, os desgostos, a infamia, etc. Tambem por meio do odio, amplificando o dos inimigos, a crueldade, a infideidade, o atrevimento, a insolencia, etc. Do mesmo modo por meio do amor, lembrando a caridade a favor daquelles, pelos quaes se ha de tentar a estuproza, etc. Igualmente pela misericordia, augmentando com artificio a necessidade os amigos, os males, que padecem, as offensas, que soffrem, etc. Tambem por meio da emulação, propondo as virtudes dos emulos v. g. a industria, o valor, o poder, etc. Do mesmo modo por meio da expectação, mostrando quaõ grande seja nos amigos, pa-

rentes, Patria, etc. E diremos que esta expectação he mui natural, e provavel, considerando na sua nobreza, boa educação, e no crédito de outras acções passadas, etc. Igualmente por meio dos exemplos, trazendo á memoria semelhantes empresas, feitas ou por seus maiores, ou por outros Patricios, ou por outros homens, de que trataõ as Historias antigas, e modernas, etc. Tambem poderemos exhortar por meio de rogos, instando vivamente com artificio, e dizendo a pessoa a quem escrevemos, que obre cousas dignas do seu valor, talento, qualidade, etc. Advertimos, em ultimo lugar, que toda a exhortação se deve adorar, como quasi sempre faz Cícero, para que haja pique; e assim diremos lhe propomos a tal cousa para augmento da sua fama, o que como amigo desejamos, e não porque se entenda que he tal, que necessita de exhortações, e de conselhos. Pertencem estas Cartas ao genero Deliberativo.

CARTAS DE EXHORTAÇÃO, e Conselho.

C A R T A I.

Não tenho cousa, que mais ame, que a memoria de V. Excellencia; por isso não tive cousa, que mais sentisse, que a sua ausencia desta Corte. Certamente foi esta partida para mim mui sensivel: e não necessito de encarecer a V. Excellencia este pezar, porque não são poucos os fundamentos, que V. Excellencia para o conhecer poderá ter. V. Excellencia, que fez a ferida, he só quem lhe póde applicar o remedio, o qual não póde ser outro, senão a sua restituição á Corte. Muito expliquei com a palavra restituição; porque na

pessoa de V. Excellencia roubou-se-nos o gosto, o crédito, e a instrucção: a instrucção da sua practica, o crédito da sua companhia, e o gosto da sua vista. Attenda V. Excellencia, attenda a nossa justiça, e não a dilate; porque he mui prejudicial a perda: senão, eu pessoalmente buscando a V. Excellencia me irei resarcir. Como V. Excellencia sabe o dispotico dominio, que tem sobre a minha obediencia, he acção mui desnecessaria o offerecer-lhe a promptidão da minha vontade, para tudo o que fôr servido. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A II.

Muito tarde me chegam as Cartas de V. Excellencia, por isso tarde chegam tambem as minhas respostas, ainda que com diligencia são escritas, e mandadas. Para evitarmos estas demoras, ponha V. Excellencia prèssa em vir para a Corte. Não se cansem as pennas, nem as penas: já tanto esperar he desesperar. As conversações ou não continuão, ou, se continuão, logo se fazem fastidiosas; porque lhes falta aquella graça, com que V. Excellencia as sabe fazer saborosas. Desta nausea todos adoecem, e eu mais que todos; por isso sou o que mais rogo a V. Excellencia que torne, e seja com tanta brevidade, quanta he a minha tristeza, ou o meu alvoroço. Assim o espero de V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A III.

O affecto de V. Excellencia não conrespõde perfeitamente ao meu: não Senhor, não conrespõde. He hum éco, que unicamente responde aos unicos accentos; isto he, ás minhas ultimas affectuosas demonstraões. Convido a V. Excellencia a que venha gozar da delicia desta estação nes-

te delicioso sitio, e tudo lhe responder-me que virá, mas nunca vem. Não merece este futuro quem a V. Excellencia ama de presentes, porém desde agora estou na certeza de que V. Excellencia, ou estimulado das minhas supplicas, ou comprehendido pelo seu discuido, não ha de desprezar os meus novos rogos, effeitos sinceros da minha fidelissima amizade. Por instantes espero o arrependimento de V. Excellencia, esperando a sua pessoa nesta Quinta; e já estes instantes me parecem dias, por não dizer seculos. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A IV.

Agora me dão a noticia de que V. Excellencia cahira na cama á força de humma grande febre. Pareceo cousa nova ao affecto, mas não ao juizo; porque ha tempos, vendo eu a V. Excellencia, lhe observei não sei que no semblante, que não me contentou. A todos estes accidentes poderá ser que V. Excellencia dê causa: porque apenas se abstem da penna. Estudos fortes fazem fraca a saude, communicando-lhe fortes doenças. Não estranho que o corpo seja servo da alma; estranho sim a indiscrição, com que o querem fazer servo miseravel, sem hum instante de liberdade. Espero em Deos que V. Excellencia brevemente se verá restituído, e então espero tambem em V. Excellencia que viva para si, para viver para todos. Para a vida dos estudos, e da fama, já V. Excellencia viveo tanto, quanto basta para conseguit hum nome immortal. Use V. Excellencia deste remedio, como especifico para a sua enfermidade, o qual lhe recita quem como antigo Criado se interessa muito na saude, todo na vida de V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A V.

Como todos sabem a distincão, com que V. Excellencia me trata, todos me perseguem nos seus negocios, para que os patrocine com V. Excellencia. Da maior parte destes empenhos livro-me com lhes dizer que não me queirão fazer impertinente a troco de ficarem servidos, nem dem causa a se perder a minha amizade, por ganharem o meu negocio. Agora me busca N. . . ., que V. Excellencia conhece por homem mais importuno, que as moscas: para o lançar fóra de mim o mando em meu nome a V. Excellencia. O negocio, que tem, he dos seus costumados, que sempre são impertinentes, e sempre impossiveis. V. Excellencia o contente com cortezes desculpas, que eu o consolarei com desejos de o servir. Ficará elle satisfeito, e eu, e V. Excellencia ficaremos livres. Estou como sempre para dar gosto a V. Excellencia em tudo o que appetecer. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A VI.

Gostando eu muito, como todos, das obras de V. Senhoria, não gosto do modo como as compõem. Levado de hum espirito inquieto faz a planta, e não principia a obra, ou se talvez lhe dá principio, — manent opera interrupta. = Modere V. Senhoria tanto fogo, não o apague: porque tão dançosa he a falta, como o excesso. Não seja como os Leopardos, os quaes desprezão a caça, se dos primeiros saltos a não prendem. Não he o bom cousa tão facil de conseguir; he preciso hum obstinado soffrimento, sobre hum largo estudo, e hum genio moderado, sobre hum espirito vivo. Os annos de V. Senhoria, e o desejo, que tenho, de que em todo seja filho de seu grande pai, soffrem

esta admoestação; e por estes fundamentos espero que V. Senhoria não só benignamente a aceitará, mas que também a observará: porque tem muita humildade o seu engenho divino. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A VII.

A fiel amizade, que protesto a V. Senhoria, derivada da que sempre tive com a sua Casa, me anima a admoestar a V. Senhoria a que desista da empresa, que intenta. Parece-me que he imprudente aquelle caçador, que não duvida perder hum cavallo, a troco de matar huma lebre. A acção não he digna de V. Senhoria, e crêa-me que todo o que aconselhar a V. Senhoria o contrario, deve merecer a sua indignação. Ainda que esta empresa por si mesma possa agradar, nunca agradara pelo Author. V. Senhoria perdoe esta liberdade de escrever, porque, como já disse, a fiel amizade a dicta, podendo-a também authorizar os meus annos. Porém nada temo; porque conheço a natureza de V. Senhoria, que mais estima huma triste verdade, que huma alegre mentira. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A VIII.

Com hum particular contentamento recebo a Carta de V. Senhoria, por me communicar o louvavel animo, com que esta de fazer hum giro pelas Cortes da Europa. Muito me alegre, torno a dizer, com esta noticia, a pezar da minha saudade; porque huma tal resolução não só he louvavel, mas necessaria a quem nasceo com as obrigações de V. Senhoria. Se eu não conhecera qual he o genio de V. Senhoria, muito tinha que lhe admoestar, para lhe servir de guia na jornada. Dissera-lhe que usasse mais dos olhos da alma, que do corpo; is-

to he, que oihasse mais para os costumes, e genios, que para as magnificencias, e grandezas. Só deste modo he que se adquire hum thesouro de inestimavel preço. Praticão-se os sabios, aprendem-se as linguas, e cultivão-se as virtudes; deste modo he que se possui hum patrimonio de merecimentos, ou ao menos de cousas raras. Só assim he que se augmenta o esplendor á nobreza, e a capacidade para o serviço da Patria. Com estas lições recolhe-se hum Cavalheiro, trazendo como substancia aquella nobreza, que levou como accidente. Os Rios senão peregrinassem especulando terras, e as entranhas dos montes, ou não serião conhecidos, ou nunca terião o titulo de grandes. Muito pudéra dizer a V. Senhoria; porém não quero que huma Carta pareça tratado. Só por conclusão lhe digo que, como o genio de V. Senhoria he tal, que não necessita de exhortações, ha de tornar para a Patria tão outro do que foi, que ha de ser mais invejado, que applaudido. Se o meu prestimo servir a V. Senhoria para alguma cousa, disponha d'elle livremente como seu, porque he do seu maior amigo. Deus guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A IX.

Espalhou-se nesta terra a noticia de que Sua Magestade fizera eleição de V. Senhoria para o Governo de; mas tambem logo se divulgou outra, de que V. Senhoria não accetava a nomeação. Cri a primeira, porque os grandes merecimentos de V. Senhoria ainda se fazião dignos de muito mais; porém não dei crédito á segunda, porque a prudencia, concorrendo com todas as virtudes, não tem em V. Senhoria o segundo lugar. Não he V. Senhoria quem se ha de negar ao serviço publico, e

muito menos por falta de premios; porque não sabe V. Senhoria escurecer a antiga gloria da sua illustre Casa, nem perder as futuras utilidades della, com prejuizo evidente da sua posteridade. V. Senhoria me faça certo nesta noticia, que me que-rem assegurar, e me reconheça por hum dos amigos interessados no seu crédito, e nos seus augmentos. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A X.

Faz-se-me preciso avisar a V. Senhoria em como se trata muito no negocio de prender a N..., pessoa, a quem V. Senhoria tanto patrocina. Ainda he tempo de o pôr em parte segura; sendo que a parte he Argos, que não perde tempo em o vigiar. Eu dissera a V. Senhoria que logo logo o fizesse passar o rio, para passar a Hespanha, que isto he o mais seguro; porque o contrario, como tal não suppõe, não o fará prender: porém, como devemos conjecturar tudo, sou tambem de parecer que vá em habitos desconhecidos, e com o nome mudado; porque deste modo, ajudando-se ao mesmo tempo da sua esperteza, não poderá ser conhecido. Entretanto buscar-se-hão todos os meios, para que a parte dê o perdão; para os quaes já me offereço a V. Senhoria, se fôr preciso, com huma vontade muito prompta, e sincera. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XI.

Meu amigo. Grande contentamento tenho de que v. m. se veja já livre do trabalho, que contra a sua constancia maquinou a inveja. Sempre assurei a v. m. este fim, porque os seus enuolos são publicamente conhecidos por infames filhos de maledicência. No que respeita a v. m. dizer-me que ainda escrupuliza de que a nodoa não esteja de todo

apagada, pelo que quer fazer segunda justificação; respondo-lhe logo que não faça tal. V. m. na opinião dos bons não está mal, na dos malos nunca está bem. Muitas vezes o não saber algumas cousas he sciencia: buscar mais, he buscar mais cuidados. Tome v. m. sentido no que lhe admoesto, e louve a Deos pelo beneficio, que lhe fez. O mesmo Senhor guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XII.

Meu amigo. Estou informado dos trabalhos, com que v. m. se vê perseguido; sinto-os, como não sei explicar: sendo que nelles, pelo que aucto, teve alguma culpa. Fiou-se muito de quem todos fião pouco, e eu nada; porque sei circumstancias, ás quaes v. m. ou não attendeo, ou não soube. Daqui em diante procure a amizade dos bons, e se tiver poucos amigos, entãõ os terá verdadeiros. No que respeita ao passado, console-se v. m.: dies vulneret, dies sanat. Não he esta tormenta tão perigosa, que não se haja se descobrir algum porto. Em que v. m. ha de cuidar he em ter mais olhos nas costas, que no rosto; porque este seculo he péssimo. V. m. já me entende. Para tudo o que eu puder, não tem v. m. mais que mandar-me como ao seu mais obediente Criado. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XIII.

Meu amigo. As producções poeticas de v. m. daõ humas grandes esperanças, porque saõ suaves, e elegantes; porém não se fie v. m. tanto na disposição da natureza, que não attenda ás disposições da Arte. He preciso ler a Poetica de Horacio, para se fazerem versos como Virgilio. Com este nobre mixto formará v. m. corpos poeticos, que vivirão, e farão viver a v. m. com eterna fama na memo-

ria de todos. Eu o estimarei muito, ainda que me resultará huma grande perda; porque ficará sendo fézes aquellas minhas obras, que v. m. estima por ouro. Por ora não digo mais; espero novas composições suas, para ver se este conselho produziu o effto. Fico ás ordens de v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XIV.

Meu amigo. Não imaginava eu que v. m. tomasse tal resolução; porque não suppunha no seu animo tanta desconfiança. Por hum naufragio não se deixa toda a navegação. Mude v. m. de vélas, segundo os ventos, que não he inconstancia: o ponto está em ter sempre o Norte firme. Os merecimentos de v. m. constituem-no mui capaz para chegar ao porto de qualquer honra. Os caminhos são diversos; tente, e não esmoreça; porque prejudica não menos aos seus interesses, que á sua vida. Se eu pudér ser bom a v. m. para conseguir o fim, que deseja, tem v. m. o meu animo tão prompto para o servir, como a minha penna para o recommendar. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XV.

Me amigo. As desgraças nunca vem sem companhia: quem cahe em huma, bem póde estar na certeza que ha de cabir em muitas. Por esta razão he preciso todo o empenho, e vontade em valer ao nosso inimigo N. . . . V. m. assim o faça, não só porque póde, mas porque elle se faz digno de toda a compaixão; pois se acha em hum estado o mais miseravel, não por erro proprio, mas por culpa alheia. A parte he forte, inimiga poderosa na causa, irreconciliavel no animo; e se se lhe puder resistir, não ha mais força, que o pôdero-

so patrocínio de v. m., o qual eu espero, quando se der occasião; porque a sua bondade he conhecida até por aquelles, que lhe não conhecem as virtudes. Fico ás ordens de v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A X V I .

Meu amigo. Potes, hoc tanto sub casu ducere somnos, nec quae circumstant deinde pericula cernis? E que somno houve, que fosse mais semelhante á morte, que este, a que v. m. se entrega? Retire-se, meu amigo, retire-se; porque vejo não sei que nuvem, que prognostica grande, e fatal tempestade. Ainda que a razão de v. m. o possa ter seguro em todo o tempo, não o poderá ter seguro em todo o lugar. Quando no mundo entrou a prudencia, não entrou para outro fim, que para remediar similhantes accidentes. Não tenho mais que dizer, nem que lhe recommendar, senão a brevidade na fugida, e o dar-me a noticia da parte, onde se achar, para eu satisfazer com as minhas obrigações. Nestes apertos he que se conhecem os amigos: desejava eu muito que v. m. por tal me conhecesse, mandando-me a todo o risco, para tudo o que puder servir de utilidade á repentina ausencia de v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A X V I I .

Meu amigo. Recebo a Carta de v. m., e com ella a incumbencia de reparar de algum modo a desgraça, que v. m. presentemente padece. Eu a sinto como pede a nossa amizade, e prometto a v. m. de não perder tempo em ver se o posso alliviar; porém sem demora, e demora grande, não se poderá conseguir o bom successo; e v. m. não ignora a razão. Em quanto a v. m. não sirvo por

obra, devo servi-lo por palavra; porque devo exhorta-lo á paciencia, dizendo-lhe que raro ver sine tonitru. Assim vão as cousas deste mundo. O doce confina com o amargoso, o amargoso com o doce; de sorte que hum he quem produz o outro. Para v. m. isto basta; porque tem juizo para destas palavras deduzir muitos exemplos de consolação. De toda a novidade avisarei a v. m. como quem tanto deseja dar-lhe gosto, e valer-lhe em tanta afflicção. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XVIII.

Meu amigo. A parcial amizade, que sempre professei á Casa de v. m. me faz mui particularmente estimar as noticias, que tenho dos progressos, que o seu estudo faz na Jurisprudencia, com louvores de hums, e inveja de outros, que cultivão essa Universidade. Eu sempre assim o vaticinei; porque sempre conheci em v. m. hum talento, que he hum thesouro, de que o mundo raras vezes costuma ser liberal. Havendo em v. m. tal engenho, e em seus Avós tao grande exemplo, são mui naturaes estes progressos. Continue v. m., e com estudo forte; porque a Faculdade tudo pede. Não o atemorize o trabalho, nem o dilatado mar, que tem que surcar; consequencia quasi infallivel dos estudos, e dos estudiosos. Vê v. m. este papel, em que eu lhe escrevo! Vê-o? Pois sem ser batido, pizado, e sem passar por outros muitos tormentos, não se faz lizo, fino, e capaz, para nelle se depositarem os thesouros das sciencias. A simili. Não digo mais; porque não quero por extenso privá-lo das horas do seu estudo. V. m. disponha da minha vontade, como de quem á sua Casa deve não communs obrigações. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XIX.

Meu amigo. Que he isto? Tanta cólera em v. m. ! Eu tal não dissera, e menos imaginara. Fugio de v. m. a prudencia; e para onde iria? Voei para mim. Sim, Senhor: para mim, a fim de que eu fosse a valia para v. m. a tornar a receber. Por parte della me empenho todo com v. m., exhortando-o a que apague o fogo inconsiderado da sua cólera; porque não teverazão para o accender. Amicus Plato, sed magis amica veritas. Eu sou deste parecer, e não deixarei de ter sequito, se buscar os Prudentes. Por outra parte desculpo a v. m.; porque esta nossa natureza he huma fera, que nem sempre podemos domar; quanto mais que em v. m. foi esta a primeira vez, que se conheceo este defeito. Já que culpo, e desculpo a v. m., culpe-me, e desculpe-me a mim: culpe-me em não o admoestar mais cedo, e desculpe-me a liberdade, com que o admoesto; porque as razões da nossa estreitissima amizade, e da nossa quasi fraternal criação tudo consentem com hum' animo sincero, em que não entra fingimento. Fico como sempre com todo o affecto ás ordens de v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XX.

Meu amigo. Pergunta-me v. m. se o aconselho a passar no serviço da patria ao estado da India? Não direi a v. m. o meu parecer; só lhe direi que traga á memoria seus pais, e seus maiores, e logo resolverá o que ha de seguir. Contemplará no zelo, e no valor, com que muitos d'elles, passando ao Oriente, ennobrecerão a Patria, e os seus nomes, com palmas, que plantarão com mãos victoriosas; das quaes ainda hoje colhemos respeitadas fructos: e no fim desta consideração estou certo que ha de

v. m. resolvesse a seguir-lhes os passos, e inflam-
 mado de nobre espirito a emprender aquellas acções,
 com que elles deixáraõ fama, e netos illustres. Não
 posso dizer mais a v. m., a quem rogo que me
 participe o dia da sua ida, para eu principiar a pe-
 dir a Deos que lhe dê feliz viagem, e lhe pros-
 pere a vida por dilatados annos, como lhe desejo,
 etc.

CARTAS DO GÉNERO MIXTO.

ADVERTENCIA.

Muitas vezes succede escrever em huma mes-
 ma Carta diversas cousas; porque muitas ve-
 zes ha occasião de pedir, agradecer, recomendar,
 etc. Não se póde dúvidar que semelhantes Cartas são
 mixtas; porque aquelle, que as escreve, propõe
 em si diversos fins. Demos a estas o ultimo lugar,
 e com ellas constituimos quasi hum quarto genero;
 porque nos pareceo que não se comprehendiaõ bem
 nos outros. Não he necessario apontarmos regras
 para semelhantes Cartas; porque bem sabe o Se-
 cretario que se deve servir dos preceitos particula-
 res daquellas especies de Cartas, que nella se com-
 prenderaõ: como v. g. se ao mesmo tempo lou-
 vasse, e exhortasse, deverá valer-se dos preceitos,
 que se apontaõ nas Advertencias das Cartas de lou-
 vor, e exhortação, etc. Ultimamente quanto á or-
 dem devemos advertir que os negocios públicos se-
 não devem misturar com os particulares, nem as
 cousas passadas confundir com as futuras; antes se
 devem escrever separadamente, para maior clareza,
 e intelligencia de quem ler; porém com hum tal
 artificio, que huma cousa se vá encadeando com
 outra. Saiba finalmente o Secretario que todos os

preceitos, que nestas Advertencias apontamos, não são tão inviolaveis, que privemos seu judicioso engenho de poder accrescentar, e diminuir alguma cousa, segundo a occasião, e o bom gosto o pedir; porque não ignoramos que tudo se pôde melhorar, até chegar á sua última perfeição; e assim tornamos, para sua maior instrucção, a repetir-lhe a regra de = unus te plura docebit. =

CARTAS DO GENERO MIXTO.

C A R T A I.

NAsceo a V. Excellencia hum filho, e a mim hum amo: deve-me V. Excellencia recambiar os meus parabens, que eu mui sinceramente lhe dou; porque com esta felicidade não se interessa menos a minha Casa, que a de V. Excellencia, ainda que os fins sejam diversos. Deos Senhor nosso prospere a vida a este menino, para ser mais herdeiro da gloria, que da Casa de V. Excellencia; o que firmemente espero, porque as virtudes della estão sempre recebendo do Ceo mui particulares beneficios. Como he tão publica a mercê, com que V. Excellencia me distingue entre os seus Criados, valem-se de mim estes dous sujeitos do Memorial incluso, para que V. Excellencia os patrocine no que nelle relatao. São irmaos no sangue, que he honrado, e nos costumes, que são louvaveis. Todo o bem, que V. Excellencia lhes fizer, o hei de estimar muito, e o distinguirei entre o numero infinito de favores, que devo a V. Excellencia, a quem offereço com animo sincero a minha promptissima servidaõ para tudo o que fôr de seu gosto. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

T

C A R T A II.

Acceito os louvores, que V. Excellencia me dá, mais como imagem de sua rara eloquencia, que como retrato do meu vulgar merecimento; e neste particular, por não me confundir, não direi mais. Para responder á outra parte da Carta de V. Excellencia, direi que nunca entendi que N... rompesse em tal excesso. He muito grave o caso; e não sei que fim infausto lhe prognostico. Direi V. Excellencia quem tem o Sol pertó, que logo dissipará o tenebroso de toda a tempestade; porém a mim parece-me que esta mesma visinhança mais o ha de abraçar, que aquentar. Appello para o tempo. No que respeita ao mais, estou promptissimo para fazer tudo quanto V. Excellencia me ordenar; de sorte que já tudo suspendo, para esperar as determinações de V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A III.

As Cartas de V. Excellencia sempre vem a tempo; porque as dicta a benignidade, e não a obrigação. Assim quizerá a sorte que se calassem já as pennas; e que entrassem a fallar as linguas; porque já a saudade he insoffivel. Esta minha commum tristeza recebo hum grande allivio, que V. Excellencia me deo da melhoria da Excellentissima Senhora Condessa. Ouvio Deos as ardentes supplicas dos Criados desta Senhora, entre os quaes tenho eu o primeiro lugar; porque a bondade da Casa de V. Excellencia assim o quiz, quando mais que todos me favoreceo. Como V. Excellencia sabe qual he a terra, em que vivo, bem sabe as novidades, que nella ha; todas indignas de tomar o tempo a V. Excellencia, de que tanto necessito para utilidade publica. Para minha particular, partici-

pe-me V. Excellencia a honra dos seus preceitos, para que aqui se saiba que ainda V. Excellencia se não esqueceu de me favorecer. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A IV.

O silencio dilatado de V. Excellencia faz com que principie a fallar a minha suspeita, não do affecto de V. Excellencia, porque d'elle não posso duvidar, mas sim da sua saúde, da qual principio a temer. Para se aquietar; e consolar o meu animo, rogo muito a V. Excellencia que me faça a honra de me escrever; ou por outro algum modo dar-me noticias suas. As que eu desta terra posso dar a V. Excellencia, he que hontem com sentimento de todos passou a melhor vida N. . . . Muito o ha de sentir V. Excellencia, porque era o maior venerador dos grandes merecimentos deste homem benemerito, que, para crédito da sua fama, e deshonor de muitos, morreo pobre, occupando hum emprego tão rendoso nas mãos de outros. V. Excellencia me conserve na sua lembrança para me mandar, que não quero ter ociosa a minha obediencia. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A V.

A minha affectuosa servidaõ, que V. Excellencia se digna chamar antiga amizade, muito merece as attenciosissimas expressões da Carta de V. Excellencia; porque tenho a gloria de a ninguem ceder, ou seja no vivo affecto, ou na fiel servidaõ. Vencido o natural respeito, que esta infunde, com a sincera confiança, que aquelle permite, animo-me a offerecer a V. Excellencia essa duzia de, como fructa a mais particular, que produzio este anno a minha Quinta. V. Excellencia perdoará, se se persuadir que ha culpa; porém a benignidade

he huma grande parte de V. Excellencia. No que respeita ao negocio, que V. Excellencia me encarregou, tendo feito grandes diligencias, ainda não fiz as maiores, por causa de negocios, que tive, senão de maior importancia, certamente de hum grande embaraço. De tudo, o que se passar, avisarei sem demora a V. Excellencia, a quem como fidelissimo Criado desejo servir com a maior ancia. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A VI.

Recebo agora a segunda Carta de V. Excellencia, e com ella segundos louvores, e segundos sinais do seu parcialissimo affecto para comigo. Ambos me confundem; porque huns se fazem dignos de hum alto assumpto, e outros merecem huma singular correspondencia. De tão assignalados favores tomarei aquella parte, que me convém, e guardarei a outra, para estimulo a proporcionados merecimentos. Muito me alegra a noticia, que V. Excellencia me dá da melhoria do Senhor D. N. . . . : queira o Ceo que continue de modo, que não tenha eu mais, que desejar. Sobre o mais, que V. Excellencia me manda que faça, bem sabe a minha servidaõ, como ha tanto tempo que está ociosa, voará para logo a servir a V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A VII.

Sempre que V. Excellencia me escreve, sempre me afflige; porque ou em humas Cartas não sabe V. Excellencia dar exercicio á minha ambiciosa servidaõ, ou em outras me ha de honrar com preceitos, a que eu não posso obedecer, como presentemente experimento. Muito tempo ha, que desfiz o commercio com as Musas, e he hoje para mim tão difficiloso fazer hum verso máo, como em

outro tempo o fazê-lo bom: e ainda que eu intentasse emprehender esta grande difficuldade, são tantos os negocios, que me embaraço, que não me deixão em descanso o juiz. Sirva-se V. Excellencia da minha vontade, que he propria; e não do meu entendimento, que já não he apto; e então será V. Excellencia servido, como merece, e eu obedecerei, como devo. No outro particular, em que V. Excellencia me falla, pedindo-me o meu parecer, digo que sou de mui diversa opiniaõ, que outros seguem. Sigo só a V. Excellencia: e se eu não tivera razões, em que fundar-me, bastava a razaõ de V. Excellencia seguir o mesmo. Não só se deve buscar o sangue illustre; porque o outro, sendo o mais precioso dos metaes, tambem tem fezes; e o diamante, sendo a pedra mais estimavel tambem tem falhas. As novidades desta terra são o Casamento de D N... com huma filha de N... pessoa das mais illustres de toda esta Provincia; e huma molestia, que deo no Governador, a qual ainda os Medicos não conheceraõ; e queira Deos que a venhaõ a conhecer, para que o animo de todos se veja sosegado. V. Excellencia me mande, como pôde; para eu obedecer, como devo. Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A VIII.

Muito estimo a noticia, que V. Excellencia me dá de ter achado nos ares da sua Quinta o remedio á sua enfermidade. Eu nenhum acho na Medicina contra a molestia, que ha tantos mezes padeço. Dizem os Medicos que ainda não virão natureza mais obstinada; e eu disse que ainda não vi estudos mais ignorantes. Rometto a V. Excellencia o que me pede, não como se pede, mas como eu posso. Aceite V. Excellencia o poder em

lugar do dever, e reconheça a sua benignidade nestas poucas palavras a minha muita vontade. Ponha-se V. Excellencia nos pés de todos esses Senhores, e da minha parte, já que a modestia me impossibilita, lhes agradeça com a maior distincção a lembrança, que conservão de hum Criado, que só pela razão de antigo a podia merecer. Fico como devo ás ordens de V. Excellencia, a quem Deus guarde, por muitos annos.

C A R T A IX.

Vou exercitar hum preciso acto da minha fidelissima servidão, desejando a V. Excellencia Festas mui prosperas neste alegre tempo do santo Natal, e se forem como V. Excellencia merece, não poderá desejar mais a minha vontade. Agora, que me deixa com algum descaço, huma impertinente molestia, que ha dias me afflige, ha que posso agradecer a V. Excellencia tanto o excellentissimo mimo, com que me honrou, como a Carta de recommendação, com que me favoreceu, patrocinando o meu affilhado, a qual foi tão efficaç, que já conseguio o que pretendia. V. Excellencia com os seus estimaveis preceitos de occasião a minha vontade, para se poder desempenhar de tantas obrigações. Deus guarde a V. Excellencia por muitos annos.

C A R T A X.

Que meu pai fallecesse, foi lei da natureza, que eu o chore he obrigação do sangue; mas que V. Excellencia lo sintas he effecto do seu vivo affecto, e da sua inata benignidade. Eu igualmente sinto, por natural impulso, das minhas obrigações nascidas da Casa de V. Excellencia, a grave modestia da Excellentissima Senhora Dondesa, porém se Deus Senhor nosso se dignar attender ás minhas ardentes supplicas, com muita brevidade nos veremos todos

livres deste sentimento. O negocio, em que V. Excellencia me falla, he mui difficultoso de conseguir, pelas estreitas ordens, que se tem dado: porém venha o seu affilhado, que eu entrarei na sua pertençaõ com todo o meu empenho; e se eu o não servir, servir-me-ha elle, servindo-me de testemunha, para ir testificar a V. Excellencia a qualidade do empenho, que mostrei, e os caminhos, que descobri para V. Excellencia ficar obedecido: e elle premiado. Estou, como sempre, ás ordens de V. Excellencia, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A X I.

Recebo a Carta de V. Senhoria, e com ella o offerecimento da sua Quinta, para convalescença da minha molestia. Agradeço a V. Senhoria tanta attençaõ; e quizera Deos que o mal, que padeço, consentisse o poder tomar taõ bom remedio; porém continua de modo, que todos os dias achão os Medicos muito má novidade nos pulsos, porém nenhuma boa nos livros. No que respeita ao que V. Senhoria me diz dos trabalhos de , quasi que são merecidos. Semeou-os com a propria lingua, recolle agora como proprio fructo. O que desejava he que não andasse descalço, já que semeou espinhos; porque lhe receio maiores contratempos. A encomenda de V. Senhoria ainda não he possível que vá. Não posso tempo, espero-o; porque he preciso que venha a estação propria. Já não posso resistir mais ás dores, que estou padecendo. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

Muito obrigado me deixa certamente V. Senho-

ria, pelo cuidado, com que deseja saber da minha melhora; effeito evidente do parcial affecto, com que V. Senhoria sempre me soube distinguir. Se eu devera obsequiar os Medicos, e enganar a V. Senhoria, dissera que já experimento melhora; porém tão longe estou de a ter, que (se a melancolia me não engana) me parece que estou melhor, para estar peor. Conheço o empenho, que V. Senhoria tem sobre o bom successo do negocio de seu affilhado N.... Do meu voto já V. Senhoria póde estar seguro; tambem o estará o dos mais companheiros, pela efficacia, com que lhes proporei a verdade. Em quanto ao mais, de que V. Senhoria me falla, não posso dar resposta; porque toda pende da vontade alheia. Tambem com empenho entrarei neste negocio; porém, quanto a mim, parece-me infructuoso toda a diligencia; e não digo a V. Senhoria a razão; porque della resulta ao sujeito não sei que mal. V. Senhoria me mande sempre em que lhe obedeça, o que farei com promptissima vontade. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XIII.

V. Senhoria por todos os caminhos quer vencer a minha attenção; usando da sua com tanta liberdade, que me achou com duas Cartas em respostas a huma minha. Beijo a V. Senhoria a mão por tão extremosa urbanidade, que em muita parte mereço; porque vive V. Senhoria na minha memoria amado com hum singularissimo affecto. A noticia, que a V. Senhoria posso dar, he que hontem falleceo a Senhora Condessa de.... Foi muito sensivel esta morté: porque verdadeiramente faltou na Corte huma Senhora, que se compunha ao es-

peľho das virtudes, nella tanto vulgares, como rarissimas no mundo. V. Senhoria me recomende muito ao Senhor D. N. . . . , e me faça a mercê de lhe dizer da minha parte que tenho muito na memoria a sua encommenda; e que para lhá remetter só espero o bom tempo. Fico, como posso, aos pés de V. Senhoria esperando as suas ordens. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XIV.

Nem sempre acerta o vulgo, quando diz que quanto mais longe se está dos olhos, mais distante se está do coração; pois cada correio recebo da bondade de V. Senhoria taõ extremosos favores, que não cabem na minha memoria, e menos no meu agradecimento. Agora recebo hum, que mui particularmente estimo, com a noticia, que V. Senhoria me dá de estar já servido o meu affilhado, o qual em meu, e em seu nome irá como agradecido beijar a mão a V. Senhoria. Puz toda a consideração sobre a materia, em que V. Senhoria me consulta, e resolvi que de nenhum modo convém a V. Senhoria dar o sim. As razões não são para Cartas: viva voce as direi a V. Senhoria, e persuadindo-me que o haõ de persuadir. Não só me fundo em conjecturas, que não são temerarias, mas em consequencias, que são infalliveis. Mande-me V. Senhoria dizer como está a molestia do Senhor Dom N. . . . , que me dá não pouco cuidado; porque a sua disposição não he das mais robustas, ainda que a idade em si o seja. Não se me mande V. Senhoria esta noticia, mas mande-me tambem como seu Criado. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XV.

O certo he, Senhor, que se o meu sentimen-

to admittia alguma consolação, só a podéra achar na Carta de V. Senhoria, tão delicada em ponderações, como forte em conselhos: porem depressa todo o allivio ou seja a grandeza da minha perda, ou a do meu affecto. Para fugir a consolações, que não são como as de V. Senhoria, porque são mais importunas, que opportunas, retirei-me para a minha Quieta de... Nella me hei de demorar por muito tempo, porque assim o pedem os negocios da minha casa, nascidos desta intempestiva desgraça. Não me esquece agradecer a V. Senhoria o especioso mimo, que me offerece: reservei advertido esta acção para o fim da Carta; porque não lho posso dar mais proprio, que acabando em rendidos agradecimentos. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XVI.

He tão excellente o mimo, com que V. Senhoria me presentea, como singular o affecto, com que me manda, e o agradecimento, com que eu o recebo. Para a delicia dos doentes he muy proprio, e para a minha indisposição he o mais adequeado. As noticias, que V. Senhoria delle me pede, são taes, que não posso dizer que experimento melhora, porque a não tenho, senão das bocas dos Medicos, que não como as dos Astrologos, que tudo o que sabem, e dizem, he duas vezes armado no ar. Este o motivo, porque ainda me não foi possível informar a V. Senhoria com o meu parecer sobre a Critica feita á Obra do nosso amigo N..... Assim como pela physionomia dos sujeitos dizem os mesmos Astrologos que se conhecerá os seus genios; assim tambem pelo rosto dos livros se póde vir no conhecimento de que elles em si encerrão. Este tal pelo frontispicio he muito melassom-

brado. Tem seus erros na Grammatica; e palavras, que não sei a que Nação pertencem; a Portugal certamente não. Se o corpo for assim, como he o semblante, cabir-lhe-ha em casa o mesmo raio, com que fere; porque passará de Critico a Criticado, e de justiça lhe deve o mesmo amigo deste modo agradecer o favor, que lhe fez. Brevemente; querendo Deos, poderei folhear, e tambem florear, asseguro a V. Senhoria que não hei de deixar ao Critico por pé em ramo verde. Não sei se estas equivocadas palavras são delirio da doença; dos Escriitores antigos certamente foraõ delirio por muito usuas, e dos modernos tambem por serem rarrissimas. V. Senhoria me conserve na sua graça, para me favorecer com seu affecto; e na sua lembrança, para me honrar com seus preceitos. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XVII.

Puz-me a ler com tanta ancia o livro de V. Senhoria, e continuei com tanta admiração, que quasi me hia esquecendo de responder a attenciosa Carta de V. Senhoria, e de agradecer a sua generosidade tão precioso presente. Eu não sei dizer a V. Senhoria cousa alguma sobre a perfeição deste verdadeiro retrato do seu espirito: ouvi a Fama, que está toda empenhada no elogio. Queira a sorte que ella o faça como o assumpto merece: mas duvido muito, e com fundamento; porque as suas azas são curtas para tão alto voo, e a multiplicidade das suas linguas he mui limitada para hum louvor, que merece ser infinito. Na Corte ha algumas novidades, humas de summo gosto, outras de summo pezar. Humas são as mortes do Conde N. . . ., e do Marquez N. . . ., deus Cavalheiros e bons filhos da Patria; em que nascença; por herem herdado com

as suas Casas as acções illustres de seus Ascendentes. As outras são as nomeações, que Sua Magestade fez de D. N.... para Governador das Armas da Província da...., e de D. N.... para Presidente da.... Fidalgos ambos, que tambem contentariaõ ás idéas de Plataõ, se vivessem na sua idade. Não tenho mais cousa consideravel, de que avisar a V. Senhoria, e só tenho que lhe pedir me ponha reverente na presença de todos esses Senhores, e que me continue o estimavel favor dos seus honrosos preceitos, Deos guardé a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XVIII.

A minha fiel amizade, unida ás infinitas obrigações, que a V. Senhoria devo, me conduz do modo possivel aos pés de V. Senhoria para annunciar-lhe no presente tempo do santissimo Natal todas as felicidades, que nascem no mundo com o Nascimento do Menino Deos. De todas ha de V. Senhoria participar; porque o mesmo Senhor ha de ouvir os meus rogos, que tem por fim o exercitar huma virtude taõ grande, como rara, qual he a gratidaõ. Este mesmo obsequio devido já rendi ao Senhor D. N.... Não tive resposta sua, o que me dá não pequeno cuidado; porque conjecturo que recahiria na passada molestia. V. Senhoria me avise se esta novidade procede da causa, que eu imagino; que senaõ procede, muitas queixas tem que formar justamente a amizade, e o affecto, Tambem os dous Epygrammas, que mandei a V. Senhoria, não se lhe seriaõ entregues; porque até agora não tive Carta, que fallasse neste particular. Muito sentirei que a Carta, em que os mandei, se perdesse no Correio, porque não me será possivel mandalos outra vez a V. Senhoria; pois nem em papel,

nem na memoria tenho copia delles. Conserve-me V. Senhoria na sua lembrança, que he o que mais me importa, para não estar ocioso ao seu serviço. Deos guarde a Vossa Senheria por muitos annos.

C A R T A XIX.

Acho-me mui perplexo, porque vivo debaixo de duas leis entre si contrarias; as do Medico, e as do amor. Não sei quaes hei de observar. Estas querem que eu escreva muito; aquellas que nada escreva. Porém, para me livrar desta violencia, hei de suavisar humas com outras; porque deste nada, e daquelle muito farei hum brevemente. Assim brevemente escrevo a V. Senhoria, desejando-lhe humma dilatada saude, com festas muito felices. Com a mesma brevidade direi a V. Senhoria, que ainda não pude fazer toda a diligencia precisa no negocio do seu affilhado; espero pela saude, e pela occasião. No que respeita ao outro, em que V. Senhoria me consulta, sigo em tudo o seu prudentissimo parecer. Apenas eu me vir melhorado, faço tenção de passar á Corte; porque quero ter o gosto de assistir á funcão deste casamento, assistindo nella com Criado mui antigo de V. Senhoria, a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XX.

A sincera amizade, com que V. Senhoria tanto me trata, como me honra, persuado-me que ha de receber não commum contentamento com a noticia, que lhe dou da eleição, que de mim fez Sua Magestade para o Governo de...; sendo que desta mesma novidade se ha de V. Senhoria admirar, por não proceder Sua Magestade nesta eleição com o seu costumado, e prudentissimo acerto; porque me attendeo unicamente por circumstancias, que não são

merecimentos. Esta mercê obriga-me a cuidar no Casamento de meu filho herdeiro; pois julgo muito preciso á minha Casa não partir, sem o fazer. Pôno os olhos na filha de D. N. . . ., e distingo muito esta Senhora entre as da Corte; porque, sobre hum sangue illustre, tem virtudes raras. V. Senhoria me diga o seu parecer; que protesto seguir pelo mais acertado, como nascido de huma prudencia, que não esperou pelos annos, para se fazer veneravel. Entretanto principie V. Senhoria já a dispor da minha vontade como sua; considerando o como em todo o tempo do meu Governo me ha de ter empregado no seu serviço, ao qual aspiro com tantaancia, como sinceridade. Deos guarde a V. Senhoria por muitos annos.

C A R T A XXI.

Meu amigo. Com grande gosto recebo a Carta de v. m., e com ella a conclusão do negocio, que lhe pedi. Grande foy o empenho, com que busquei a v. m.; porém maior foy o seu cuidado em o diligenciar, e a brevidade em o conseguir. De tudo beijo a v. m. a mão, como quem lhe vive tão particularmente obrigado, e desejara tambem que v. m. fizesse com que o meu prestimo se mostrasse agradecido. Muito sinto os desgostos de v. m., assim porque lhe inquietão o animo, como porque lhe vem de parte tão vil. As leis politicas aconselhaõ despique, as Catholicas applicaõ a paciencia; e eu, como Christão, e amigo, devo aconselhar a v. m. os dictames destas. Nestas materias quem mais perdoa, he quem mais ganha para serem os negocios da terra contrarios aos do Ceo. Sinto isto muito, torno a dizer; porém não me admiro que as moscas importunem a quem tem tanta doçura de genio. Muitas vezes tenho dito a v. m. que tratar sem

palavras affaveis a semelhante gente, he meia obra de caridade, para não lhe dar occasião de ser insolente. He huma especie de justiça distributiva ser porto para os bons, e baixo para os máos. Na mudança do animo de v. m. está toda a quietação do seu animo. Não digo mais, é só lhe rogo que me conserve na sua memoria, para me occupar no suave exercicio das suas ordens. Deus guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXII.

Meu amigo. Muito tempo ha que a experiencia me tem mostrado o quanto v. m. he incançavel em servir aos amigos, e mui particularmente a mim; porque não basta huma minha palavra, basta hum sinal, com que explique o meu desejo; como com evidencia experimento agora no particular favor, que v. m. me fez, de que muitas vezes obrigado lhe beijo a mão. Por não me confundir, passo adiante: O negocio do nosso amigo está bem asombrado á sombra do patrocínio do Marquez de.... Persuado-me, não havendo nova invectiva, que mui brevemente será solto. Ea nesta diligencia tenho obrado mais do que podia, attendendo á inutilidade do meu prestimo; porém muito menos do que devia, considerando as obrigações, que a elle, e a v. m. devo. No negocio, sobre que v. m. me consulta, não posso deixar de seguir o seu mesmo parecer, como o mais acertado; pois a nobreza da Senhora não desmerece, e as virtudes com a riqueza facilitão. Similhanes matrimónios querem brevidade; porque se trata de hum negocio tão cioso, que com qualquer cousa se frustra. He tão grande o desejo, que tenho de o ver já effeitnado, para ver estabelecida a Casa de v. m., que estava para lhe dar já os parabens da sua futura posteridade: porém se

os não dou como certeza, os dou como vaticínio. Offereço, como devo, a v. m. a minha fiel servidão para tudo o que for servido mandar-me, mas como a Criado, que a amigo. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXIII.

Meu amigo. He v. m. desgraçado, porque he homem, não porque seja indigno. Diz-me que he mais desgraçado que todos os homens, não duvido, porém he por ser mais homem que os demais homens. Amigo, aquiete-se, e console-se; que não me mostrará homem da sua esfera, a quem a fortuna por muito tempo favoreça. O contrario mostraõ todas as historias em todos os seculos, porque sempre o mundo foi o mesmo, com escandalo gravissimo das virtudes. Para maior consolação de v. m. offereço ao seu juizo essa moderna obra do nosso amigo N.... Considere v. m. o quanto tambem vive desgraçado hum engenho tão feliz, do qual (se eu algum voto posso dar) a maior prova he esta obra, porque deste genero he tão estimavel que he singular. Bastava-lhe para gloria, emprehê-la, e sobrava principiá-la, quanto mais dar-lhe fim. Elle tem não sei que esquecimento com N.... rogo vivamente a v. m., já que com elle tem tão particular amizade, que lhe queira dizer duas palavras a favor deste desprezado talento, e seja antes que elle vá fallar com o tal Ministro, para lhe ter captado a benevolencia, e o chegue a ouvir com attenção; que he o maior favor, que a este Ministro se pôde pedir. Já a estação pede campo, e a saudade allivio. Com muita brevidade nos veremos, se me puder desembaraçar de hum negocio, que me opprimem. Entretanto mande-me v. m., como deve, que a minha vontade está sempre prompta

como póde. Deos guardê a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXIV.

Meu amigo. Faltaria eu a huma precisa acção da minha amizade, se faltasse entre tanto concurso de parabens, e louvores, em me alegrar com v. m. pelo seu novo lugar de tão merecido, que já a rectidão se queixava. Nelle não desejo a v. m. mais que vida com saúde; para que o desempenho seja como lhe dictaõ as suas muitas virtudes, e como o estimulaõ os rectissimos exemplos de seus pais. Agora, que a v. m. escrevo esta, recebo hum presente de hum meu particular amigo: porque em si he estimavel, faz-se digno de v. m., e muito mais porque o affecto he quem unicamente o offerece. A novidade, que a v. m. posso dar, que para mini seja de importancia, pela utilidade, que della me resulta, e a v. m. de gosto, pela fiel amizade, com que me trata, he haver já vencido o grande pleito do morgado contra N Sentenciou-o certamente a justiça; porque os Ministros foraõ N, e N, homens, em cujo juizo pezaõ igualmente as letras, e a justiça. Graças a Deos que já estou livre do labyrintho; em que v. m. ainda anda tão enredado: porém se eu, para se conseguír o desembáraço, puder alguma cousa, todo me offereço a v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXV.

Meu amigo. Recebo a Carta de v. m. com aquella estimação, que as suas cousas merecem, e com aquelle alvoroço, que pedia huma interrupção tão dilatada de correspondencia. Respondo ainda agora, porque ainda agora me dá lugar hum grande defluxo nos olhos, os quaes estiveraõ em visivel peri-

go. Consentindo-me já este o poder responder, porque já as dôres se despedirão, ainda não consente que seja por mão propria, porque ainda a inflammacão me não quer deixar. V. m. disfarçará, ou por este fundamento, ou porque se escrevo com mão alheia, dicto com o proprio coração, no qual certamente não tem v. m. lugar, porque he toda a parte do mesmo lugar. A sua recommendaçã está muito na minha lembrança, para quando se der oportunidade, não só porque he v. m. quem manda, mas porque he tal a pessoa, que pede, tão honrada por nascimento, como por costumes; o que eu tambem posso testificar. Offerecer a v. m. a minha vontade, para tudo o que fôr servido, he aggravar a minha servidaõ, e offender a despótica authoridade, que v. m. sobre ella tem. Deus guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXVI.

Meu amigo. Recebi o affilhado de v. m. daquelle modo que eu costume receber os seus preceitos, que he com tantó gosto, como veneraçãõ. Ouvi o seu requerimento, e, por ser justissimo, lhe prometti o meu patrocínio, e lhe offereci toda a minha vontade. Assim como v. m. não perde occasiaõ de me favorecer com os seus preceitos, assim eu tambem nunca deixo de o importunar com os meus escritos; como agora faço, mandando-lhe esse livro, que nas horas de ociosidades escreveo a minha deligencia. Rogo a v. m. que o lêa com severa reflexãõ, e que com liberdade me diga o seu parecer; porque se fôr réo, antes quero que morra nas trévas do desprezo, sem meu vituperio, do que viva na luz do mundo com minha vergonha. Espero ouvir o parecer — viva voce; — porque brevemente nos veremos, pois já me couvida a delicia do

tempo a buscar o campo. Fico ás ordens de v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXVII.

Meu amigo. Só a falta da saude, que gravemente me afflige, me podia privar do grande gosto, que fazia de pessoalmente dar a v. m. os parabens pelo seu Casamento. Conhecendo-se em todas as acções de v. m. o seu prudentissimo juizo, em nenhuma se deo este mais a conhecer, como nesta, de que trato; porque buscou v. m. para esposa quem parecia sua irmã, ou nas qualidades das virtudes, ou nas do nascimento. Deos Senhor nosso com a brevidade possivel deixe ver a v. m. o desejado fructo desta sua uniaõ: no que todos os seus amigos receberemos muito maior contentamento. A penuria desta terra, em que vivo, he tanta, que desejando eu muito que a esta Carta acompanhasse alguma producção do tempo, para sincero sinal do meu affecto, não achei outra galantaria mais que a que leva o portador. Para ella ser digna de v. m., sirva-se de receber nella toda a minha vontade, como principal offerecimento, advertindo que espero em retorno muitas ordens de v. m., em que possa dar exercicio á minha prompta obediencia. Não pertendo, nem posso pertender mais da incomparavel bondade de v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXVIII.

Meu amigo. Suavissima medicina applicou á minha enfermidade a benigna mão de v. m., e creio que para ella era o unico especifico, que se podia descobrir. Já o animo não está tão debilitado; porque, para meu remedio, converteo em consolação todo o sentimento, que buscava para meu damno. Temo com tudo alguma rechida; e como

estas muitas vezes são fataes, não deixe v. m. de me applicar a miudo o piedoso remedio dos seus santos conselhos. Acabáráo-se os meus agradecimentos, principiaõ agora as minhas queixas. Desejando v. m. tanto consolar-me, porque motivo deixbu de me dar parte dos seus augmentos, vindos nas Consultas dos Ministros, que ha semanas descêraõ? Que pouco neste particular devo a v. m. e que muito a nosso amigo N. . . .; que logo me deo a noticia de ter v. m. sido despachado para Provedor de! Eu o estimo, como não sei explicar; porque ainda me parece diminuta a expressaõ de que estimo este augmento, como se fora meu proprio. Deos Senhor nosso prospere com muita saude a vida de v. m. para acabar de subir a escada, que principiou com tantos merecimentos, e sobe com tantos louvores. Fico em tudo para dar gosto a v. m., a quem Deos guarde por muitos annos.

C A R T A XXIX.

Meu amigo. Muito sente a minha affectuosa amizade a noticia, que v. m. me participa da perigosa enfermidade do Senhor seu pai; e fora certamente maior o meu sentimento, senão vira a v. m. taõ conforme com as disposições do Ceo. Elle ha de premiar esta conformidade Christã de v. m., prolongando ao doente os dias de vida: e estou taõ certo deste beneficio, que já por instantes espero a alegre noticia da melhoria. Os calores insoffríveis da estação me tem impedido a ir fazer a diligencia sobre o negocio, que v. m. tanto me encommendou: porém se elles não abrandarem nestes dias, não espero mais. Irei, e com zelo de amigo buscarei todos os modos, para ver se descubro alguma cousa; e do que se passar não terei demora em fazer aviso a v. m., a quem muito desejo servir. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A XXX.

Meu amigo. Perdeo v. m. a melhor parte de si, com a perda, que experimenta da Senhora sua mãe. Eu sinto esta fatalidade com hum animo tão interiormente magoado, como se me obrigasse a razão do sangue, e não da amizade. Considero a v. m. como filho amante, e considero-me também a mim como Criado favorecido. Porém — sic erat in factis, — e bem sabe v. m. que fazendo-se Catholica esta consolação Gentilica, quer dizer que assim Deos o tinha determinado. Como a afflicção dá entendimento, recommendei á posteridade as illustres virtudes desta grande alma no incluso Soneto. V. m. o examine, quando o seu sentimento o consentir; e se achar que elle em lugar de recommendar virtudes, recommenda a minha ignorancia, castigue-o v. m. com o fogo, já que he indigno da luz. As noticias desta terra também são fataes, porque são cheias tão continuadas, e fortes, que sobre ellas nadaõ quasi todos os trabalhos dosolicitos lavradores. Também Deos assim o dispõe; consolemo-nos. Aceite v. m. lembranças, e sentimentos desta sua casa, que não concorre a fazer este preciso acto; porque huns por doentes, outros por enfermeiros estão justamente impossibilitados; e por esta causa me pedem que estas poucas palavras os representem sentidos aos pés de v. m., a quem todos desejamos servir em tudo com huma vontade igual á nossa obrigação. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

CARTAS DISCURSIVAS.

ADVERTENCIA.

Muitas vezes entre os homens eruditos se offerece occasião de discorrer por meio de cartas

em assumptos humas vezes graves, outras curiosos, ou pedindo a alguem o seu parecer, ou respondendo a quem o pediu; ou tambem disputando naquellas d'avidas, sobre as quaes os juizos varião, e discordam. Em similhantes cartas pouco artificio temos que lembrar ao nosso Secretario; porque os ~~escritores~~ de taes assumptos baseão nos Dialecticos, e em parte nos Rhetoricos as formas de arguir, e os modos de confutar as razões alheias, e confirmar as proprias. Apontaremos com tudo alguns termos civis, e attenciosos, que os Authores, que lemos; praticarão em tal especie de cartas; sendo hum dos primeiros o desculparem-se no principio da carta, dizendo que, mais por dar gosto, que por contradizer; offerecem o seu juizo; e observo que deixão sempre livre a eleição, e mostraõ que fazem sempre grande estimacão das razões contrarias, da quem ou duvida, ou impugnã. Deve por tanto o novo Secretario, quando entrar no ponto da disputa, mostrar com toda a modestia os seus argumentos, mas duvidando, que affirmando; depois dará a conhecer artificialmente aquellas razões, que fação apparecer a verdade do ponto, sobre que se disputa, sem que intente dar a conhecer claramente o erro, ou equivocação alheia, como cousa impropria a hum ingenho nobre, e ao caracter de hum Secretario. No fim da Carta será mui proprio o dizermos que em tudo nos sujeitarmos ao seu juizo, e que discorreremos mais para ter occasião de aprender, que de ostentar voto em tal materia: ou que o seu talento he tal, que só elle poderá satisfazer a todas as objecções, etc. Pertencem estas Cartas ao genero Demonstrativo, e dellas offerecemos aqui alguns exemplos, discorrendo sobre as obrigações, e virtudes de hum Secretario, tanto ao es-

tylo das Cartas, como no mais, que pertence ao seu nobre officio.

CARTAS DISCURSIVAS.

C A R T A I.

Meu amigo. Eu não tenho juizo, para fazer juizo, tenho-o para em tudo o sujeitar ao juizo de y. m. Deste modo he que sou capaz de dar o meu parecer sobre as Cartas de N..., que v. m. me remette, como cousa que muito estima. Sóu igualmente de opiniaõ que dellas sahre aquelle suavissimo cheiro, que devem exhalat as Cartas familiares; o que pouco percebe a ignorancia de huns, e despreza muito a inveja de outros. A linguagem he taõ pura, como de Author, que para escrever molha a penna nas fontes mais puras da ellequencia Portugueza; quero dizer, que segue os Escritores, que só deviaõ authorizar o Diccionario da nossa lingua. As expressões são propiissimas do estylo epistolar familiar; e estou certo que muitos, a quem incha a presumpçaõ, farão hum conceito mui diverso deste meu; porque seguem hum estylo tal, que se os Oraculos fallassem assim, seria inutil consulta-los pela impossibilidade de entende-los. Eu não sei como chame a similhante estylo, mas lembro-me que o grande Vieira lhe dá o nome de boçal, em lugar do de culto, com que pertendem destingui-los os que delle usaõ. Está, meu amigo, taõ introduzido nas Cartas familiares este estylo, que a outro qualquer chamaõ fallar plebeo. Concedõ-lhe que assim seja em muitas partes. Por ventura o povo tambem não he mestre? Não dizia Cicero que elle era quem o ensinava = *Magister meus populus?* De sorte que o pai da eloquencia queria ter o povo

por mestre, e hoje ha quem se injuria de o ter por companheiro. Eu não quero ser popular em tudo, mas nem tambem singular sobre todos; e se me censurão os meus escritos, eu gosto de seguir a plebe dos Escriitores, ainda que me contem nella. Sei que as Cartas tem, ou devem ter, as suas frases proprias, e as suas vozes familiares, como queria Cicero, e ensinava Seneca entre os Romanos, e entre nós pratica o Marquez de, que se imprimisse as suas Cartas, não allegaria eu agora com Seneca, e Cicero. Os Gregos não affectavão tanto o Estylo Attico, o Jonio, o Borito, e o Eolico, que tambem não usassem muitas vezes do commum. Ora este commum he que eu desejára na nossa lingua, e louvára na composição familiar; e se tivera authoridade, pegára na penna para o persuadir. Este meu desejo, que não he mais que balbuciar, por ser ainda menino em hum tal estudo, quer dizer mais do que sôa: quer dizer que deve v. m., por utilidade da Patria, e crédito do seu nome, compôr sobre este assumpto, e introduzir o bom gosto de escrever Cartas a quem o tiver estragado; já que na sua primeira idade conhecem todos em v. m. aquellas luzes, que muitas vezes senão vem raiar em annos provectoros. Eu já desde aqui me offereço por discipulo, assim como ha muito tempo que me tenho offerecido por seu Criado; e teria huma grande ventura, se me resultára tanto aproveitamento da primeira offerta, como me resulta gloria da segunda. Deos guarde a v. m., etc.

C A R T A II.

Estimei a vossa carta como cousa vossa, e douvos os agradecimentos pelo amor, que nella me mostrais, devido certamente á particular estimação,

que faço, de vossos costumes, e estudos. Porque tanto vos estimo, e ás vossas Cartas, quizera que me escrevesseis mais amiudo, o mais familiarmente, sem tantos perfumes, e termos tão exquisitos. Leio na vossa Carta tantas sentenças Latinas, que me persuado que me não quizestes escrever em Portuguez. Livrai-vos disto, porque he huma descripção, que só agrada aos Escriptores, que no palacio das Letras são authores de escada abaixo. Olhai, as Cartas não haõ de ser tão enfeitadas, principalmente as que se escrevem aos domesticos, e trataõ, como a vossa, de cousas domesticas; e se acaso se escrever nellas alguma palavra Latina, seja com economia, e com muito juizo. Use-se de prologios, e proverbios, que sõem melhor naquella lingua, do que na nossa, do mesmo modo que Cicero se servia dos Gregos, como observareis, se leres as suas epistolas. As elegancias são mui naturaes, as translações mui proximas, e o ornato sem affectação. Não useis de locução, que não seja clara, e breve; porque a Asiatica, senão cança a quem a escreve, cança a quem a lê. Sobre as palavras deve haver hum particular estudo, e huma escrupulosa advertencia; porque não se devem cavar das entranhas da antiguidade, nem devem ser tão novas, que o uso não as tenha abraçado, e feito communs: sejaõ proprias, de bom som, e as que pede não huma oração, mas huma carta familiar. Que mais vos posso dizer? Mil cousas vos dissera, senão tivera mil cousas que fazer. Segui os vossos estudos, já que o engenho vos acompanha, a commodidade vos ajuda, e a compleição vos não desampara; porém tudo quer modo; muitas vezes por muito estudar se estuda pouco. A vossa idade he capaz destes conselhos, e o vosso engenho destas lições; se a vossa

vontade as receber, direis que eu satisfaço ás obrigações do parentesco, e cumpro as leis do amor. Este fica prompto para dar gosto, etc.

C A R T A III.

Meu amigo. Eu não sei agradecer a v. m. o zelo com que não descança em me instruir, mandando-me com frequência composições suas, que são outros tantos thesouros, com que se pôde enriquecer o meu pobre talento. Para maior confusão do meu animo agradecido me remetteo a v. m. huma collecção das suas Cartas familiares, escritas a diversos assumptos. Se a ancia, e veneração, com que as li, basta para agradecimento da honra, que v. m. me faz, assás estou desempenhado; porque ás li de modo, que intentei mandá-las á memoria, o que me seria possível, se o numero dellas o consentisse. Tudo o que li me attrakio, e me arrebatou; mas sobre tudo a brevidade; com que v. m. se explica, fugindo de causar a minima náusea ao paladar do Leitor discreto. Segue v. m. o estylo do Author do Universo, que nas cousas grandes sempre he grande, e nas pequenas a cada passo he grandissimo. Sempre o meu pouco talento se agradeo da brevidade, quando não degenera em escuridadé, e o dizer muito em pouco não me parece pouco. Em huma Carta familiar, se fosse possível quizera que as palavras não excedessem a materia, nem a arte vencesse a natureza: desejára que as suas lizes fossem como as estrellas do Ceo, as quaes não sómente são ornató do Ceo, mas parte do mesmo Ceo: nascão estas luzes na Carta, como os olhos no corpo humano, que nascem com o mesmo corpo. Falle-se, como quem falla familiarmente; mas sejaõ os conceitos como quem escreve com nobrezá; cousas ordinarias com modos extraordinaria-

rios. Que mal parece a quem tem gosto delicado ler em semelhantes Cartas períodos affectados, e expressões mendigadas pelo artificio rhetorico! As mulheres formosas muitas vezes parecem menos bellas, pelo demasiado enfeite. Dos cabellos da sua Laura, dizia Petracia, que com tal arte os compunha, que parecia que os desprezava: o mesmo quizera eu no estylo familiar de huma Carta: quizera hum artificioso esquecimento; porque d'elle nasce muitas vezes o lembrar huma cousa boa. Tudo isto v. m. observa com bem rigoroso escrupulo, por isso são raros os applausos, que ouve; mas contente-se com os dos sábios, que, ainda que poucos, são os verdadeiros: — Principus placuisse veris non ultima laus est; — que eu, já que não sei applaudir, conhecendo o merecimento, não faço mais que rogar a Deos guarde a v. m. para crédito nosso por muitos annos.

C A R T A IV.

Meu amigo. Finalmente subio v. m. onde o chamava o seu merecimento. Está feito Secretario de . . . , que he o mesmo, que dizer que he a lingua do Principe com os ausentes, ouvidos do Principe com os presentes, silencio do Principe na sua boca, coração do Principe com o mesmo Principe, e com toda a pessoa, occulta, e inviolavel chave dos segredos do Principe. Dou a v. m. muitos parabens, como quem saberá conservar o cargo com os mesmos merecimentos, com que o conseguiu. Sim Senhor; todos os que conhecem a v. m. como amigo, e como sabio, applaudem de tal modo a eleição, que os parabens mais se dirigem a quem a fez, que a quem a mereceu. He mui justa a novidade destes parabens; porque só v. m. (sem lisonja o digo) tem fundamentos proporcionados para

hum edificio tão sublime. Só v. m. sabe quaes são as verdadeiras regras do perfeito Secretario, que todas se reduzem a huma, e he o seguir em tudo a vontade de seu amo. Tantos genios de Principes, tantas leis de Secretario. Só v. m. sabe considerar quantas vezes succedeo cahirem na indignação, e desgraça dos Principes alguns, que quizerão dar os preceitos, que lhes propunha a sua obstinada idéa. As Cartas de hums taes Secretarios devem ser mais prudentes, que artificiosamente ornadas, e dar mais que considerar do que ler. Quem melhor do que v. m. sabe que com sujeitos inferiores devem as Cartas ornar-se só de hum nobre desprezo de ornatos rhetoricos, sem a minima suspeita de ostentação; porque as pessoas de alta esfera mais cuidão em valer, do que agradar, principalmente aos que lhes são de inferior condição. Eu compáro taes composições ás matronas, ás quaes só veste a gravidade, e não ás donzellas, as quaes só adornaõ os enfeites. São raros os que como v. m. conhecem que as Cartas; que as pessoas grandes escrevem aos iguaes, ou aos superiores, podem admittir alguma discrição; porém tal, que pareça que lembrou para adornar aquelle lugar, e que estes só com os que lhe são iguaes, ou superiores, he que desejaõ apparecer com figura pomposa, e elegante. Finalmente, ignoraõ muitos, que presumem de ignorar pouco, que o Secretario nas suas Cartas deve ser como o comediante, que no theatro representa a pessoa de hum Rei, o qual quanto mais naturalmente a sabe exprimir em todos os lugares, e tempos, tanto mais se faz excellente, e digno de hum merecido louvor. Insensivelmente hia esta Carta degenerando em tratado, v. m. me desculpe a extensaõ, e me releve a ousadia, com que entrei em hum assumpto, no

qual ou ainda estou no berço, porque não sei falar, ou principio a andar, porque fallo muito mal; porém basta-me que v. m. me perceba a sincera vontade, que tenho de me empregar tado no seu serviço, como seu tão particular devedor. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A V.

Meu amigo. Manda-me v. m., mais para me instruir, que obsequiar, o discurso, que fez ás Cartas do nosso amigo N . . . , e certamente de tal modo me elevou a lição d'elle, que eu não me sei explicar: e não me desconsolo, porque a todos, os que a lerem, ha de succeder o mesmo. Que grande mestre se mostra v. m. do verdadeiro estylo de escrever Cartas, e de louvar aquelles, que as escrevem de modo, que merecem a estimação, e applauso da penna de v. m.! Ainda agora, que estou escrevendo esta Carta, não posso apartar de mim o discurso de v. m.: leio-o, e elevo-me do modo, com que v. m. discorre na honrosa profissão de hum Secretario, acompanhado sempre daquella illustre multidão de Escriitores antigos, e modernos, entre os quaes occupa hum distincto lugar, como seu Principe, o Principe da Eloquencia Romana. Com tanta doutrina, como prudencia, responde v. m. á opiniaõ daquelles; que julgaõ que não ha composição mais desordenada, que huma Carta com ornato, porque só se deve ornar com a falta de adorno. He preciso considerar (como v. m. sábiamente adverte) quaes são as Cartas, que pedem estylo familiar, e naturalidades, e quaes as que querem ornato, e elegancia. Ha lumas, ás quaes, ou pela materia que trataõ, ou pela pessoa a quem se dirigem, convém a doutrina de Seneca, quando disse que elle escrevia as suas Cartas com aquelle mesmo

estyllo facil, e sem artificio, de que usava, quando fallava, ou conversava com alguém em algum passeio. Ha outras Cartas, que, ou por conterem assumptos graves, ou por serem escritas a pessoas de alta esfera, pedem hum estylo ornado, e copioso, ou para se persuadir a importancia do assumpto, ou para que a pessoa, a quem se escreve, não julgue que a pequenez da Carta estima em pouco a grandeza do seu character. Finalmente, com razão diz v. m. que senão abraçarmos esta doutrina, he preciso que censuremos as Cartas de Plinio escritas a Trajano; e o que he mais, muitas de Cicerro, principalmente a que escreveo a Leptulo, a que enviou a Curiaõ, recommendando-lhe Milaõ, outra escrita a Lucio, rogando-lhe que compozesse a historia das suas acções, e outras muitas, que escreveo a Marco Varro; nas quaes se vem claramente aquellas luzes do artificio rhetorico, que brilhaõ nos seus livros de Elequencia. Como discipulos de tão grande Mestre o mesmo pratica v. m. Quando o seu discurso ennobrecer a estampa, verei desterrada esta opiniaõ; e praticada a de v. m. entre todos os escrupulosos; que tanta he a authoridade, que tem as doutrinas de v. m. quando as persuade como mestre. Assim o espero do seu zelo, e da sua bondade, que me honre com os seus estimaveis preceitos, de que he tão ambiciosa a minha vontade. Deos guarde, etc.

C A R T A VI.

Meu amigo. Mando a v. m. o que me pede, mas não como mo pede, senão como posso; segundo as occupações, com que estou. Mandou-me v. m. que lhe dissesse, com penna, que não fosse succinta, o meu parecer sobre o estylo de huma Carta familiar; porque havia sobre esta materia dis-

putado com alguns amigos, e desta questão nasce-
rao diversas opiniões. Isto, meu amigo, he o que
naõ póde ser; porque saõ tantas as folhas, que á
minha penna tem que escrever, que se fôra Gigas
parece-me que ainda me faltariaõ mãos. Porém co-
mo não me esqueço das finezas, que v. m. pormim
obra, e que por esta razão o pedir-me he mandar-
me, direi em poucas regras a regra que observo no
que pergunta. Eu sou de opiniaõ que o escritor de
Cartas deve ser hum Orador humilde, e sigo o pa-
recer de Falareo, o qual quer, no seu tratado de
= Eloquutione = que o estylo epistolar (uso das suas
mesmas palavras = exillitate indigeat =. Mas com tu-
do não approva este Author que do mesmo modo
que se escreve o Dialogo, se escreva a Carta; por
que huma composiçaõ imita a quem a falla, outra
a quem escreve: pelo que he necessario, diz elle,
que as Cartas sejaõ alguma cousa mais curtas que o
Dialogo, principalmente se se escrevesse a Princi-
pes, ou em materias graves, como de pezames, con-
solaçaõ, conselho, etc. Segundo a qualidade do as-
sumpto, ou da pessoa, a quem se escreve, se re-
duz a Carta, ou ao estylo humilde, ou ao medio,
ou ao elegante, a que Justo Lipsio chama Magni-
fico. Escrevendo-se de assumptos altos, como de
pazes, de guerras, e negocios da republica, use-
se dos ornatos do estylo grave. Nas Cartas de recom-
mendaçaõ, parabens, aviso, e de outros cumpri-
mentos, do estylo medio, e nas cousas familiares,
e de galantaria não lembrem outros termos, que os
do estylo humilde. Finalmente, segundo as circuns-
tancias da materia, do tempo, do lugar, e da pes-
soa, se deve conformar a Carta quanto for possi-
vel; a qual nas cousas altas (como já disse) deve
ser grave, nas mediocres ornada, nas humildes ele-

gante. Seja em narrar clara, em pedir modesta, em recommendar vehemente, e attenciosa, em persuadir grave, e sentenciosa, em exhortar effitaz, em consolar agradavel, em sentir affectuosa, em congratular sincera, e em galantear aguda, e honesta. Este he o meu parecer, que não exponho mais largamente, porque me chamaõ negocios mui importantes, dos quaes tanto que respirar, farei por servir a v. m. do modo, que se satisfaça a minha vontade, e se vaõ desempenhando (se he possivel) as minhas obrigações. Deos guarde, etc.

C A R T A VII.

Meu amigc. Não posso acabar comigo de seguir a opiniaõ de N...., desejando eu segui-lo com tudo o mais, para fazer justiça aos seus grandes estudos. Em mim não he obstinaçãõ, poderã ser ignorancia; porém desejo seguir os vestigios daquelles primeiros Authores, que prescreveraõ os preceitos ao estylo epistolar, e felizmente os praticaraõ. Que he huma Carta, mas que huma mensageira, que como tal deve correr? Logo tambem não só de profissãõ, mas de estylo, deve ser corrente; e muito mais corraõ as minhas Cartas, que só foraõ escritas para correr. Assentem-se (se se devem assentar) na cadeira como mestras aquellas, que escreveraõ os Varões grandes, de que Portugal não he esteril: e ver-se-hia a sua fertilidade, se gozassem do beneficio da impressãõ, que as minhas nem merecem, nem aspiraõ a este lugar; porque confesso que não pude conseguir o escreve-las mais á luz do Sol, que a do candieiro: entendo por esta luz a do meu talento, e aquella pela da arte. V. m., que de mim deve fazer este mesmo conceito, não deixe igualmente de me seguir na opiniaõ, de que o estylo epistolar deve ser corrente; porque saiba que en nes-

ta parte sou como os Juristas, que se envergonhãõ de fallar sem lei nas materias legaes. Cicero, que he o Bartholo dos Secretarios, dizia a Attico que conversava com elle, quando lhe escrevia: e em outro lugar lhe deixou hum grande exemplo, quando affirmou que escrevêra a sua Carta com palavras quotidianas; isto he, com as usuaes, de que usãõ na conversaçãõ os homens polidos, e civilizados: e deste modo dou a entender que guardava os termos sublimes parã o Senado, quando nelle se revestisse do caracter de Orador. Plinio, que occupa o lugar immediato a Tullio (ainda escrevendo em seculo infeliz) amava o estylo singelo, de que nos dá em muitas Cartas diversos exemplos, e senãõ he em todas, nisso mesmo imitou a Cicero; porque (como eu já disse a v. m. em outra occasiaõ) he mui diverso o estylo, de que se usa, quando se escreve a pessoa de alto caracter, ou se trataõ materias de grande pezo. Seneca nas suas Cartas familiares observa com tanto escrupulo o mesmo estylo, que declama contra outro qualquer, como improprio ao assumpto; o que será facil de ver, lendo-se as suas Cartas a Lucillio. Verdadeiros imitadores destes grandes homens foraõ entre nós o P. Antonio Vieira, D. Francisco Manoel, e mais algum. Nelles admiramos a nobreza, com que se explicaõ nas suas Cartas, mas por meio daquellas expressões, de que elles mesmos usariaõ, se conversassem com o mesmo sujeito, a quem escreviaõ. Pelo contrario, quando a Carta he para pessoa de alta esfêra, ensinaõ-nos que o estylo deve ser grave sem escuridade, e artificioso sem affectaçãõ, de que sãõ exemplos as Cartas, que escrevêraõ a Principes. Isto, meu amigo, he o que sinto, e sinto que outros não sigãõ o mesmo; porque nesta materia

gostaríamos fructos mais maduros da mocidade Portuguesa, se bebesse nas fontes puras. V. m. no seu serviço me mande como deve, que eu obedecerei como posso, etc.

C A R T A VIII.

Meu amigo. Diz v. m. bem, como sempre; he Filosofo, e sabe que he na Filosofia axioma ser viciosa aquella diffinição, na qual se desperdição muitas palavras, podendo, communmente fallando, formar-se com poucas. O mesmo succede ás Cartas, que devem ser breves, para que não pareçam hum tratado, porém de modo, que também senão pareçam com as respostas dos Oráculos. Algumas ha, que pedem o ser dilatadas pela materia de que tratao; e assim a brevidade, ou grandeza dellas deve-se proporcionar do mesmo modo, que a vela com a não, como doutamente nos avisou Justo Lipsio. Errará certamente aquelle, que for breve em variedade, e multiplicidade de negocios, do que se queixava Cicero com Decimo Bruto, que usava da brevidade, quando mais ardia o incendio da guerra civil, pedindo entao a gravidade dos negocios Cartas muito extensas. Porém em outro lugar, seguindo o laconismo do mesmo Bruto, porque assim convinha ás suas gravissimas occupaões, diz: — *Bravitate secutus sum, te magistro.* — Daqui se comprehende que será breve aquella Carta, a qual, ainda que diffusamente escrita, não contém senão o necessario; e que aquella, que trata cousas superfluas, ainda que seja succinta, sempre será extensa. Com os amigos tem excepção esta regra, porque não se lhes deve escrever em estylo laconico, para não suspeitarem que os estimamos em pouco. Assim o ensinou Plinio, quando escreveo a Carta 20. do livro 9. ao seu amigo Venator, dizendo-lhe:

— Tua veró epistola tantó m'hi jucundior fuit, quanto longior. — Sendo cousa tão difficil o saber ser breve em huma Carta, maior difficuldade ha em saber ao mesmo tempo ser clara. Nos confians da brevidade ha de estar a clareza: isto mui poucas vezes se encontra, e o que se acha a cada passo, he o que diz o grande Poeta Lirico: = *Dum brevis esset laboro, obscurus fio.* = He verdadeiramente grande defeito em hum escritor o não se deixar entender; e neste vicio cahem alguns por huma certa indisposiçãõ da natureza, e estes são dignos de desculpa; porém ha outros, que peccaõ, ou porque querem tresler, ou porque, caminhando por caminhos desusados, querem que as pessoas communs os reputem por sujeitos de grande engenho, e profundo estudo. Não seria injúria se ás obras de taes escritores se fizesse o mesmo, que S. Jeronymo fez ás Satyras de Persio, pois as alcançou no fogo pela sua escuridade. Nos Authores principiantes contaõ-se muitos réos deste vicio: são muitos os que fazem apparecer os seus escritos como as divindades no theatro, que sempre descem cercadas de muitas nuvens. Affectaõ escuridade por ambiçãõ, e com a arte de não se deixarem perceber, pertendem que os respeitem como aguias, aquelles que são morcegos. Bem inutil era discorrer eu em tal vicio, sendo v. m. quem mais a abomina, e quem melhor que todos pôde extinguir tão densa noute com as luzes da sua doutrina, que brilha no doutissimo tratado, que escreveo sobre a brevidade, e clareza das Cartas familiares; porém sou inimigo tão declarado dos que assim escrevem, que nao pude reprimir o impeto da penna, que naturalmente quer voar, quando se lhe offerece a occasiãõ. Deos guarde a v. m., etc.

Meu amigo. Quem primeiro devia set sabedor das fortunas de v. m. he o ultimo, que as sabe; porque ainda agora sei que v. m. está no serviço do Eminentissimo Senhor N... com o caracter de Secretario. Eu não sei dizer a v. m. o grande contentamento, que tenho com esta noticia; mas dizendo que não o sei explicar, he que propriamente o explico. Nasce esta minha impossibilidade de ver já tão completas as suas esperanças, e recolhidas as vélas em porto tão seguro. O Eminentissimo he Senhor ornado de grande bondade, de hum respeito affavel, e de huma affabilidade respeitosa. Grandes cousas me prognostica o animo; e o coração me diz que este emprego de v. m. não he mais que o primeiro degráo para subir a escada de outros mais altos. Assim o espera á viveza do seu engenho, a profundidade do seu talento, e a madureza da sua prudencia, como tem testemunhas. Está v. m. instruido na Filosofia da Corte de modo, que della se poderá valer em toda a occasião. E que admiraveis documentos dará v. m. das virtudes de hum Secretario áquellès, que lhe quizerem seguir os passos, ouvindo da sua boca as doutrinas! Aprenderão a suavidade do trato com os pertendentes, a docilidade do genio com os subordinados, e o amor, e obediencia a seu amo; porque deste modo, sobre o agradar o seu serviço, conseguirão estimação, e crédito com a pessoa, a quem servirem. Praticarão a verdade, observarão o desinteresse, e serão escrupulosos observantes do segredo. Finalmente, todas aquellas qualidades, que raras vezes se vem separadas, verão unidas em v. m.; e se seguirem tão solidas doutrinas, terá v. m. a gloria de fazer discipulos, nos quaes viva mui larga idade

com tanto crédito da Patria, como proveito delles. Para este grande fim eu não cessarei em rogar a Deos que guarde a v. m. por muitos annos.

C A R T A X.

Meu amigo. Não suppunha eu em v. m. tanta ociosidade, sempre o suppuz occupado, e em estudos tão graves, que não o deixassem em tempo algum ser ocioso; mas certamente enganei-me, porque leio huma Carta de v. m., em que me manda lhe diga o que sinto sobre as frases, e palavras, de que as Cartas se devem formar. Se eu por todos os modos não devera obedecer a v. m. fizera-lhe esta mesma pergunta; porque só os seus grandes estudos he que cabalmente me poderiaõ responder a ella: e eis-aqui em que consiste a ociosidade de v. m., perguntarem os lincez ás toupeiras se he dia, e as aguias aos mosquitos se são mui dilatados os espaços do ar. Porém como o cumprir com os preceitos de v. m. he acção em mim necessaria, direi o que me parecer, e sem receio de que me encontre com o seu juizo; porque mais vou a responder á minha obediencia, que á pergunta de v. m. Assim como no corpo humano ha fórma essencial, que he a alma, e fórma accidental, que he a formosura do composto material: assim igualmente nas Cartas a meteria he o corpo dellas, e a fórma accidental são as frases, e as palavras. Estas querem propriedade, e pureza da linguagem, em que se escreve; e aquellas, elegancia natural, e formosura. Ou pela lição, ou pelo ouvido as poderemos adquirir; porém confio mais na lição, que no ouvido; porque não se nos imprimem tambem as cousas que ouvimos, como as que lemos: quanto mais que são raros os que fallaõ com aquelle mesmo cuidado, com que costumãõ escrever; e a experiencia

nos está mostrando que homens, que quando escrevem são eloquentes, quando fallão são outros. O meio para se conseguir a eleição, que seja tão segura como util, he o imitar os melhores mestres, e só deste modo he que se alcança a abundancia de frases, e de palavras, tudo proporcionado ao assumpto. Ha diversas imitações; porque humas são pueris; das quaes communmente só gosta a mocidade, e outras são adultas, que só parecem bem a annos mais crescidos. Para a imitação pueril são muy proprios não poucos Authores Hespanhoes, que imprimião Cartas, e alguns Italianos, entre os quaes exceptuam Lipsio e Angelo Policiano, e o igualára aos antigos escriptores; se nas suas Cartas não achava algumas vezes affectadas agudezas, e frequentes concertos. O melhor, e unico exemplar para a imitação adulta he Cicero; e porque Sadoletto, Bembo, Butelli, e Manuncio forão os que melhor o seguirão, ainda que com passos mais pueris, que firmes, como julga a critica de Lipsio, será tambem muy util á sua lição. Unicamente em Tullio acharemos a pureza, e propriedade de palavras; e a elegancia, e formosura das frases, das quaes se deve aprender o estylo epistolar. Nas suas cartas veremos com singularidade em cada huma aquellas palavras tão proprias, e vastas, como quem havia polido a lingua dos Gracchos, e aquellas frases proporcionadas á conversação, e não ao Senado; a amigo, que escreve, e não a Orador, que declama. Se eu escrevera a outro, que não fora v. m., e compuzesse hum tratado, e não huma Carta, dera aqui alguns exemplos das frases mais esculpidas, que o Conde Manoel Thesouro descobrio nas epistolas de Cicero, para authorizar as que são proprias de huma carta; porém como por hum fundamento he inutil, e por

outro improprio, não faço mais que unicamente lembrar a v. m. me honre com os seus estimaveis preceitos em premio do sacrificio, que fez a obediencia, mandando que hum discipulo dêsse parecer a seu mestre. Deos guarde, etc.

SOBRE AS CARTAS SATYRICAS, e de desprezo.

C A R T A X I.

Meu amigo. Li as cartas, que v. m. me remette escritas contra N..., e como a nossa amizade he a mais estreita, digo-me sem rébuço que não me parecerão suas; porque v. m. costuma escrever com tinta, e não com sangue; usa de pena, e não de ferro anatomico, que tanto melhora, quanto mais subtilmente corta. Não, meu amigo, as cartas satyricas, e de desprezo não se formão deste modo; já que v. m. se viu obrigado a escreve-las, devia primeiro saber o seu artificio, para não mandar o papel. Enganou-se v. m. no seu conceito; porque se persuadió que, para reprehender vícios, era preciso hum estylo tal, que desempenhasse bem a sua etymologia. Não, Senhor, a carta satyrica consiste na persuasão Ethica; porque o objecto da satyra são os vícios, e esta não he mais que huma reprehensão d'elles: confesso que ha de ser mordaz; porque sabia tambem v. m. que deve ser encuberta com tanta dissimulação, como engenho; porque he detestavel toda a mordacidade patente, e despida da grandeza. Eu só unicamente chamarei engenhosa; e propria, assim de hum juizo recto, como de hum homem de bem, aquella satyra, que accusa, e parece que deculpa, a que

despreza, e dá a entender que louva, usando humas vezes de ironias, outras de equívocos, que são os seus ornatos mais proprios. Do modo, que a satyra não differe de accusação da substancia, senão no estylo; e por este fundament se reduz a contextura de taes Cartas a estes dous pontos, que são: narraçõ das acções viciosas dissimuladamente manifesta, e reflexões mordazes, e agudas por meio de equívocos, apophemas, e expressões ironicas, que lisonjeando reprehenderão. Todos estes preceitos, que nas suas epistolas nos deixou Cicero, observa v. m. muito pelo contrario na sua Carta satyrica: e assim como nesta não atinou com o norte, o mesmo lhe succedeo na de desprezo, que igualmente me remette, com animo de que me haveria de divertir. A carta de desprezo he outra especie de satyra, porém differente daquella, de que agora tratei: porque a satyrica he huma reprehensãõ aguda, e engenhosa, á qual anima a persuasãõ Ethica, e Logica; e a de desprezo he huma reprehensãõ manifesta, e que participa mais do modo pathetico, que de qualquer outro: sendo o riso huma forte paixãõ, que nasce de algum successo, ou dito toco, e contrario ao decoro; o artificio, que a arte prescreve, he este: exporemos em primeiro lugar a cousa, de que se ri ou que se despreza; porém de modo, que nos não falem as fórmulas agudas, que movem a riso. Em semelhante assumpto de nada serve a viseira cahida de Misantropo; cujo original quiz, v. m. copiar em si; porém o sal he toda a graça desta vianda: melhor seria que se affectasse parecer Crisippo, que morreo de riso, porque vio a hum jumento comer figos em hum prato. Em segundo lugar deveremos fazer reflexões ridiculas sobre o dito, ou successo, representando-o graciosa,

mente com as suas circumstancias contrarias ao decóro; porém com tanto, que estas não firaõ ao vivo: em taes assumptos permite-se o tocar levemente a pelle, mas não o penetrar gravemente a carne. Este he o parecer de todos os que para escreverem consultaõ os livros, e não as suas paixões: e o meu he que v. m. não publique as suas Cartas, que restituo: porque não são estes os espinhos, dos quaes para v. m. nascerá roza. Deos guarde a v. m., etc.

C A R T A XII.

Meu amigo. Como v. m. não perde tempo em me honrar, nem eu o quero perder em o servir: mandei logo buscar o livro, que v. m. me pediu, o qual lhe remetto; se bem que não lhe ha de ser util; porque o Author deixou no tinteiro a materia, que v. m. buscava: Tratando de muitas especies de Cartas, nem huma palavra tem, em que ensine a organisação daquellas, em que se pede a alguém perdao por outros: porém como as muitas obrigações me mandaõ que eu sirva a v. m., ainda sem ser mandado, não deixarei de lhe dizer o que neste assumpto tenho observado em alguns Authores, principalmente em Cicero, que nessas materias he hum Oraculo, que, sendo consultado, nunca deixou de dar resposta. Observo que este unico Mestre sempre diz em primeiro lugar nas suas Cartas, em que pede se perdoe a alguém, que o tal pudéra allegar muitas cousas, pelas quaes minorasse a sua culpa, e carregasse, ou a adversa fortuna, ou a malicia alheia, porque muitas vezes a mesma innocencia parece culpada. Em segundo lugar diz que o réo renuncia a sua defensão, e que recorre da ira piedade; e ultimamente extrahе razões, que possaõ mover o animo do offendido, a que use de compaixão; e depois de vivos rogos accrescenta, que fi-

ca por fiador do réo, o qual se lhe offetece por hum seu fiel criado, tendo á vergonha, que experimenta, pelo mais grave castigo da sua culpa. Esta humildade; e reconhecimento he cousa mui propria de similhantes Cartas; porque huma causa he defendêr ao réo, e outra he pedir perdaõ por elle; a organisação das Cartas de defensão he propria do genero Judicial na persuasão Logica; porém a das de pedir perdaõ pertence á persuasão em applacár ao offendido. Isto he o que eu tenho observado em Cicerão; desejarêi que satisfaça a curiosidade de v. m.; e quando o não consiga, sempre tenho o gosto, de que v. m. conheçerá o sincero animo, e prompta vontade; com que vivo de o servir. Deos guarde, & v. m. por muitos annos.

C A R T A XXII.

Meu amigo. Quando recebi a Carta de v. m. estava tão cercado de occupações graves, que não me foi possível poder roubar huma hora para lhe responder. Bem inútil he dar a v. m. esta satisfação; porque está persuadido que só hum grande negocio me podia embarçar a resposta; pois se lembra de quanto eu me não esqueço daquelles favores, com que v. m. me deixa obrigado, e me deve fazer diligente. Agora, que já me vejo, senão livre, alliviado do pezo de occupações, que me opprimiaõ, respondo á v. m.: e para entrar logo no ponto da resposta á pergunta, que me fez a sua curiosidade, digo que ainda que as Cartas apologeticas, e defensorias pareçaõ ser o mesmo, ha com tudo entre ellas muitas differença, segundo o uso do nome. A primeira he, que as Cartas, que unicamente são defensorias, trataõ de huma acção unica, da qual alguém he accusado; e as apologeticas de ordinario discorrem sobre materias, em que se censuraõ os

ditos, ou escritos de alguém. A segunda differença he, que as Cartas meramente defensorias são escritas muitas vezes para amigos, com os quaes nos desculpamos em particular; porém as apologeticas são Cartas públicas contra pessoas maldizentes, de sorte que as respostas a ellas devem ser fortes, e encaminharem-se ao público. Finalmente, a defensão pôde assentar-se sobre huma simples cousa, que se disse, ou se faz; mas a apologia attende pela maior parte a responder ás censuras feitas sobre diversas cousas. Não ha duvida que as Cartas defensorias pertencem a classe de Cartas logicas, porém mais essencialmente as apologeticas; porque sendo a sua materia mais engenhosa, muito mais se necessita de engenhosos, e agudos argumentos para responder á accusação. Por este fundamento são precisas mais persuasões ethicas, e patheticas, para se mostrar que he injusta a censura, para se mover o odio contra o censor, manifestando-se ou a sua malicia, ou a sua ignorancia. Estas são as differenças, que descubro nos Autores em semelhantes Cartas; resta agora, como v. m. me manda, que diga eu o que sinto sobre a contextura das Cartas apologeticas. Poucos são os que neste assumpto saciaõ a sua sede com agua pura, porque continuamente lemos que os censores escrevem libellos famosos, os censurados vomitaõ venenos, que manchaõ a parte mais delicada, qual he a honra. Finalmente, a apologia deve principiar por huma pequena contra o censor, fingindo que senão sabe que cõta o moveo a pegar na penna: e esta parte deve ser moral, mostrando que nos compadecemos delle. Muito mais pudera dizer a v. m. nesta materia, mas reservo-o para occasião mais oppórtuna; pois agora, como v. m. sabe, as occupaões excedem a minha ca-

pacidade, e igualmente o tempo: só este me não faltará para servir a v. m. como devo. Deos guarde a v. m. por muitos annos.

FIM DA SEGUNDA PARTE.

FORMULARIO

De Tratamentos, mui necessario ao Secretario Portuguez.

NA Instrucção Preliminar, que démos no principio deste livro ao Secretario, no §. que tratava da *Reflexão*, dissemos que deve attender muito ao proprio, e devido *Tratamento*, que pertence á pessoa, a quem escreve, para que não nasça por culpa sua algum pique. Porém para maior clareza escreveremos aqui hum Formulario de *Tratamentos*, e do modo de fazer os *Sobrescritos*, e he o seguinte:

JERARCHIA ECCLESIASTICA.

Primeiro que tudo, deve-se advertir que se o Secretario escrever a pessoa, com quem seu Amo não tenha particular confiança, ou que lhe he superior pelo nascimento, dignidade, &c. ou tambem se a Carta for de formalidade, e cerimonia, deve escrever-lhe em folha de papel, e que não seja do ordinario, mas do fino de Hollanda, &c.

Havendo de escrever a Cardeal, porá bem no alto da Carta: *Eminentissimo e Reverendissimo Senhor*. Principiará a primeira regra della no meio da pagina, em signal de maior veneração. No discurso da Carta dirá sempre: *V. Eminencia*, e no fim della: *A pessoa de V.*

Eminencia quãtã Deos, &c. No meio do resto da pagina, que ficar em branco escreverá duas regras: na primeira dirá *Eminentissimo e Reverendissimo Senhor*; na segunda dirá *Beija a sagrada purpura de V. Eminencia*; e então muito abaixo da pagina se assignará seu Amo.

Havendo de escrever aos Principaes da Santa Igreja de Lisboa, será obrigado a dar-lhes o Tratamento de *Excellencia*, como Grandes do Reino. Porá no alto da Carta: *Excellentissimo e Reverendissimo Senhor*. Principiará a primeira regra mais alguma cousa acima, que aos Cardeaes: no corpo da Carta dirá sempre *V. Excellencia*; e no fim da Carta para o lado esquerdo della dirá: *Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Principal de...* isto he, o Sobrenome; com que se distingue.

O mesmo Tratamento, e formalidades se deve praticar com os Arcebispos, e Bispos, que forem nomeados por Sua Magestade.

Aos Ministros da Santa Igreja de Lisboa, que vestem Habito Prelaticio, pertence o tratamento de *Senhoria Illustrissima*. Porá o Secretario no alto da Carta: *Illustrissimo e Reverendissimo Senhor*: no discurso della: *V. Senhoria Illustrissima*; e no fim ao lado esquerdo: *Illustrissimo e Reverendissimo Senhor Monsenhor de...* isto he, o Sobrenome, com que se distingue.

Este mesmo Tratamento compete aos Arcebispos, e Bispos, que não forem nomeados por Sua Magestade.

Aos Conegos da mesma Santa Basilica deverá tratar sempre com o Tratamento de *Senhoria*, mas sem pôr cousa alguma no alto da Carta, e só no fim della a hum lado porá *Senhor D. N.*

Este mesmo Tratamento deverá dar, escrevendo aos Piores Mores das Ordens de S. Bento de Avis, e de Sant-Iago da Espada; ao Administrador da Jurisdição Ecclesiastica de Thomar: ao Commissario Geral da Bulla da Cruzada; ao Reitor da Universidade de Coimbra, e aos Cabidos das Igrejas Archiepiscopaes, tanto em Sé plena, como em Sé vacante.

Escrevendo o Secretario ao Gerah Escoler Mór, aos Reformadores das Ordens Religiosas, aos Geraes das mesmas Ordens, ao D. Prior da Ordem de Christo, aos Provincias das Religiões, e ao Reitor da Universidade de Evora, deverá dar o Tratamento de *Paternidade Reverendissima*. Porá no alto da Carta: *Reverendissimo Padre*; e depois do fim della ao lado esquerdo: *Reverendissima Padre Geral, e Reformador, D. Prior, Provincial, Reitor de. . . &c.*

JERARCHIA SECULAR.

Escrevendo-se a Duques, Marquezes, e Condes, se lhes deve dar, como Grandes do Reino, o Tratamento de *Excellencia*. No alto da Carta se porá *Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor*. No corpo della, *V. Excellencia*; e depois no fim ao lado esquerdo, *Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor*. E esta mesma formalidade se deve praticar com os Secretarios de Estado.

Escrevendo-se ao Regedor da Justiça da Casa da Supplicação, ao Governador da Relação do Porto, aos Vedores da Fazenda, aos Presidentes do Desembargo do Paço, da Meza da Consciencia, e Ordens, do Conselho Ultramarino, e do Senado da Camara de Lisboa, se lhes dará tambem o Tratamento de *Excellencia*.

O mesmo Tratamento se deve dar aos que forem, ou tiverem sido Embaixadores de Sua Magestade a Reis da Europa, ou a Potencias, cujos Embaixadores segundo o costume deste Reino, tenham o mesmo Tratamento, que os dos sobreditos Reis: e este mesmo deverá dar o Secretario aos Embaixadores, que os ditos Reis, e Potencias mandarem a esta Corte.

Do mesmo modo tratará aos Vice Reis da India, e do Brazil, assim actuaes, como aos que houverem sido, aos Governadores das Armas, aos Mestres de Campo Generaes, [cuja patente tem sempre os Conselheiros da Guerra] e ao General, e Almirante da Armada Real de alto bordo do Mar Oceano.

Aos Governadores, a quem Sua Magestade conceder Patente de Capitães Generaes, se deve dar o mesmo tratamento de *Excellencia*, estando a pessoa, que escreve, no districto dos seus Governos, e não sendo assim, não se lhes poderá dar menor Tratamento que o de *Senhoria*.

Havendo o Secretario de escrever a Viscondes, Barões, Officiaes da Casa de ElRei, Rainha, e Princezas destes Reinos, a Genti-homens da Camara dos Infantes, e filhos, e filhas legitimas dos Grandes, dos Viscondes, dos Barões, dos Officiaes da Casa de ElRei, Rainha, Princezas, e aos dos Genti-homens da Camara dos Infantes, como tambem aos Moços Fidalgos com exercicio deste Foro, a todos deverá dar o tratamento de *Senhoria*.

Este mesmo compete aos Enviados, e Residentes, assim actuaes, como os que houverem sido mandados por Sua Magestade a Reis, e Potencias acima referidas, e o mesmo Tratamento se deve igualmente dar aos que mandarem a esta Corte os mesmos Reis, e Potencias.

Aos Governadores das Praças, e Capitancias do Reino, e Conquistas, durante o tempo dos seus Governos, e no districto delles, se deve dar o Tratamento, que, conforme a gradação de seus Póstos, lhe tocar entre os Militares.

Aos Governadores interinos da India, e Bahia deverá o Secretario escrever por *Senhoria*, se com seu Amo assistir no districto dos seus Governos: e isto durante o tempo delles.

As mulheres tem o respectivo Tratamento de seus maridos. excepto se por outro principio lhes pertencer outro maior, como v. g. pelo seguinte.

Escrevendo-se ás Fidalgas, que são, ou forão Camareiras Mores, Aias, Donas de Honor, e Damas do Paço, se deve dar o Tratamento de *Excellencia*, e usar da mesma formalidade, que já dissemos a respeito dos Duques, Marquezes, Condes, &c.

Ultimeiramente, por *Senhoria* se deve escrever ás Fidalgas irmãs, e filhas legítimas dos Moços Fidalgos com exercício deste Foro.

A quem não fôr condecorado com alguns destes empregos, qualidades, e dignidades, não deve dar o Secretario mais Tratamento que o de *Mercê*. Porá no alto da Carta [se lhe parecer] o nome da pessoa a quem escrever: e principiará a Carta de nenhum modo dizendo: *Meu Senhor*, ou *Senhor meu*; porque será causa de que seu Amo se comprehenda nas penas da Lei novissimas dos Tratamentos.

FORMULARIO DE SOBRESCRITOS.

Fechará o Secretario a Carta em meia folha de papel da mesma qualidade. Pôr-lhe-ha Signete, que será pequeno, se a pessoa fôr superior; maior alguma cousa, se fôr igual; e grande, se fôr inferior. Isto entende-se se a Carta fôr para fóra da terra; que se fôr para a mesma parte, de donde o Secretario escreve, raras vezes se usa de Signete. Sendo para fóra da terra, será o Sobrescrito ao largo, de sorte que a obrêa fique para baixo: se fôr para pessoa, que esteja na mesma terra, será o Sobrescrito ao alto, e ficará a obrêa para a parte direita. Nella além do Tratamento, porá o principal titulo, dignidade, ou emprego, que tiver a pessoa, a quem escrever; e se a Carta fôr para fóra da terra, porá tambem em baixo a parte, onde a tal pessoa assiste, a fim de que a Carta lhe possa ser entregue. O Sobrescrito para Cardeaes, será deste modo.

Ao Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Cardeal N.
..... *garde Deos muitos annos.*

..... A parte onde assistir.

Sendo, v. g. para o Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarcha, porá no Sobrescrito, como acima dissemos, os seus principaes Titulos por exemplo.

Ao Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Cardeal Pa-

triarcha de Lisboa, Conselheiro de Estado, e Capellão Mor, guarde Deos muitos annos.

Para o Senhor Arcebispo de Braga, por ser da Casa Real, porá:

Ao Senhor D. N. . . . Arcebispo, e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas, guarde Deos muitos annos.

Para os Príncipeaes da Santa Igreja de Lisboa, será o Sobrescrito deste modo:

Ao Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Principal de. . . do Conselho de Sua Magestade, guarde Deos muitos annos.

Para os Arcebispos, e Bispos nomeados por Sua Magestade, se porá deste modo:

Ao Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Arcebispo, ou Bispo de. . . do Conselho de Sua Magestade, guarde Deos muitos annos.

. . . . A parte onde assistirem.

Advertimos que tem alguma diversidade o Sobrescrito para o Bispo de Coimbra; porque he duas vezes Grande do Reino; e assim dir-lhe-ha:

Ao Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo de Coimbra, Conde de Arganil, do Conselho de Sua Magestade, guarde Deos muitos annos.

Igualmente tem diversidade o Sobrescrito para o Arcebispo de Goa; e assim diremos:

Ao Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Arcebispo de Goa, Primaz do Oriente, do Conselho de Sua Magestade, guarde Deos muitos annos.

Tambem presentemente he diverso o Sobrescripto para o Bispo do Algarve, porque foi Arcebispo de Goa; e assim diremos:

Ao Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Arcebispo, Bispo do Algarve, guarde Deos muitos annos.

Aos Bispos, que não são nomeados por Sua Magestade, será o Sobrescrito deste modo:

Ao Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo de. . .

&c.

Para os Prelados da Santa Basilica Patriarchal, diremos :

Ao Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor Monsenhor N. . . . do Conselho de Sua Magestade, guarde Deos muitos annos.

Para os Conegos da mesma Santa Igreja, deste modo :

Ao Senhor D. N. . . . Conego da Santa Basilica Patriarchal, guarde Deos muitos annos.

Aos Prelados das Religiões, poremos :

Ao Reverendissimo Senhor Padre, v. g., Reformador, Geral, ou Provincial, &c. de. . . . guarde Deos muitos annos.

JERARCHIA SECULAR.

A todos os Grandes seculares se porá deste modo :

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor, v. g. Duque, Marquez, ou Conde de. . . . do Conselho de Sua Magestade, guarde Deos muitos annos.

A'quelles Conselheiros, que pelos seus empregos tiverem o Tratamento de Excellencia, diremos assim :

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. N. . . .

&c.

Tornamos [sem que pareça impertinencia] a encommendar se ponha sempre o Emprego destas pessoas, como v. g. Estribeiro Mór, Mordomo Mór, Aposentador Mór, Vice-Rei, ou Governador, e Capitão General de. . . Embaixador à Corte de. . . Governador das Armas da Provincia de. . . Mestre de Campo General, &c.

Aos Cavalheiros, que tiverem Tratamento de Senhoria, se porá :

Ao Illustrissimo Senhor D. N. . . . &c.

Para as Senhoras, que são Duquezas, Marquezas, e Condessas, devem ser os Sobrescritos desta maneira :

A' Illustrissima, e Excellentissima Senhora, v. g. Duqueza, Marqueza, ou Condessa de. . . &c.

O mesmo Tratamento tem as Senhoras, que são Damas do Paço, ou casadas com Cavalheiros, que tem Excellencia.

A's Senhoras, que tiverem o Tratamento de Senhoria, deverá ir o Sobrescrito deste modo:

A' Illustrissima Senhora D. N.... &c.

Advertimos ultimamente ao Secretario, que, como em Portugal se costuma entre parentes pôr nos Sobrescritos o grão do parentesco, se não esqueça desta circumstancia, que os Secretarios de algumas Nações estranhas approvão.

F I M.

Livros que se achão á venda na Loja de João Nunes Esteves. Rua do Ouro N.º 234.

Acasos da Fortuna, ou livro de sortes divertidas, em que por virtude de dois dados vem cada no conhecimento do Estado, riqueza, heranças, amizades, fortuna que terá; e outras gallantes sortes annunciadas no princípio da mesma Obra. Nova edição augmentada, com hum novo methodo de fazer mais de mil decimas unicamente com o trabalho de lançar dois dados. Hum tratado de Signos, ou dos effeitos, e prognosicos dos doze Signos do anno. 1 vol. = 280 rs.

As duas desafortunadas, conto moral, traduzido do Francez. brox. = 80 rs.

Astucias de Bertoldo, Villão de agudo engenho, e sagacidade; Simplicidades de Bertoldinho; Vidã de Casaseno. 3 vol. brox. = 360 rs.

A verdade, ou Pensamentos Filosoficos sobre os objectos mais importantes á Religião, e ao Estado, por José Agostinho de Macedo. brox. = 400 rs.

Agricultura das Vinhas, e tudo o que pertence a ellas até o perfeito conhecimento do Vinho, e relação das suas virtudes, e da cepa, vides, folhas, e borras, por Vicencio Alarte. brox. = 320 rs.



Belmiro Pastor do Douro, 2 vol. brox. = 800 rs.

Boa [a] Mãe, conto moral. brox. = 80 rs.

Cadelinha, novella, ou conto pelo Autor do Piolho Viajante. 1 vol. brox. = 120 rs.

Cartas Americanas, publicadas por Theodoro José Biancardi, com o Prefacio seguinte — *Seguindo o exemplo do celebre Montesquieu, intitulei Americanas as Cartas que publico; e ajuntei-lhe notas, porque me pareceo indispensavel em alguns lugares illustrar o texto, e em outros apontar os escriptos, donde se extrahirão factos e provas. Deve-se a mordocidade dos Criticos no estilo, nos sentimentos, e nas ideas; não escrevem os Autores para contentar a todos, mas aos bons: e só destes amo os louvores, e os reparos.* — 1 vol. brox. = 400 rs.

Cartas familiares de huma illustre desconhecida, offerecidas ao Publico por hum Anonymo. brox. = 120 rs.

Carta dirigida ao Illustrissimo Senhor Antonio Lobo Barboza Teixeira Girão, Deputado em Cortes. brox. = 120 rs.

Combate das Paixões, Novella traduzida do Francez. brox. = 200 rs.

Carpinteiro [o] de Sardam, anecdota do Reinado de Pedro Grande, por Madame Gnenard, Baroneza de Mezé, e vertida em vulgar por F. J. T. 3 vol. brox. = 720 rs.

Cordão da Peste, ou medidas contra o contagio Periodiqueiro. brox. = 60 rs.

Devoto em Oração, Meditando a Paixão de Jesu Christo, e occupado nos interesses da sua alma; obra util e necessaria a toda a qualidade de pessoas: novamente correcto, e accrescentado com varias Meditações, Preces, e Colloquios, e hum bom methodo de fazer a Confissão geral, por Fr. Gabriel de Basto; quinta edição. = 480 rs.

Ecclesiastico Instruido, ou reflexões Christãs sobre os principaes deveres do Sacerdocio. 1 vol. = 480 rs.

Elementos da Civilidade, e da decencia que se pratica entre a gente de bem, composto na Lingua Franceza por Mr. Prevot, traduzido na Lingua Portugueza por Vicente José Rodrigues. = 400 rs.

